

MESTRADO  
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

# O Olhar dos Reclusos Adultos e Idosos sobre o Envelhecimento em Contexto Prisional

Maria Patrícia Ramos Fernandes

**M**  
2016

**Maria Patrícia Ramos Fernandes.**  
O Olhar dos Reclusos Adultos e Idosos sobre o Envelhecimento em Contexto Prisional



**M.FPCEUP 2016**

**O Olhar dos Reclusos Adultos e Idosos sobre o Envelhecimento em Contexto Prisional**  
Maria Patrícia Ramos Fernandes



## **O Olhar dos Reclusos Adultos e Idosos sobre o Envelhecimento em Contexto Prisional**

Relatório apresentado à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, sob orientação do Professor Doutor Tiago Guedes Barbosa do Nascimento Neves.

**Maria Patrícia Ramos Fernandes**

**Porto, 2016**



*“Num quadrado só temos saída se olharmos para cima”*

(Documentário Patrícia Poção, Olhar para Cima –  
Arte em Contexto Prisional)



## RESUMO

Este relatório, realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação no domínio da Educação, Comunidade(s) e Mudança Social, tem como objetivo central compreender o fenómeno do Envelhecimento em Contexto Prisional, no Estabelecimento Prisional do Porto. Os objetivos que contemplam esta investigação em contexto de estágio são: compreender as representações dos reclusos em torno do conceito de Envelhecimento, estudar a passagem do tempo dos reclusos considerados idosos na prisão, o impacto da privação de liberdade nessa população, o trabalho realizado pelos profissionais com esta faixa etária. Pretende-se, também, através da presença em contexto de estágio, esclarecer de que forma estes reclusos perspetivam a sua reinserção social.

Além do referido, atendendo à complexidade da realidade prisional a vertente de intervenção foi-se manifestando nas atividades desenvolvidas pelos Técnicos Superiores de Educação. Ao longo do contacto com a realidade prisional, fui participando em diversas atividades, como por exemplo: os atendimentos individuais aos reclusos; a participação nas reuniões de pavilhão, nas reuniões de Equipa de Observatório Permanente; no Conselho Técnico para atribuição de R.A.I., o programa *“Construir um Plano de Prevenção e Contingência”*, a realização de avaliações e Planos Individuais de Readaptação e participação na atividade de música do projeto ECOAR – Empregabilidade, Competências e Arte.

Neste sentido, o relatório irá contemplar uma contextualização e caracterização da instituição prisional. O segundo ponto abordará o enquadramento teórico sobre as temáticas inerentes ao contexto de estágio e à investigação desenvolvida, designadamente: as especificidades da instituição prisional e as questões do envelhecimento em contexto prisional. Para que os objetivos da investigação fossem atingidos foram mobilizadas diversas técnicas de recolha de dados, seguindo a lógica da metodologia qualitativa. O quarto ponto do relatório incide na análise e interpretação dos dados recolhidos.

## RÉSUMÉ

Ce rapport, réalisé dans le cadre du Master en Sciences de l'éducation, dans le domaine de Éducation, Communauté(s) et Changement Social, visait à comprendre le phénomène du vieillissement dans le contexte de la prison. Les objectifs de cette recherche en contexte d'établissement sont comprendre les représentations des prisonniers autour du concept de vieillissement, étudier le passage du temps, les détenus considérés comme des personnes âgées en prison, l'impact de la privation de liberté dans cette population, le travail effectué par les professionnels avec ce groupe d'âge. L'objectif est également, grâce à la présence sur scène, de préciser comment ces prisonniers regardent leur réinsertion sociale.

En plus de cela, étant donné la complexité de la réalité de la prison, l'intervention des techniciens supérieurs d'éducation a été étudiée. Le long du contact avec la réalité de la prison, j'ai participé à diverses activités, telles que: des visites individuelles aux prisonniers; participation aux réunions du pavillon, des réunions de l'équipe de surveillance permanente; Conseil technique d'attribution de R.A.I., le programme «Construire un plan de prévention et d'urgence», procéder à des évaluations et des plans de réadaptation individuelle et la participation à l'activité musicale du projet ECOAR - Employabilité, Compétences et Art.

À cet égard, le rapport abordera une contextualisation et la caractérisation de l'établissement pénitentiaire. Le deuxième point portera sur le cadre théorique sur les thèmes inhérents à l'établissement et de la recherche mis au point, à savoir: les spécificités de l'établissement pénitentiaire et les questions de vieillissement dans le contexte carcéral. Pour suivre les objectifs de la recherche, on a mobilisé diverses techniques de collecte de données, suivant la logique de la méthodologie qualitative. Le quatrième point du rapport se concentre sur l'analyse et l'interprétation des données recueillies.

## **ABSTRACT**

This report, carried out with the purpose of finishing the Master's degree in Education Sciences, focusing in the fields of Education, Community and Social Changes, was aimed at understanding the aging phenomenon in a prison context at the Porto's Prison Establishment. This internship's investigation main goals are, understanding the inmates' point of view regarding ageing in a prison, studying how the elder inmates spend their time, observing the impact on their freedom's deprivation and the work carried out by this age group professionals. It is also pretended to clarify the inmates' perspective on their social reintegration.

In addition, and given the complexity of the prison reality, the intervention aspect manifested in the activities developed by the Technical Education Superiors. Throughout the contact with the prison reality, I participated in a wide variety of activities, such as individual visits to prisoners, participating in cell block meetings, participating in permanent observation team meetings, partaking in the Technical Board for "R.A.I." awarding, being a part of "Building a Prevention and Contingency Plan", performing individual evaluation plans to Readapt inmates and participating in the music activity "ECOAR" project – Employability, Skills and Art.

Following this line of thought, the report will address a contextualization and a characterization of the prison institution. The second point will address the subjects regarding the internship and the investigation developed during the internship, more specifically, the prison institution specifics as well as the ageing factor in a prison institution. For the research goals to be achieved, a variety of data compilation techniques were used, which all followed a qualitative methodology logic. The fourth point focuses on the interpretation and analysis of the compiled data.





## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, irmão e irmã pelos esforços que fizeram ao longo do meu percurso académico. Agradeço-lhes as idas ao metro a horas tardias e toda a disponibilidade em concretizarem os meus pedidos.

Aos/às meus/minhas amigos/as pela preocupação durante este percurso e pelas constantes palavras de otimismo e conforto. Em especial, à Marta Sampaio pelos dias passados na biblioteca, pelos telefonemas constantes para trocar impressões sobre o trabalho de ambas.

Ao Jean-Pierre Carvalho pela paciência.

À Teresa Pereira pelas tardes passadas em sua casa e pelo companheirismo ao longo do Mestrado.

À Doutora Isabel Reis que sempre me apoiou e dedicou o seu tempo a apoiar o meu trabalho, pelo companheirismo e apoio no decorrer do estágio.

Aos reclusos e a toda a equipa técnica do Estabelecimento Prisional do Porto, que de certo modo me transmitiram diferentes ensinamentos sobre uma realidade que desconhecia.

O meu agradecimento especial ao Professor Doutor Tiago Neves, pela disponibilidade, pelos ensinamentos e por todos os sábios conselhos para a concretização deste trabalho. As reuniões de quinze e quinze dias fizeram todo o sentido! Foram, sem dúvida, um espaço de partilha de vivências, troca de saberes e desabafos.

O meu sincero, obrigada!



## **ABREVIATURAS**

D.G.R.S.P – Direção Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais

E.O.P. – Equipa de Observatório Permanente

E.P. Porto – Estabelecimento Prisional do Porto

NT – Nota de Terreno

R.A. – Recluso Adulto

R.A.E. – Regime Aberto para o Exterior

R.A.I. – Regime Aberto para o Interior

R.I. – Recluso Idoso

T.S.R. – Técnico Superior de Reeducação

U.L.D. – Unidade Livre de Drogas



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO I – OLHAR ALÉM MUROS .....	21
1. Caracterização do Local de Estágio: Estabelecimento Prisional do Porto .....	23
1.1. Recursos Humanos.....	25
1.2. Espaço Físico .....	26
CAPÍTULO II - A INSTITUIÇÃO PRISIONAL E O ENVELHECIMENTO.....	35
2. A Instituição Prisional – evolução e suas especificidades.....	37
3. O Envelhecimento em Contexto Prisional .....	45
3.1. A Adaptação – “Mortificação do Eu” .....	51
CAPÍTULO III – TRILHOS PERCORRIDOS .....	57
4. Descrição do Percurso de Estágio .....	59
5. Linhas de Investigação .....	64
5.1. Mapa de Investigação .....	68
5.2. Procedimento Metodológico .....	70
CAPÍTULO IV – O ENVELHECIMENTO EM CONTEXTO PRISIONAL – OLHAR ENTRE GERAÇÕES.....	79
6. Análise e Interpretação dos Dados Recolhidos.....	79
6.1. Conceção de Maturidade Prisional .....	79
6.2. Processo de Adaptação do Recluso Adulto e Idoso à Instituição Prisional .....	83
6.3. O Percurso Prisional de um Recluso Adulto e de um Recluso Idoso .....	93
6.4. A Reinserção Social do Recluso Adulto e do Recluso Idoso .....	98
6.5. O Tratamento Penitenciário direcionado aos Reclusos Adultos e Reclusos Idosos .....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113
ANEXOS.....	117



## ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO I – Guião da Entrevista .....	i
ANEXO II – Transcrição das Entrevistas .....	iv
Transcrição Entrevista R.I. 1 .....	iv
Transcrição Entrevista R.I.2 .....	xii
Transcrição Entrevista R.I.3 .....	xxiv
Transcrição Entrevista R.I.4 .....	xlvi
Transcrição Entrevista R.I. 6.....	lxxx
Transcrição Entrevista R.A.1 .....	lxxxviii
Transcrição Entrevista R.A.2 .....	xcix
Transcrição Entrevista R.A.3 .....	cix
Transcrição Entrevista R.A.4 .....	cxviii
Transcrição Entrevista R.A.5 .....	cxxviii
Transcrição Entrevista R.A.6 .....	cxxviii
ANEXO III – Análise de Conteúdo.....	cxlv









## INTRODUÇÃO

A nível mundial o número de idosos tem vindo a aumentar devido, especialmente, a dois fenómenos: a queda da natalidade e o aumento da esperança média de vida. Portugal faz parte desta realidade e é cada vez mais um país envelhecido.

O número de pessoas idosas em cumprimento de pena nas prisões portuguesas aumentou significativamente nos últimos anos. Neste sentido, as possibilidades de investigar e intervir no Envelhecimento em Contexto Prisional são sem dúvida aliciantes. A pertinência da escolha deste tema de investigação deve-se, também, à insuficiência de estudos que articulem, simultaneamente, os conceitos de Envelhecimento e Contexto Prisional, embora existam diversas investigações centradas na saúde mental; no entanto, não aliam o tema do Envelhecimento a este contexto específico.

O estágio decorreu no Estabelecimento Prisional do Porto (E.P. Porto), onde durante quatro meses tive a possibilidade de desenvolver um conjunto de competências a nível da relação interpessoal e da capacidade de trabalho. Além do referido, tive a oportunidade de adquirir experiência profissional em contexto real, mobilizando os conhecimentos teóricos e metodológicos aprendidos durante a minha formação académica, quer na licenciatura em Educação Social, quer no Mestrado em Ciências de Educação.

Assim, o presente relatório dá conta das atividades desenvolvidas nos Serviços de Educação e Ensino (S.E.E.), em conjunto com os Técnicos Superiores de Educação (T.S.R.), cuja intervenção se concentra no acompanhamento do recluso ao longo do cumprimento de pena de prisão. Além do referido, atendendo à vontade de procurar construir conhecimento sobre uma temática, o relatório dá conta dos dados recolhidos sobre a forma como os reclusos vivenciam o seu processo de Envelhecimento neste contexto.

Nesta lógica, o relatório é estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo, *Olhar além muros*, descreve de forma pormenorizada a caracterização do E.P. Porto, desde a sua missão, aos recursos humanos existentes e às atividades proporcionadas pela realidade prisional em questão.

O segundo capítulo, *“A Instituição Prisional e o Envelhecimento”*, contempla as temáticas fundamentais para uma melhor compreensão da realidade, bem como, do Envelhecimento em Contexto Prisional. Apesar deste enquadramento teórico, ao longo do relatório, sempre que apropriado, são mobilizadas referências teóricas que permitam uma prática mais sustentada e uma reflexão contextualizada.

O terceiro capítulo, *“Trilhos Percorridos”*, organiza todo o caminho percorrido até à escolha e orientação da investigação em contexto de estágio, bem como os desafios que dela advieram. Além do mais, foca os procedimentos metodológicos utilizados para o aprofundamento e questionamento da temática investigada, sendo elas: a análise de documentos, a observação participante, as notas de terreno, a entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo.

O quarto capítulo, *“O Envelhecimento em Contexto Prisional – Olhar entre Gerações”*, contempla a interpretação e análise dos discursos dos reclusos entrevistados, bem como, as observações realizadas durante a minha permanência no terreno.

Por fim, procuro refletir sobre o Envelhecimento em Contexto Prisional no contexto do E.P. Porto e repensar algumas práticas dos profissionais da Educação na intervenção com a população reclusa considerada ‘velha’.

## **CAPÍTULO I – OLHAR ALÉM MUROS**

---



### **1. Caracterização do Local de Estágio: Estabelecimento Prisional do Porto**

A configuração física da instituição de estágio em causa era de todo desconhecida. Se as leituras efetuadas, desde logo, faziam-me idealizar um espaço amplo onde todos os indivíduos que estão a cumprir pena efetiva de prisão vestem-se de igual modo e, ao mesmo tempo estão separados por celas, a presença em contexto real elucidou-me para a verdadeira dimensão de uma prisão.

O Estabelecimento Prisional do Porto (E.P. Porto) iniciou o seu percurso de construção em 1961 pela Brigada de Trabalho Prisional do Porto e ergueu-se por completo em Abril de 1974, data à qual foi inaugurado. Atendendo às suas características, constitui uma obra de grande dimensão na freguesia de Custóias, concelho de Matosinhos. O E.P. Porto foi construído com o objetivo de substituir a Cadeia da Relação sediada no Porto e suprir as necessidades do recluso e a orientação para a sua integração social de uma forma condigna.

Tal como a generalidade das instituições, o E.P. Porto orienta-se por uma missão, ou seja, um guia de orientação e motivação para o trabalho diário (Teixeira, 2013). A missão deste estabelecimento prisional prende-se, também, com a criação de condições efetivas para o cumprimento dos princípios gerais orientadores da execução das penas e medidas privativas da liberdade presentes no Código de Execução das Penas.

A vocação inicial desta prisão era receber somente os reclusos preventivos; no entanto, com o passar do tempo passou a ser designada como uma prisão de condenados. Este Estabelecimento Prisional possui a maior placa giratória de reclusos, quero eu dizer, que reclusos de todo o país passam por aqui, sejam eles de Lisboa ou Coimbra e, posteriormente são distribuídos por outros Estabelecimentos Prisionais (Izeda, Vale do Sousa, entre outros) (Nota de Terreno, 18 de Novembro de 2015).

O E.P. Porto, classificado como um estabelecimento de alta segurança, destina-se a receber indivíduos do sexo masculino em cumprimento efetivo de prisão e cujas



penas variam de média a longa duração em Regime Fechado, Regime Aberto para o Interior (R.A.I.) ou Regime Aberto para o exterior (R.A.E.). O R.A.I. caracteriza-se “ (...) *pelo desenvolvimento de atividades no perímetro do estabelecimento prisional ou imediações, com vigilância atenuada*”<sup>1</sup>. O R.A.E. caracteriza-se “ (...) *pelo desenvolvimento de atividades de ensino, formação profissional, trabalho ou programas em meio livre, sem vigilância direta*”<sup>2</sup>.

As primeiras marcas do Controlo e Vigilância encontram-se visíveis nos muros enormes, nas sete torres de vigia, nos detetores de metais junto à entrada do E.P. Porto e da área prisional e nos guardas prisionais que têm a função de vigiar a dinâmica prisional, assegurando a ordem e a segurança.

Atendendo às obras efetuadas ao longo da zona prisional e afins, este estabelecimento prisional não sofreu alterações significativas no espaço de alojamento dos reclusos. Apesar de ser construído para acolher cerca de 686 reclusos, a 27 de janeiro de 2016 encontram-se alojados 1194 reclusos.

Através destes dados verificamos uma efetiva sobrelotação. Segundo o discurso do Diretor, este facto deve-se à “*pressão de entrada*” e à atitude conservadora do Tribunal de Execução de Penas. As celas individuais apesar de serem construídas para receber somente um recluso agrupam três (Nota de Terreno, 18 de Novembro de 2015).

Segundo o Relatório do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa (Gomes, 2003), a população prisional aumentou significativamente devido ao aumento da criminalidade mais grave, como por exemplo o furto qualificado e o tráfico de estupefacientes. Em fevereiro de 2016, permaneciam 13 281 homens e 836 mulheres em situação prisional (Direção Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais, 2016). Reportando para o estabelecimento em causa, no ano corrente, dos 1194 reclusos, 692 são primários e 502 reclusos são reincidentes. Atualmente, 49 reclusos estão colocados em Regime Aberto no Interior e os restantes 1145 encontram-se em regime

---

<sup>1</sup> Código de Execução de Penas e Medidas da Liberdade, Título IV Regimes de execução, artigo 12º, ponto nº3, alínea a)

<sup>2</sup> Código de Execução de Penas e Medidas da Liberdade, Título IV Regimes de execução, artigo 12º, ponto nº3, alínea b)

comum. Além do referido, 306 reclusos encontram-se na situação de preventivos, na situação de condenados encontram-se 887 reclusos e um recluso aguarda trânsito.

No que concerne ao tipo de crime sobressaem os crimes contra o Património com 52,12%, seguidos dos crimes com substâncias estupefacientes com 37,64%, e os restantes crimes 10,24%. Nos crimes contra o Património, a população preventiva alcança uma percentagem de 16,59% e a condenada 35,53%. Nos crimes relacionados com substâncias estupefacientes a população preventiva assume uma percentagem de 16,37% e a condenada 21,27% (Direção Geral dos Estabelecimentos Prisionais, 2010). Relativamente à idade dos detidos, verifica-se que está compreendida entre os 16 e os 78 anos de idade.

Destaco que os reclusos têm o direito de utilizar as suas próprias roupas, desde que adequadas às condições presentes no regulamento geral das prisões, mais concretamente devem ser adaptadas às condições climatéricas e não afetar a dignidade humana. Importa referir que o recluso quando entra no sistema prisional é-lhe atribuído um número, um cartão de telefone e um cartão para comprar bens alimentares dentro da prisão.

### **1.1. Recursos Humanos**

De um modo geral, todas as instituições, com mais ou menos rigidez, definem as funções de cada elemento, as relações existentes e o papel da autoridade. Todo e qualquer funcionário, qualquer que seja a sua categoria profissional, é possuidor de autoridade, deste modo, a autoridade é definida como o *“direito de decidir, de dirigir outros na execução das tarefas necessárias à prossecução dos objetivos”* (Teixeira, 2013: 125).

No que diz respeito aos recursos humanos, o E.P. Porto dispõe de uma equipa de trabalho que diariamente exerce funções em prol da concretização da missão institucional: uma direção composta por cinco elementos, um diretor, uma substituta do diretor e três adjuntos; 190 guardas prisionais e 67 civis, divididos pelas diferentes secções, tais como o Serviço de Educação e Ensino.

O Serviço de Educação e Ensino é constituído por 15 técnicos e 2 funcionários administrativos de apoio ao serviço, sendo que 1 técnico articula as suas tarefas com a direção, 11 técnicos estão distribuídos pelos pavilhões a fim de corresponderem às

necessidades dos reclusos, complementando o seu trabalho diário com atividades socioculturais e recreativas, um técnico responsável pelas áreas do desporto e biblioteca e um responsável pelo apoio ao ensino, formação profissional e atividades laborais.

## **1.2. Espaço Físico**

Relativamente à estrutura física, o E.P. Porto foi edificado com a forma de “poste telegráfico”. Segundo Gonçalves (2000) este tipo de estrutura prisional torna menos severa a dinâmica prisional, estando a cela iluminada pela luz solar, os pavilhões (numerados de A-D) estão dispostos de forma paralela, existindo um recreio entre cada um deles, unidos por um corredor perpendicular. Esta estrutura arquitetónica tem o propósito de proporcionar uma separação ajustada entre os vários tipos de reclusos, sendo distribuídos consoante a sua situação jurídico-penal, a sua perigosidade, a idade e atividade escolar e/ou laboral dentro do E.P. Porto.

As respostas do sistema prisional à distribuição da população prisional têm sido distribuir os reclusos pelos seus espaços, seguindo a ordem de ideias atrás referida. Quer isto dizer que o pavilhão A destina-se normalmente a reclusos preventivos sem ocupação; o pavilhão B destina-se a reclusos condenados sem trabalho e, porventura a frequentar a escola. Já no pavilhão C encontram-se os reclusos ocupados a nível laboral e/ou escolar. Por último, no pavilhão D encontram-se os reclusos mais debilitados e que cumprem penas mais pequenas, como por exemplo aquelas que decorrem do não pagamento de multas. Além do referido, é neste pavilhão que se encontram a Camarata ao abrigo do plano de prevenção do suicídio, a Unidade Especial e a cela disciplinar.

Na linha do referido, cada pavilhão é composto por celas ou camaratas, por um bar, um gabinete da equipa de vigilância, dois gabinetes destinados aos atendimentos realizados pelos Técnicos Superiores de Reeducação (T.S.R.) e duas caixas de correio (uma para os técnicos e outra para a equipa clínica).

Na zona prisional estão situados os ginásios, o gabinete de renovação de bilhete de identidade, a capela, o refeitório e a cozinha, a biblioteca, os balneários, as secções de desporto, a sala de música, a barbearia, os Serviços Clínicos (Sala de Triagem, Enfermaria, Serviços de Psicologia, Psiquiatria, Farmácia e Dentária), a

Unidade Livre de Drogas e uma área prisional destinada aos agressores de delitos sexuais e aos reclusos que estão em R.A.I. A agregação dos reclusos em R.A.I. com os agressores de delitos sexuais é uma estratégia adotada pela direção do E.P. Porto para que estes reclusos não sofram possíveis penalizações pelo crime cometido e para os que os reclusos colocados em R.A.I. se comportem adequadamente no meio prisional.

Por sua vez, a escola e o salão de festas, onde decorrem as visitas e as festas, situam-se noutro lado da área prisional.

A Unidade Livre de Drogas (U.L.D.) é uma unidade terapêutica que promove a abstinência e a reestruturação psicológica dos reclusos que procuram livrar-se das drogas, evitando a recaída. O E.P. Porto investiu neste programa de apoio a reclusos toxicodependentes com caráter humanista, no entanto, os reclusos que pretendem integrar esta unidade de tratamento são submetidos a um teste de toxicologia para comprovarem o seu desligamento às drogas e assinam um contrato em que aceitam as regras estipuladas pelo corpo médico. Atualmente encontram-se 15 reclusos afetos à U.L.D. e após o seu compromisso para com a unidade terapêutica é necessário a passagem pelas três fases que constituem o programa, designadamente: “escalão novos membros”, “cognitivismo” e “velhos membros”. O primeiro “*escalão novos membros*” apresenta uma abordagem comportamentalista, onde os reclusos devem aprender a cumprir regras e, se não as cumprirem sofrem penalizações. Na segunda fase “*cognitivismo*” os reclusos já aprenderam as regras e continuam a cumpri-las, existindo três membros responsáveis por acompanhá-los. Na última fase “*velhos membros*” os reclusos trabalham as regras já apreendidas, as atitudes e os comportamentos tendo o papel de supervisionar os novos membros e, ao mesmo tempo, devem ser uma referência (positiva) para eles.

Nesta ordem de ideias, atitudes e comportamentos como a Honestidade, as Regras, o Respeito, a Compreensão, a Responsabilidade e a Aceitação devem ser trabalhadas de forma contínua. Além do referido, existe um conjunto de competências pessoais e sociais que são desenvolvidas diariamente tais como: encorajar os seus pares, ser enérgico e entusiasta, demonstrar iniciativa, ter capacidade de pedir ajuda, dar assistência na resolução de conflitos, entre outras. Este espaço encontra-se esteticamente mais apelativo do que as celas, a título de exemplo as paredes estão decoradas com palavras motivadoras para o sucesso do tratamento, um quadro onde é

definido o lema do dia tal como *“a persistência é a chave para a concretização ou para o alcance dos nossos objetivos”* e a última estrofe do poema *“O Cântico Negro de José Régio”*.

Existe ainda uma área denominada por Controlo onde o corpo de guarda prisional supervisiona e controla as saídas dos reclusos ao exterior, dirige o novo recluso à equipa técnica a fim de integrá-lo na dinâmica prisional e organiza o trabalho diário dos guardas. No mesmo espaço situa-se a Secção de Educação e Ensino onde se encontram os gabinetes dos T.S.R., um gabinete de chefe de guardas, o gabinete da Coordenação dos Serviços de Educação e o correio. Além do mencionado, existe uma sala de videovigilância, dois parlatórios onde realizam-se visitas excepcionais e as salas para reuniões com advogados. Noutra face do corredor encontram-se os Serviços Administrativos como o economato, a contabilidade e a tesouraria que assegura a monitorização e gestão das receitas e transações efetuadas pelos reclusos, visitas e outras entidades, a secção de reclusos e a secção de pessoal, os gabinetes da direção e a sala do conselho técnico.

No que respeita à Secção de Reclusos, compete-lhe recolher a informação relativa ao cumprimento de penas, organizar e manter atualizados os processos individuais dos reclusos e os respetivos registos informáticos e informar os tribunais e outras instituições sobre a situação jurídica dos reclusos.

A sala do conselho técnico é destinada às reuniões com o juiz do Tribunal de Execução de Penas a fim de decidir acerca das licenças de saída jurisdicional, liberdade condicional e outras questões acerca do percurso prisional do recluso. Além do referido, este local é utilizado para tomada de decisões acerca da colocação em R.A.I. e reuniões da equipa de observatório permanente, constituída pelos T.S.R., a equipa clínica e a adjunta do diretor, tendo como objetivo informar a equipa técnica das situações ocorridas no quotidiano prisional que necessitam de ser solucionadas.

Relativamente ao gabinete de Coordenação dos Serviços de Educação, é neste espaço que os processos individuais dos reclusos estão arquivados por ordem numérica, permitindo ao T.S.R. acompanhar regularmente o percurso prisional de cada recluso.

Atendendo à especificidade do contexto prisional, a presença de um T.S.R. é considerada fulcral na reinserção social dos reclusos. Ao T.S.R. é delegado um conjunto

de tarefas, burocráticas e de intervenção junto dos reclusos. A Intervenção do T.S.R. com a população reclusa não é uma tarefa fácil, pois implica lidar com uma população com percursos desviantes, com histórias de vida bastante heterogéneas. Depois do acolhimento de um recluso é da responsabilidade do técnico acompanhá-lo durante o cumprimento efetiva da pena de prisão, preparando-o para a reintegração na sociedade. Este acompanhamento implica elaborar o Plano Individual de Readaptação referente a cada recluso, dar pareceres sobre a situação do recluso acompanhar o percurso do recluso estando atento e apoiá-lo nas atividades relativas ao plano laboral, escolar, de formação profissional, de saúde, sociocultural e desportivo. Além do referido, também organiza o contacto dos reclusos com a família e a sociedade em geral. Segundo Gonçalves (1993:136), é da responsabilidade do T.S.R. apoiar os *“(...) reclusos durante o cumprimento da pena e organizar atividades de tempos livres, elaborar os pareceres solicitados e colaborar em aspetos relativos à vida interna dos estabelecimentos”*.

Na linha do referido, o T.S.R. também auxilia e participa na concessão das Saídas Jurisdicionais de Curta e Longa Duração; elabora os Relatórios de Liberdade Condicional, elabora fichas de mobilidade, realiza entrevistas com reclusos a fim de realizar todo o trabalho burocrático solicitado. Além da interação com os reclusos nos atendimentos individuais, os T.S.R. realizam outros trabalhos, como ler processos, arquivar expediente, sejam pedidos de atendimento, consultas médicas, pedidos de trocas de visita, elaboração de cartões-de-visita, entre outros.

Apraz-me, ainda, mencionar que o trabalho de um T.S.R. é o de mediar e encontrar a harmonia entre as normas da instituição e os direitos dos reclusos que acompanha, procurando responder eficazmente aos problemas do quotidiano prisional e estabelecer ligações entre o recluso e serviços externos, como por exemplo os Tribunais.

Importa referir que o trabalho desenvolvido pela equipa administrativa do Serviço de Educação e Ensino é fundamental para o acompanhamento diário dos reclusos, realizado pelos T.S.R. A equipa administrativa redistribui os documentos que lhes são entregues pelos T.S.R. para as secções invocadas, distribuem o expediente pelas *dossiers* dos T.S.R., arquivam os documentos, registam os despachos dos

superiores hierárquicos no Sistema de Informação Prisional e nos programas informáticos existentes e constrói os cartões de visitas solicitados pelos reclusos.

Lateralmente situa-se a zona oficinal onde estão instalados vários setores de atividade laboral e formativa, as camaratas dos guardas prisionais e do lado oposto, encontra-se a horta. A horta consiste na exploração de uma parcela de terra fértil para (re)produção de produtos hortícolas e quando encontram-se aptos para consumo, o E.P. Porto vende-os à empresa UNISELF (responsável pela confeção das refeições no refeitório) e a outras entidades que solicitem interesse em comprar.

De forma a ilustrar espacialmente a informação explanada, apresento a planta do E.P. Porto (figura 1):



**Figura 1 - Planta do Estabelecimento Prisional do Porto**

Atendendo às características da população prisional e ao tempo que permanecem privados de liberdade,

(...) numa perspetiva de corresponsabilização de toda a sociedade, [o contexto prisional] procura encontrar formas para a reinserção social dos reclusos, facultando-lhes o acesso ao trabalho, à formação profissional, à cultura e ao desporto e promovendo a melhoria da sua

situação económica, prevenindo e combatendo situações de carência geradoras de exclusão social (Direção Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais, 2016).

Nesta lógica, consoante a Declaração Universal dos Direitos do Homem, artigo 26º, o direito à educação é um direito universal que pertence a todas as pessoas, no entanto, alguns grupos ainda estão privados de acedê-la no seu todo. Desta forma, a Educação desempenha um papel crucial no avanço dos processos de humanização, desenvolvimento e crescimento, permitindo atualizar os indivíduos e prepará-los para serem solucionadores dos seus problemas, socializá-los e torná-los ativos e participativos na sua comunidade.

Neste seguimento de ideias, o acesso a programas educativos deve ser garantido em contexto prisional e, por sua vez, responder às necessidades da população reclusa. De forma a concretizar este objetivo, os sistemas prisionais mantêm uma parceria com os Ministérios da Educação e da Justiça para que os reclusos possam ter acesso, dentro da prisão, ao ensino com uma estrutura similar à que existe no exterior. De acordo com o decreto-Lei nº 51/2011 de 11 de abril, “*a actividade escolar e formativa é estruturada de acordo com os mesmos princípios técnicos e pedagógicos estabelecidos no meio livre e enquadrada na programação do tratamento penitenciário*”.

Em contexto prisional, os Programas de Formação Profissional estão direcionados à população adulta reclusa, acreditando-se que sejam a solução para a sua reinserção social e profissional. Tal como refere o decreto-lei nº51/2011 de 11 de abril, “ (...) *em matéria de reforço da eficácia na prevenção da criminalidade, promove a criação de melhores condições de reintegração social, a aposta na qualificação e uma maior cooperação entre os serviços prisionais e a sociedade civil*”. Deste modo, a formação escolar e profissional desenvolvida no Estabelecimento Prisional do Porto é coordenada pela Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, pelo Centro Protocolar da Justiça, pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional e outras entidades sem fins lucrativos.

Atualmente, a oferta escolar proporcionada pela Escola Secundária João Gonçalves Zarco, pelo Agrupamento de Escolas de Matosinhos e pelo Centro Protocolar de Formação Profissional para o Setor da Justiça tem possibilitado



aumentar as competências dos reclusos em vários anos de ensino e áreas. As áreas de formação profissional variam: curso de mecânica de veículos ligeiros; técnicas de jardinagem e espaços verdes; curso de padaria e pastelaria e formação na área das Tecnologias de Informação e Comunicação, Inglês, Português para Estrangeiros, entre outros.

Ao nível de Ensino, a Escola do Estabelecimento Prisional encontra-se com 320 reclusos a frequentar desde o 1º ano de escolaridade até ao 12º ano (cursos EFA e ensino recorrente). Além disto, cerca de 15 reclusos frequentam o Ensino Superior nos cursos de Ciências Sociais e Gestão.

No que respeita à ocupação laboral, esta é considerada um mecanismo lícito de obtenção de rendimentos, permitindo aos reclusos satisfazerem, minimamente, as necessidades quotidianas. Segundo a Direção Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais (2016),

o trabalho prisional, com finalidade educativa e produtiva e devidamente remunerado de acordo com a aptidão do recluso, tem sido desenvolvido dentro dos estabelecimentos prisionais no âmbito das infra-estruturas económicas existentes e através da articulação com entidades do setor público/privado, procurando-se assim diversificar as actividades ocupacionais/ laborais adequando-as, sempre que possível, às características da população e à oferta de trabalho.

Corroborando o atrás mencionado com a minha presença *in locus* posso afirmar que o E.P. Porto dispõe de várias atividades laborais nas seguintes áreas: padaria; carpintaria; tipografia; serralharia; secção de obras e pichelaria; mecânica-auto; restauração e similares; atividades de limpeza e manutenção; lavagem de viaturas e lavandaria, horta e arquivo.

Acrescento, ainda, que para um recluso ser inserido em atividade laboral é necessário manifestar o interesse em desenvolver atividade num determinado setor através de um requerimento escrito pelo próprio. A decisão final da sua colocação cabe ao técnico responsável pelo setor laboral e o seu acompanhamento, aquando do exercício de funções, diz respeito ao guarda responsável pelo setor.

Atendendo ao elevado número de pedidos para colocação laboral, a inserção do recluso em determinado setor de atividade dentro da prisão, por vezes, não é fácil

pois o número de postos de trabalho não é equivalente ao número de reclusos. Deste modo, a inserção do recluso em atividade laboral tem em consideração a avaliação, a programação do seu tratamento prisional e os seguintes critérios:

a) Aptidão para o posto de trabalho; b) Obrigação de indemnização à vítima; c) Encargos familiares; d) Outras obrigações decorrentes de decisões judiciais; e) Frequência de formação profissional; f) Maior duração da pena aplicada; g) Necessidade de uma atividade laboral por razões de saúde, conforme parecer dos serviços clínicos; h) Manifesta carência económica ou inexistência de apoio sócio-familiar<sup>3</sup>.

Nesta linha de pensamento, a ocupação laboral permite aos reclusos adquirirem hábitos de trabalho e competências sociais e profissionais que, à partida, são fatores determinantes na reinserção na sociedade e, conseqüentemente, proporcionam o empoderamento do recluso. Neste sentido, a ocupação laboral,

de um lado, [ele] serve para a não-dessocialização do recluso durante o tempo em que está preso, visando, principalmente, minorar os efeitos prejudiciais do estabelecimento sobre esse preso. De outro lado, o trabalho pretende contribuir para a sua real ressocialização, embora se tenha que reconhecer que isso nem sempre é possível (Webster cit in Gomes et al, 2003:29).

Acrescem ainda outras áreas de ocupação, mais concretamente, atividades socioculturais em diferentes áreas de interesse (música, religião, entre outras); atividades desportivas e a biblioteca.

---

<sup>3</sup> Regulamento Geral dos Serviços Prisionais, artigo 80º - critérios para a colocação laboral, ponto nº1



## **CAPÍTULO II - A INSTITUIÇÃO PRISIONAL E O ENVELHECIMENTO**

---



### 2. A Instituição Prisional – evolução e suas especificidades

No que concerne à história da instituição prisional, importa nesta fase revelar as evoluções mais significativas que foram ocorrendo, não esquecendo as suas especificidades.

Consoante os estudos de Gonçalves (2000:138) a prisão é definida como o resultado de um

processo político de controlo e segurança interna do grupo social, que coloca o condenado como alguém que, simultaneamente, é objeto de submissão ao poder punitivo e, sobretudo, é exemplo didático para o povo, tal qual garante da lei e do poder.

À luz do mencionado, a prisão tem como finalidade castigar os indivíduos, dissuadir e prevenir a prática de novos comportamentos desviantes. Nesta lógica, constituem os locais onde os indivíduos excluídos são ‘alvo’ de intervenções, tendo como objetivo a sua reinserção na sociedade. O sistema prisional *“responde (...) à necessidade de afastar os indivíduos prevaricadores da sociedade, punindo e preservando a ordem social”* (Gabriel, 2007: 14).

Os indivíduos que permanecem na prisão são designados de reclusos que *“podem ser descritos como um grupo de indivíduos que são obrigados a viver em determinadas condições de espaço e clima social, por um tempo igualmente determinado, mas bastante variável de indivíduo para indivíduo”* (Gonçalves, 2000:209).

Nesta ordem de ideias, a obra *“Vigiar e Punir”* de Foucault (1999:11) revela as mudanças significativas nos sistemas penais ocidentais no período da era moderna. *“É a época em que foi redistribuída, na Europa e nos Estados Unidos, toda a economia de castigo. É época de grandes «escândalos» para a justiça tradicional, época de inúmeros projetos de reformas (...)”*. Esta obra diz respeito à análise da vigilância e da punição, que na maioria das vezes se encontram nas instituições sociais, como hospitais, escolas e prisões.

Foucault elabora um modelo explicativo do surgimento da instituição – prisão. Esta assume-se como um dispositivo penal cujo objetivo central se centra na necessidade de identificar e punir os comportamentos desviantes através da *“ortopedia correctiva”*, ou seja, *“(…) consoante os desígnios da ideologia e da época histórica vigentes, na religião, na moral, na sociedade e também no saber intelectual dominante”* (Gonçalves, 2000:78).

Para Foucault a punição deveria ser suficiente para provocar o medo, provocar a reflexão no indivíduo, aperfeiçoando a sua consciência. Na Idade Média, e mesmo depois, o corpo do criminoso era o alvo da atuação do poder instituído, quer através da mutilação, da roda, do chicote, dos açoites, da morte lenta por inanição, da exposição pública e outras flagelações focalizadas no corpo, da confiscação patrimonial, do desterro, das fogueiras, da forca, até à decapitação no cepo ou na guilhotina (Foucault, 1999).

Através do corpo visível do criminoso, o crime reincarna o seu horror, manifesta-se e finalmente, anula-se. E é esta relação, verdade-poder, que persiste no seio de todos os mecanismos punitivos quer eles se inscrevam ou não de uma forma tão lisível no corpo dos condenados (Gonçalves, 2000:80).

Com o passar do tempo, a punição e a execução pública foram ganhando, cada vez mais, uma conotação negativa. O fundamental da pena consiste agora numa tentativa de correção, de reeducação e de cura, isentando os juízes do rótulo de punidores.

É na passagem para a Modernidade que surgem novas formas de suavizar as ações punitivas sobre quem comete o crime. O poder sancionatório deixou de ser somente no corpo, tal como refere a seguinte citação: *“em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo”*, passando para o plano da violência simbólica (Foucault, 1999:14). Neste sentido, as punições através do corpo foram gradualmente substituídas por técnicas de vigilância e controlo como formas de regulação social.

Além do referido, assiste-se ao nascimento de *“um primeiro impulso para reconhecer no criminoso, por pior que ele seja, a existência de algo que até aí lhe era pura e simplesmente negado: a sua humanidade, isto é, a sua própria existência como ser humano* (Gonçalves, 1993:81). Por outro lado, verifica-se a passagem do castigo corporal físico para um castigo privado de direitos, surgindo a instituição-prisão.

*“A privação da liberdade assumiu características de penitência quando a doutrina da Igreja dos últimos tempos do século XVI, registrou o movimento que mais tarde iria fecundar as bases da ciência doutrinária”* (Chiaverini, 2009:7). Deste modo, a instituição-prisão surge no século XVI estando diretamente ligada à Igreja. Neste período os eclesiásticos eram os condenados, indivíduos devotos à religião, que por terem cometido um erro eram colocados em celas, sob silêncio total. A Igreja via o condenado como instrumento espiritual de castigo, afirmando que o sofrimento e a solidão puniriam o pecado. Colocando o condenado em isolamento, devoto à religião, às regras comuns, limitados no espaço e no tempo, este tipo de instituição pode ser comparada a uma instituição total.

Goffman (1961:11) define a instituição prisional como uma instituição total, ou seja, *“um local de residência e trabalho, onde um grande número de indivíduos separados da sociedade por um período de tempo considerável, levam em conjunto, uma vida fechada e formalmente administrada”*. Desta forma, a instituição prisional é detentora de um poder supremo e totalitário, na medida em que preenche a maioria das dimensões de vida do indivíduo, tais como a pessoal, social, económica e laboral.

Nesta linha de pensamento, segundo Baltard (cit in Foucault, 1999:198) a prisão deve ser um aparelho disciplinar exaustivo, na medida em que deve preencher todos os aspetos da vida do indivíduo, *“(...) seu treinamento físico, sua aptidão para o trabalho, seu comportamento cotidiano, sua atitude moral, suas disposições (...)”*.

Confrontando o referido com a obra Manicómios, Prisões e Conventos de Goffman (1961:17),

Uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral. O aspecto central das instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida.



Define-se como 'total', uma vez que o indivíduo, no decurso do cumprimento de pena, passa o seu dia-a-dia entre as paredes da prisão, sendo-lhe exigida a obediência a um conjunto de normas, horários, regras de funcionamento do espaço prisional, novas formas de comunicar que, conseqüentemente, alteram a sua identidade individual.

As instituições totais traduzem-se no fechamento com o mundo externo e pelas proibições à saída (Goffman, 1961). Nesta linha de pensamento, *“como não seria a prisão a pena por excelência numa sociedade em que a liberdade é um bem que pertence a todos da mesma maneira e ao qual cada um está ligado por um sentimento “universal e constante”?”*. Portanto, o castigo aplicado a todos os indivíduos que caem no sistema prisional é a privação da sua liberdade.

Aliada à privação da liberdade está a solidão como instrumento positivo da prisão, ou seja, durante o cumprimento da pena o condenado deve ser capaz de refletir sobre o crime cometido. Além do referido, a prisão é um local de observação a tempo inteiro dos indivíduos punidos pela lei.

Por volta dos anos 1830-1840 surge o programa arquitetural designado de Panóptico como forma de vigiar todos os condenados de uma só vez.

(...) na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada um atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravessa a sala de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar” (Foucault, 1999:165-166).

Portanto, através da utilização deste programa de vigilância e controlo era possível recolher o maior número de informações em relação aos indivíduos e controlar os seus comportamentos quotidianos. As informações recolhidas eram partilhadas num boletim individual uniforme em todas as prisões, estando ao encargo do diretor ou do chefe de guardas prisionais, do sacerdote e do professor escrever as observações de cada recluso, quer seja do quotidiano prisional como da sua história de vida. Este controlo e observação sobre o recluso,

é parte essencial da instrução judiciária para a classificação das penalidades antes de se tornar uma condição do sistema penitenciário para a classificação das moralidades. Deve acompanhar o detento do tribunal à prisão, onde o ofício do diretor é não somente recolher, mas também completar, controlar e retificar seus elementos no decorrer da detenção” (Lucas cit in Foucault, 1999:211).

Em todos os sistemas prisionais mencionados, o trabalho surge como um mecanismo coercivo de adaptação do recluso ao aparelho produtivo. Para Foucault (1999:203), o trabalho no âmbito do sistema prisional, ao longo dos séculos, assumiu-se como *“uma maquinaria que transforma o prisioneiro violento, agitado, irrefletido numa peça que desempenha o seu papel com perfeita regularidade”*.

Através de toda a informação recolhida verifica-se que as abordagens *foucaultianas* apresentam a relação entre o poder e o conhecimento na medida em que são utilizados como um meio de controlo social. Na sua perspetiva, deveras relevante,

(...) o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); (...) poder e saber estão diretamente implicados; (...) não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. (...) o poder-saber, os processos e as lutas (...) determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento” (Foucault, 1999:27).

Deste modo, a evolução do sistema prisional, tal como se verifica, está carregado de figuras de autoridade que exercem uma determinada força sobre o recluso, encarregando-o de consciencializar-se sobre o crime cometido, seja através do isolamento seja através do trabalho em meio prisional.

Ainda no século XIX, Durkheim pensava que não devíamos focar o crime no indivíduo que o comete, mas sim no meio em que ele estava inserido, considerando o crime como um fenómeno social. As respostas para o nosso sistema social estão nos fatos sociais, sendo fundamental o emprego de um método para os compreendermos no seu todo enquanto objeto sociológico, devendo ser vistos como se fossem “coisas” passíveis de análise. E o que são factos sociais? Na abordagem concetual de Durkheim (2001), um facto social consiste em maneiras de agir, pensar e sentir que exercem

determinada força sobre os indivíduos, obrigando-os a adaptar-se às regras da sociedade.

É facto social toda a maneira de agir, fixada ou não, suscetível de exercer uma coerção exterior sobre o indivíduo, ou ainda, que é geral no âmbito de uma dada sociedade que tenha, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais (Durkheim, 2001:39).

Na linha do referido, é necessário compreender o recluso no seu todo e tal como Foucault (1999:211) refere que,

a observação do delinquente deve remontar não só às circunstâncias, mas às causas do crime; procura-las na história de sua vida, sob o triplo ponto de vista da organização, da posição social e da educação, para conhecer e constatar as inclinações perigosas da primeira, as predisposições nocivas da segunda e os maus antecedentes da terceira.

Cabe-me referir que o sistema prisional, devido às mudanças sociais, económicas e políticas sofreu alterações significativas. A prisão, enquanto local de castigo e de permanência temporária do condenado, deve suscitar nele um sentido de consciencialização do comportamento desviante e para isso é necessário um acompanhamento efetivo dos reclusos, durante o cumprimento da sua pena. Face a essa necessidade a Organização das Nações Unidas e o Conselho da Europa redigiram dois documentos que regulamentam o rumo que as prisões devem tomar, numa perspetiva de reeducação, de reinserção social e respeito pelos direitos humanos, designadamente as Regras Mínimas para o Tratamento dos Reclusos (1977) e as Regras Penitenciárias Europeias (2006). Estes documentos afirmam a necessidade de aproximar os reclusos aos aspetos de vida em liberdade e, por sua vez, os princípios orientadores do funcionamento da prisão devem ser pautados por uma ética “*que traduza o cumprimento do dever de tratar todos os reclusos com humanidade e de respeitar a dignidade inerente ao ser humano*” (Conselho da Europa, cit in Tscharf, 2009:36).

Em Portugal, em 1936, é publicado o Decreto-Lei n.º 26 643, de 28 de Maio que procede à Reforma da Organização Prisional. A evolução do sistema prisional

português apresenta como essencial a reestruturação do espaço físico dos estabelecimentos prisionais, pois

as condições de construção, instalação e localização dos edifícios são péssimas e os estabelecimentos insuficientes para o número de reclusos, donde os excessos de lotação prejudiciais à ação disciplinar e educativa (Relatório da Comissão de Estudo e Debate da Reforma do Sistema Prisional, 2004:13).

É sentido, também, como fundamental intervir ao nível da prevenção especial da população reclusa, ou seja, o recluso teria de cumprir pena efetiva de prisão em total isolamento, desempenhando uma atividade laboral obrigatória, dentro da cela e sem contacto com o mundo exterior. Portanto, começa-se a atribuir importância ao papel do trabalho na ressocialização do recluso, sendo ele, “ (...) *uma escola de virtude e, portanto, um instrumento de regeneração e da recuperação social dos condenados* (Relatório da Comissão de Estudo e Debate da Reforma do Sistema Prisional, 2004:15).

Esta reforma, por um lado possibilitou a organização dos estabelecimentos prisionais por tipo de pena ou medida de segurança e, por outro, promoveu a criação de vários tipos de prisões especiais, adequadas à natureza do crime, tais como as prisões-escola, prisões-sanatório, prisões-maternidade e prisões para criminosos políticos. Além do referido, a Reforma da Organização Prisional de 1936,

proclama a necessidade de individualizar a pena, uma vez que os meios para neutralizar as tendências, vícios ou defeitos que se propõem combater com a pena de prisão devem reflectir necessariamente a diversidade de tais tendências, vícios ou defeitos (Relatório da Comissão de Estudo e Debate da Reforma Prisional, 2004:14).

A Reforma Prisional de 1936 possibilitou um acompanhamento próximo do recluso através da criação da categoria dos assistentes e auxiliares sociais, destinados a “*proceder a inquéritos acerca dos reclusos, a acompanhar estes na sua vida prisional e a velar por eles depois de colocados em liberdade definitiva ou condicional (...)*” (Relatório da Comissão de Estudo e Debate da Reforma do Sistema Prisional, 2004:15).

Com a Revolução dos Cravos, no dia 25 de Abril de 1975, novas ideologias sociais, económicas, culturais e políticas são tomadas em consideração no tratamento

penitenciário. Entra-se numa nova viragem da reforma prisional em 1979, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 265/79, de 1 de Agosto, posteriormente alterado pelo Decreto-Lei n.º 49/80, de 22 de Março, e pelo Decreto-Lei n.º 414/85, de 18 de Outubro. Este documento tenta preconizar alguns aspetos relacionados com a execução das penas, como, por exemplo, as finalidades da execução, a situação jurídica do recluso, as regras das atividades diárias do recluso, o trabalho prisional, a assistência médica e religiosa, as visitas, a correspondência, as licenças de saída do estabelecimento, a manutenção e organização da segurança e a utilização de meios opressivos (Ministério da Justiça, 2004). Deste modo, o recluso deixa de ser o objeto da intervenção penitenciária e passa a ser o ator da sua própria vida. O princípio de reinserção social vem manifestar-se através das atividades que a prisão lhe proporciona, tais como o trabalho. Este *“(...) visa criar, manter e desenvolver no recluso a capacidade de realizar uma actividade com que possa ganhar, normalmente, a vida após a libertação, facilitando a sua reinserção social (art.º 63.º) (Rodrigues, cit in Relatório da Comissão de Estudo e Debate da Reforma do Sistema Prisional, 2004:20).*

Nos anos seguintes outras mudanças ocorreram, tais como: a criação do Instituto de Reinserção Social, através do Decreto-Lei n.º 319/82, de 11 de Agosto e a 1 de Junho de 1984, foi celebrado um Protocolo de Acordo entre a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais e o Instituto de Reinserção Social.

Ao longo do tempo a prisão é vista como um espaço de reeducação onde o indivíduo adquire novas ideologias, novas regras, hábitos e potencia as suas competências. No entanto, não menosprezando o referido, no nosso quotidiano somos alvo de pequenas mudanças que interiorizamos, porém, não afeta na totalidade a nossa identidade (Silva, 2012).

Apesar dos reclusos serem devolvidos à sociedade, com o acompanhamento das entidades responsáveis, são indivíduos rotulados e estigmatizados. Para Giddens (2004) o rótulo dará lugar ao estigma que condiciona a vida social, familiar e pessoal do indivíduo. *“A rotulagem não só afeta a forma como os outros veem o indivíduo, como também influencia a ideia que o indivíduo tem da sua própria identidade”* (Giddens, 2004: 212).

Em termos sociais, a passagem pela prisão tem uma série de consequências negativas tanto para os indivíduos como para a comunidade a que eles pertencem: estigmatização, interrupção das estratégias escolares, matrimoniais e profissionais, desestabilização das famílias, amputação das redes sociais, desenraizamento das comunidades de origem, onde a reclusão se banaliza numa ‘cultura de resistência’ e em toda uma série de sofrimentos e problemas interpessoais” (Vilas-Boas et al, cit. in Silva, 2012:35).

Tendo em conta que o objeto de estudo é o Envelhecimento em Contexto Prisional, o ponto seguinte incide sobre o mesmo.

### **3. O Envelhecimento em Contexto Prisional**

A nível mundial o número de idosos tem vindo a aumentar devido, principalmente, a dois fenómenos: à queda da natalidade e ao aumento da esperança média de vida. Portugal não fica distante desta realidade e é cada vez mais um país envelhecido.

Segundo os dados do PORDATA (2015), o índice de envelhecimento (relação entre a população idosa e a população adulta) aumentou consideravelmente nos últimos 55 anos em Portugal, tendo-se verificado em 1961 uma percentagem de 27.5% e em 2014, verifica-se um valor bastante elevado, 138.6%. Com um valor tão elevado em 2014, e em pleno século XXI, o envelhecimento causará um aumento da necessidade de proteção social como, por exemplo, pensão para a velhice, reforma por motivos ocupacionais, incentivos para a poupança voluntária, programas de seguro para deficiências, entre outros (Organização Mundial de Saúde, 2005).

Seguindo o pensamento, os últimos anos acarretaram consigo profundas alterações na estrutura demográfica portuguesa. A mais evidente consiste no aumento da população com faixa etária superior a 65 anos de idade, devido não só ao decréscimo da taxa de natalidade como também do aumento da longevidade (Barreto, n.d.).

Autores como Fonseca (2006) referem que os estudos científicos sobre o envelhecimento ainda têm um peso pouco significativo na área da investigação. Deste modo, considero importante enfatizar a pertinência de realizar um estudo nesta área, aliado ao contexto prisional. É necessário consciencializar os indivíduos da necessidade

de refletir e investigar esta fase do ciclo de vida, num contexto fechado e totalitário, onde as expectativas de vida começam a ser escassas. Apesar da população reclusa mais envelhecida ainda constituir um grupo minoritário dentro do contexto prisional, é importante o seu reconhecimento como grupo específico dentro da total população reclusa.

Nesta ordem de ideias, o Envelhecimento tem vindo a ser encarado como *“um estado tendencialmente classificado de “terceira idade” ou ainda “quarta idade”, no entanto, o envelhecimento não é um estado, mas sim um processo de degradação progressiva e diferencial”* (Cancela, 2007:1).

Considerando que o envelhecimento é um misto de acontecimentos, é necessário compreendê-lo à luz de diversas características, tais como a sabedoria, a maturidade emocional, as estratégias pró-ativas capazes de dar significado à sua vida. Contudo, também estão presentes perdas de capacidades (Oliveira, 2005).

Segundo Fontaine (2000), existem três etapas de diferenciação do idoso, classificando-as como “velho jovem”, “velho velho” e “velho de idade avançada”. O autor classifica como “velho jovem” o indivíduo com idade compreendida entre os 65 anos e os 74 anos, apresentando aspetos similares às do adulto de meia-idade, como a sua atividade. O “velho velho” apresenta idade compreendida entre os 75 e os 85 anos, verificando-se o aumento da fragilidade física e psíquica. Nesta etapa o idoso aduz fragilidades físicas e psíquicas mais agravantes, requerendo de um apoio especializado, tais como um cuidador de ordem formal e/ou informal. O “velho de idade avançada” é aquele com idade igual ou superior a 85 anos, sendo que, nesta fase inserem-se os idosos com elevadas limitações, sejam físicas ou psicológicas.

Neste sentido, Schroots e Birren (cit in Martins, 2012) referem que, para compreender o processo de envelhecimento no seu todo, é crucial analisar três componentes: biológica, social e psicológica. A componente biológica espelha uma gradual senescência e, por sua vez, uma maior possibilidade de morrer. *“A senescência é definida habitualmente como o conjunto dos processos biológicos que, na medida em que a idade avança, coloca os indivíduos mais sensíveis aos factores suscetíveis de levar à morte”* (Henrard cit in Silva, 2006:23). A componente social remete para os papéis sociais que a comunidade espera desta população idosa. Por último, a componente psicológica refere-se à capacidade que o indivíduo tem ao gerir o seu

processo de senescência. Neste sentido, é errado pensar no processo de Envelhecimento sem analisá-lo no seu todo, *“analisar a velhice de forma separada é não refletir sobre a totalidade do fenômeno, que não implica em se apresentar como um dado biológico, mas também existencial, psíquico, histórico e cultural”* (Mercandante, 1998:60).

Nesta última fase da vida adulta, ao idoso é-lhe atribuído um conjunto de tarefas de desenvolvimento, designadamente: ajustar-se à diminuição da força física e saúde; ajustar-se à reforma; estabelecer vínculo a indivíduos da sua faixa etária e estabelecer arranjos satisfatórios para viver com qualidade a sua velhice (Witter, 2006). Face às tarefas apresentadas torna-se relevante levantar a seguinte questão: de que forma o idoso desempenha estas tarefas de desenvolvimento entre os muros da instituição prisional?

A velhice, sendo um tempo de exposição a acontecimentos de vida (normativos ou não normativos) e a transições, como também uma fase de colocar em prática estratégias e resolução dos desafios que ao longo do ciclo de vida vão surgindo ao indivíduo (Rebelo, 2007), o bem-estar do idoso vai depender do grau de êxito de um processo adaptativo às transformações que lhe ocorrem e ao modo como envelhece. No seguimento do referido, as escolhas de um indivíduo idoso ao longo do seu percurso de vida ditam o seu envelhecer, ou seja, se é ou não um bom envelhecimento. Deste modo, existem diversas formas de envelhecer, tais como o Envelhecimento Produtivo, Envelhecimento Bem-Sucedido, o Envelhecimento Ativo e o Envelhecimento Saudável.

Com a intenção de evoluir no sentido de uma melhor compreensão dos diferentes conceitos associados ao envelhecimento, surge o Envelhecimento Produtivo. Este tipo de envelhecimento *“implica a produção (remunerada ou não) de bens e serviços correspondendo a uma efectiva satisfação de necessidades, bem como o envolvimento continuado em actividades úteis e significativas sob o ponto de vista social”* (Fonseca, 2011:123). Desta forma, reforça-se a importância dos papéis que os idosos desempenham e que desencadeiam serviços úteis para as suas famílias e comunidades. De mais a mais, o envelhecimento produtivo *“(…) valoriza uma concepção positiva dos indivíduos mais velhos e a possibilidade destes se manterem*



*úteis nos seus contextos familiares, sociais e comunitários, sendo esta uma premissa fundamental para uma adaptação bem sucedida à reforma”* (Fonseca, 2011:123).

O conceito de Envelhecimento Bem-Sucedido surgiu em meados do século XX e define *“quer um mecanismo de adaptação às condições específicas da velhice, quer a procura de um equilíbrio entre as capacidades do indivíduo e as exigências do ambiente”* (Fonseca, 2011:126). Segundo a Organização Mundial de Saúde (2005:13), o Envelhecimento Ativo consiste no *“processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”*. Este tipo de envelhecimento permite que os indivíduos compreendam o seu potencial ao longo do curso de vida, e que participem na sociedade consoante as suas necessidades, desejos e capacidades. Além do mencionado, reforça a importância que cada indivíduo atribui ao processo de envelhecimento e permite desencadear, em cada um, estratégias de participação nas várias áreas da sua vida pessoal, social, económica e comunitária (Organização Mundial de Saúde, 2005:13). Por último, o Envelhecimento Saudável está centrado nas questões de saúde.

No seio da sociedade, na maioria, são criadas imagens negativas em relação aos indivíduos considerados idosos. Existe uma construção social da velhice em determinadas variáveis, tais como a economia, a família, a política e os papéis sociais que influenciam o quotidiano dos idosos. Lehr (cit in Magalhães et al, 2010:19) refere que,

a imagem é conotada negativamente, predominando os estereótipos e generalizações injustificadas; é entre os jovens que a imagem negativa se acentua e onde existe maior discrepância quanto à perceção do comportamento real das pessoas idosas, esbatendo-se à medida que o indivíduo envelhece.

Além do referido, é a partir dos 65 anos que o idoso passa para uma fase de inatividade protegida e indemnizada (Guillemard, cit in Martins, 2012). A reforma era entendida como o tempo de descanso dos idosos depois de um longo período de dedicação à vida laboral e, por sua vez, compreendia-se que esta vinha a ser percebida como o tempo para usufruir de uma nova fase da vida das pessoas, desfrutando de

novas experiências e descobertas (Erikson cit in Martins, 2012). Contudo, *“ao reformar-se, a pessoa abandona a condição de ‘ativa’ (socialmente bastante determinada) e necessita de se adaptar à condição de ‘reformada’ (...)”* (Fonseca, 2011:11). O trabalho, para além de ser um elemento essencial na sustentabilidade económica e familiar dos indivíduos, acaba por ser um fator preponderante na criação de laços sociais. Nesta ótica, o indivíduo ao atingir a terceira idade encara-se com a diminuição das suas capacidades funcionais (Costa, 2007).

Atendendo ao binómio Envelhecimento e Prisão, o tempo que o recluso idoso passa no contexto prisional é o mesmo tempo em que vai envelhecendo, perdendo e/ou ganhando capacidades físicas, psicológicas e/ou sociais.

Considerando a investigação de Santos & Nogueira (2014) neste âmbito, evidencia-se a perceção negativa dos reclusos idosos quanto ao seu processo de envelhecimento, nomeadamente, a efetiva relação do envelhecer com as questões de saúde e incapacidade e, por conseguinte, o envelhecimento como perda de força e de vontade para continuar a viver.

A prisão constituindo um local de exclusão, segundo Castel (1997:20) *“se dá efetivamente pelo estado de todos os que se encontram fora dos circuitos vivos das trocas sociais”*. Nesta ordem de ideias, os estudos recentes revelam que a baixa condição económica e social, a falta de ocupação, a solidão e o isolamento social, a depressão são as principais características da chegada à terceira idade.

O que se mantém é a indicação segundo a qual a existência de deterioração, e redução da memória, bem como o desgaste físico e emocional, se constituem como características fundamentais dos que se tornam delinquentes pela primeira vez depois dos 65 anos (Costa, 2007:43).

Nesta linha de pensamento, importa mencionar que ainda é visível a perceção da sociedade acerca da população prisional como algo à margem, e permanentemente excluída do meio social, longe dos olhares. Deste modo, a reclusão e a velhice encontram-se no patamar de dupla exclusão.

Nesta sequência, torna-se fundamental evidenciar a razão pela qual os indivíduos com mais de 65 anos cometem crimes cuja penalização implica o cumprimento de pena de prisão.

O aumento do número de detidos com mais de 60 anos em Portugal - 472 a 1 de dezembro deste ano [2012], contra 432 no final de 2011, o que corresponde a cerca de 3,1% do total de reclusos - foi ontem revelado pelo sub-diretor geral de reinserção e serviços prisionais, Jorge Azevedo, num encontro em Lisboa sobre envelhecimento em meio prisional. Das 199 pessoas com mais de 65 anos, a maioria ingressou no sistema pela primeira vez já em idade avançada (...) (Pereira, 2012).

Consoante um estudo recente nesta área, o principal crime cometido é o homicídio qualificado.

(...) ressalva-se que três homicídios resultaram na morte do cônjuge/companheira do entrevistado. Destaca-se, ainda, o caso de um indivíduo condenado a pena máxima de prisão em Portugal (25 anos) acusado de 35 crimes de homicídio, dos quais 13 consumados e 22 na forma tentada. O crime de tráfico de estupefacientes é o segundo tipo de crime com maior incidência, sendo quatro os indivíduos acusados. Os crimes de abuso sexual de menores, rapto e lenocínio também se evidenciaram no universo pesquisado, sendo um total de dois indivíduos acusados por cada tipo de crime referido (Santos & Nogueira, 2014:44).

Os abusos sexuais, as burlas, os delitos sexuais, o fogo posto e os homicídios também se enquadram nos crimes cometidos por esta faixa etária. O autor Costa (2007) refere que esta população pratica atos criminosos devido às dificuldades sentidas no processo de adaptação ao envelhecimento. O baixo nível de escolaridade, a baixa condição económica, a inatividade, a solidão e o isolamento social podem ser fatores que desencadeiam o crime. Destacam-se, ainda, os casos de deterioração cognitiva e de desgaste físico-emocional, que constituem *“características fundamentais dos que se tornam delinquentes pela primeira vez depois dos 65 anos”* (Costa, 2007:42).

Os dados atrás referidos justificam-se pela dificuldade que os indivíduos considerados idosos têm no processo de adaptação ao envelhecimento.

O tempo que o preso permanece encarcerado é o mesmo tempo que está envelhecendo. Mas este envelhecer, muitas vezes, surge transvertido com uma roupagem diferente daquela usada na vida das pessoas livres. Para o preso, a contagem do tempo é regressiva. As horas, os minutos, os segundos são subtraídos da sua existência. Na relação tempo-envelhecimento prisional, o tempo deveria voar, pois se o tempo voasse, mais rápido os presos teriam de volta a sua

liberdade. Nessa relação o processo de envelhecimento prisional é marcado pela espera do retorno à vida em liberdade (Deus, 2003:2-3).

No seguimento do referido, enquanto o idoso se encontra a cumprir pena efetiva de prisão, o seu processo de envelhecimento não estagna, pois o tempo no qual o idoso se encontra preso é o mesmo em que está a envelhecer. É importante referir que estamos presente uma dupla dimensão temporal, designadamente o tempo vivido e o tempo interno de cada indivíduo. Neste sentido, o tempo vivido é o representado pelas rotinas do quotidiano prisional e o tempo interno é o tempo vivido através de uma determinação consciente e efetiva da existência do indivíduo. *“Uma consciência que é tempo e que indica novas direções”* (Martins cit in Deus, 2003).

Face aos diversos processos de adaptação que o recluso idoso tem de experienciar após a entrada no contexto prisional, o ponto seguinte abarca o processo de adaptação e a “Mortificação do eu”, ou seja, a alteração e/ou ajustamento da sua identidade ao contexto totalitário.

### **3.1. A Adaptação – “Mortificação do Eu”**

A entrada do indivíduo na instituição prisional simboliza a rutura com o contexto social com a qual mantinha um contacto regular. Atualmente, as políticas penais face ao crime cometido remetem o indivíduo, seja ou não idoso, para a prisão, provocando a sua institucionalização. Neste sentido, a adaptação ao contexto prisional diz respeito à capacidade que o recluso tem para identificar e seguir as regras impostas pela instituição, seja através da sua assimilação ou negação.

A adaptação a uma nova realidade como a institucionalização numa prisão é, por vezes, difícil e lenta devido à perda de controlo do idoso sobre vários aspetos da sua vida. O idoso, desde o momento que entra na prisão é de imediato confrontado com mudanças significativas na sua carreira moral, uma carreira constituída pelas mudanças que ocorrem nas crenças que tem a seu respeito e a respeito dos outros. Assim, a entrada na prisão implicará, necessariamente, um conjunto de readaptações, tanto na gestão do tempo no quotidiano prisional, como na gestão das relações sociais, profissionais e familiares.

Thierry (cit in Martins, 2012) refere que a identidade dos indivíduos não é estática e que ao longo da sua vida vão construindo a sua identidade. No entanto, o confronto com a realidade prisional poderá levar à “mortificação do eu” ou seja, a alterações na sua identidade, que outrora era vista como aceite na sociedade.

Na linha do referido, o primeiro momento de “mortificação do eu” está relacionado com ruturas sucessivas com os papéis, anteriormente, desempenhados. Existem, também, vários rituais prisionais que se encarregam de provocar a “mortificação do eu”, começando pelo processo de entrada do recluso: o “tirar a fotografia” junto da chefia dos guardas prisionais, pesar, identificar e enumerar os bens pessoais para que sejam guardados, o preenchimento da “ficha de acolhimento” junto dos serviços de educação e ensino, a obrigatoriedade dos reclusos em se apresentarem junto dos serviços clínicos e do diretor, a atribuição de um número que substituirá o nome do recluso. Gonçalves (1993:64) refere que

(...) o sujeito é mergulhado num meio em que todo o seu sentido de identidade e toda a sua autonomia se esbatem no anonimato das roupas (que são todas iguais) das celas (que alguns teimam em revestir com fotografias ou posters para lhes dar um ar menos impessoal), enfim, dos nomes que são substituídos por números.

Além do referido, ao recluso é-lhe negada a liberdade de escolher o horário que pretende cumprir, a roupa a utilizar, o lugar onde quer dormir, entre outros. O recluso é obrigado a inserir-se num local onde os seus residentes têm por obrigação cumprir o que está imposto no regulamento prisional. Desta forma, o indivíduo tende a dissipar toda a sua identidade individual que outrora possuía para integrar o grupo de reclusos (Gonçalves, 2000).

O recluso, seja ou não idoso, confronta-se com uma série de rituais institucionais que implicam uma “*exposição contaminadora*” (Goffman, 1961:31) através da explanação da sua história de vida e da trajetória prisional, do controlo dos objetos que pode ter na cela, da quantidade de comida que pode receber das visitas, bem como do controlo da entrada e saída de correspondência. “*Na admissão, os fatos a respeito das posições sociais e do comportamento anterior do internado – principalmente os fatos desabonadores – são corrigidos e registrados num dossier que fica à disposição da equipe diretora* (Goffman, 1961:31).

Neste sentido, a prisão é reconhecida por provocar a homogeneização dos indivíduos submetidos às suas normas, bem como contribuir para a ausência de identidades pessoais. O recluso é de imediato *“conformado e codificado num objeto que pode ser colocado na máquina administrativa do estabelecimento, modelado suavemente pelas operações de rotina”* (Goffman, 1961:26).

O recluso é confrontado com novas ideologias e aprendizagens a que não estava habituado no meio comunitário onde residia. Para um recluso idoso que entra pela primeira vez no sistema prisional, *“(...) a prisão é mais “dura”, em primeiro lugar, por ser à partida um ambiente totalmente desconhecido e o cumprimento da pena um processo nunca antes experienciado”* (Gonçalves, 1993:49).

No período em que o processo de “mortificação do eu” se desenvolve, o recluso se cumprir com as regras institucionais é inserido no sistema de privilégios, ou seja, se o recluso adotar comportamentos adequados é compensado e se ocorrer o inverso é castigado. Nesta ótica, o sistema de privilégios e os processos de “mortificação do eu” parecem ser a condição para a adaptação do recluso.

Perante o referido, urge a necessidade de compreender a existência de várias tipologias de adaptação à prisão, designadamente: o retraimento, a intransigência, a colonização e a conversão. A primeira tipologia de adaptação caracteriza-se pela abstração do recluso no envolvimento nas atividades que não tenham como objetivo a satisfação de algo imediato e, por sua vez, as opiniões alheias são-lhe indiferentes. A intransigência é descrita como o recluso intencionalmente recusar-se a cooperar com a administração. A colonização caracteriza-se por aquisições sucessivas das facilidades provenientes do mundo exterior e, a partir do momento que apreende essas facilidades, o recluso constrói a sua existência intramuros, atenuando as diferenças existentes entre a prisão e o mundo exterior. *“A experiência do mundo externo é usada como ponto de referência para demonstrar como a vida no interior da instituição é desejável, e a usual tensão entre os dois mundos se reduz de maneira notável”* (Goffman, 1961:60). A última tipologia, denominada de conversão, diz respeito à *“adoção de uma atitude de total “colagem” à ideologia do estabelecimento representando o indivíduo o papel de internado “perfeito”* (Gonçalves, 1993:168).

A partir do momento que um recluso coopera com as atividades instituídas sob condições de funcionamento pré-definidas, torna-se um participante “programado”.

Por outras palavras, o recluso cinge-se a viver numa realidade que não a sua. Por outro lado, um recluso poderá adaptar-se à prisão através da participação em negócios ilícitos ou com fins não autorizados, escapando às regras instituídas (Goffman, 1961). É por isso de ressaltar que os reclusos, mesmo quando submetidos a regras punitivas, não são submissos e procuram controlar a sua própria vida.

Santos & Nogueira (2014) revelam-nos que os reclusos assumem a prática laboral e formativa como estratégia de adaptação à reclusão. Para além do referido, outros reclusos tendem a reduzir a sua rede social pela não identificação com as restantes faixas etárias, existindo aqueles que através de atividades de convívio tentam integrar-se na dinâmica da instituição.

Acredita-se que o trabalho prisional e as ocupações são uma fonte de equilíbrio psicológico. No entanto, a permanência da inatividade durante longos períodos de tempo acentua os sentimentos de isolamento, a diminuição da autoestima e, por conseguinte, promove o aparecimento de agressões para com outros reclusos (Gonçalves, 2000). Dentro da prisão o idoso é obrigado a partilhar espaço com diferentes faixas etárias, sendo que *“(...) o hábito de, em prisões (...) misturar grupos etários, étnicos e raciais, pode fazer com que o internado sinta que está sendo contaminado por contato com companheiros indesejáveis”* (Goffman, 1961:35).

Com o envelhecimento, tal como referido, os idosos perdem algumas capacidades físicas e motoras, levando a uma dependência, sendo estas experiências negativas que levam à solidão se o idoso não tiver apoio familiar ou social a que possa recorrer para minimizar estes problemas. Tudo o que possa diminuir a autoestima é suscetível de aumentar a solidão e dificultar a sua adaptação à prisão. Nesta linha de pensamento, uma adaptação eficaz é aquela que fortalece as ligações afetivas, sentido de responsabilidade social e promove o envolvimento em tarefas socialmente significativas.

Nesta fase da vida, o idoso ao ser institucionalizado numa prisão tende a deteriorar o seu estado de saúde. A inexistência de hábitos saudáveis, o consumo de substâncias psicotrópicas, o *stress*, a sobrelotação, a monotonia e o frio que se vive dentro dos corredores levam à aceleração do processo de envelhecimento (Santos & Nogueira, 2014).

É relevante mencionar que a reinserção de um recluso em meio livre vai sendo preparada dentro da prisão e, neste sentido, aquando da sua liberdade o recluso deve estar ciente que não pode regressar ao mundo do crime. Neste sentido, todo o trabalho efetuado com os técnicos de reeducação deve ser tido em consideração pelo recluso, pois tudo o que aprende em contexto laboral e socioeducativo poderá ser útil para a inserção no mercado de trabalho, por exemplo. Contudo, a idade avançada (para alguns) é uma preocupação, pois o acesso ao mercado de trabalho não será uma tarefa fácil.





### **CAPÍTULO III – TRILHOS PERCORRIDOS**

---



### 4. Descrição do Percurso de Estágio

A entrada na realidade do E.P. Porto como estagiária das Ciências da Educação contemplou duas dimensões: a intervenção e a investigação. Durante a minha presença *in locus* tive a oportunidade de observar e participar nas atividades desenvolvidas pelos T.S.R e por entidades que se deslocaram ao contexto para promover atividades em prol do desenvolvimento social dos reclusos. Além do referido, atendendo à complexidade da realidade prisional e à vontade de procurar construir conhecimento sobre uma temática, a vertente de investigação foi surgindo no decurso do estágio.

Ao longo de toda a permanência no local na realidade do E.P. Porto fui experienciando o papel de um T.S.R. e, para tal, fui auxiliando a minha orientadora local nas diversas atividades desenvolvidas neste contexto, nomeadamente: os atendimentos individuais aos reclusos; a participação nas reuniões de pavilhão, nas reuniões de Equipa de Observatório Permanente (E.O.P.), no Conselho Técnico para atribuição de R.A.I., o programa “*Construir um Plano de Prevenção e Contingência*”, a realização de avaliações e Planos Individuais de Readaptação e participação na atividade de música do projeto ECOAR – Empregabilidade, Competências e Arte.

Os atendimentos individuais eram uma constante do meu dia-a-dia enquanto estagiária.

*“A parte da tarde foi mais atribulada. Por volta das 14h30 estive com a minha orientadora a realizar atendimentos no pavilhão C. Hoje faltou uma das técnicas e todos os reclusos com número par que solicitaram atendimento foram atendidos pela minha orientadora. Neste sentido, os atendimentos realizados tiveram como intuito consultar as conta-correntes, esclarecer uma situação jurídica, informar as visitas autorizadas, alterar uma fixação de visita, inserir números de telefone no cartão do recluso e preencher uma petição para pedir impedimento laboral (Notas de Terreno Maria Fernandes, 29 de Janeiro de 2016)”.*

*“ (...) em conjunto com a minha orientadora, dirigimos os nossos passos para o pavilhão C onde os atendimentos individuais iam ser iniciados. Ao entrar no corredor central tivemos de esperar*

*que o guarda nos abrisse a porta para termos acesso ao mesmo espaço dos reclusos. Quando entramos no pavilhão C, levantamos o expediente com os guardas, abrimos o gabinete e enquanto eu preparava o computador e a cadeira, a minha orientadora abriu a caixa de correio para retirar as cartas e as petições que os reclusos deixaram. Consequentemente, verificamos quais as petições que estavam integradas na sua lista de atendimentos, deixando as restantes no parapeito da janela para as restantes técnicas atenderem os seus reclusos. Os reclusos foram entrando e levantando as suas dúvidas relativamente à sua situação jurídica” (Notas de Terreno Maria Fernandes, 25 de Novembro de 2015).*

*“De repente, o barulho instalou-se no pavilhão [B] e todos os reclusos queriam ser atendidos, não respeitando, por vezes, as ordens do técnico. Estando um recluso a ser atendido, outro já ia entrando pelo gabinete e não esperava pela sua vez. Como a técnica estava sozinha e não dava conta do recado estive a auxiliá-la, realizando a maior parte dos telefonemas solicitados e resolvendo questões relacionadas com a contabilidade” (Notas de Terreno Maria Fernandes, 23 de Dezembro de 2015).*

No seguimento do referido, depreende-se que os atendimentos individuais ocorrem todos os dias e sempre que o recluso os solicite. Os atendimentos, na sua maioria, estavam relacionados com a entrega de documentos, consulta de conta-corrente, pedido de telefonema para o exterior, inserção de contactos telefónicos no Sistema de Informação Prisional, pedidos de saída ao exterior e esclarecimentos de dúvidas quanto à situação jurídica.

Além do referido, às terças-feiras a equipa responsável pelo acompanhamento dos reclusos no pavilhão C (local onde estive inserida ao longo do estágio) reunia-se para partilhar acontecimentos que careciam de ser solucionados. Estas reuniões também permitiam à equipa conversar sobre os problemas existentes no trabalho realizado ao longo da semana, tal como é visível no seguinte excerto:

*“A reunião de pavilhão iniciou às 10h30 num dos gabinetes da equipa técnica. Esta manteve os procedimentos normais, até ao momento em que ocorreu um desentendimento na equipa técnica. Do que observo diariamente, verifico que os reclusos acompanhados por um membro da equipa técnica queixam-se constantemente do seu atendimento, ou melhor, do não atendimento. Estes reclusos diariamente discursam negativamente sobre o mesmo e pedem à minha orientadora para ver a conta-corrente, pedir telefonemas, entre outros. Face a isto, acordou-se que a partir de hoje nenhum técnico atende recluso de outro, salvo se faltar, sendo orientado pelo chefe de ala” (Notas de Terreno Maria Fernandes, 03 de Novembro de 2015).*

No dia seguinte à reunião de pavilhão, por norma, ocorria a reunião da Equipa de Observatório Permanente. Nesta reunião encontravam-se presentes a adjunta do diretor responsável pelo Tratamento Penitenciário, um chefe de guardas, um membro da equipa de cada pavilhão e um membro do serviço clínico, sendo que, alternadamente participavam na reunião e partilhavam as situações analisadas nas reuniões dos pavilhões e que necessitavam de respostas.

*“A parte da manhã foi destinada à reunião de observatório permanente onde os representantes dos pavilhões, dos serviços clínicos, o chefe de guardas e a adjunta do diretor debateram algumas ideias centrais do trabalho diário no estabelecimento prisional. Neste dia em específico, partilharam-se assuntos relativos aos entrados, mais concretamente, o caso de um recluso toxicodependente que na opinião do técnico de reeducação necessita de um acompanhamento dos serviços clínicos. Além disto, foram solicitados vários pedidos de acompanhamento dos serviços clínicos, psicologia e psiquiatria. Alertaram para o caso específico, de um recluso que, neste momento, encontra-se com excesso de peso e necessita de realizar exercício físico para não surgirem novas complicações de saúde (Notas de Terreno Maria Fernandes, 04 de Fevereiro de 2016).*

No seguimento do estágio, também tive a possibilidade de observar no Conselho Técnico para colocação em R.A.I. e, em conjunto com a orientadora local, preparei a monitorização da situação dos reclusos presentes na listagem para aprovação da nova medida de flexibilização da pena e participei na realização de Planos Individuais de Readaptação que, sempre que facultado, era partilhado pelos técnicos e aprovado pelo diretor do estabelecimento prisional no Conselho Técnico.

*“O Conselho Técnico para colocação em R.A.I. começou às 14h30, estando presentes o diretor, o chefe de guardas, a adjunta do diretor e os técnicos que realizam o acompanhamento dos reclusos presentes na listagem para apreciação em colocação desse regime. Nesta reunião os técnicos têm em consideração a situação jurídica e o percurso prisional e, por norma, se o recluso tiver beneficiado de apenas uma saída jurisdicional não lhe é atribuído novo regime ou, por exemplo se o meio de pena estiver longe. Após todos os reclusos serem apreciados para o novo regime, alguns técnicos permaneceram na sala para partilhar as propostas do Plano Individual de Readaptação” (Notas de Terreno Maria Fernandes, 27 de Janeiro de 2016).*

Por conseguinte, é exigido ao T.S.R. a recolha de informação acerca do percurso prisional do recluso, bem como a atribuição de um parecer favorável/desfavorável em relação às medidas de flexibilização da pena. Numa lógica de trabalho de equipa, em conjunto com a orientadora local, auxiliei no processo de atribuição desse parecer.

Acrescento, ainda, que tive a oportunidade de participar na realização de avaliações de renovação de instância solicitadas pelo Tribunal de Execução de Penas. É importante mencionar que a realização de avaliações é um processo crucial no percurso prisional dos reclusos, uma vez que nelas são expressas as mudanças efetivas do seu comportamento e perspetivas futuras de reinserção social.

*“Depois do almoço e atendendo ao número de avaliações solicitadas pelo Tribunal de Execução de Penas, sugeri à minha orientadora ser eu a redigir as avaliações que conseguisse na parte da tarde. (...) tomei a liberdade de ir até à secção de reclusos recolher as informações necessárias sobre os reclusos que seriam avaliados. De seguida, regressei ao gabinete e iniciei a avaliação de um recluso que está prestes a sair em liberdade (o final da pena é em outubro) (...) Segui os procedimentos normais da realização das avaliações (a história de vida, o percurso educativo e laboral, o estado de saúde, as saídas ao exterior, as perspetivas de reinserção social) e reconstruí a sua história conforme os dados recolhidos no processo da secção de educação, na entrevista e no relatório redigido pela equipa de reinserção social. No final a minha orientadora deu uma leitura e procedemos à sua impressão” (Notas de Terreno Maria Fernandes, 28 de Janeiro de 2016).*

Relativamente ao programa *“Construir um Plano de Prevenção e Contingência*, tal como o nome indica, visa a prevenção da reincidência e da recaída, direcionado a reclusos na fase final do cumprimento de pena e foi concebido de forma a adaptar-se a reclusos em regime fechado ou em regime aberto. Neste sentido, os principais objetivos do programa resumem-se no seguinte: a avaliar a importância de antecipar o que pode correr mal na sua vida futura, a construir planos de prevenção (utilizar estratégias de antecipação e de correção), a construir planos de contingência, a traçar as metas/objetivos que pretendem alcançar a curto médio e longo prazo (após a libertação), a planear as ações necessárias para atingir essas metas e a construir um projeto de vida para o ano seguinte à sua libertação. Apesar do programa ser bastante estruturado, à medida que ia acontecendo, decorreram alguns constrangimentos referentes à sala onde iria decorrer.

*“ [o programa] (...) ainda não possui uma sala para o efeito pretendido para a próxima sessão, em conjunto com a minha orientadora dirigimo-nos a todos os pavilhões, onde os reclusos estão alocados, com o objetivo de avisá-los que hoje não iria ocorrer a sessão da tarde. Um dos reclusos comentou que o trabalho de casa já está a ganhar bolor na cela, pois este trabalho já foi pedido há duas semanas atrás e ainda não ocorreu nova sessão” (Notas de Terreno Maria Fernandes, 27 de Janeiro de 2016).*

*“Por volta das 15 horas reunimo-nos com a adjunta do diretor com o intuito de solucionarmos o problema do espaço para o desenvolvimento da quinta sessão do Programa “Construir um Plano de Prevenção e de Contingência”. Tentamos, ao máximo encontrar um espaço para a sua realização, no entanto, nem na escola há uma sala vaga e, por essa razão invocamos a ajuda de uma pessoa com poder na instituição para nos auxiliar na busca do não encontrado. Todos os sítios possíveis estavam ocupados” (Notas de Terreno Maria Fernandes, 20 de Janeiro de 2016).*

No que respeita à participação na atividade de música do projeto ECOAR – Empregabilidade, Competências e Arte é essencial referir que foi desenvolvido um projeto musical direcionado à população reclusa que não estivesse a desempenhar qualquer tarefa, seja laboral ou escolar. Esta atividade decorreu às terças e sextas-feiras da parte da manhã no salão de visitas e era acompanhada por dois membros da equipa de reeducação, inclusive a minha orientadora, um professor de música da associação a PELE<sup>4</sup>, uma técnica superior das Ciências da Educação da FPCEUP e um membro do corpo de guardas prisional. Deste modo, a atividade musical consistia em construir uma peça musical e no final das sessões programadas pelos responsáveis do projeto, apresentaram à comunidade. Ressalvo, ainda, que este projeto envolveu outros estabelecimentos prisionais, onde a arte circense e a dança foram as áreas trabalhadas com a população reclusa masculina.

---

<sup>4</sup>. **A PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural** é “uma estrutura artística do Porto, criada em 2007, e que aposta na afirmação do teatro enquanto espaço privilegiado de diálogo e criação coletiva, norteando os processos de trabalho pelo princípio de colocar os indivíduos e as comunidades no centro da criação, potenciando processos de “empoderamento” individuais e coletivos e procurando o equilíbrio entre ética, estética e eficácia, assumindo a criação artística como uma alavanca para o desenvolvimento comunitário, social e económico, contribuindo para a coesão social e territorial”.



Além do referido, participei no preenchimento de saídas administrativas, na consulta de documentos relativos aos processos individuais dos reclusos, na celebração do dia da U.LD. e na festa de Natal do estabelecimento prisional.

Nesta lógica, a minha participação nas diferentes atividades proporcionou a compreensão de uma realidade que desconhecia. Deste modo, *“as situações do quotidiano exigem respostas contextualizadas num diálogo permanente entre teoria e prática que concilie a universalidade dos princípios com a singularidade das situações”* (Timóteo & Bertão, 2012). Portanto, o ponto seguinte incide nas principais linhas de investigação que guiaram o meu percurso de estágio no contexto prisional.

## **5. Linhas de Investigação**

A investigação diz respeito a um *“conjunto de procedimentos operacionais e técnicas para adquirir um conhecimento mais profundo e sistemático”* (Ander-Egg, 1989:33) sobre uma determinada realidade social. Por outras palavras, desenvolver uma investigação ou uma análise da realidade social envolve um processo com diferentes momentos: na descrição (descrever a situação, o que há e o que não há; os seus recursos e potencialidades), na perceção social (o que é que a população pensa acerca da realidade em que está inserida), na interpretação (porque é que a realidade é assim; questioná-la e compreendê-la), nas alternativas (que outras formas de realidade poderiam ser; que alternativas há quando a realidade necessita ser modificada) e no ajuste (adequar aquilo que temos ao que ambicionamos ser) (Cembranos, 1988).

Durante este processo devemos ter em conta a complexidade da realidade. Ao longo deste procedimento devemos fazer uma autoanálise e um autodiagnóstico, para verificar se o estamos a realizar da forma mais adequada. Neste seguimento de ideias, devemos ter consciência de que *“(...)a investigação científica deve começar pela ruptura com as pré-noções típicas do conhecimento corrente”* (Silva & Pinto, 2009:29). Em Ciências Sociais, a nossa bagagem teórica está repleta de inúmeras armadilhas, iludindo-nos com aparências imediatas e/ou posições parciais (Quivy & Campenhoudt, 1998). Como investigadora procurei adotar uma postura de pesquisadora viajante, na medida em que tentei romper com o que conheço da realidade social de forma a não

prejudicar um trabalho desta envergadura (Pais, 1993). Neste sentido, as leituras teóricas serviram como guia na compreensão da realidade, ajudando-me a ter uma visão pluralista e histórica da realidade prisional.

Investigar em Educação implica considerarmos a diversidade de perspectivas teóricas, imbuída de ambiguidades e questões por responder. Assim, Quivy & Campenhoudt (1988:17) referem que ao investigar no social, o investigador aprende a

compreender melhor os significados de um acontecimento ou de uma conduta, a fazer inteligentemente o ponto da situação, a captar com maior perspicácia as lógicas de funcionamento de uma organização, a refletir acertadamente sobre as implicações de uma decisão política, ou ainda a compreender com maior nitidez como determinadas pessoas apreendem um problema e a tornar visíveis alguns dos fundamentos das suas representações.

É relevante referir o erro que na maioria das vezes os investigadores cometem quando estão impacientes para entrar no terreno, não se preocupando em conhecer o trabalho desenvolvido por outros profissionais. Charlot (2006) alerta-nos para a necessidade, de numa primeira fase, percebermos o que queremos investigar e revisar a literatura existente. Deste modo, iniciei o meu trajeto de investigação levando a cabo uma pesquisa bibliográfica acerca da problemática e sobre as questões metodológicas que poderiam orientá-lo. Nesta ótica, Bolivar acredita que a prática articulada com a teoria é um fator motivador do trabalho de muitos autores que realizam investigações no campo da Educação.

As possibilidades de temas para investigar em contexto prisional eram muito vastas e, sem dúvida, foi necessário reduzir o meu campo de interesses. Nesta linha de pensamento, o tema da minha investigação em contexto de estágio recaiu no Envelhecimento em Contexto Prisional. A razão da escolha deste tema deve-se ao facto do meu percurso académico em Educação Social não ter recaído sobre este campo, apesar de sempre ter tido particular interesse por contextos de risco; no entanto, nunca tive oportunidade de contactar essas realidades.

A pertinência da escolha deste tema de investigação deve-se, também, à insuficiência de estudos que articulem, simultaneamente, os conceitos de Envelhecimento e Contexto Prisional. No decurso da pesquisa bibliográfica verifiquei que os dados na área do Envelhecimento e Contexto Prisional são bastante escassos

em Portugal, embora internacionalmente existam diversas investigações centradas na saúde mental, que no entanto não aliam o tema do Envelhecimento a este contexto em específico.

Para além do mencionado, os profissionais da área da Educação Social abordam o conceito de Envelhecimento em contextos como centros de dia, lares, centros de convívio e, a meu ver, seria interessante compreendê-lo num contexto fechado e restrito, como a prisão. É necessário consciencializar os indivíduos da necessidade de refletir e investigar nesta fase do ciclo de vida, num contexto fechado e totalitário, onde as expectativas de vida começam a ser escassas.

Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal (...). [Neste sentido] o investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um primeiro fio condutor tão claro quanto possível, de forma que o seu trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência (Quivy & Campenhoudt, 1998:29).

Nesta ordem de ideias, depreende-se que uma investigação deve seguir necessariamente uma estrutura orientadora. Esta é marcada por cinco etapas, designadamente, a definição de tópico e questões de investigação; as perspetivas teóricas; os dados a recolher; a análise de dados e a escrita.

A melhor forma de começar um trabalho de investigação social consiste em nos esforçarmos [por definir uma pergunta de partida]. Com esta pergunta, o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível aquilo que procura saber, elucidar, compreender melhor. A pergunta de partida servirá de primeiro fio condutor de investigação (Quivy & Campenhoudt, 1998:41).

Neste sentido, de forma a orientar o meu trabalho levantei a seguinte questão de investigação: **De que forma os reclusos vivenciam o seu processo de Envelhecimento no Contexto Prisional?** Tendo em conta o tema e a questão de investigação, os objetivos a que me proponho são: compreender as representações dos reclusos em torno do conceito de Envelhecimento, estudar a passagem do tempo dos reclusos considerados idosos na prisão, o impacto da privação de liberdade nessa população, o trabalho realizado pelos profissionais com esta faixa etária. Pretende-se, também, através da presença em contexto de estágio, esclarecer de que forma estes reclusos perspetivam a sua reinserção social. Só desta forma, e a partir desta pequena

investigação, se poderá pensar em novos métodos de trabalho para estes reclusos que vivem a sua velhice numa instituição total.

Consciente que o contexto prisional acarreta um conjunto de limitações e obstáculos à investigação, no decurso da mesma estive disposta a redefinir as minhas escolhas (epistemológicas, teóricas e metodológicas) e a tomar novas decisões. Estas decisões estiveram relacionadas com a escolha dos objetivos de investigação, das técnicas e métodos de recolha de dados mais adequadas para a investigação em causa. No decurso das leituras teóricas tive de escolher as explicações teóricas mais adequadas para o trabalho que pretendia desenvolver e, por sua vez, que permitissem orientar o meu trabalho em prol dos objetivos de investigação propostos. Além do mais, durante o processo de investigação foi necessário ajustar-me ao contexto e ajustar-me à sua rotina, tais como: aos horários da instituição prisional e aos rituais de entrada numa instituição total.

Uma investigação científica não é, de todo, independente de quem a realiza, ou seja, do processo de decisão, da construção teórica, e das conceções que cada um tem relativamente ao que idealiza para o seu trabalho. Nesta lógica, procurei seguir um rumo de investigação próprio, que, tendo os cuidados científicos necessários, distancia-se da perspetiva positivista, emergindo nos caminhos implicados no contexto e na interação com os atores sociais.

Atendendo ao contexto fechado do E.P. Porto existiam diversas limitações a ele inerentes tais como: o fechamento da instituição às pessoas externas, as regras institucionais e o posicionamento dos reclusos e técnicos. No entanto, importa referir a importância da Epistemologia da Escuta no processo de investigação que, a meu ver, tornou-se relevante na recolha de dados e proximidade com o contexto.

Ao colocarmos numa posição de escuta, envolvemo-nos na temporalidade dos fenómenos, ou seja, envolvemo-nos na ordem do aparecimento e desenvolvimento dos fenómenos a que nos tornámos sensíveis. Trata-se de uma ordem que não é produzida por aquele que escuta, que ele não domina, de uma ordem irreversível que o faz assistir ao desenvolvimento progressivo de um conjunto de acontecimentos. (...) Na escuta não é tanto o som que é importante, mas mais a forma de nos relacionarmos com a realidade (Berger, 2009:189).

Face ao exposto, estando no terreno é necessário saber comunicar, criar relações e desenvolver uma atitude empática. Parafraseando Habermas (cit in Morrow & Torres, 1998) na Teoria da Ação Comunicativa, os indivíduos devem procurar resolver os seus impasses utilizando o discurso argumentativo sendo sempre o mais claro possível. Os relacionamentos são indispensáveis para a construção de uma relação de confiança que proporcionará uma boa integração do investigador, uma maior implicação e adaptação às características do grupo, permitindo perceber as interações sociais, as suas raízes e os caminhos percorridos no seio da comunidade. Deste modo, devemos *“valorizar a proximidade com as pessoas e com a singularidade das situações, evidenciando a riqueza das pequenas experiências e a grandeza dos gestos simples”* (Baptista, 2001: 57).

Saliento, ainda, que realizar uma investigação neste campo implicou interpelar *“(...) conhecimentos, conceitos e métodos originários de campos disciplinares múltiplos, (...) saberes, práticas, fins éticos e políticos”* (Charlot, 2006:9). Deste modo, o ponto seguinte cinge-se ao mapa de investigação seguido ao longo do percurso de estágio.

### **5.1. Mapa de Investigação**

A entrada num contexto desconhecido é sempre revestida por um misto de sensações e pensamentos que, de uma forma ou de outra, vão condicionando o nosso comportamento enquanto profissionais das Ciências da Educação. Neste seguimento,

*“Investigar em educação não é o mesmo que investigar numa outra área qualquer do social, devido à especificidade do fenómeno educativo, devido ao que os educadores fazem e se propõem como objetivos e, devido, ainda ao que os mesmos precisam de saber e que é, certamente, diferente do que necessitam outras áreas da atividade humana (Amado, 2014:19-20).*

Iniciei o estágio com uma reunião de apresentação no dia dezasseis de outubro de 2015, onde estava presente, a Adjunta da Direção (responsável pelo Tratamento Penitenciário) a orientadora local (Técnica Superior de Reeducação) e o orientador de estágio da faculdade. Nesta primeira reunião tive a oportunidade de conhecer parte das instalações do E.P. Porto, recolher informações significativas para o futuro

desenvolvimento do estágio, como os cuidados que devia tomar face às características específicas da realidade e, negociar o meu horário de estágio.

Nos dias de estágio seguintes, procurei inteirar-me das várias atividades desenvolvidas no estabelecimento prisional e o seu modo de funcionamento. Portanto, as primeiras semanas de estágio decorreram no sentido de construir conhecimento e produzir sentido acerca da realidade em questão, que se revelou importante para descortinar alguns pensamentos pré-concebidos. É relevante referir que as constantes passagens do mundo exterior para o mundo prisional permitiram-me aproximar dos rituais instituídos e compreender a lógica de funcionamento de uma instituição total.

No seguimento do referido, a partilha de informação entre os vários elementos que integram o E.P. Porto impulsionaram o acesso a discursos próprios dos técnicos acerca da realidade e, ao mesmo tempo, permitiram adquirir conhecimentos indispensáveis da prática profissional no contexto prisional. Além de estar em contacto permanente com os técnicos de reeducação, também tive a oportunidade de contactar com elementos da secção de reclusos, administrativos, adjuntos da direcção e guardas prisionais.

A distância que se mantinha entre os reclusos e os técnicos impressionava-me pois, devido às características do contexto, ao invés de tratá-los pelo nome tratavam-nos pelo número interno. É certo que o contexto prisional *“(...) individualiza, faz de cada detento um indivíduo, um objeto controlável, identificável, inumerável (...)”* (Foucault, 1999:171), no entanto, o tratar pelo número levou a que a minha capacidade de memorização aumentasse, uma vez que, tinha de associar um número a uma cara. A estranheza desta associação número-cara foi diminuindo à medida que a minha envolvência nas dinâmicas institucionais aumentava.

Atendendo ao contexto onde estive inserida, devido ao seu fechamento e regras específicas de funcionamento foi imprescindível revisar a literatura para compreender o contexto prisional e a população nela inserida, como também consultar documentos legislativos. Posto isto, estando no terreno o campo de investigação cingiu-se na interação com a população reclusa, quer nos atendimentos individuais quer nas atividades desenvolvidas pela equipa técnica e, na interação com os técnicos de reeducação social. Bogdan e Biklen (1994, cit in Amado, 2013:154)

afirmam que *“a participação exata varia ao longo do estudo, à medida que as relações se desenvolvem, vai[-se] participando mais”*. Neste sentido, estando no terreno três vezes por semana, a minha participação nas atividades rotineiras foi aumentando consoante a autorização da minha orientadora local e conforme as atividades planeadas pelo E.P. Porto no decurso do estágio. Além do referido, a disponibilidade da orientadora local na partilha de conhecimento sobre a realidade foi crucial para a minha integração no E.P. Porto.

Além do mais, as observações constantes sobre a realidade eram inevitáveis e, sempre que possível, eram registadas para uma futura análise das informações recolhidas. No entanto, recorrer somente à observação não era suficiente e, por esse motivo, foi imprescindível entrevistar um conjunto de reclusos (adultos e idosos) para encontrar respostas, uma vez que, o contacto com eles era limitado.

Ao longo da minha permanência no local, além de procurar respostas para a questão de investigação fui experimentando as funções de um Técnico Superior de Reeducação, na medida em que, além de estar presente nos atendimentos individuais, por vezes, fui dando resposta às necessidades que iram surgindo no contexto.

Ao nível de constrangimentos e obstáculos, não surgiram obstáculos significativos que dificultassem a minha integração enquanto estagiária, sendo possível estabelecer diálogos com a equipa técnica e com a maioria dos reclusos que se encontravam presentes no E.P. Porto e, que mantinha um contacto regular nos atendimentos individuais e nas atividades desenvolvidas pela orientadora local e por outrem.

Desta forma, atendendo à investigação em causa, o ponto seguinte incide no meu posicionamento enquanto investigadora, dando conta detalhadamente das opções metodológicas que a guiaram.

## **5.2. Procedimento Metodológico**

Planificar a investigação e/ou intervenção implica um trabalho prévio de gradual seleção e construção da questão de partida, objetivos de investigação, métodos e técnicas de recolha de dados. Assim, neste momento dedicado à apresentação dos métodos e técnicas de recolha de dados, procederei à seleção dos

mesmos enfatizando a sua importância e pertinência na investigação proposta em contexto de estágio.

Estando no papel de investigadora devo ser coerente com a minha opção metodológica tanto na prática como na escrita. É essencial procurar adotar procedimentos metodológicos que permitam uma análise mais flexível, assim como a compreensão das experiências e dos significados que as pessoas constroem em interação.

A prática deve ser sempre contextualizada, isto é, deve obedecer e adequar-se ao meio e ao público a que se destina e aplicando e dando corpo a uma teoria. Enquanto estamos no terreno, devemos definir técnicas a partir dos conhecimentos que a pesquisa foi produzindo, ou seja, devemos selecionar os modos de fazer e os procedimentos que vamos adotar, para intervirmos na realidade sobre a qual nos debruçamos. Para esse efeito, devemos definir e eleger as técnicas que vamos utilizar e os instrumentos de que nos vamos servir (Charlot, 2006:11).

Boaventura de Sousa Santos (cit in Amado & Boavida, 2008:41) evidencia na sua obra que *“cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta”*.

Na linha do referido, como suporte à investigação em contexto de estágio recorri ao método qualitativo e às seguintes técnicas para estudar o objeto de estudo acima proposto: análise documental, registo diário das observações no terreno, observação, entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo. Posto isto, é chegado o momento de esclarecer em que consiste cada método e técnica de recolha de dados selecionados para a investigação e a forma como foram utilizados. Sabendo que me posiciono num paradigma pós moderno (Boaventura Sousa Santos), o método utilizado foi o qualitativo.

O método qualitativo assenta na pesquisa, explicitação e análise dos fenómenos sociais. Estes não são possíveis de serem medidos, pois dizem respeito a crenças, representações, a estilos pessoais de relação, a procedimentos de decisão, entre outros, possuindo características específicas dos fatos humanos (Holanda, 2006).

Além do referido, a investigação que o investigador qualitativo desenvolve é considerada um processo interativo, pois conjuga vários fatores de ordem social e



pessoal, permitindo recolher informações ricas, densas e reflexivas dos fenómenos sociais em análise (Aires, 2011).

A Análise de Documentos diz respeito à

consulta de registos localmente produzidos e documentos pessoais (...) [que] fornece informação complementar e, até certo ponto, pode esporadicamente substituir a observação directa e a conversa ou entrevista informal no fornecimento das descrições de actividades e, especialmente de depoimentos utilizáveis na caracterização (Costa, cit in Silva & Pinto, 2003:141).

Esta técnica permitiu recolher informações relevantes para a construção do conhecimento. Desta forma, procurei analisar o regulamento geral dos estabelecimentos prisionais, as legislações em vigor e toda a documentação prisional necessária para a investigação.

Segundo Costa (2003:132) *“O que é que o investigador faz no terreno? (...) observa os locais, os objectos e os símbolos, observa as pessoas, as actividades, (...), as interacções verbais, as maneiras de fazer, de estar e de dizer (...) observa as situações, os ritmos, os acontecimentos”*. A observação qualitativa é fundamentalmente naturalista, uma vez que, é praticada *in locus* entre os atores sociais que participam genuinamente na interação e segue o processo normal do quotidiano (Adler & Adler cit in Aires, 2011). Neste sentido, a observação permitiu-me olhar para a realidade com diferentes perspetivas e recolher um vasto número de informações sobre os comportamentos, os discursos e acontecimentos observáveis que passam despercebidos. Além do mais, as observações que realizei e o facto de interagir constantemente com a equipa técnica e os reclusos, permitiu compreender o modo como os elementos que fazem parte do contexto interagem. Assim, as observações realizadas nos atendimentos individuais, nos corredores, nas atividades desenvolvidas e/ou nas reuniões da equipa técnica culminaram na elaboração de notas de terreno, registos diários em que relato as minhas vivências e experiências *in locus*. Estes registos permitiram-me desconstruir os discursos e os sentimentos reais da população reclusa.

Estando inserida na realidade, o campo de observação participante, não se revelava suficiente para responder à questão de investigação proposta. Na eminência

de encontrar respostas para a questão de partida foi necessário começar a fazer perguntas.

Fazer perguntas é normalmente aceite como uma forma rentável (frequentemente única) de obter informação sobre comportamentos e experiências passadas, motivações, crenças, valores e atitudes, enfim sobre um conjunto de variáveis de foro subjetivo não diretamente mensuráveis (Foody, 1996:1).

A Entrevista Semiestruturada foi uma técnica aplicada aos reclusos com o objetivo de conhecer a realidade institucional e o tema proposto para investigar de uma forma mais pormenorizada. Assim, como nos refere Manzini (1990/1991:154), a entrevista semiestruturada centra-se num assunto sobre o qual delineamos um roteiro, com perguntas principais e no desenrolar da sua realização colocam-se outras questões que vão complementar o nosso roteiro.

Segundo Bogdan & Biklen (1994:68), as entrevistas efetuadas pelos investigadores qualitativos,

(...) são mais semelhantes a conversas entre dois confidentes do que a uma sessão formal de perguntas e respostas entre um investigador e um sujeito. Esta é a única maneira de captar aquilo que é verdadeiramente importante do ponto de vista do sujeito.

Na linha do referido, o guião da entrevista (Anexo I) era constituído por nove categorias e procurava, em primeiro lugar, caracterizar a população reclusa (dados pessoais, tipo de crime e condenação); depois, era essencial desvendar o processo de adaptação do recluso; de seguida, procurou-se perceber a verdadeira perceção do recluso quanto ao seu nível de segurança e as situações que provocam *stress* na prisão. Num momento posterior, procurou-se perceber as questões relativas ao “ser novo ou velho” em contexto prisional; o percurso vivido pelo recluso dentro do E.P. Porto; as perceções e dinâmicas socio afetivas; o funcionamento do E.P. Porto e, por último as perspetivas de reinserção social. Além do mais, as entrevistas tiveram uma duração variável entre os treze e oitenta e sete minutos.

As entrevistas foram realizadas a doze reclusos do E.P. Porto, procurando, na sua escolha, reparti-los pela faixa etária, ou seja, seis elementos com idade inferior a

sessenta e cinco anos e seis elementos com idade superior ou igual a sessenta e cinco anos. Estes intervalos etários foram escolhidos por se considerar que correspondem a diferentes percursos de vida e diferentes formas de analisar e interpretar a sua realidade e a realidade institucional. Portanto, através desta amostra será possível comparar o percurso de um idoso e de um adulto em situação de reclusão de forma a compreender o processo de envelhecimento dos reclusos considerados idosos.

Além do referido, os procedimentos de recolha de dados sobre os reclusos a serem entrevistados incluíram a análise da listagem dos reclusos idosos presentes no E.P. Porto, para assim poder proceder à sua seleção de forma aleatória. Relativamente à escolha dos reclusos adultos, foi tida em consideração a relação de confiança estabelecida durante a minha presença nos atendimentos individuais e na participação de atividades no contexto prisional.

A realização das entrevistas ocorreu após a autorização do Sr.º Diretor da prisão e a disponibilidade dos reclusos para participarem na investigação. Após escolher a amostra tive o cuidado de abordar cada um e explicitar o objetivo da investigação em curso em contexto de estágio. Ainda mais, foi referido que a entrevista seria gravada e utilizada exclusivamente para fins académicos, salvaguardando-se o seu direito ao anonimato.

A utilização do gravador exigiu a realização de um requerimento dirigido ao Sr.º Diretor, solicitando a entrada do mesmo todas as sextas feiras, no período da manhã, entre o dia 15 de janeiro até ao dia 12 de fevereiro de 2016, numa sala da escola. Optou-se pela sala da escola pois no E.P. Porto não existia outro local pacato para a sua realização. De acordo com a ideologia de Quivy & Campenhoudt (1998) a entrevista deve desenrolar-se num ambiente e num contexto adequado.

É inútil esperar uma entrevista aprofundada e autêntica se esta se desenrolar na presença de outras pessoas, num ambiente barulhento e desconfortável, onde o telefone toca todos os trinta segundos, ou ainda quando o entrevistado está sempre a consultar o relógio para não faltar a outro encontro (Quivy & Campenhoudt, 1998:74).

Nesta ótica, importa mencionar que Bourdieu (2001) acredita que para realizar uma entrevista bem-sucedida é crucial criar um ambiente de confiança e cordial, não divergir das opiniões e partilhas dos entrevistados, tentando ser o mais imparcial

possível. Desta forma, ao proporcionar um momento de pesquisa acolhedor surgem os discursos extraordinários (idem:704). Bourdieu acredita que nesta situação os entrevistados mais carentes aproveitam esta situação para se fazer ouvir e expressar a sua opinião sobre as suas realidades. Certas vezes, estes discursos provocam um certo alívio ao entrevistado, mais concretamente uma autoanálise provocada e acompanhada.

Devo referir que, para o entrevistado, o momento inicial da realização das entrevistas foi importante para conhecer, minimamente, o propósito de estar a ser entrevistado e sentir que a sua participação era relevante. Além do mais, ao longo das entrevistas procurou-se construir um momento de introspeção de acontecimentos passados e reflexão sobre acontecimentos futuros. A realização das entrevistas contou sempre com um ambiente agradável; no entanto, a presença do gravador provocou algum desconforto e inquietude que se foi atenuando ao longo da entrevista. No decurso das entrevistas alguns reclusos não olhavam nos meus olhos, direccionando o seu olhar para a parede ou para o chão como se não estivessem confortáveis com as questões. Por outro lado, a entrevista possibilitou ao recluso partilhar situações que o desconfortam e pensar sobre a sua própria vida.

A gravação das entrevistas foi efetuada em registo áudio, sendo que no decurso da exposição de dados apenas serão utilizados os discursos necessários para a compreensão do tema de investigação. Além do referido, após o término da realização das entrevistas foi necessário transcrevê-las.

Relativamente à transcrição das entrevistas (Anexo II) o seu objetivo prendeu-se com a transcrição do (...) *que foi falado (...) perceber o que foi ou não perguntando, o que foi ou não respondido e no que está inaudível ou incompreensível*” (Manzini, 1990/1991:2). Na linha do referido, a transcrição das entrevistas foi o momento mais moroso pelo facto de, por várias vezes, retroceder a gravação para escutar, novamente, o discurso dos entrevistados devido à dificuldade na sua compreensão.

Após a recolha de informação foi necessário analisá-la e, posteriormente, interpretá-la com recurso à Análise de Conteúdo (Anexo III). Do ponto de vista científico, não há uma receita para realizar Análise de Conteúdo, há princípios a seguir mas não uma receita. É um processo que exige ser refinado, depende do investigador, da sua posição metodológica, das questões de pesquisa, dos enquadramentos

teóricos, da sua sensibilidade, entre outros. Os procedimentos qualitativos de Análise de Conteúdo contemplam diferentes tipos de modalidades de análise de dados que podem ter como objetivo o nível sintático (forma), semântico (conteúdo) ou pragmático (efeito).

A análise de conteúdo assenta implicitamente na crença de que a categorização (passagem de dados brutos a dados organizados) não introduz desvios (por excesso ou por recusa) no material, mas que dá a conhecer índices invisíveis, ao nível dos dados brutos (Bardin, 1977:119).

Tal como refere a citação anterior, é essencial tratar a informação recolhida e codificá-la. Parafraseando Holsti (cit in Bardin, 1977:129) *“a codificação é o processo pela qual os dados em brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo”*. Nesta ordem de ideias, a organização da codificação inclui a escolha das unidades de análise, a escolha das regras de contagem e a escolha das categorias de análise.

Após o tratamento dos dados foi possível encontrar as categorias seguintes: a conceção da maturidade prisional, o processo de adaptação do recluso adulto e idoso à instituição prisional, o percurso prisional de um recluso adulto e de um recluso idoso, a reinserção social do recluso adulto e do recluso idoso e o tratamento penitenciário direccionado aos reclusos adultos e reclusos idosos. Nesta ótica, esta categorização dos dados recolhidos permitiu *“elaborar uma leitura do material empírico obtido que não tome como referência os seus próprios valores e representações mas que se abra, assumida e tranquilamente, ao amplo da subjectividade e da interpretação”* (Rodrigues, 2006: 95).

Na linha do referido é importante mencionar que a definição das opções metodológicas de um trabalho de investigação em contexto de estágio é necessária para compreender a diversidade e complexidade dos fenómenos sociais.

## **CAPÍTULO IV – O ENVELHECIMENTO EM CONTEXTO PRISIONAL – OLHAR ENTRE GERAÇÕES**

---



## CAPÍTULO IV – O ENVELHECIMENTO EM CONTEXTO PRISIONAL – OLHAR ENTRE GERAÇÕES

---

### 6. Análise e Interpretação dos Dados Recolhidos

Este capítulo dedica-se à análise e interpretação do discurso produzido pelos reclusos adultos e reclusos idosos ao longo das entrevistas e das notas de terreno produzidas no curso do estágio. Para uma melhor compreensão do tema investigado, os dados serão apresentados por categorias emergidas da análise de conteúdo.

#### 6.1. Conceção de Maturidade Prisional

A análise realizada permite identificar duas dimensões importantes na conceção de maturidade prisional, nomeadamente: a idade cronológica e a idade de experiência prisional. Através dos discursos proferidos nas entrevistas verifica-se que o indivíduo que entra pela primeira vez numa instituição prisional, a cumprir pena efetiva de prisão, é um “ser novo”; já um “ser velho” identifica um indivíduo reincidente<sup>5</sup>.

*“Novo na prisão é aquele que entra aqui de novo. (...) Pode ser um indivíduo com oitenta anos, esse é novo. Agora um indivíduo velho é aquele que infelizmente é o meu caso. Derivado à idade, é o tempo que já tenho disto” (R.I.).*

*“O velho? É o que tem mais idade na prisão. É o que tá cá há mais tempo ou cumpriu mais cana. Às vezes não é quem tem mais idade, porque imagine, pode entrar um ... pode entrar um homem de sessenta anos e só estar cá para cumprir dois meses de multa e pode tar cá um*

---

<sup>5</sup> Na perspetiva do artigo 75º do Código Penal Português,

É punido como reincidente quem, por si só ou sob qualquer forma de comparticipação, cometer um crime doloso que deva ser punido com pena de prisão efectiva superior a seis meses, depois de ter sido condenado por sentença transitada em julgado em pena de prisão efectiva superior a seis meses por outro crime doloso, se, de acordo com as circunstâncias do caso, o agente for de censurar por a condenação ou as condenações anteriores, não lhe terem servido de suficiente advertência contra o crime (Decreto – Lei nº 48/95, de 15 de Março).



*miúdo, um jovem de vinte e cinco, que desde os dezoito está preso. Esse sim é velho na prisão” (R.A.).*

Por outro lado, o termo “ser novo” e o “ser velho” na prisão está relacionado com a idade cronológica do indivíduo, tal como é perceptível nos seguintes discursos: *“Velho é os cotas. (...) Velho é Velho. Novo é Novo” (R.A.), “Um homem, depois dos cinquenta anos já começam a chamar velho e cota (...) (R.I.), “ (...) um indivíduo, que é velho, enfim, mostra a sua idade (...)” (R.I.).*

Apesar de existir uma conceção diferente de maturidade prisional, dentro da instituição prisional o papel exercido por um recluso novo e por um recluso velho é diferenciado.

Atendendo à experiência prisional que um recluso velho possui, ao entrar novamente no sistema, já possui uma bagagem que o permite reajustar-se à realidade facilmente, uma vez que o conhecimento das normas institucionais é maior. *“Um recluso reincidente já sabe como é as normas de uma cadeia. Já sabe. Já tá mais informado do que um recluso primário” (R.A.).* Além do referido, os reclusos mais novos, segundo o discurso dos entrevistados, dão continuidade à prática de crimes e, por outro lado, aos seus olhos possuem mais oportunidades de trabalho dentro da prisão que os mais velhos. *“ (...) aqui os mais novos (...) desviam-se um bocado e ficam na ilusão de ganza e até de querer roubar (...)” (R.A.), “(...) Penso que os mais novos têm mais hipóteses. São vistos de outra maneira e têm acesso a mais precárias e condicionais” (R.A.).*

Na linha do referido, apesar de existir uma definição de maturidade prisional alicerçada na idade cronológica, é relevante referir que o facto de um recluso ser novo cronologicamente é impulsionador de um estatuto dentro do ambiente prisional. *“Acham que os mais novos devem acatar as ordens dos mais velhos (...) ”.* Segundo os discursos analisados, por vezes, os reclusos idosos mantêm-se à parte dos conflitos que os mais novos criam: *“Os novos é a irreverência da juventude que está sempre ao de cima. Portanto, os velhos fogem das confusões que os novos criam” (R.I.).* No entanto, para alguns entrevistados dentro da prisão não existe uma expectativa quanto ao papel exercido pelos reclusos mais novos e mais velhos.

*“Aqui não há papel nenhum a desempenhar. Os mais novos coitados. Novos na idade, outros novos aqui, pensam que isto é uma brincadeira (...) alguns deles também mais velhos são responsáveis, podiam-se dar ao respeito e não se dão. Portanto, praticamente, nada os distingue” (R.I.),*

*“Não! É igual, senhora doutora. É tudo igual” (R.I.).*

Dentro do contexto prisional, os reclusos têm de estabelecer contactos diários com diferentes indivíduos, sejam novos ou idosos. Neste sentido, segundo a interpretação dos dados verifica-se a existência de uma relação de respeito e de interajuda entre os reclusos mais novos e idosos. Exemplo do referido,

*“(...) respeitar sempre os mais velhos ... tanto que ... ou estando primeiro num sítio, sendo mais velho em idade (...) Se me respeitam, eu tenho de respeitar. Sendo mais velho, sendo mais novo (...)” (R.A.).*

*“(...) estou a falar na parte de ser reincidente. Eu acho que isso não leva a ter um estatuto de, realmente, ser mais do que aquele que entra pela primeira vez, e aquele que também ... o respeito com a idade de velho para novo, ou de novo para velho, tanto é aqui como lá fora, não é?” (R.I.).*

*“(...) aqui precisas dele, ele ajuda-te. (...) seja com quem for e é uma questão de respeito” (R.A.).*

*“(...) Nas cadeias eles respeitam os mais velhos. Há muitas aqui ... pessoas de idade até aos sessenta, sessenta e um, sessenta e cinco que são deficientes, por exemplo ... ou porque não têm uma perna, andam de muleta e os mais novos ajudam. No próprio refeitório levam a comida e tal, e por aí fora (...)” (R.I.).*

Além do referido, os reclusos mais envelhecidos são vistos pela sociedade como não produtivos, senis, rígidos no pensamento e, antiquados em termos morais e em termos dos seus conhecimentos (Bound & Corner, 2004). No entanto, na opinião de um entrevistado, a velhice é sinónimo de fonte e transmissão de conhecimentos e, por esse motivo, a relação estabelecida do mais velho para com o mais novo é importante para transmitir saberes: *“Acho que só se for para transmitir conhecimentos a outro” (R.I.).*

O reconhecimento do valor da idade cronológica do recluso no meio prisional é identificável pelo facto de a idade ser uma fonte e acumulação de experiências, sejam boas ou más para o indivíduo, tal como se depreende no discurso seguinte:

*“ (...) Já temos mais idade. Já temos mais experiência. Já sabemos, pensamos já mais um bocado em relação ao mais novo. O mais novo é diferente. Não tem uma coisa a ver com a outra. É diferente, já tem mais experiência” (R.I.).*

Apesar de a idade cronológica ser mais elevada, com a chegada à terceira idade é notório o aumento da fragilidade física que interfere com o funcionamento geral; no entanto, aquele que conseguir obter apoio pessoal e social pode manter uma atividade moderadamente ativa. Na realidade analisada, é perceptível a diferença da resistência física dos reclusos mais velhos em comparação aos reclusos mais novos.

*“Sabe, um recluso com a idade que eu tenho, não tem a resistência que tem um ... fisicamente, não tem a resistência. Não tem a mesma resistência, como se tivesse quarenta ou cinquenta anos, ou sessenta” (R.I.).*

*“Uma pessoa com vinte e quatro, vinte e cinco anos, aqui dentro, é, como diz o português, aqui brincam agora, uma pessoa de idade já não é assim. Não tem tanta capacidade como nós” (R.A.).*

O facto de serem novos e terem maior resistência física é um fator propício à criação de conflitos dentro do quotidiano prisional, *“ (...) o mais velho, a idade ainda pesa um bocado. Agora o mais novo, o mais novo não. Andam aí todos à porrada, uns com os outros e tudo”.*

Na lógica do referido, dentro da instituição prisional a idade de experiência prisional acarreta um conjunto de benefícios no que respeita à facilidade na adaptação ao meio prisional. Depois de dar entrada, e ao longo da sua estada na prisão, o recluso velho (reincidente) reconhece os rituais que, outrora, experienciou e adapta-se melhor do que um recluso novo (primário): *“ (...) uma pessoa, quando entra, não conhece nada, (...) [entra] tapadinho” (R.A.).* Por outro lado, a idade cronológica tem um peso significativo no modo como os guardas prisionais tratam os reclusos: *“ (...) quando são*

*mais novos, eu acho que alguns guardas, não digo todos, mas algumas pessoas não têm o mesmo tipo de atitudes, do que quando é com uma pessoa mais de idade” (R.I.).*

Sabendo que um recluso seja novo ou idoso, ao residir na instituição prisional, é submetido aos processos de assimilação da cultura prisional, em maior ou menor intensidade, dos costumes, das formas de funcionamento e hábitos de vida em reclusão, um recluso idoso ao invés de se ajustar, somente, ao conjunto de tarefas de desenvolvimento próprias da idade avançada, tem de se adequar às regras da instituição prisional e à condição de recluso. Dentro do E.P. Porto, os reclusos idosos não são percecionados como parte específica integrante do sistema prisional e, por essa razão, por vezes, não têm um acompanhamento adequado. Além do mais, os reclusos idosos apresentam dificuldades em manifestar os seus desejos quanto às necessidades específicas do contexto, tal como se depreende da transcrição seguinte:

*No decurso da conversa, a adjunta interrompe, dizendo “os reclusos mais velhos não são pessoas do sistema. Não têm o ritmo do cadastrala que está sempre a fazer petições”. Neste sentido, pelo que entendi os reclusos mais idosos não deviam ser inseridos neste meio e, por essa razão, apresentam dificuldades em manifestar-se quando têm algum problema (NT).*

## **6.2. Processo de Adaptação do Recluso Adulto e Idoso à Instituição Prisional**

Esta categoria reúne dados relativos aos sentimentos perante a reclusão, ao conhecimento da realidade prisional, às transformações na perceção do *eu*, aos fatores que influenciam o comportamento adaptativo de um recluso adulto e de um recluso idoso, aos comportamentos adaptativos dos reclusos adultos e dos reclusos idosos, às dificuldades sentidas pelos reclusos adultos e reclusos idosos e aos fatores que provocam o *stress* dos reclusos (adultos e idosos) em contexto prisional.

A vida intramuros, a convivência com indivíduos com características heterogéneas e, sobretudo, a privação da liberdade, tornam a adaptação à prisão bastante complexa. Nesta lógica, a entrada no meio prisional despoleta um conjunto de sentimentos que, outrora, os reclusos (adultos e idosos) não tinham experienciado. O arrependimento do crime cometido - *“Não, porque eu não estou ... arrependido*

*estou pela maneira que podia ter evitado a coisa (...) ” (R.I.) - é um dos sentimentos mais experienciados aquando da entrada no meio prisional, uma vez que de imediato sentem que o crime cometido não justifica o cumprimento efetivo de prisão. O discurso seguinte traduz o referido:*

*Não caí em mim, na primeira semana. Primeiro dia foi estranho, nunca pensei que viesse preso, até porque não fiz nada. Não acreditava. Ao primeiro, não. Tive uma semanita “hey tou aqui?”. (...) Não sinto. Tou preso! Ah! Sim, sei onde tou, mas nunca me senti inserido na prisão. Isto é umas férias para mim. a entrada na prisão como sendo normal – “Não senti nada de especial. Entrei normalmente” (R.A.).*

No seguimento do mencionado, os sentimentos de vergonha e/ou arrependimento pelo crime cometido, são, na sua generalidade experienciados por indivíduos que nunca tinham estado a situação de reclusão ou com pouco historial de detenções. Deste modo, a estranheza ao local e o alívio, também, são sentimentos vividos pelos reclusos, *“Senti-me um peixe fora de água ... como se diz em português” (R.A.), “(...) Quando entrei, eu assustei-me. Aonde é que eu tou? Eu estou noutro mundo!” (R.A.).*

No que se refere ao conhecimento da realidade prisional, é notória a familiaridade com o contexto prisional, sendo que, outrora, alguns reclusos (adultos e idosos) experienciaram a situação de reclusão, *“Já ... Já conhecia. Já conhecia porque há muitos anos ... há quarenta e cinco anos eu não tinha carta, na altura, e fui condenado. Fui preso por guiar sem carta” (R.I.); “Quer dizer ... tinha uma noção. Amigos e tive fins de semana a cumprir, mas fins de semana para prisão afetiva, é totalmente diferente” (R.A.); “Na primeira vez não. [Mas agora] Conheço perfeitamente” (R.I.).* Para outros existia um desconhecimento da realidade, embora ouvissem falar da prisão no seu dia-a-dia em liberdade. O referido é visível nos discursos seguintes: *“Sim. Evidente. Conhecia, mas não com este ... com esta ... Não com este conhecimento tão severo”;*

*“Não, porque eu não tinha ninguém que estivesse preso. Não tinha relacionamentos com ninguém que estivesse preso. Que me lembre não tive. (...) O que eu ouvi-a falar ou que constava, a vida numa prisão que era dura, que era complicada. Enfim, e eu, realmente, ficava preocupado, se um dia viesse preso. Ficava, quando pensava nisso” (R.I.).*

No seguimento do exposto, a realidade prisional também se assemelhava com o que observavam nas séries televisivas; no entanto, após a entrada na prisão essa idealização alterou-se:

*“Não [conhecia], só ouvia falar, mas pensava que era como nos filmes, essas séries “Prison Break”. Não sei quê (...) pensava que tinham de comer papa, não é que a comida seja muito diferente, mas tinha outra noção. Agora que estou aqui, a realidade mudou” (R.A.).*

O modo como lidam com o cumprimento de pena efetiva de prisão e a entrada na prisão é uma questão variável de indivíduo para indivíduo. Nesta lógica, existem diversos fatores que influenciam o comportamento adaptativo de um recluso adulto e de um recluso idoso. O *stress*, o fortalecimento/enfraquecimento da retaguarda familiar, a privação de liberdade e o espaço diminuto da cela são os fatores mais apontados pelos reclusos (novos e idosos).

Partindo do que é realçado pelos entrevistados, verifica-se que após a entrada no meio prisional ocorre uma rutura dos laços familiares. Durante o período de reclusão, os contactos estabelecidos por intermédio das visitas proporcionadas pelo estabelecimento prisional ou pelos telefonemas facilitam a manutenção dos laços familiares. No entanto, se existir falta de contacto com a família, amigos ou vizinhos poderá levar ao enfraquecimento dos laços criados antes da reclusão, tal como se verifica no seguinte discurso de um recluso idoso:

*“Os amigos, sabe, os amigos afastam-se, afastam-se, sempre, quando o indivíduo vai para a cadeia. Afastam-se sempre. Agora, em relação a isso, não quer dizer que deixo de ser amigo deles. Quando eu chegar, eles abraçam e não sei quantos e tal, mas a vida é muito difícil. É muito complexa. As pessoas não se querem comprometer com nada” (R.I.).*

Corroborando o referido com Vilas-Boas et al (2009 cit. in Silva, 2012:31):

A reclusão em si pode levar à ruptura afetiva entre o casal, entre pais e filhos e entre toda a rede familiar. Neste sentido, a manutenção dos contactos familiares durante o período de reclusão poderá ser um fator de prevenção de rupturas (...).

Na lógica do mencionado, o vínculo com a família é percebido como algo presente na vida do recluso (adulto e idoso) durante o cumprimento efetivo da sua pena até à sua liberdade. Durante esta fase, a família estabelece a ponte entre o recluso e o exterior, sendo crucial manter a qualidade dessas relações para o recluso enfrentar a reclusão.

*“O facto de ter um grande apoio. Ter a família a dizer que está sempre comigo, os amigos. Acho que se não tivesse, apesar de eu ser forte mentalmente, mas acho que se não tivesse, a minha conduta não era a melhor aqui dentro” (R.A).*

*“ (...) olho para trás, foram três anos, sim, é verdade. Entrei com vinte, a fazer vinte e um ... olho para trás ... não posso. Se calhar, é derivado ao apoio, ao grande apoio que eu tenho. Mãe, minhas irmãs, família toda, primo, prima, tio, avó ... porque, se não tivesse esse apoio, podia tar noutra situação ou podia não ser a mesma pessoa que sou agora, porque a cadeia muda as pessoas” (R.A.).*

*“Aproximei-me muito mais da família toda. Primas que eram só primas que nos encontrávamos numas festas, filha da tia tal ... muito mais próximo e a família ... eu é que estou em pior situação. Todos os meus primos estudam. Eu tenho uma família grande ... primos estão na faculdade, todos estão bem. Eu sou o único ... até a minha irmã tá na faculdade ...” (R.A).*

*“A nível de amigos, têm-me vindo visitar e a nível familiar, o meu neto, etc. que me adora (...) Aliás, o meu neto vinha, mas, depois, a partir do falecimento do meu filho, do pai, a partir daí ele, pronto” (R.I.).*

*“Olhe a minha mãe (...). A primeira vez que entrei aqui era um ferrinho, digamos assim. Depois, de quem recebo mais visitas, é da minha filha. Mas só vem cá quando eu quero, porque eu convivo com ela. A minha ex-mulher vinha sempre visitar-me, veio sempre até vir preso e ela disse e com razão: Já chega de ir visitar-me a Custódias” (R.I.).*

Deste modo, o tempo que o recluso passa na prisão permite-lhe pensar nas transformações que ocorreram, quer seja em si quer nos indivíduos que o rodeiam. Neste sentido, os reclusos (adultos e idosos) apontam como principais transformações a impotência na ajuda familiar, a criação de objetivos de vida e o crescimento pessoal. Apesar de existir um acompanhamento da família no processo de adaptação à prisão, a condição de recluso diminui o acesso a um conjunto de sistemas sociais básicos, tais como: o social, o económico e o das referências simbólicas. O sistema social é

caracterizado pelo conjunto de sistemas em que o indivíduo se encontra inserido, desde aos mais próximos como a família e os vizinhos, aos intermédios como o grupo de amigos, aos mais amplos, como o mercado de trabalho. O sistema económico está relacionado com os sistemas sociais geradores de rendimento. O sistema das referências simbólicas remete-nos para a ideia de todo um conjunto de perdas que o recluso sofre, e que se agravam com a permanência prolongada no contexto prisional, no campo das referências: a perda de identidade social, de autoestima, de perspetivas de futuro e de sentido de pertença à sociedade (Costa, 1998). Reportando para o contexto em análise, um recluso inserido no meio prisional está condicionado às regras do estabelecimento prisional, sendo que as visitas com os familiares, o contacto com o meio laboral, educacional, desportivo, de lazer, entre outros está dependente da ordem de terceiros, das condições/recursos existentes, das características e do comportamento do recluso.

Desta forma, a impossibilidade de ajudar a família a nível económico é um motivo de preocupação por parte dos reclusos adultos e idosos, tal como o acompanhamento dos sucessivos acontecimentos que ocorrem no seio familiar.

*“Ora económica ... é complicado, porque, realmente, se ninguém ganha não é? (...) na outra parte eu acho que, quando nós estamos aqui na cadeia, uma das coisas que nós sentimos mais é realmente a ligação à família, ou seja, eu, neste momento ... pronto, não tive oportunidade de acompanhar o meu filho, nos últimos dias da vida dele, de estar perto dele, de estar junto dele e isso custou-me imenso. Não tive oportunidade, nem sequer de ir ao funeral. Só fui à igreja. Não tive oportunidade sequer de o visitar ao cemitério, não tive oportunidade de apoiar a minha mulher, porque imagino o sofrimento que ela tem, de ver um filho falecer e eu estar aqui preso” (R.I.).*

*“Agora sinto que não posso prestar apoio à família e é um vazio que se cria e o tempo não volta para trás. Tou a perder mais uma vez a companhia dos meus entes queridos e tento manter o mais forte possível, que é para não descambar e não tornar o problema pior” (R.A.).*

*“Como disse à menina, estava a dizer há bocado, era eu sozinho. O sustento da família. Felizmente, não faltava nada. Depois disso, claro, uma pessoa fica limitada de muita coisa, não é?” (R.I.).*



*“Alterou doutora e bastante. Na vida familiar descambou. (...) Na vida dos meus filhos notou-se, porque o aproveitamento escolar ... não foi o mesmo e sinto-me como impotente para reverter a situação” (R.A.).*

Além do mais, é notório por parte dos reclusos adultos um crescimento pessoal e a criação de objetivos pessoais relacionados com a continuação do percurso escolar e a vontade de não regressar ao mundo do crime.

*“Antes de entrar na prisão era um jovem, um puro jovem português que ... a vida era noite, a vida era curtidão. Se calhar posso dizer que não tinha objetivos, apesar de estar na escola, de ter tirado o 12.º ano em desporto e querer seguir a faculdade, mas não tava assim com grandes objetivos. Entrei. Considero que estou mais maduro, eu e os meus, mais concentrado, mais preparado para a realidade que vou enfrentar, que eu sei que para mim não vai ser fácil, mas ao mesmo tempo vai ser fácil, porque se uma pessoa não tentar não consegue e, por um lado foi bom ter entrado, porque eu acho que estava um bocado à toa” (R.A.).*

*Oh. Antes. Prontos. Como eu sou solteiro e não tenho filhos, nem nada. Tinha uma vida. Só que agora penso de maneira diferente. Claro, já que também a idade vai passando, uma pessoa vai refletindo na vida. Sinto-me com mais capacidade e com outros projetos mais ... com uma convicção, mais de que quero levar uma vida digna e tou muito arrependido daquilo que eu fiz (R.A.).*

*(...) ao sair em liberdade, eu vou ser exatamente a mesma pessoa. Não vou errar os erros que eu cometi. Claro que não vou cometer os mesmos erros (R.A.).*

Relativamente aos reclusos idosos, quando se questiona as principais transformações no *eu* após a entrada na prisão, as respostas não foram muito claros. Apenas dão ênfase, novamente, ao arrependimento face ao crime cometido,

*“Claro que alterou. Os anos vão passando, não é? As pessoas também. Eu, pelo menos, sinto-me diferente, penso diferente. Vejo o dia-a-dia totalmente diferente. (...) e sinto-me muito arrependido daquilo que já fiz (...)” (R.I.).*

De acordo com Goffman (1961), o recluso desenvolve a sua adaptação por *“ajustamentos primários”*, quando coopera com as atividades proporcionadas pela prisão, ou por *“ajustamentos secundários”*, quando coopera com as atividades ilícitas.

No quotidiano prisional em análise, os reclusos (adultos e idosos) são submetidos a um conjunto de novas regras, hábitos e ideologias. Deste modo, o

recluso vê-se obrigado a adotar um novo código de conduta particular do estabelecimento prisional e, para que a sua adaptação ocorra da melhor forma os reclusos adotam um conjunto de comportamentos adaptativos.

Segundo a opinião dos reclusos adultos e idosos, os principais comportamentos adaptativos prendem-se com a aquisição de comportamentos ilegais, a fuga aos conflitos, não pensar na pena a cumprir, a criação de rotinas, a fuga aos consumos de substâncias estupefacientes, a criação de laços com os reclusos e o foco nas atividades laborais e educativas. Para esta população, a entrada no meio prisional incrementa os atos criminosos: *“Aqui, a escola do crime, quando sair sai com habilitações criminais, sai graduado, sai com mestrado, já é doutor”* (R.A.). Além disso, a convivência entre reclusos com características heterogêneas leva à criação de conflitos e, na opinião dos reclusos adultos e idosos, as confusões devem ser evitadas. *“Os mais velhos, na minha opinião, os cotinhas como nós os chamamos ou cotas, não querem confusões, porque já não têm idade para isso”* (R.A.).

*“Dar-me bem com toda a gente e, quando chegar ao ponto de eu ver que as pessoas tão muito agressivas, porque a gente sabe que as pessoas são agressivas. Porque isto é uma cadeia, não é um jardim infantil, tentar-me afastar, tentar-me meter dentro da cela para as confusões não se virarem para mim, porque não é o meu mundo”* (R.I.).

*“ (...) é não criar conflitos com ninguém, ter o máximo de educação com as pessoas, respeitá-las”* (R.I.).

*“ah ... como é que eu hei de dizer (...) eu costumo dizer que a maneira mais fácil de encarar a cana, de enfrentar a pena, é estar ocupado, não se meter em problemas e evitar consumos”* (R.A.).

Atendendo à heterogeneidade de indivíduos a cumprir pena efetiva de prisão, estando alocados no mesmo espaço, tendem a criar grupos e a estabelecer contactos diários com aqueles que se identificam, deixando de parte os restantes.

*“A técnica que eu tenho é esta. Eu, pela experiência que eu tenho disto, só a idade e, fundamentalmente, a experiência que eu tenho da cadeia, obriga-me a que eu saiba escolher as pessoas com quem eu deva falar. Não é com qualquer um. Saiba escolher, saiba contactar, porque a amizade, a gente escolhe-as, não as conquista. A gente escolhe os amigos, não se conquista através disto ou daquilo. Portanto eu escolho aquelas pessoas que, efetivamente, eu*

*veja com quem possa dialogar, ter uma conversa. Não é falar. Falar, fala-se com qualquer um. Ora conversar não, conversar (R.I.).*

Dentro da prisão, para os reclusos adultos é essencial criar rotinas para que a sua adaptação seja bem-sucedida: *“Pensar o menos possível, abstrair-me do mundo lá de fora, o máximo que possa, e fazer o máximo de desporto” (R.A.).*

*“É o ritmo. É ir ao refeitório comer ... vir para dentro, treinar um bocadinho para rotina. Às nove e meia é fechado. Quem tem ginásio, vai para o ginásio vem e prontos. É assim a rotina” (R.A.).*

Ressalvo, ainda, o papel que a atividade laboral e educativa ocupa no dia-a-dia nos reclusos adultos e reclusos idosos. A participação em atividades de trabalho permite ao recluso adotar hábitos de trabalho e competências profissionais e sociais determinantes para o seu futuro.

A adaptação ao meio prisional pode ser um processo complexo e difícil para todos os reclusos. As principais dificuldades sentidas dizem respeito às questões logísticas, jurídicas, económicas e ao funcionamento da prisão. Além disso, a ausência de uma figura feminina no universo prisional masculino também é sentida como uma dificuldade, tal como se depreende no discurso seguinte: *“Olhe, falta de uma mulher. Nota-se e ... é falta de vida, doutora ... a gente aqui parece um zombie” (R.A.).* Por outro lado, a restrição de espaço também se apresenta como uma dificuldade na adaptação, uma vez que têm de se acomodar a um novo espaço e dividi-lo com outros reclusos.

Após a entrada dos reclusos no estabelecimento prisional, um técnico de reeducação responsável pelo acolhimento disponibiliza ao recluso um cartão PT digital. Cada recluso tem na sua posse o número desse cartão, estando associado, no máximo, a dez números de telefone; no entanto, a sua utilização só é permitida duas vezes por dia, ou seja, uma chamada para o grupo da família e uma chamada para o advogado. Na opinião dos reclusos adultos e idosos, a utilização do telefone é vista como uma dificuldade pois o tempo de utilização é reduzido.

*“O facto de só podermos ter chamadas de cinco minutos. Ah ligo para quem? Quero ligar para a minha avó não dá. Ligo para a minha mãe. Se ligar para a minha irmã não posso ligar para*

*outro. Se ligar para a minha mãe tem de estar com a minha irmã para poder falar com ela” (R.A.).*

*“(...) esta situação dos telefonemas. Isto do telefone acho que é muito pouco, porque a pessoa tem que ligar, eu por exemplo, eu quero ligar para os meus pais, se quero ligar para outro sítio, para tratar de algum assunto do tribunal, ou outra coisa qualquer, não posso fazer, e facilitarem nisso” (R.I.).*

*“Uma pessoa saber que tem um ou dois familiares doentes e não poder dar aquele apoio e poder ajudá-los, é complicado. Depois, aqui é muito restrito. Uma pessoa ter comunicação com eles. A partir ... logo a partir do começo, uma pessoa só tem cinco minutos para ligar. Uma pessoa nunca sabe se tão bem, se não tão” (R.A.).*

Nos discursos analisados, verifica-se uma valorização do trabalho em prol do aumento da escolaridade. A fraca condição financeira vivenciada pelos reclusos adultos e idosos leva a que a ocupação laboral sobressaia.

*“É eu poder estudar mais, mas não posso, porque também optei por trabalhar porque preciso. Tenho poucas visitas e sinto-me obrigado a trabalhar mais do que estudar. Gostava de estudar mais para completar o resto da escolaridade, para eu me submeter a estudar e completar o décimo. Só que agora ...” (R.A.).*

No entanto, apesar de alguns reclusos idosos terem a reforma e trabalharem na prisão, a remuneração não se revela suficiente para suprir as necessidades básicas após a liberdade:

*“A dificuldade aqui é que ganho muito pouco. É, eu precisava de ganhar mais alguma coisa porque há uma parte do dinheiro que fica de lado. (...) E esse dinheiro não vai chegar, porque sou reformado depois de estar lá fora, não é?! (...) Portanto, quanto mais dinheiro eu tivesse aqui na reserva, melhor para mim. Eu chego lá fora e é começar do zero outra vez” (R.I.).*

Neste seguimento, a alimentação proporcionada pelo refeitório, a higienização dos espaços, o fraco apoio jurídico e o serviço médico prestado pela equipa técnica de saúde, também são dificuldades apresentadas pelos reclusos adultos e idosos.

*“Dificuldade é ... é, aqui as dificuldades é a alimentação, porque não é devidamente confeccionada. A higiene, também, fica muito, muito aquém daquilo que estava habituado (...) Está bem que em casa podíamos escolher, aqui temos que comer aquilo que nos dão. (...) é na parte alimentar que aqui ... eu sei que estou numa cadeia, que à partida não podia desejar*

*muito, que isto a nível alimentar fosse muito bom, mas sei que não estou em nenhum hotel, mas acho que podiam melhorar” (R.I.).*

*“Dificuldades ... nós devíamos de ter uma medicina melhor. Anda aqui com os dentes ...” (R.I.).*

*“Além do referido, é notória a insatisfação que apresenta para com a higienização nos pavilhões e a comida confeccionada no refeitório, “você vai até ao refeitório, vê a ementa e em sete dias só um é que é carne, os outros seis é peixe. Já aconteceu aparecer baratas na comida (Nota de Terreno) ” (NT).*

Nesta linha de pensamento, no dia-a-dia prisional o recluso vê todas as atividades realizadas no mesmo espaço e sob o comando de uma figura de autoridade. O recluso passa a depender totalmente do regime institucional que o orienta, internalizando sentimentos de falta de controlo sobre a sua vida no contexto prisional. Assim, as sucessivas interações entre o recluso e o meio prisional podem levar ao stress.

O stress a que o recluso (adulto e idoso) é submetido dentro da prisão não advém somente da privação de liberdade, da espera do atendimento do T.S.R, das características e comportamentos incorretos dos reclusos, da rutura da ligação com a família e com a solidão. Existem situações em que o recluso se envolve em negócios ilícitos e, por vezes, como não correm como esperado proporcionam situações de mal-estar entre reclusos e constantes inquietações com o corpo de guarda prisional:

*“Ora bem, o que provoca mais stress ... que eu vejo é realmente um recluso querer algo e não ser atendido. Eu posso-lhe dar exemplos, não só de guardas, não só de guardas que às vezes chegam lá e eles, por tudo e por nada, querem implicar com eles e dizem que não, etc. e coisas que às vezes são fáceis de resolver e isso ao que leva? Leva que o indivíduo já está no estado que não é normal e ainda fica pior” (R.I.).*

*“Injustiças, certas atividades de guardas. Certas falhas do sistema e, sempre que puder contornar o sistema, vou contornar” (R.A.).*

*“Quando cheguei ao pavilhão comuniquei ao guarda de serviço que pretendia chamar um dos reclusos do pavilhão e o guarda atendeu o meu pedido, pediu ao faxina do pavilhão para chamar o recluso que estava dentro da cela. Enquanto esperava, o serviço de enfermagem*

*estava a dar a medicação aos reclusos daquele pavilhão e, entretanto, surge um recluso a correr porque estava atrasado. O guarda dirige-se ao recluso dizendo-lhe: “Você anda a falhar, ninguém tem de esperar por si. Este mês já falhou três vezes. Se não se endireitar, no mês de Fevereiro quem lhe endireita sou eu!” Aqui verificou-se o poder exercido da autoridade, neste caso, do guarda para com o recluso. Consta que os guardas, por vezes, utilizam o seu poder para agredir fisicamente os reclusos e colocá-los na ‘ordem’. Com o que presenciei enquanto esperava pelo recluso, pareceu-me que o discurso do guarda previa uma agressão física se o recluso não se comportar daqui em diante” (NT).*

### **6.3. O Percurso Prisional de um Recluso Adulto e de um Recluso Idoso**

Debruçando-me sobre o percurso prisional do recluso adulto e do recluso idoso no E.P. Porto, é possível verificar a existência de distintas formas de ocupação do dia-a-dia. É importante referir que os reclusos adultos e os reclusos idosos entrevistados encontram-se distribuídos pelos vários pavilhões e, por conseguinte, com situações diferentes ao nível escolar, laboral e ocupacional.

Os reclusos mais novos ocupam o seu dia-a-dia com as atividades socioculturais (música, biblioteca), educativas e desportivas; já os mais velhos ocupam o seu dia a desempenhar tarefas laborais, a ajudar os restantes reclusos do estabelecimento prisional a escrever cartas para os tribunais e/ou esclarecer as cartas que recebem do Tribunal de Execução de Penas. No entanto, a ocupação laboral é uma atividade comum entre alguns reclusos entrevistados.

Quanto ao dia-a-dia dos reclusos adultos, através dos seguintes discursos é possível confirmar o anteriormente referido:

*“ (...) ocupo isto a ler, ouço muita música, vejo muitos filmes para ficar ligado à realidade, novidades musicais. Gosto de ver filmes para, também, ficar culto. Leio bastante. Ocupo o meu tempo. Bem, jogo à bola, às vezes vou ao ginásio (...)” .*

*“Jogo futebol, de segunda a sexta, e vou ao telefone ... só isso. (...) Jogo damas mais nada doutora”.*

*“Senhora doutora, eu dentro dos possíveis, passo o meu dia-a-dia a praticar desporto e essas coisas. (...) Tenho a playstation e começo, ali, a jogar. (...) Participo é nos jogos de futebol, ginásio a coisa de apanhar peso ... é um recorde de peso e ... a rotina”.*

*“Eu entretenho-me. Convivo. (...) Não sei se é socioeducativo, mas tenho um projeto musical da qual faço parte, do estabelecimento prisional. Tenho a atividade da música com a PELE e acho que é só. (...) Ah, sim, estou no torneio [de futebol]”.*

*“Um bocado saturante. Nada para fazer ... não há nada ... saturante”.*

*“Exatamente. Tou com sorte sobre isso [em participar no Plano “Construir um Plano de Prevenção e Contingência], mas não há nada. A gente pede alguma coisa ... dentro da cadeia eles não nos dão nada. (...) Pedir trabalho ... não me dão trabalho”.*

*“O meu dia-a-dia ... até nem me posso queixar muito. Levo um dia-a-dia ... é trabalhar. (...) Tenho a escola, tenho o desporto, tenho a leitura da biblioteca e é só, porque também o trabalho, a mim, prende-me muito”.*

Além do referido, alguns dos reclusos adultos participavam no programa *“Construir um Plano de Prevenção e de Contingência”* desenvolvido por dois elementos da equipa de educação. Contudo, na sua opinião, se não estivessem inseridos neste programa o seu dia-a-dia seria ocupado, somente, com as atividades diárias do estabelecimento prisional (como, por exemplo, a ida às refeições e ao recreio) pois não estão a participar nas atividades laborais e/ou educativas.

Tendo em conta as atividades proporcionadas pelo estabelecimento prisional, a monotonia diária é uma constante para alguns reclusos. As atividades e os ritos prisionais não oferecem qualquer variedade de horários e poder de escolha para os reclusos participarem ativamente neles e, por essa razão, os entrevistados adultos e idosos consideram que o seu dia-a-dia é maçador.

Os reclusos idosos apresentam os seguintes discursos para descrever o seu dia-a-dia: *“O meu dia-a-dia é muito semelhante àquele que eu tinha lá fora. O meu dia-a-dia é sempre com sentido de ir trabalhar”*; *“O meu dia-a-dia é, sabe como é, isto é monótono, porque, se eu ando a aproveitar a escola, ... a escola (...). Leio, leio, leio livritos. Tenho livros”*;

*“Olhe, eu faço, vou fazendo umas cartas para este, umas cartas para aquele. Conforme. (...) Vou vendo processos e dando alguns esclarecimentos. Portanto, daquilo que eu posso e sei. Enfim. É assim que eu passo o tempo”.*

*“ (...) tenho um dia normal de trabalho. (...) faço a vida dentro da prisão o melhor possível. Portanto, com a convivência, falo com as pessoas de determinados assuntos, de determinados temas (...). Ando ali nos torneios dos jogos de xadrez, fazem ... além disso leio muito e escrevo muito. Aliás, até escrevo, não só para mim (...) Que me pedem uma ajuda para escrever umas cartas para os tribunais, para aqui e para acolá. E pronto, e passo o tempo e faço o meu trabalho na biblioteca (...) ”.*

Ainda nesta categoria, analisam-se as representações que os reclusos adultos e os reclusos idosos possuíam da prisão antes da reclusão, durante a reclusão e a percepção do percurso efetuado até ao momento.

No que respeita à percepção da prisão antes da reclusão é perceptível um consenso nos discursos recolhidos. Todos os reclusos entrevistados referem que antes da reclusão, para eles, a prisão era vista como um local de punição para aqueles que cometiam um crime e apresentam uma imagem negativa da realidade prisional. Desta forma, os seguintes discursos confirmam o referido: *“ Muito má”* (R.A.), *“Hey ... a prisão deve ser ... uma palavra. Miséria”* (R.A.), *“A opinião que tinha, é que podia acontecer a todos. Não é? Pensei que fosse mais pesado daquilo que é”* (R.A.), *“Pensava que nunca havia de ser preso. Muita coisa má”* (R.A.), *“O caso da prisão é para quem faz asneiras. Portanto é ... só está aqui quem ... para pagar o que fez”* (R.I.), *“Eu ouvia dizer, sempre, que isto não prestava”* (R.I.), *“Claro que a droga. Claro que, como tinha e como tenho agora, e, como tinha na altura, é a mesma coisa. O crime tem de ser punido”* (R.I.),

*“Muita coisa. Muita coisa má. Só tinha muita coisa má e eu esperava que são pessoas que cometem muitos crimes e eu só tinha isso na cabeça e venho para uma escola de crimes. Não venho para aqui aprender nada”* (R.A.);

*“(...) era assustadora. Pensava que matavam uma pessoa de cinco em cinco minutos. Não era assustadora, pensava que isto realmente era terrível, que se vivia aqui muita violência e que iria ter muitos problemas”* (R.I.).



A prisão é considerada um local onde o crime continua a ser praticado. Apesar de constituir um local de punição do crime, onde existe a possibilidade de aumentarem as suas competências sociais e transformarem a sua vida, a prática delituosa continua presente.

*“Não, vi sim, não é mau. Mas nem tudo é mau, porque há biblioteca. Uma pessoa que queira ler, queira se tornar culta, queira fugir do meio criminal, consegue-se não se misturar. Se se desviar, mas se continuar no meio, não posso mentir, já vi muita coisa, não sabia metade. Não conhecia nem tinha noção de que o mundo era isto. Muito crime. É uma escola do crime” (R.A.).*

Por outro lado, os reclusos idosos identificam o estabelecimento prisional a um parque infantil e a um asilo de terceira idade. Na verdade, quando entramos no corredor prisional verificamos, de imediato, uma prevalência da camada jovem nos pavilhões A, B e C. Os reclusos mais envelhecidos encontram-se distribuídos pelo pavilhão C (se estiverem inseridos em atividades laborais e/ou educativas) e pelo pavilhão D. Efetivamente, no E.P. Porto (a 23 de outubro de 2015) o número de reclusos com idades compreendidas entre os 16 e os 64 era de 1194. Já o número de reclusos com idade superior a 65 era de 15.

*“Ah! Mudou muito como já lhe disse. Estive preso há quarenta e cinco anos ... mudou em tudo. Não tem nada a ver. Porque no meu tempo era mesmo prisão e agora com toda a sinceridade, aqui a Cadeia de Custódias, para mim tem dias aí que parece um parque infantil. É. Um parque infantil. E há ali um pavilhão que eu chamo-lhe o asilo do terço porque é só idosos” (R.I.).*

Ainda, na opinião dos reclusos idosos, na prisão existem limitações nos direitos dos reclusos:

*“ (...) o que há na prisão, há certas limitações, uns têm tudo outros não têm nada. (...) isto aqui, o ser humano aqui passa, é quase abaixo de cão. O resto é abaixo do ser humano” (R.I.).*

Estas limitações estão relacionadas com a obtenção de medidas de flexibilização da pena e na obtenção de uma ocupação laboral. Para os reclusos idosos, os direitos dos reclusos não são exercidos na sua totalidade, e na sua opinião, existem diferenças no tratamento penitenciário. Além do referido, para os reclusos continua a

existir a imagem negativa do funcionamento da prisão, tal como a sobrelotação existente.

A imagem negativa do funcionamento da prisão está também relacionada com as questões alimentares: *“Sempre me convenci que a prisão que podia ser má. Por exemplo, na questão da alimentação e isso podia ser bem melhor, não é? Mas em termos gerais tinha que ser isto”* (R.I.). Inevitavelmente, a sobrelotação apresenta um dos aspetos negativos que afeta a imagem da prisão e, ao mesmo tempo, afeta a qualidade de vida dos reclusos que habitam numa instituição total.

*“ (...) os reclusos são o alimento do povo e o povo tem os seus tentáculos. Portanto, os reclusos são o alimento porquê? Porque isto já é uma obrigatoriedade das cadeias, estarem sobrelotadas, as cadeias estarem cheias”* (R.I.).

De maneira que a construção dos estabelecimentos prisionais não foi concebida para albergar tantos reclusos, não existindo a disponibilidade de distribuir os reclusos pelos trabalhos existentes, pelas vagas na escola e/ou atividades educativas e o acesso a programas promovidos pela equipa de reeducação é limitada, os reclusos idosos consideram que existem limitações nos seus direitos, tornando o seu dia-a-dia monótono, como referido anteriormente.

No que respeita à perceção do percurso, no interior da prisão, existe uma tendência dos reclusos adultos e idosos, evidenciarem um percurso conforme os padrões institucionais. Os discursos seguintes confirmam o referido: *“É positivo ... é”* (R.A.), *“Boa. Um bom percurso. Foi exemplar, o meu percurso (...) não. Não tenho problemas. Não sou problemático. Não tenho problemas é. Não fujo às regras ... mesmo”* (R.A.), *“Fiz um bom percurso da primeira vez. Fiz o 12.º incompleto. Sou uma pessoa regular, tento não me meter em problemas”* (R.A.), *“Não, tem sido ... acho que tem sido neutro”* (R.I.).

*“Eu acho que ninguém tem que dizer nada de mim, porque o meu percurso aqui dentro, eu acho que não pode ser mais exemplar. Nunca infringi nada, nunca meti nada na cela que fosse ilegal (...) Portanto, por isso é que eu procurei, realmente, fazer um percurso dentro da cadeia que me permitisse, realmente, não digo ter um estatuto, mas pelo menos, que fosse bem visto, não é?”* (R.I.).

No entanto, face aos sentimentos vivenciados pela entrada na prisão e pela convivência com outros reclusos, no início do percurso prisional de dois reclusos (um adulto e um idoso) existiram castigos: *“Entrei. Aos seis meses tive logo um castigo”, “É positivo. Não. Não. Tive uma repreensão com um indivíduo que tentou fugir (...)”* (R.I.).

#### **6.4. A Reinserção Social do Recluso Adulto e do Recluso Idoso**

As prisões constituem lugares de excelência para as populações excluídas serem alvo de intervenções de modelagem estruturantes, que permitam aos indivíduos a reinserção na sociedade. Nesta lógica, o Ministério da Justiça através da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais,

Na vertente da empregabilidade e capacitação de competências profissionais, o Apoio à Reintegração Social dos Reclusos consubstancia-se através da colaboração na preparação da liberdade condicional, da interação com redes de apoio social e associações que prosseguem objetivos de reinserção social e da implementação de programas de apoio a reclusos com necessidades específicas para preparação da saída (...) (Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, 2016).

Os obstáculos que impedem claramente um efetivo processo de reinserção social prendem-se com os obstáculos impostos pela própria sociedade quando mantém sentimentos de desconfiança face aos ex-reclusos e as atitudes negativas e de segregação destes indivíduos, pois continuam a ser vistos como um grupo social à margem (Silva, 2012). Apesar da aquisição de novas práticas e conhecimentos no contexto prisional, os indivíduos que passam por ele reestruturam a sua identidade pessoal mas não na totalidade, uma vez que a sua trajetória fica marcada e registada no cadastro criminal. Tal como refere Silva (2012:99), *“os condenados cumprem a sua pena e depois saem sem grandes perspectivas. Saem com cadastro criminal, sem um currículo apresentável, sem qualificações pessoais e profissionais”*. Sem dúvida que o referido trará repercussões na procura e obtenção de um emprego que permita suprir as necessidades que o exterior impõe (Silva, 2012).

Na linha do referido, a reinserção de um recluso vai sendo preparada dentro da prisão e, neste sentido, aquando da sua liberdade o recluso deve estar ciente que não pode regressar ao mundo criminoso. Assim, esta categoria pretende analisar as

expectativas futuras de reinserção na sociedade dos reclusos adultos e reclusos idosos, os sonhos e objetivos e a idade cronológica como condicionante da reinserção social desta população.

Para os reclusos adultos, a reinserção na sociedade será difícil, uma vez que existem rótulos perante a situação de ex-reclusos. A obtenção de um emprego é referenciada como um dos aspetos mais importantes no processo de reinserção, mas será normalmente um processo moroso.

*“(…) acho que nunca me vou reintegrar na sociedade” (R.A.).*

*“Mais uma vez, a recomeçar do zero, ou do zero nunca recomeço, porque tenho alguma coisa para recomeçar, não é? Mas, mais uma vez, é recomeçar e deitar tudo para trás das costas e esquecer o mau bocado que passei” (R.A.).*

*“(…) a adaptação até pode ser complicada, mas complicado ... ah, estranho ... rua ... posso estar deslumbrado ... hey muita coisa mudou. São três anos. Pah, muita coisa mudou. Faziam obras, abriam um café novo, loja ... isto acredito que esteja muito diferente” (R.A.).*

*“O recluso J referiu que “no exterior fecham-se muitas portas” e que sofrem exclusão por parte da sociedade por serem ex-reclusos (nota de terreno)” (NT).*

*“Ao longo do diálogo estabelecido em torno da temática da contingência, um dos reclusos comentou o facto da reinserção social, da reincidência e da estigmatização. “Quando sairmos daqui somos esquecidos na sociedade. Temos de voltar para o crime. Lá fora somos rotulados”. No decurso do cumprimento de pena de prisão, os reclusos são acompanhados por um técnico da D.G.R.S.P. e após a sua liberdade são encaminhados para uma técnica do Instituto de Segurança Social da sua área de residência. Este recluso considera que este acompanhamento não é eficaz, pois quando saem não têm um trabalho e uma casa. Por vezes, os reclusos interpretam erradamente o acompanhamento que lhes é ativado pois, não é somente da responsabilidade desse técnico encontrar um emprego e proporcionar melhores condições de vida após o retorno à sociedade. Quando o recluso partilhou este pensamento, outro recluso ripostou, “nós estamos mal habituados, não temos que pedir esmolas! Quem nos rotula somos nós!” (NT).*

*“Durante a realização da dinâmica foi visível o descontentamento dos participantes em relação à questão da reinserção social. Para uns “a reinserção é uma fachada, muitos saem daqui e não têm apoio”, para outros “o mal é que vamos pelo caminho mais fácil e às vezes não é o trabalho, o que não falta é trabalho, as pessoas querem é emprego”, “eu quando saí em 2009 passado uma semana estava a trabalhar”. Além disso foi comentado por um recluso que “toda*

*a gente vive direta ou indiretamente do crime” e por essa razão a reinserção é difícil por não escolherem o melhor caminho a seguir” (NT).*

Entre os reclusos idosos existe o sentimento de que a reinserção social não existe: “ (...) a percepção que eu tenho disto é que não há reinserção social, nenhuma e como não há reinserção as pessoas são postas em liberdade. São atiradas às feras e pá, portaste-te mal, vens cá para dentro”. É importante referir que apenas um recluso idoso partilhou a sua opinião quanto às expectativas futuras de reinserção social.

Relativamente aos objetivos e sonhos dos reclusos adultos, eles prendem-se com a obtenção de emprego para garantir a sua sustentabilidade económica, construir uma família e viajar.

*“Sim, principalmente constituir família. Constituir uma família, que é o meu maior sonho. Só que antes não pensei nisso porque não tinha possibilidades para ter uma namorada, casar e ter um ... filhos, para depois tar a dar trabalho”.*

*“ Gostava de ter um bar mesmo meu, só meu. (...) É. Eu tenho, mas está fechado, e tenciono reabri-lo e pôr aquilo a trabalhar”.*

*“Tenho sonhos, senhora doutora ... é ter um filho com a minha mulher. (...) Arranjar um trabalho em condições para sustentar a minha casa, senhora doutora, e não faltar nada no dia-a-dia, mais nada”.*

*“Quero viajar para alguns países. Conhecer alguns países como a Holanda, Austrália, China, Ásia, Brasil (...). O que eu quero? Quero levar a minha irmã mais nova à Disneyland. Vou levar para o ano, 2017 a Paris. Quero-me formar. Tenho alguns sobrinhos ... tenho alguns sonos. Não digo que cumpra todos mas ...”.*

*“Olhe, digo-lhe com toda a sinceridade: apesar de ser quem sou, tenho a idade que tenho, o meu objetivo é chegar lá fora e trabalhar outra vez, arranjar trabalho”.*

Para os reclusos idosos, os principais objetivos e sonhos a concretizar após a reclusão estão relacionados com a criação do próprio emprego, ser feliz, estar bem em termos de saúde, cumprir as promessas religiosas e garantir a estabilidade profissional dos filhos.

*“ (...) quero montar um centro de exames de condução e, depois, vou fazer um edifício. Vou fazer um hotel com restaurante, danceteria, armazenzinhos e ... e ... que mais? Esquece-me uma*

*quê? Como se chama aquilo? Aquilo que fica muito grande, com mil e quinhentos metros, seis pisos. Estou a pensar fazer seis pisos com mil e quinhentos metros cada um ... para um lar de idosos também”.*

*“ Tenho. Tenho sonhos por cumprir e julgo eu os vou realizar. Um deles, pronto ... a minha atividade ... atividade que eu vou sempre manter e há dois sonhos que eu sempre desejei e que já há muito eu não fazia e eu quero abrir um restaurante (...) na zona da Foz. Tinha outra ideia, também, porque eu tenho um contacto de um amigo meu que está em Itália (...) ele é diretor de uma empresa de café (...) e ele tinha-me falado que essa marca não está em Portugal e, então, falou que, quando eu quisesse para ir lá e tal ... para trocarmos impressões para lançar essa marca de café em Portugal”.*

*“Neste momento é ser feliz ... é ser feliz e viver o dia-a-dia com saúde e à beira dos meus familiares”.*

*“ (...) tenho um sonho por cumprir que ainda não cumpri ainda. (...) Tenho que ir a Fátima a pé que não fui. É uma promessa que eu tenho”.*

*“Ainda tenho. Ainda tenho este, que nunca pensei que chegava a esta altura e ia para a prisão, para não poder cumprir o sonho de pôr as minhas filhas, os meus filhos, digamos com estabilidade de trabalho. Não quero mais nada”.*

*“ (...) é a questão da quinta, porque essa, também, é uma quinta boa que tem duas casas, tem uma área muito boa. Tem uma cultura de vinho e azeite muito, muito boa e vou ver se é possível fazer lá alguma coisa”.*

Apesar dos esforços em aumentarem as competências escolares e profissionais no contexto prisional, a idade cronológica é uma condicionante da reinserção, na medida em que a idade avançada dificulta a obtenção de emprego. Assim, se um dos objetivos após a reclusão é obter um emprego, isso pode no entanto ser inalcançável.

*“Já é um bocado tarde. Nunca é tarde, não é? Quarenta e três já é uma idade avançada para recomençar alguma coisa, mas nunca é tarde.*

*E – imagine que não tinha emprego neste momento, já tem trinta e sete anos. Acha que a sua reinserção ia ser mais difícil?*

*R - Se não tivesse trabalho. Claro que sim”.*

## **6.5. O Tratamento Penitenciário direcionado aos Reclusos Adultos e Reclusos Idosos**

A categoria em análise pretende analisar os atendimentos realizados pelos T.S.R., a relação entre recluso (adulto e idoso) e a equipa técnica e o Programa “*Construir um Plano de prevenção e de Contingência*”. Assim, para uma melhor compreensão é importante esclarecer o significado de Tratamento Penitenciário.

O Tratamento Penitenciário diz respeito à “*acção levada a cabo junto do delinquente, com vista a tentar modelar a sua personalidade com o objetivo de o afastar da reincidência e favorecer o seu enquadramento social*” (Pinatel cit. in Barroso & Abrunhosa, 1992:55). Do ponto de vista do Tratamento Penitenciário, um recluso (adulto ou idoso), quando entra na realidade prisional é, encarado como um ser humano que se encontra desintegrado e necessita de um acompanhamento especializado para que possa promover as suas competências e (re) integrar-se, aquando da sua libertação. Neste sentido, surgem os atendimentos individuais realizados pelos T.S.R.

Pelos discursos recolhidos, verifica-se uma (in)satisfação para com o atendimento realizado pelos T.S.R. Os reclusos adultos apresentam um discurso insatisfatório para com os atendimentos realizados pelo seu técnico:

*Não dá para passar à frente dessa? Tenho que responder mesmo? Eu acho que os técnicos deviam dar mais apoio ao recluso ... em todo o sentido. Mas apoio ao recluso. Não é só chamar, “Olá, estás bom? Então como estás? Tudo bem? Em tudo, por isso é que são técnicas. (...) Porque ... estou aqui há vinte e um meses e eu, se fui chamado à doutora para tratar de assuntos judiciais ... fui chamado duas vezes. (...) Preocupar mais com os reclusos. Chegar ao ponto de fazer assim ... ir à secretaria e dizer assim: os meus reclusos. Olhe, tenho cem reclusos e estes são reclusos, vou fazer por isso para tentar arranjar a liberdade dele.*

*“Eu acho que ... como lhe disse devia haver mais contacto com os reclusos, fazer-lhes sentir mais a vida, explicar-lhes e tudo”.*

Durante a minha participação nos atendimentos individuais, ouvi, por várias vezes, os reclusos adultos reclamarem dos atendimentos realizados, tal como é visível nas seguintes notas de terreno:

*(...) em conjunto com a orientadora interna o regular atendimento aos reclusos foi realizado. Sendo, apenas, o terceiro dia de estágio, através dos discursos dos reclusos do pavilhão C verifica-se uma insatisfação quanto ao trabalho desenvolvido por um elemento da equipa técnica, referindo falta de profissionalismo e desinteresse nos seus casos.*

*“Uma outra situação no atendimento aconteceu. Um recluso de outra técnica solicitou que fosse atendido pela minha orientadora, pois a sua técnica não estava a conseguir estabelecer contacto telefónico com o pai do recluso. Na sua opinião não estava a conseguir porque não estava com muita vontade de trabalhar. Várias situações semelhantes têm ocorrido, os reclusos acompanhados pela técnica em questão sentem-se mal acompanhados e, muitas vezes, revelam que pretendem mudar de técnica, pois estão saturados da sua falta de empenho (nota de terreno)”.*

Dos discursos transcritos, verificamos que os reclusos sentem que o seu técnico não responde às suas necessidades enquanto reclusos, sentindo que devem mudar de técnico. Por outro lado, os reclusos idosos verbalizam um discurso satisfatório para com os atendimentos:

*“Posso dizer até que fico surpreendido, porque, por exemplo, o caso da doutora A. e da doutora I., que também já foi minha técnica, fico surpreendido, porque realmente, com a rapidez que os assuntos são tratados ... que às vezes eu peço determinadas coisas e penso que só no dia seguinte ou só passados dois dias. Já aconteceu a doutora A. ter pedido e passado um bocado ... olhe, aquele assunto, já está resolvido”.*

Apesar dos T.S.R. acompanharem individualmente os reclusos, não existe um atendimento diferenciado entre faixas etárias:

*“Da conversa com a orientadora compreendi que não existe um trabalho diferenciado entre a população reclusa adulta e a considerada idosa. No entanto, devido às condições físicas do recluso idoso e a atividade no E.P. Porto, é no Pavilhão D que passam o seu tempo. Quando a sua condição de saúde está debilitada, o recluso é transferido para a Enfermaria”.*

Sentindo a inexistência de um atendimento indiferenciado, os reclusos adultos também referem que a sua participação no projeto ECOAR, desenvolvido pela associação “A Pele” não tem qualquer valor no seu percurso prisional:

*“Após a pausa do almoço iniciamos a distribuição dos inquéritos aos reclusos que não estiveram presentes na sessão com o doutor Américo Mendes da Universidade Católica sobre o projeto ECOAR. Apenas conseguimos distribuir os inquéritos aos reclusos do pavilhão A e, no*



*preenchimento do mesmo, um dos reclusos comentou que não podia colocar um guarda e um técnico no mesmo patamar de avaliação, pois ambos têm posições diferentes na participação no projeto. Outro recluso, também, comenta connosco a desvalorização sentida por parte da técnica que o acompanha, quando nas avaliações não coloca que participou neste projeto. O certificado que recebeu não tem um valor de verdade no seu percurso prisional e o recluso sente que foi esquecido pelo sistema, “sinto que fomos esquecidos” (NT).*

Depreende-se que alguns T.S.R. desvalorizam a participação dos reclusos nas atividades (certificadas) e não colocam um parecer nas avaliações. Para estes reclusos estas atividades são importantes para passarem o tempo e adquirem competências em áreas temáticas que nunca experienciaram no exterior.

Na lógica do referido, o trabalho de um T.S.R. no E.P. Porto, não se cinge aos atendimentos individuais mas em acompanhar o recluso na sua adaptação ao contexto prisional e, orientá-lo para a sua reintegração. No entanto, face ao número elevado de reclusos (sejam adultos ou idosos) acompanhados pelos T.S.R., é notório um distanciamento entre ambos. Sempre que nos aproximamos dos reclusos, o cumprimento de mão e o tratar por “você” estão sempre presentes:

*“O facto de estarem privados de liberdade e não passarem o Natal com os seus familiares traz tristeza ao grupo e isso verificou-se. Todos disseram uma mensagem de Natal ao grupo e no final da sessão eu sugeri um abraço de grupo. Pela minha passagem neste estabelecimento prisional observo que não existe muito contacto físico entre técnico e recluso, apenas o aperto de mão para manifestar o dito distanciamento. Por vezes, estes reclusos necessitam de um abraço ou de uma palavra mais calorosa, pois apesar de terem cometido um crime, também são seres humanos (...)” (NT).*

O programa “Construir um Plano de Prevenção e de Contingência” está inserido nos programas da D.G.R.S.P. e tem como objetivo prevenir a reincidência e a recaída após a liberdade:

*Depois de todos estarem sentados, foi referido que este programa tinha como objetivo ajudá-los a “Construir um Plano de Prevenção e de Contingência” para no momento em que estarão no exterior, em liberdade, os ajudará a não cometer os mesmos erros e auxiliá-los na melhor opção (NT).*

Neste sentido, faz parte dos objetivos dos T.S.R. desenvolverem este programa junto da população reclusa em fim de cumprimento de pena. Durante o meu percurso no E.P. Porto este programa foi desenvolvido junto de reclusos adultos escolhidos por duas T.S.R. (inclusive a minha orientadora local). Os reclusos idosos não fizeram parte do leque de escolhidos, uma vez que o seu percurso no E.P. Porto ainda iria perdurar.

Durante a aplicação do programa foi visível a compreensão dos objetivos do programa para os reclusos adultos em final de pena. Além do referido, houve um investimento de alguns reclusos na construção do Plano de Prevenção e de Contingência. No entanto, só um recluso o concluiu na totalidade:

*“É importante referir que alguns reclusos não trouxeram para a sessão a tabela e apenas um recluso preencheu-a totalmente. Verificou-se a preocupação no investimento das competências escolares pois este recluso mencionou que pretende tirar uma licenciatura na área do turismo e, nos últimos tempos tem participado em vários workshops desenvolvidos no estabelecimento prisional. Além do referido, era suposto iniciarem o preenchimento da tabela com “o que pode correr mal” e ao interagirem uns com os outros remetiam o seu discurso para a condenação. No entanto, já se verifica uma mudança no pensamento do recluso que preencheu totalmente a tabela. Este recluso está a estruturar a sua vida futura em prol do seu bem-estar, do bem-estar do filho e na concretização de objetivos que delineou para o futuro” (NT).*

Os reclusos que participaram no programa reconhecem que é necessário fazer um esforço para mudar as suas vidas, delinear o futuro e pensar que o regresso à prisão não é uma opção.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o percurso descrito neste relatório assumi uma atitude de pesquisadora viajante, que através do ‘vadiar sociológico’ vai para o terreno com um novo olhar para uma melhor compreensão da realidade. Nesta perspectiva recai a importância da sociologia da vida quotidiana, onde de acordo com Paulo Freire a curiosidade é o pilar da descoberta das singularidades e especificidades próprias do quotidiano em análise.

Tenho a perfeita consciência que ainda tenho muito que aprender e que acima de tudo este trabalho de investigação em contexto de estágio foi um grande passo na minha vida académica e profissional. Para realizar uma pesquisa, quer seja ou não científica, como Bernard Charlot refere no seu texto é necessário perceber o que queremos investigar, mais precisamente, o ponto de partida e como o vamos fazer, uma vez que não devemos partir para o terreno sem um plano de investigação previamente definido. Neste sentido, foi fulcral delinear o mapa de investigação e perceber quais os procedimentos metodológicos mais adequados para investigar a temática do Envelhecimento em Contexto Prisional.

Revendo os pontos principais deste trabalho, é possível responder de forma sucinta à questão de partida: De que forma os reclusos vivenciam o seu processo de Envelhecimento no Contexto Prisional? O aumento da esperança média de vida acarreta consigo a necessidade de adaptação a perdas ocorridas ao longo do ciclo de vida do indivíduo. No contexto prisional, o recluso novo e o recluso idoso têm de se adaptar, constantemente, às normas institucionais e às características dos restantes reclusos. Um recluso, ao entrar pela primeira vez na prisão é considerado “*novo*”, já um indivíduo reincidente é considerado “*velho*”. Neste sentido, o “*ser novo*” e o “*ser velho*” na instituição prisional tem a ver não apenas com a idade cronológica mas também com a idade de experiência prisional.

Um dos reclusos idosos comparou o estabelecimento prisional a um parque infantil e a um asilo de terceira idade. Esta perceção é bastante interessante. Efetivamente, se observamos o interior de uma prisão, encontramos indivíduos com diversas classificações: os presos (os) bons (*os educados*) ou presos maus (*os que não valem nada*), os disciplinados ou os conflituosos, os “meninos da Nike”, os “pintas” ou

os “pata rapadas”, os “sidosos”, os “agarrados” (Ribeiro, 2013). Efetivamente, se observarmos os pavilhões dispersos pelo corredor prisional, verificamos que os mais novos encontram-se no primeiro pavilhão (o chamado parque infantil) e os mais velhos, no último (o asilo de terceira idade).

Através das entrevistas e observações realizadas, verifica-se que a passagem do tempo dos reclusos novos e dos reclusos velhos é ocupada de diferente forma. Por um lado, os reclusos mais novos ocupam o seu dia-a-dia a participar nas atividades socioculturais, educativas e desportivas; por outro lado, os mais velhos ocupam o seu tempo a exercer funções laborais (quer seja na cozinha e nas reparações dos aparelhos, quer na biblioteca.) e a ajudar os reclusos do estabelecimento prisional a escrever cartas para o Tribunal de Execução de Penas. Nesta lógica, é perceptível a solidariedade existente entre os reclusos pelo facto de sentirem-se úteis a ajudar o próximo. O facto de estarem na condição de recluso, privados de liberdade leva a uma proximidade entre os reclusos novos e os reclusos velhos.

Neste seguimento de ideias, a privação de liberdade pode trazer consequências na vida familiar dos reclusos (novos e velhos). O suporte familiar é percecionado como algo presente durante a vida do recluso, desde a sua entrada no meio prisional até à sua liberdade. Durante o cumprimento efetivo da pena, a família e os amigos estabelecem a ponte entre o mundo exterior e o meio prisional; no entanto, por vezes as visitas e os contactos telefónicos não se revelam suficientes para manter o vínculo com os familiares e os amigos.

Através dos dados recolhidos, a reinserção social poderá passar pela criação de redes entre as especificidades e as necessidades dos indivíduos, as respostas sociais existentes e as respostas que poderão ser concebidas. Trata-se de uma reinserção multidimensional onde são analisadas as relações do indivíduo com os múltiplos contextos em que está inserido, designadamente o social, o cultural, o afetivo, o laboral, entre outros. Os vastos programas e projetos que proporcionam o desenvolvimento de atividades laborais e educativas dentro do meio prisional têm demonstrado resultados satisfatórios; no entanto, a sua eficácia depende de um conjunto de fatores que nem sempre é assegurado ao recluso após a sua liberdade (Silva, 2012).

O trabalho do T.S.R. também se revela fulcral para a adaptação do recluso ao meio prisional e a comunicação é um elemento importante na sua intervenção, na medida em que o técnico trabalha sobre as histórias de vida dos reclusos, permitindo-lhes modificar o seu sentido e fortalecer a comunicação com a sua rede social e proporcionar um pensamento construtivo acerca da sua vida e do crime cometido. No trabalho diário, os técnicos evocam os princípios orientadores da prática da Mediação, tal como a construção do diálogo entre diferentes agentes sociais em prol de objetivos e/ou resolução de problemas. No entanto, para uma intervenção eficaz é necessário que as partes envolvidas no conflito ou problema, manifestem interesse em fazer parte desta intervenção (Neves, 2010). No E.P. Porto, o acompanhamento do recluso pelos serviços de educação e/ou médicos, por vezes, não é realizado eficazmente trazendo repercussões negativas no quotidiano do recluso.

O momento em que o recluso está em privação de liberdade é um período em que devem ser realizados os esforços para que ele se readapte à sociedade da qual esteve ausente. Torna-se, assim, necessário potenciar o papel da família, da comunidade, das instituições locais e a existência de uma atividade profissional de forma a ajudar o ex-recluso a satisfazer as suas necessidades (Silva, 2012). Os reclusos quando regressam ao seu meio social devem ser devidamente acompanhados para não reincidirem e viverem em plena harmonia com a sociedade e consigo mesmos. Depreende-se que a reinserção social do recluso não depende exclusivamente da pessoa reclusa, sendo necessário um conjunto de organismos dispostos a colaborar nesse sentido.

Reconheço que tive alguns receios em não conseguir responder à exigência do trabalho em questão, pois exige mais horas de trabalho e empenho; no entanto, fui, sempre, adotando estratégias para conseguir ter um bom desempenho e satisfazer os objetivos da investigação em contexto de estágio. Enquanto profissional da Educação Social e das Ciências da Educação, deverei ter a capacidade de *“criar e gerir uma multiplicidade de redes de apoio e de lugares de encontro, vitais para salvaguardar o equilíbrio e o social.”* (Baptista, 2001:58). Portanto, como agentes de mudança, trabalhamos com pessoas, acompanhando-as no processo de apropriação crítica das suas histórias de vida, ajudando a despertar nelas o desejo de mudança.



Não quero terminar esta reflexão sem referir que é na própria realidade que tudo ocorre e, é nela que está a chave para a mudança, uma vez que estão presentes as componentes potenciadoras da mudança e a reinserção do recluso na sociedade. No entanto, é necessário continuar a trabalhar as questões do envelhecimento na realidade prisional e a analisar criticamente a eficácia do trabalho dos T.S.R. e restantes elementos das equipas técnicas. Surge como desafio a preparação da sociedade para que o recluso idoso seja aceite na prisão, como qualquer outro recluso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, Luisa (2011). *Paradigma qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta.
- Amado, João & Boavida, João (2008). *Ciências da Educação. Epistemologia, Identidade e Perspetivas*. (2ª ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, João (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. (2.ªed.) Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ander-Egg, Ezequiel. (1989). *Técnicas de Investigación Social*. 21ª Edição. Editorial Humanitas: Buenos Aires.
- Baptista, Isabel (2001). Educação Social: um espaço profissional com valor e sentido. *Revista da Educação Social*. 55-60.
- Bardin, Laurence (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Ed. 70.
- Barreto, João (n.d.). *Envelhecimento e qualidade de vida: o desafio actual*. pp 289-301;
- Barroso, João & Abrunhosa, Rui. (1992). *Psicologia e Intervenção Social de Justiça*. Porto: APPORT.
- Berger, Guy (2009). *A investigação em educação: modelos sócio epistemológicos e inserção institucional*. in *Educação, Sociedade e Culturas*, 28, 175 – 192.
- Bogdan, Robert & Biklen, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bourdieu, Pierre (2001). *A Miséria do Mundo*. (4ªed). Petrópolis: Editora Vozes.
- Cancela, Diana (2007). *O processo de envelhecimento*. Universidade Lusíada do Porto;
- Castel, Robert (1997). *As Armadilhas da Exclusão*. In BOGUS, L. et al. (Orgs.) *Desigualdade e a Questão Social*. São Paulo: EDUC;
- Charlot, Bernard (2006). A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*, 11.
- Chiaverini, Tatiana (2009). *Origem da pena de prisão*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestrado em Filosofia do Direito.
- Comissão de Estudo e Debate da Reforma do Sistema Prisional (2014). *Relatório Final*.
- Costa, Alfredo Bruto da (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Costa, António Firmino. (2003). A pesquisa de terreno em sociologia. In Silva, Augusto

- Costa, José (2007). *O idoso e o crime: (prevenção e segurança)*. (1ªed.). Lisboa: Colibri.
- Decreto-Lei nº 51/2011 de 11 de abril. *Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais*. Diário da República.
- Deus, Suelma. (2003). *À espera da liberdade: um estudo sobre o envelhecimento prisional* [dissertação]. São Paulo: PUC.
- Direção dos Estabelecimentos Prisionais (2010). *Relatório de Actividades de 2010*. Vol. II.
- Direção Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais (2016). *Ensino, Formação, Apoio à Reintegração Social*. Retirado em maio 12, 2016. <http://www.dgsp.mj.pt/>.
- Direção Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais (2016). *Estatísticas*. Retirado em fevereiro 23, 2016. <http://www.dgsp.mj.pt/>.
- Direção Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais (2016). *Protocolos*. Retirado em janeiro 25, 2016. <http://www.dgsp.mj.pt/>.
- Direção Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais (2016). *Trabalho e Apoio à Reintegração Social*. Retirado em janeiro 25, 2016. <http://www.dgsp.mj.pt/>.
- Durkheim, Émile (2001). *As regras do método sociológico*. (pp.29-39). Coimbra: Rés Ed;
- Fonseca, António (2011). *Reforma e reformados*. Coimbra: Almedina.
- Fonseca, António Manuel (2006). *O envelhecimento: uma abordagem psicológica*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica. Coleção Campus do saber.
- Fontaine, Roger. (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.
- Footy, William. (1996). *Como perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. (1ª Ed.) Oeiras: Celta Editora.
- Foucault, Michel. (1999). *Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão*. 20º Ed. Petrópolis: Editora Vozes.
- Gabriel, Diana (2007). *(De) Formação de Adultos em Contexto Prisional: Um Contributo*. Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Giddens, Anthony. (2004). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goffman, Erving (1961). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva.
- Gomes, Conceição (coord.) (2003). *A Reinserção Social dos Reclusos. Um contributo para o debate sobre a reforma do sistema prisional*. Centro de Estudos Sociais: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

- Gomes, Conceição et al. (2003). *Crimes, penas e reinserção social: Um olhar sobre o caso português*. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Direito, Crimes e Dependências.
- Gonçalves, Rui Abrunhosa. (1993). *A adaptação à prisão – um processo vivido e observado*. Lisboa: Direção Geral dos Serviços Prisionais.
- Gonçalves, Rui Abrunhosa. (2000). *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão*. Coleção Psicologia Clínica e Psiquiatria, nº3. Coimbra: Quarteto Editora. ISBN:972-8535- 20-1.
- Holanda, Adriano (2006). *Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica* *Análise Psicológica*, 3 (XXIV): 363-372.
- Magalhães, Carlos; et al (2010) - *Repercussão dos Estereótipos sobre as Pessoas Idosas*. Revista Transdisciplinar de Gerontologia. Porto: Universidade Sénior Contemporânea. Vol. III. N.º 2.
- Manzini, Eduardo José (1990/1991). A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, 26/27, 149-158.
- Martins, Teresa (2012). *Voluntários/as Reformados/as: Práticas de Voluntariado na Reforma*. Mestrado em Gerontologia Social. Instituto Superior de Serviço Social do Porto.
- Mercandante, Elisabeth (1998). *A identidade e subjetividade do idoso*. In Revista Kairós. São Paulo: Educ,1.
- Morrow, Raymond, Torres, Carlos Alberto. (1998). Jürgen Habermas, Paulo Freire e a Pedagogia Crítica: Novas orientações para a Educação Comparada. *Educação, Sociedade e Culturas*. (10), 123-155.
- Neves, Tiago (2010). Modelos de mediação social. In CORREIA, José, Alberto & SILVA, Ana, Maria (Orgs.), *Mediação (d)os contextos e (d)os atores* (pp.33-43). Porto: Edições Afrontamento.
- Oliveira, José (2005). *Psicologia do envelhecimento e do idoso*. Porto: Legis Editora.
- Organização Mundial de Saúde (2005). *Envelhecimento Ativo: Uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.
- Pais, José (1993). *Nas rotas do quotidiano*. Revista crítica das ciências sociais, nº37, Junho (105-115).

- Pereira, Gina (2012). *Velhos não querem sair da cadeia por falta de recursos*. Porto: Jornal de Notícias.
- POR DATA. *Indicadores de Envelhecimento*. Retirado em maio 29, 2015 em <http://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>.
- Quivy, Raymond. & Campenhoudt, Luc. Van. (1998) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rebelo, Helder. *Psicoterapia na idade avançada*. *Análise Psicológica* (2007), 4, (XXV): 543-557.
- Ribeiro, Marcos (2013). *Cherchez les femmes – Uma análise sociológica da população prisional feminina Portuguesa*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Rodrigues, Andreia (2006). *De que é feito o amor entre pais que se batem? Significados de amor, conjugalidade, papéis de género e violência, em adolescentes expostos a violência doméstica*. Tese de Mestrado em Psicologia. Porto. FPCEUP.
- Santos, Cristina & Nogueira, Adriano (2014). *Envelhecimento em Contexto Prisional*. Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Mestrado em Gerontologia Social. Senhora da Hora, Porto, Portugal.
- Silva, Augusto & Pinto, José. (2003). *A pesquisa de terreno em Sociologia*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, Cecília (2012). *“A vida de ex-reclusos, por suas palavras. Os limiares entre a vida na prisão e a (re) inserção social”*. Porto: Faculdade de Letras.
- Silva, Maria (2006). *“Se fosse tudo bem, a velhice era boa de enfrentar”*. *Racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice – um estudo no norte de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Teixeira, António. (2013). *Gestão das Organizações*. (3ªed.) Escolar Editora: Lisboa.
- Timóteo, Isabel & Bertão, Ana (2012). Educação social transformadora e transformativa: clarificação de sentidos. *Revista Sensos*. Centro de Investigação e Inovação em Educação. II(1).
- Tscharf, Lucas (2009). *Educação e formação de adultos em prisões portuguesas*. Universidade de Aveiro: Departamento de Ciências da Educação.
- Witter, Geraldina (2006). *Tarefas de desenvolvimento do adulto idoso*. *Estudos de Psicologia*. Campinas. 23(1)-18. Janeiro-Março.





## **ANEXO I – Guião da Entrevista**

### *A Reclusos do Estabelecimento Prisional do Porto*

Sou aluna do 2º ano do Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Esta entrevista insere-se numa investigação subordinada ao tema: *“Envelhecimento em Contexto Prisional”* desenvolvida no âmbito de um estágio curricular. A minha pesquisa tem como objetivo compreender de que modo o processo de Envelhecimento é vivenciado num contexto de instituição total e compreender o processo de reinserção social dos reclusos.

Esta entrevista será gravada e utilizada exclusivamente para fins académicos, salvaguardando-se o seu direito ao anonimato.

#### **Dados Pessoais**

Os dados pessoais e o tipo de crime e condenação servirão para caracterizar a amostra da investigação.

- 1- Idade
- 2- Nacionalidade
- 3- Estado Civil
- 4- Habilitações Literárias
- 5- Profissão

#### **Tipo de Crime e Condenação**

- 6- Qual o crime cometido?
- 7- Como interpreta a prática do crime cometido?
- 8- É reincidente?
- 9- Qual a duração da sentença?
- 10- Encontra-se na situação de Condenado ou Preventivo?
- 11- Com que idade iniciou o cumprimento de pena?



12- Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?

### **Adaptação ao E.P. Porto**

13- Como se sentiu quando deu entrada na prisão?

14- Considerava-se diferente face à idade que tinha?

15- Já conhecia a realidade prisional?

16- Na sua opinião, que tipo de fatores físicos e/ou psicológicos influenciam o seu comportamento no E.P?

17- Como se descreve antes de entrar na prisão? E atualmente? (em termos económicos, sociais, saúde)

18- Que técnicas adotou para se adaptar à nova realidade da sua vida? E quais utiliza no dia-a-dia?

### **Segurança**

19- Preocupa-se com a sua segurança no E.P?

20- O que faz para se manter seguro?

21- Quais os locais ou situações em que se sente seguro?

22- Na sua ótica, que tipo de fatores físicos e/ou psicológicos provocam o *stress* na prisão? Esses fatores podem influenciar a segurança de um recluso?

### **“O ser novo ou velho”**

23- Quem é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?

24- Na sua opinião, qual o papel desempenhado pelos reclusos mais novos? E os mais velhos?

25- Considera que a idade de um recluso (ser mais novo ou mais velho) é relevante no meio prisional?

26- Qual o papel desempenhado pelos reclusos mais velhos no meio prisional?

### **Percurso Prisional**

27- Como caracteriza o seu dia-a-dia na prisão?

28- Quais as atividades socioeducativas em que participa?

- 29- Que tipo de impedimento laboral desenvolve e que funções lhe são atribuídas?
- 30- De que modo é que a sua condição de recluso alterou a percepção acerca de si mesmo?
- 31- Antes de entrar na prisão qual a sua opinião acerca dela? E o que mudou depois de estar na condição de recluso?
- 32- Como avalia o seu percurso dentro da prisão?
- 33- Quais as principais dificuldades sentidas no dia-a-dia na prisão?
- 34- Considera que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades (face à faixa etária em que se encontra)?

### **Reclusão: percepções e dinâmica socio afetiva**

Sente que foi estabelecido algum tipo de afastamento em termos afetivos e relacionais com a sua família ou pelo contrário, o cumprimento da pena levou a uma maior aproximação entre vocês?

- 35- Já teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior? Qual a frequência desses contactos? O que representa para si o contato com outras pessoas do exterior?
- 36- De quem recebe mais visitas? Continuam a ser as mesmas pessoas que já lhe eram mais próximas ou não?
- 37- Como imagina a sua vida se não tivesse sido preso?

### **Funcionamento do E.P. Porto**

- 38- Na sua opinião, o E.P. Porto está adaptado para acolher todas as faixas etárias?
- 39- O que mudaria no funcionamento do E.P?

### **Perspetivas de Reinserção Social**

- 40- Como vê a sua vida no futuro?
- 41- Como gostava que fosse o seu regresso ao meio livre?
- 42- Ainda tem sonhos/objetivos por cumprir quando sair da prisão? De que forma os pensa realizar?
- 43- O que retira de positivo e negativo da sua experiência como recluso?

## **ANEXO II – Transcrição das Entrevistas**

### **Transcrição Entrevista R.I. 1**

***E – Qual é a sua idade?***

*R – Sessenta e cinco anos.*

***E – Eu vou-lhe pedir que fale um bocadinho mais alto.***

***E – Qual é a sua nacionalidade?***

*R – Ah ...Portuguesa.*

***E – Estado Civil?***

*R – Solteiro.*

***E – E bom rapaz (risos).***

*R – E bom rapaz.*

***E – Habilitações Literárias.***

*R – 12<sup>º</sup>.*

***E – Qual era a sua profissão?***

*R – Sou técnico de Eletrónica.*

***E – Qual foi o crime cometido?***

*R – Acidente de carro com álcool no sangue.*

***E – Como interpreta a prática do crime cometido?***

*R – Neste caso ... isto foi em mil novecentos e noventa e oito. E como é que eu hei de interpretar? Vou contar como é que foi o acidente?*

***E – Fale o que quiser.***

*R – Portanto, foi um erro nosso, um erro meu e de todos que vinham ... Vínhamos de um casamento e bebemos todos.*

***E – É reincidente?***

*R – Não.*

***E – Qual a duração da sentença?***

*R – A sentença são dois anos.*

***E – Já está na situação de Condenado?***

*R – Estou condenado.*

***E – Com que idade iniciou o cumprimento de pena?***

*R – Com sessenta e quatro.*

*E – Portanto, há quanto tempo se encontra a cumprir pena?*

*R – Vai fazer catorze meses.*

*E – Como se sentiu quando deu entrada na prisão?*

*R – Não. Não senti nada de especial. Entrei normalmente.*

*E – Considerava-se diferente face à idade que tinha?*

*R – Ah! Sim! Em relação à juventude considero ... isso considero ... nota-se perfeitamente. Eles ... Os jovens tratam os mais velhos com respeito. Não tenho queixa nenhuma ... nenhuma.*

*E – Esteja à vontade para falar sobre o que quiser, está bem? Vou-lhe colocar mais algumas questões.*

*R – Está bem.*

*E – Já conhecia a realidade prisional?*

*R – Já ... já conhecia. Já conhecia porque há muitos anos ... há quarenta e cinco anos eu não tinha carta, na altura, e fui condenado. Fui preso por guiar sem carta.*

*E – Na sua opinião, que tipo de fatores é que influenciam o seu comportamento no Estabelecimento Prisional? A nível físico, psicológico ...*

*R – Não me influencia nada. Estou perfeitamente normal ... ando sempre calmo. Não.*

*E – Nada?*

*R – Não.*

*E – Como se descreve antes de entrar na prisão? E atualmente? (em termos económicos, sociais, saúde)*

*R – Ah, de saúde está tudo bem e económico está tudo mal, porque eu fechei a oficina que tinha, e agora está fechada. Já havia pouco trabalho, e agora quando sair vai ser pior.*

*E – Pois.*

*R – E sei que piorou a cem por cento.*

*E – E em termos Sociais?*

*R – Sociais ... já ultimamente não convivia com a família portanto, já estou sozinho há quinze anos ... há quinze anos que estou sozinho. Portanto, estou sem mulher, com quem eu vivia ... portanto, já estou habituado a viver sozinho.*

**E – Que técnica adotou para se adaptar à nova realidade da sua vida? E quais utiliza no dia-a-dia?**

**R – Não adotei grande técnica, deixei-me andar.**

**E – Deixou-se andar?**

**R – Deixei-me andar.**

**E – Preocupa-se com a sua segurança aqui dentro?**

**R – Não. Não. Ando à vontade. Completamente à vontade.**

**E – O que faz para se manter seguro?**

**R – Seguro? Mas em que aspetos?**

**E – Em termos de confusões ... agressões.**

**R – Sabe, com esta idade não dá para isso.**

**E – Mantem-se na sua, não é?**

**R – Deixo-me andar no meu cantinho. Se falarem comigo, falo, se não falarem, não falo.**

**E – Quais são os locais ou situações em que se sente seguro?**

**R – Mais seguro? Na oficina.**

**E – Que é onde está a trabalhar?**

**R – Exato.**

**E – Na sua opinião, que tipo de fatores influenciam ou provocam o stress na prisão?**

**R – O isolamento, para aqueles que não trabalham.**

**E – E aqueles que podem influenciar a segurança?**

**R – São os mesmos. Quem não trabalha é ... mexe uma coisa com a outra.**

**E – Quem é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?**

**R – Bem, um homem depois dos cinquenta anos já começam a chamar velho e cota e ...**

**E – Acha que é só a idade que leva a que chamem novo e velho na prisão?**

**R – É a idade é.**

**E – É só a idade?**

**R – É.**

**E – Na sua opinião, qual o papel desempenhado pelos reclusos mais novos? E os mais velhos?**

**R – Como já disse, há bocadinho, os mais novos respeitam os mais velhos. De uma maneira geral, em catorze meses nunca vi nada de especial.**

**E – E em termos do dia-a-dia? Não falo no respeito. Nas atividades?**

**R –** Os mais novos contactam uns com os outros e nós ... prontos ... estamos na nossa vida. Não há grande contacto entre os mais novos e os mais velhos. Não há mesmo.

**E – Considera que a idade de um recluso é relevante no meio prisional?**

**R –** Eu acho que sim ... que é.

**E – Considera porquê?**

**R –** Mantenho o que disse há bocadinho. Portanto, isto é quase um decreto-lei que saiu nas cadeias, penso eu. É assim. Nas cadeias eles respeitam os mais velhos, por exemplo ... vamos imaginar ... imaginar não que é verdade o que vou dizer. Há muitos aqui ... pessoas de idade até aos sessenta, sessenta e um, sessenta e cinco que são deficientes, por exemplo ... ou porque não têm uma perna, andam de muleta e os mais novos ajudam. No próprio refeitório levam a comida e tal, e por aí fora ..., isso por aí se fosse assim lá fora, o mundo era bonito ... mas não é.

**E – Como é o seu dia-a-dia na prisão?**

**R –** O meu dia-a-dia é muito semelhante àquele que eu tinha lá fora. O meu dia-a-dia é sempre com sentido de ir trabalhar.

**E – Acorda ...**

**R –** Acordo, e tal, tomo o pequeno-almoço e vou trabalhar, e esqueço-me, completamente, que estou preso durante aquelas horas que estou a trabalhar. Portanto, só volto à realidade quando a porta é-me fechada às sete da tarde.

**E – Portanto só trabalha e não participa em mais nenhuma atividade?**

**R –** Não. Não. Só trabalho.

**E – Não vai à biblioteca? Não faz mais nada?**

**R –** Não. Não.

**E – De que modo a sua condição de recluso alterou a percepção acerca de si mesmo? O estar preso alterou alguma coisa em si?**

**R –** Não, estou na mesma. Estou na mesma ... Não sei se quer que lhe diga ... estou revoltado com a justiça portuguesa, isso estou. Mas isso fica depois, para quando sair.

**E – Antes de entrar na prisão, qual era a opinião que tinha dela? E o que mudou depois de estar cá?**

**R –** Ah! Mudou muito como já lhe disse. Estive preso há quarenta e cinco anos ... mudou em tudo. Não tem nada a ver. Porque no meu tempo era mesmo prisão e agora

*com toda a sinceridade, aqui a Cadeia de Custóias, para mim tem dias aí que parece um parque infantil. É. Um parque infantil. E há ali um pavilhão que eu chamo-lhe o asilo do terço porque é só idosos.*

***E – O asilo?***

***R – Chamo-lhe o asilo do terço que é o pavilhão D.***

***E – O pavilhão D?***

***R – O pavilhão D, que é onde estão os idosos. Isso aí mudou, não tem nada a ver. Cadeia, sim, era no meu tempo, há muitos anos. Isto aqui não tem nada a ver.***

***E – E como é que era?***

***R – Olhe quer ver? Isto para mim, agora, isto, com toda a sinceridade, isto é um hotel comparativamente ao ano de mil novecentos e setenta, sessenta e nove. Um hotel. Bem ...***

***E – O que se passava antes, que não se passa agora?***

***R – Oh ... Não podíamos sair da cela. Estávamos vinte e quatro horas fechados, comíamos na cela, as necessidades eram feitas na cela, etc. e por aí fora. Por exemplo, não entrava o jornal de notícias para a gente ler, quanto mais, quanto mais ter televisão na cela, ter um rádio ... não.***

***E – Agora é um luxo a prisão.***

***R – Por isso é que eu digo que é um hotel. Para mim é um hotel. Eu digo isso a eles e começam-se a rir. Dizem que eu estou a brincar. Não, estou a falar a sério. Claro que eu sou do tempo da P.I.D.E..***

***E – Claro.***

***R – Não tem nada a ver.***

***E – Como é que a avalia o seu percurso na prisão?***

***R – Não foi progressivo, porque devido às habilitações que eu tenho e das informações que eles também tiraram, tenho o curso de eletrónica completo e um doutor que agora não sei o nome ... porque eu trabalhei dezassete anos na “Philips” e tal ...e por aí fora. Portanto, só estive um mês ... um mês e tal sem trabalhar.***

***E – Portanto o seu percurso aqui é positivo?***

***R – É positivo ... é.***

***E – Não tem castigos ...***

***R – Não. Nada, nada, nada.***

**E – Quais as principais dificuldades que sente no dia-a-dia na prisão?**

**R –** A dificuldade aqui é que ganho muito pouco. É, eu precisava de ganhar mais alguma coisa porque há uma parte do dinheiro que fica de lado.

**E – Sim.**

**R –** E esse dinheiro não vai chegar, porque sou reformado depois de estar lá fora, não é?! Não sei se a doutora ... mas deve saber que é aos sessenta e seis anos e dois meses.

**E – Pois. As novas leis.**

**R –** Portanto, quanto mais dinheiro eu tivesse aqui na reserva, melhor para mim. Eu chego lá fora e é começar do zero outra vez.

**E – Tem casa lá fora?**

**R –** Tenho um armazém que agora, ultimamente, eu deixei a casa, deixei tudo para economizar, porque o armazém é meu, eu não pago renda e trabalho lá dentro. Portanto, eu agora já não estou coletado ... nem nada.

**E – Considera que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades?**

**R –** Eu não posso responder a essa pergunta porque nunca pedi nada ... assim para mim ... para me fazerem isto ou aquilo.

**E – Nunca foi a um atendimento?**

**R –** Fui uma vez lá à técnica, porque ela chamou-me.

**E – Quem é a sua técnica?**

**R –** A doutora A., creio. Não. Nunca andei a pedir nada. Eu vou pedir agora em Março, a ver se me deixam ir lá fora tratar da reforma. É isso ... sim, que vou pedir.

**E – Como imagina a sua vida se não tivesse sido preso?**

**R –** Era a mesma coisa, tão simples. Andava a trabalhar. Quando há trabalho, trabalho, quando não há, não trabalho. Era a mesma coisa.

**E – Após estar preso, acha que alguma coisa alterou em termos psicológicos, afetivos, emocionais na sua família, amigos, vizinhos ...?**

**R –** Não alterou nada, porque, como eu já disse, só a minha mãe é que sabe que eu que estou aqui preso.

**E – Que idade tem a sua mãe?**

**R –** Tem oitenta e oito.

**E – Portanto, o facto de estar preso não levou a uma maior aproximação de alguém?**



*R – Não, porque, quando tinha serviço na aldeia, era capaz de estar lá um ano ou dois. Já estive três anos na zona de Bragança.*

***E – Você é de Bragança?***

*R – Não. Sou cá do Porto, mas, quando havia serviços grandes, eu ia, um, dois, três anos. Isso é normal em mim. Não dou satisfações a ninguém.*

***E – Já teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior?***

*R – Só com a minha mãe. Só por telefone. Visita ... ah ... visita, eu pedi-lhe para ela não vir cá mais.*

***E – Portanto, só contacta com ela por telefone?***

*R – Por telefone. Veio cá uma vez e a partir daí ...*

***E – Só com ela? Mais ninguém?!***

*R – Só com ela.*

***E – Já agora, porque não contou ...***

*R – É fácil ... porque eu sabia como a revista era lá em cima e quando ela me disse por telefone.*

***E – A revista como assim?!***

*R – A revista que fazem às pessoas, eu não sabia como era. Uma senhora com ... na altura tinha oitenta e sete, mandavam tirar o soutien, punham as mãos pelas pernas a cima ... cortei com isso. Todas as semanas eu ligo, ao sábado, e tá tudo bem.*

***E – Na sua opinião, acha que esta prisão está adaptada para acolher todas as faixas etárias?***

*R – Não. Não está.*

***E – Porquê?***

*R – Não, principalmente aquela parte dos jovens, os drogados como a gente diz, não é?! Não por aí, não. Está tudo muito misturado. Está tudo muito misturado.*

***E – O que mudaria no funcionamento da prisão?***

*R – Funcionamento a nível de quê? A nível de segurança, de tudo? Os jovens... o tratamento fazia de outra maneira, portanto, tinha que ter mais continuidade porque eles tomam a medicação se quiserem, se não quiserem não tomam e, podiam aproveitar este tempo que estão cá presos para se recuperarem, não é?! Isso mudava. E separava os velhos da totalidade dos jovens. Isso separava.*

***E – A questão da segurança?***

*R – Não, a questão da segurança, estamos seguros.*

***E – A equipa técnica?***

*R – Não. Não. Por aí está tudo bem.*

***E – As questões alimentares?***

*R – Ah, a comida claro que nem sempre é boa, mas há uns dias que é boa, outros que é má. Não se passa fome. Claro. Vai fazer a pergunta a outros e dizem que passam fome. Eu não passo.*

***E – Como vê a sua vida no futuro?***

*R – No futuro, agora é deixar-me envelhecer ... com esta idade. O que é que eu vou fazer? Reformar-me. Vou fazendo qualquer coisa e deixo-me andar ... até Deus me levar, prontos! Não tenho intenções de mais nada.*

***E – Como é que gostava que fosse o seu regresso ao meio livre?***

*R – Olhe, estar com a calma que estou agora. Tranquilo e não dever nada a ninguém, por exemplo, que é o meu caso, que não devo nada a ninguém.*

***E – Ainda tem sonhos por cumprir?***

*R – Tenho, tenho um sonho por cumprir que ainda não cumpri ainda.*

***E – Quer dizer-me qual é?***

*R – Digo, não tenho problemas em dizer. Tenho que ir a Fátima a pé que não fui. É uma promessa que eu tenho.*

***E – É um problema? E além disso tem mais algum sonho por cumprir?***

*R – Não, mais nada. Ter sempre muito trabalhinho. Muito, ou pouco há de aparecer sempre alguma coisa.*

## **Transcrição Entrevista R.I.2**

**E – Qual é a sua idade?**

*R – Sessenta e nove anos.*

**E – Nacionalidade?**

*R – Portuguesa.*

**E – Estado civil?**

*R – Divorciado.*

**E – Habilitações literárias?**

*R – Curso industrial, tipógrafo, compositor.*

**E – Curso tipógrafo?**

*R – Curso industrial de tipógrafo, compositor.*

**E – OK. Isso é para fazer o quê?**

*R – Relacionado com livros, com jornais. A minha arte é o português.*

**E – OK. Qual era a sua profissão?**

*R – Tipógrafo compositor.*

**E – Qual era o crime cometido?**

*R – Tráfico de estupefacientes.*

**E – Como é que interpreta a prática desse crime? Porquê que cometeu?**

*R – Ora bem. Cometi por isto, porque eu trabalhei no jornal do Comércio do Porto bastantes anos. Não sei se a menina se lembra desse jornal?*

**E – Não.**

*R – Pronto, que é o atual Banif na Avenida dos Aliados. Conhece o Porto?*

**E – Sim, sei mais ou menos.**

*R – Pronto. Na Avenida dos Aliados tem aquele grande banco do Banif, faz esquina com a rua (...) trabalhei aí vinte e sete anos. E portanto, com a privatização desse jornal houve um despedimento coletivo de duzentos e tal funcionários, de todas as secções, menos uma que foi a dos jornalistas. Porquê? Perante a alienação do edifício, que foi vendido mais tarde ao Banif, fomos para a rua Fernandes Tomás. A rua Fernandes Tomás. O espaço era exíguo e só ficaram lá os jornalistas. Portanto, a partir daí, tipógrafos, distribuidores, impressores e tudo, essas secções, têm revisores também, deixaram de existir. Portanto todo o jornal, devido também ao espaço exíguo que era a*

*Rua Fernandes Tomás para aquele edifício, todo o jornal passou a ser feito só por jornalistas. É por isso que, hoje em dia, os jornais são erros atrás de erros, porque não há um setor de revisão. Prontos. A partir desse momento, a minha vida, tinha eu quarenta e seis, quarenta e sete anos, começou a andar para trás. Fomos indemnizados. A indemnização que eu recebi, criei dois postos de trabalho que foi um mini mercado na antiga Praça das Flores, que é Teotónio Pereira, perto de Campanhã e, posteriormente a isso, tomei conta do café cinema S. João. Só que o cinema S. João já estava em fase de declínio. Com 47 anos, os empregos e os trabalhos começaram todos a faltar devido ... e, depois também houve uma reconversão tecnológica a nível de tipografia, porque aquela tipografia clássica, digamos assim, convencional, começou a desaparecer. E começaram os computadores a surgir. E prontos, até nem gostava dos computadores, porque não gosto ... porque prontos, eu gostava mais, digamos assim, do aspeto que era lidar com ferro e tudo com as máquinas “intertibes”. Prontos, e arranjar trabalho, tinha dificuldade. Nessa altura eu era casado, tinha uma filha e, quer dizer, digamos assim ... fui encaminhado. Encaminhado entre aspas para o mundo da droga. Pronto, e a partir daí começou o declínio. Tinha eu quarenta e sete anos a primeira vez que entrei aqui. Entrei aqui em noventa e dois, tinha quarenta e sete, tinha quarenta e cinco anos.*

***E – É Reincidente?***

***R – Sou. Sou. Infelizmente.***

***E – Qual a duração da sentença?***

***R – Desta? Seis anos e dez meses. Mas ...***

***E – Já veio preso por tráfico?***

***R – Sempre. Sempre. A primeira vez que tive preso, lá está ... problemas com a justiça, foi efetivamente nesse, quando tinha quarenta e cinco anos que, até aí, não tinha ido a tribunal.***

***E – E foi sempre?***

***R – Sempre.***

***E – Mas já está na situação de condenado?***

***R – Já. Já. Já. Saio para o mês que vem, se ... saio com os cinco sextos.***

***E – Com que idade iniciou o cumprimento desta pena?***

***R – Esta portanto retirando cinco anos, tenho sessenta e nove... sessenta e três.***

**E – Portanto já se encontra a cumprir há cinco anos mais ou menos.**

*R – Cinco anos e sete meses. Vai para cinco anos e oito. Saio e atinjo os cinco sextos.*

**E – Como se sentiu quando deu entrada na prisão?**

*R – Nunca. Nunca. Como acabo de dizer, nunca tive problemas com a justiça e a primeira vez que entrei aqui, com uma filha menor, casado e tudo, já que era o sustento. Era eu que trabalhava, foi um trauma terrível ... foi. Só tive aqui sete meses e um dia ... e no dia do julgamento fui embora absolvido. Prontos. Tive um trauma muito grande. A vida é assim mesmo.*

**E – Considerava-se diferente face à idade que tinha?**

*R – Considerava-me diferente?*

**E – Porque já tinha 63 anos.**

*R – Mas diferente em que aspeto?*

**E – Em relação à idade que você entrou e em relação à diversa faixa etária que ...**

*R – Existem indivíduos com idades avançadas.*

**E – Portanto foi normal?**

*R – Quer dizer, eu, diferente, o que eu noto é que, perante a experiência da vida, devia ter, portanto, mais um bocado de compreensão para a vida lá fora. Mas há o reverso da medalha, que uma pessoa lá fora tem que sobreviver não é viver.*

**E – É sobreviver.**

*R – É sobreviver. Agora há diversas formas de sobrevivência. Há os que andam a estender a mão à caridade, há os que andam no roubo, nisto e naquilo não é? Prontos. O meu modo de sobrevivência, mediante a consequência de não ter trabalho, era esta, o crime de tráfico. Não é mais nada.*

**E – Já conhecia a realidade prisional?**

*R – Na primeira vez não.*

**E – Mas agora já conhece.**

*R – Ah! Conheço perfeitamente. Perfeitamente.*

**E – E na sua opinião que tipo de fatores físicos ou psicológicos influenciam o seu comportamento aqui dentro?**

*R – Aqui nem fatores psíquicos, nem fatores físicos influencia.*

**E – E o facto de estar privado de liberdade. O facto de estar numa cela confinado à aquele espaço e não sair dali. Isso não influencia em nada o seu comportamento?**

**R** – Não. Quer dizer, não é bem assim. Influencia de certa forma, influencia, porque uma pessoa está privada de liberdade e eu gosto de espaço ... e uma pessoa está restrita àquela área. Uma área diminuta. Porque eu vou dizer à menina uma coisa, eu andei a estudar num colégio de padres. Aos nove anos, a minha mãe meteu-me no colégio Celestiano do Porto, a menina conhece?

**E – Não.**

**R** – Portanto, Largo o Jardim de São Lázaro fica na rua São Vítor, e ao fundo tem o largo Padre Baltasar Guedes e tem lá um colégio. Eu andei dos nove até aos dezasseis anos, quase dezassete. Desde a primária, até acabar os meus estudos, que era o tal curso industrial, digamos assim. Habitados, embora, ali não estava privado de liberdade nem nada, não é? Mas aqui claro que influencia. Uma pessoa que está habituada a trabalhar em jornais, habituada à liberdade, estar confinado a isto, limita. Há uma certa limitação, isso é verdade.

**E – Como é que se descreve antes de entrar na prisão e atualmente?**

**R** – Oh. Antes de entrar na prisão ...

**E – A nível económico, social, de saúde.**

**R** – Antes de entrar na prisão, claro que estava bem na vida. Trabalhava. Fazia horas extraordinárias na tipografia. Estava a viver bem. Como disse à menina, estava a dizer há bocado, era eu sozinho. O sustento da família. Felizmente, não faltava nada. Depois disso, claro, uma pessoa fica limitada de muita coisa, não é?

**E – Que técnicas adotou para se adaptar a esta realidade?**

**R** – Não há técnicas. Uma pessoa entra num estabelecimento destes, e principalmente comigo, entra-se num estabelecimento destes, e já sabe como funciona. Tem que se adaptar às circunstâncias. Não é o individuo que entra aqui e pensa que o ambiente prisional tem que se adaptar a ele. Ele é que tem de se adaptar ao ambiente prisional.

**E – Portanto, adotou alguma técnica?**

**R** – Não. Não. A técnica que eu tenho é esta. Eu, pela experiência que eu tenho disto, só a idade e, fundamentalmente, a experiência que eu tenho da cadeia, obriga-me a que eu saiba escolher as pessoas com quem eu deva falar. Não é com qualquer um. Saiba escolher, saiba contactar, porque a amizade, a gente escolhe-as, não as conquista. A gente escolhe os amigos, não se conquista através disto ou daquilo. Portanto eu

*escolho aquelas pessoas que, efetivamente, eu veja com quem possa dialogar, ter uma conversa. Não é falar. Falar fala-se com qualquer um. Ora conversar não, conversar.*

***E – Claro. Preocupa-se com a sua segurança?***

***R – Aqui não. Eu nunca me meti em alhadas.***

***E – O que faz para se manter seguro?***

***R – É o meu comportamento. É o meu comportamento. Toda a gente me respeita, eu respeito toda a gente seja aqui ou lá fora na rua. Respeito mais depressa o indivíduo que é bêbedo ou que circunstancialmente está ... nessa circunstância ... sou capaz de respeitar o indivíduo sóbrio, porque o indivíduo que está na situação que está, a pessoa tem por obrigação moral de respeitar ou, o indivíduo está sóbrio se faltar ao respeito, provavelmente também lhe faltarei ao respeito. Um bocado difícil, mas, provavelmente, até faltarei. Agora claro, como acabo de dizer, conheço bem isto, porque há uma coisa. Há muita gente que anda na cadeia, mas poucos sabem andar na cadeia. Eu, felizmente, sei andar na cadeia.***

***E – Quais os locais ou situações em que se sente mais seguro?***

***R – Eu nenhum, em todo o local.***

***E – Em todo o local?***

***R – Todo.***

***E – E na sua opinião, que tipo de fatores físicos ou psicológicos provocam o stress na prisão?***

***R – Fatores psi ... psicológicos, é, portanto, uma pessoa tem de se adaptar à cadeia ... há pessoas que têm vida familiar lá fora, faz com que eles psicologicamente aqui sejam afetados. Os casados ou que namoram sentem-se afetados, porque é muito diferente saberem que não estão com a esposa, com a namorada, com os filhos e tudo, afeta-os psicologicamente. Aqui, na cadeia, a mim nesse aspeto nada me afeta psicologicamente.***

***E – Não afeta. E que tipo de fatores podem influenciar a segurança de um recluso?***

***R – É o comportamento dele. Influencia, não é? Pode ... se um indivíduo tem um comportamento idóneo, é respeitador de regras que são impostas, aqui nada perturba. O indivíduo anda aí, como a gente diz, com a roda no ar ... está sujeito a muita coisa.***

***E – Claro. Quem é que é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?***

*R – Novo na prisão é aquele que entra aqui de novo.*

***E – O primário?***

*R – Exatamente, pode ser um indivíduo com oitenta anos, esse é novo. Agora um indivíduo velho é aquele que infelizmente é o meu caso. Derivado á idade, é o tempo que já tenho disto.*

***E – O caso de ser reincidente.***

*R – Claro. É só isso e mais nada.*

***E – E, na sua opinião, qual é o papel desempenhado pelos reclusos mais novos e pelos reclusos mais velhos.***

*R – Aqui não há papel nenhum a desempenhar. Os mais novos coitados. Novos na idade, outros novos aqui, pensam que isto é uma brincadeira. Depois os mais velhos por muito que o individuo, alguns deles também mais velhos são responsáveis, podiam-se dar ao respeito e não se dão. Portanto, praticamente, nada os distingue.*

***E – Nada os distingue? Considera que a idade de um recluso, o facto de ser mais novo ou mais velho é relevante neste meio?***

*R – Sim. Sim.*

***E – Porquê?***

*R – Porque o mais velho, a idade ainda pesa um bocado. Agora o mais novo, o mais novo não. Andam aí todos à porrada, uns com os outros e tudo.*

***E – Mas agora você está-me a falar da questão da idade. E o facto de ser primário ou reincidente, acha que isso é importante?***

*R – Se o indivíduo é reincidente. Se souber portar como reincidente, claro que andam com problemas. Há muitos reincidentes que andam aí com problemas, não é? Porque lá está, há bocado como disse à menina. Andar na cadeia, anda toda a gente, toda a gente que está preso anda na cadeia. Agora o saber andar na cadeia é que é pouco, seja novo ou seja já reincidente.*

***E – Como caracteriza o seu dia-a-dia na prisão?***

*R – Oh é normal. O meu trabalho. Trabalho na cozinha há cinco anos e sete meses. Portanto, levo uma vida normalíssima como recluso. Respeitador das regras, respeitador de tudo e todos. Pronto nada mais do que isso.*

***E – E que atividades socioeducativas participa? Costuma ir à biblioteca, faz desporto?***



**R** – Sim, vou à biblioteca. Faço desporto. Vou à biblioteca quando a situação laboral permite e ... trabalho na cozinha. Quando as situações ... ando no torneio até. Futebol de salão e ... joguei quando era jovem, joguei no Boavista, ainda o campo não é onde agora. E na biblioteca ainda hoje lá estive. Sempre que posso vou lá.

**E** – **De que modo a sua condição de recluso alterou a percepção de si mesmo?**

**R** – Não. Não teve influência nenhuma. Não foi ... a reclusão em mim, não me alterou em nada.

**E** – **Portanto achou que era o mais justo face, aquilo que você estava a praticar?**

**R** – O quê? A reclusão, claro. Se é um crime. O crime tem de ser punido, seja ele qual for. Agora a gente há que analisar uma coisa. Como é que um indivíduo a partir dos quarenta e sete anos de idade e a partir daí, chega lá fora, não tem trabalho, nem tem trabalho para sobre... hoje em dia, um pobre, hoje, trabalha para sobreviver. Acho que hoje há muita gente que trabalha e não ganha para aquilo, para as despesas que tem. Portanto fará um indivíduo que não tem trabalho. Eu gosto ... há coisas que eu detesto é pedir. Não gosto de pedir e outra coisa que eu detesto, pior que a droga é roubar, porque a droga só a compra quem tem dinheiro e quem quiser fazer do dinheiro o que muito bem entender, não é? Há indivíduos que desbaratam-no todo em casinos, esbaram todo com mulheres, com isto e aquilo. E outros que têm dinheiro e gastam na droga. Portanto sou contra a droga, porque a minha educação que eu tive não me permite que a droga seja considerada de ânimo leve. Uma punição que deve ser aplicada e eu aceito-a perfeitamente.

**E** – **E antes de entrar na prisão qual era a opinião que tinha dela?**

**R** – Claro que a droga. Claro que, como tinha e como tenho agora, e, como tinha na altura, é a mesma coisa. O crime tem de ser punido.

**E** – **Qual era a sua opinião em relação à prisão?**

**R** – Nessa altura não tinha opinião. Nunca tinha estado numa prisão.

**E** – **E o que mudou depois de estar nela?**

**R** – Olhe fundamentalmente, nem sabe o que é que mudou a minha opinião depois de ... Ainda agora estava a falar ali com um rapaz, porque o que faz as pessoas virem para a cadeia é do que disse atrás. Lá fora o aspeto de lá fora, não conseguirem arranjar trabalho. A lei da sobrevivência, como digo, e depois não há a reinserção social nenhuma. Porque os reclusos são o alimento do povo e o povo tem os seus tentáculos.

*Portanto, os reclusos são o alimento porquê? Porque isto já é uma obrigatoriedade das cadeias, estarem sobrelotadas, as cadeias estarem cheias. As cadeias estarem sobrelotadas porque o recluso tem que alimentar este povo e portanto a cadeia, a percepção que eu tenho disto é que não há reinserção social nenhuma e como não há reinserção as pessoas são postas em liberdade. São atiradas às feras e pá portaste-te mal, vens cá para dentro.*

***E – E como avalia o seu percurso aqui dentro?***

***R – É normal.***

***E – É positivo. Tem castigos?***

***R – É positivo. Não. Não. Tive uma repreensão com um indivíduo que tentou fugir, um brasileiro tentou fugir e um desacato que eu tive na cozinha com ele, tive sete semanas suspenso. Depois pude regressar ao trabalho, porque não arranjam motivos para mais.***

***E – Quais as principais dificuldades sentidas no seu dia-a-dia?***

***R – Não há nenhuma.***

***E – Não tem dificuldades?***

***R – Não, nenhuma. Levanto-me cedo, às sete e meia venho trabalhar. Sigo normalmente a minha vida. Portanto, não tenho dificuldades.***

***E – E considera que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades?***

***R – Eu acho que ... como lhe disse devia haver mais contacto com os reclusos, fazer-lhes sentir mais a vida, explicar-lhes e tudo. Mas isso só não chega. Não chega, porque é como eu digo aqui. A menina está a falar comigo. Por muita moral que a menina me possa incentivar e incutir nada servirá, se for lá para fora eu não tiver nada para sobreviver. Uma pessoa diz sim senhora, é muito bonito, é tudo teoria. Na prática eu chego cá fora, quero trabalhar, quero trabalhar como pedreiro, quero tudo, não ganho. Portanto, ou uma pessoa, ou vai pedir, ou vai entrar no mundo da criminalidade. É assim que isto está. Eu estive a ler um artigo de um rapaz, de um indivíduo que é ex-recluso que diz: está institucionalizada a criminalização dos mais pobres.***

***E – Onde é que saiu isso?***

***R – Diga?***

***E – Onde está isso?***

*R – É um artigo de uma revista de um rapaz que esteve preso, que até dei a ler. Emprestei, já não sei a quem. E até pus lá em cima para as pessoas. Está institucionalizado o pobre ... é como acabo de dizer, há muita gente pobre. Está institucionalizado, porque o pobre, quando sai da cadeia ou mesmo lá fora. As cadeias não têm mais pobres, não têm porque o estado não quer investir em mais cadeias porque, se o estado investisse em outras cadeias, os pobres que estão lá fora, vinham todos cá para dentro. Está institucionalizado a criminalização do pobre. Tudo é feito para que o pobre venha para a cadeia. Mais nada. Então, um indivíduo como nós que sai daqui etiquetados não é? Pior. Pior. Eu tenho lá dentro uma declaração, porque eu vou dizer da pena anterior, estive aqui e depois fui para Izeda tirar um curso de serralharia civil e dali fui trabalhar para a Câmara de Bragança, tive lá 13 meses. Tenho ali a declaração do presidente da Câmara de Bragança que, quando eu li aquilo assim, o que é que eu vou fazer lá fora com isto? Então, está aqui a falar que eu tive preso. Imagine agora a menina chegar a um patrão.*

***E – Com uma carta de trabalho, uma carta de motivação ...***

*R – Claro. O meu comportamento, tal, tal, tal ...*

***E – Mas dizia que você esteve preso.***

*R – Devido ao acordo entre as Câmaras Municipais e os Serviços de Reinserção Social dizia ... mas afinal o que é isto? Lá dizia que eu estou preso. Perante estes obstáculos todos, o pobre chega lá fora e é obrigado. A gente vê que muitos indivíduos com as liberdades condicionais começam a regressar.*

***E – Como imagina a sua vida se não tivesse sido preso?***

*R – Se andasse a trabalhar uma vida normal. Uma via ... fazendo parte da sociedade. Estando integrado. É assim, não é a cadeia que me traz nada de bom. A cadeia não me traz nada de bom. Felizmente, eu trabalhei num jornal perto de vinte e sete anos e lidei com homens da cultura, homens de nível superior. Portanto, a nível educacional, a nível cívico, a mim não me ensinou nada. O que me ensina, infelizmente. Ensina não! O que trouxe a cadeia para mim foi conhecer uma coisa que nunca tinha conhecido. Foi ensinar uma coisa que é estar numa cadeia, que nunca tinha estado, mais nada. Não me ensinou nada, nada de nada. A nível educacional, a nível cívico, a nível de cultura a mim não me ensinou nada.*

***E – E após a reclusão que mudanças ocorreram em termos psicológicos, afetivos e emocionais? Quer seja em si, nos seus familiares, amigos. Houve alguma mudança?***

***R –*** Não. Mantem-se tudo, porque as pessoas sabem. Mesmo os meus vizinhos. A primeira vez que eu vim preso ficaram admirados, que é o senhor F., nunca pensaram nisso. Porque nada sabem que, efetivamente, que eu sou respeitado, sou um indivíduo civicamente integrado. Sempre fui, porque saí de um colégio que me obrigou a ser respeitador de regras e tudo e, portanto, as pessoas, mesmo andando no mundo da droga, nunca tive nenhuma pessoa que me criticasse, pelo menos que fizesse qualquer coisa. Toda a gente diz: então como é que anda sempre na droga ... é respeitador, educado. Portanto, não vieram trazer nenhuma alteração, a cadeia.

***E – E por exemplo houve algum distanciamento para com a sua família?***

***R –*** Não. Não.

***E – Ou houve uma maior aproximação?***

***R –*** Nunca houve nada.

***E – Já teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior?***

***R –*** Sim eu vou de precárias.

***E – Qual a frequência desses contactos? Quantas vezes já foi lá fora?***

***R –*** Lá fora fui ... com a grande ... de precária, salvo o erro quatro e das pequenas duas ou três. Assim uma coisa.

***E – E o que representa para si o contacto com outras pessoas do exterior?***

***R –*** Portanto, faço parte da sociedade. Portanto, tenho de contactar com as pessoas. Mesmo lá fora sei escolher. Tenho vizinhos meus que andam no mundo da droga que querem sentar à minha beira e eu não os aceito. Não é? Porque são indivíduos que não fazem parte, digamos assim, do meu nível. Se quiserem vão ao balcão e eu pago-lhes o café, há minha beira não. E como disse há bocado, à menina, eu escolho, não conquisto amizades, escolho as amizades.

***E – De quem recebe mais visitas?***

***R –*** Olhe a minha mãe prontos. A primeira vez que entrei aqui era um ferrinho, digamos assim. Depois, de quem recebo mais visitas, é da minha filha. Mas só vem cá quando eu quero, porque eu convivo com ela. A minha ex-mulher vinha sempre visitar-me, veio sempre até vir preso e ela disse e com razão. Já chega de ir visitar-me a Custóias. É com ela que eu convivo lá fora, embora seja divorciado, tenho a minha casa, ela tem a dela.

*Está lá a minha filha e o meu neto. É com ela que eu convivo, que janto, mas, às vezes, aqui, é quando eu: filha podes vir cá levar-me roupa, mais nada. '*

**E – quando você precisa é que ...**

**R –** Sim. Sim.

**E – Mas contacta com eles via telefone?**

**R –** Sim. Sim. Isso é quase diariamente.

**E – E, na sua opinião, acha que este estabelecimento prisional está adaptado para colher todas as faixas etárias?**

**R –** Não. Não. Isto havia de haver uma separação, porque há pessoas aqui, que é a primeira vez, por um crime de uma lana caprina, e depois são imbuídos neste espírito, digamos assim, de mafioso que anda nas cadeias. Toda a gente sabe que ... e depois saem piores, muitos deles.

**E – O que mudaria no funcionamento desta prisão?**

**R –** Muita coisa. Muita coisa.

**E – Um exemplo.**

**R –** Um exemplo. Primeira coisa. Os técnicos também deveriam estar dimensionados a ter menos reclusos para os técnicos puderem ter mais ... mais acesso ... quer dizer ter mais frequência em ouvir os reclusos, em haver aulas de reinserção social. Mas não há interesse. Para que isso haja.

**E – E é só isso?**

**R –** Sim é, fundamentalmente, porque, se houvesse esse acompanhamento sistemático dos reclusos com os seus técnicos, provavelmente, muitas mentalidades mudariam. Aqui não há.

**E – Não têm mão para tanto recluso?**

**R –** Isso. Lá está é a sobrelotação.

**E – Como vê a sua vida no futuro?**

**R –** O futuro ... estou reformado. É deixar andar.

**E – Como gostava que fosse o seu regresso ao meio livre?**

**R –** O meu regresso tanto faz gostar como não gostar. Tenho que ir para a sociedade. O resto, tou completamente integrado nela, agora ... portanto, não tem absolutamente problemas nenhuns.

**E – Ainda tem sonhos e objetivos por cumprir quando sair daqui?**

*R – Olhe digo-lhe com toda a sinceridade. Apesar de ser quem sou, tenho a idade que tenho, o meu objetivo é chegar lá fora e trabalhar outra vez, arranjar trabalho.*

***E – É o seu objetivo?***

*R – Não é um grande objetivo, mas gostava imenso. Ver um período de ociosidade, porque, agora, não preciso de dinheiro para sobreviver embora a minha reforma não seja milionária, mas ao menos tenho aquela reforma para eu me livrar das drogas.*

***E – E acha que a sua reinserção vai ser difícil?***

*R – Não. Não. Nunca foi difícil porque é como acabo de dizer, a minha reinserção social, nunca existiu reinserção social para mim. Porque fui sempre um indivíduo reintegrado. O problema está que a droga é que me fez desviar.*

***E – Pronto tem mais alguma coisa para dizer?***

*R – Não. É só isso fundamentalmente. Pronto, olhe desejo-lhe um bom trabalho para a sua ... para os seus estudos.*

### **Transcrição Entrevista R.I.3**

*R – Quando vim para cá ... desculpe.*

***E – Diga. Diga.***

*R – A entrada dos mais velhos. Portanto, a partir de uma determinada idade, é o meu caso, tenho muitas coisas para tratar lá fora, mas não tenho dependências que me conduzam a uma necessidade. Sei lá. Construtiva da minha vida, não é? Aliás, uma necessidade de construção, de construção do passado, de situações passadas, não de ... das que deixei para trás. Não daquelas em que são necessárias para sobreviver. E ... mas esta gente daqui que está, portanto ... rapazes novos que entram na prisão por penas absolutamente ... absolutamente desnecessárias. Ah. Desnecessárias, não é bem o termo, mal concebidas. Ah ... porque poderiam dar outro tipo de castigos para estes rapazes, enquadrá-los num ... nuns estabelecimentos de ensino profissional. Profissional e social. Portanto, geral, a nível geral, mas, principalmente, profissional, porque a maior parte deles foram pessoas que deixaram o seu ... deixaram os estudos no tempo indevido. Não conseguiram estudar, por diversas razões, possivelmente umas de origem familiar, outras de origem pessoal, porque, digamos... As famílias são de certo modo ... prosseguem os parâmetros que lhe advém dos pais, daquelas pessoas a quem prestaram obediência e a quem se dedicaram. Portanto, pelas suas obrigações naturais, durante toda a sua infância, e depois esses prosseguem os estudos e vão ... e vão seguindo com o objetivo já não ... já criando uma condição para criar um emprego, para criar uma aptidão de vida e de ... e de ... um conceito de sociedade que eles idealizam. Ah ... A maior parte destes rapazes não ... e esta cadeia então é ... é ...*

***E – Eu, também, já lhe vou fazer algumas perguntas em relação a isso.***

*R – Já agora se me permite só concluir.*

***E – Diga.***

*R – São rapazes que entram ... foram metidos na vida do crime, porque olhe ... primeiro deixaram a escola cedo, logo andaram ao sabor da corrente, sem nenhum compromisso de vida, já na infância. Não tiveram quem os encaminhasse, quem os obrigasse, também, que é preciso. Quer dizer, compete aos progenitores, também, acompanhá-los, mas, ao mesmo tempo, também, obrigar quando eles falham. Mas*

*para isso é preciso que os progenitores já estejam encaminhados numa vida social dinâmica e ... e regular e a maior parte depois enveredam porquê? A droga.*

***E – Comportamentos desviantes.***

*R – Depois, a droga, é preciso dinheiro para a pagar, é preciso pagá-lo. Não o têm, é preciso arranjar.*

***E – E depois entram cá dentro.***

*R – Exato e depois, se não entram, se não entram pela droga entram pelo efeito da droga, que é o de arranjar dinheiro para a pagar, não é? Esse é um dos aspetos.*

***E – Senhor José diga-me a sua idade.***

*R – Setenta e oito anos feitos no dia um de janeiro.*

***E – Já tem setenta e oito anos. Portanto, o recluso mais velho tem setenta e oito anos.***

*R – Devo ser mesmo dos mais velhos.*

***E – É. Acho que sim. Qual é a sua nacionalidade?***

*R – Sou português.*

***E – Estado civil?***

*R – Casado.*

***E – Habilitações literárias?***

*R – 3.º ano da Faculdade de Economia.*

***E – Profissão?***

*R – Sou contabilista. Técnico de contas e industrial.*

***E – Qual foi o crime cometido?***

*R – Estou acusado de burla e falsificação, mas é tudo injúria.*

***E – E como é que interpreta?***

*R – Interpretado que há, há dois ... há duas ... há dois tipos de situação que criam esta mesma indignação. É, por um lado, o Ministério Público, que tem um critério padrão para todos os processos. Se forem examinar os processos do Ministério Público digamos, em geral, eu felizmente, ou infelizmente, tenho tido a oportunidade aqui de verificar isso, porque tenho procurado ajudar alguns que ... enfim ... pelo menos com umas cartas. Faço aí umas coisas que tenho feito. Alguns até têm tido sorte, mas não têm ... claro que essas coisas não convêm, estou apenas a falar com a doutora.*

***E – Sim. Sim.***



*R – Portanto, para saber que é assim. Vêm problemas, vêm ter comigo e eu vou tentar, tentar ver. Por exemplo, há casos que já estavam extintos há muito. O tribunal não os dá como extintos e depois eles reclamam. Alguns têm conseguido reclamar e foram-se embora, porque conseguiram provar que já deviam estar. Os processos já deviam ter outras coisas, não é? Outras coisas mais ... e inclusivamente na questão ... na questão de precárias e de situações de licença de condicional e, portanto, como de licença, não ... de ... de ...*

***E – Liberdade.***

*R – Liberdade condicional. Enfim. Tenho às vezes ajudado alguns, para resolver os seus problemas, ou, pelo menos, a pedir, porque alguns não têm advogado, não têm, não conseguem mesmo. E os advogados que têm ... sabe que os advogados ... aqui são assim, primeiro, primeiro querem o processo na mão. Depois querem que o cliente arranje dinheiro. Se não arranja dinheiro ...*

***E – Não faz nada.***

*R – Fica no esquecimento. Eles telefonam e eles dizem que vão aparecer e depois não aparecem.*

***E – É um bocado complicado.***

*R – E as coisas, mas eu estava a abordar outra situação que me põe ...*

***E – O seu caso.***

*R – Ah ... o meu caso. Portanto, o Ministério Público ... o Ministério Público, portanto, tem uma acusação para todos ... para todos os crimes e envolve as pessoas de uma maneira absurda, indigna, que as pessoas podem entrar p'ro nada, quer se dizer, mas não tem capacidade para se explicar e para fazer valer as suas posições, porque o Ministério Público envolve-o a si e toda a família. Envolve toda a família, logo. A mim envolveram-me a mim, envolveram a minha mulher, condenaram-na na mesma pena que eu.*

***E – Também está presa?***

*R – Está presa, também. Condenaram na mesma pena que eu. Eu ainda posso ter alguma coisa que ver com o que se passou. Sou ... sou gerente das empresas, sou, digamos a pessoa mais habilitada da família para ... para ... para poder tratar algumas coisas e, portanto até poderia haver motivos para me chamar à atenção, para me castigar se fosse caso, se verificasse isso, mas com legitimidade e com ... e com ...*

*respeito pela dignidade humana, que é coisa que não houve. A minha mulher, essa é que não teve nada, nada, nada que ver. Primeiro, como sabe, a burla é uma ... é um crime que só pode ser praticado alguém, que tem um certo desenvolvimento, que tem uma certa ... primeiro, tem a índole para burlar, mas que tem de ter ... tem de ser praticado por alguém que tem um certo desenvolvimento, que tem uma certa capacidade de elaborar documentos de falsificação. Não. Ela foi metida por burla e falsificação, mas por assuntos que nem sequer tem conhecimento. Se teve conhecimento ...*

***E – Mas ela também trabalhava consigo?***

***R –*** Não. É que isto nem se tratava, de todo, de trabalho, mas isto foi assim. Eu vou dizer-lhe o que é ... como foi. Eu em ... suponho que novembro de dois mil e quatro, aluguei uma casa para mim e para a minha família. Portanto, eu aluguei a casa e fui para lá. Paguei e continuei a pagar e falei com a senhoria. Portanto, queria a casa em nome de uma empresa, uma empresa das que eu tinha, porque eu queria meter as despesas.

***E – Para a empresa?***

***R –*** Para a empresa e portanto, por outro lado ... por outro lado, também, eu sabia que a senhoria não tinha, não tinha apresentado a ... a ... o contrato de arrendamento nas finanças como era o seu dever, para pagar o imposto de arrendamento, não é? Ou melhor, pagar o imposto, pagava na mesma o imposto, só que o IMI não é o mesmo, não é? Então, pronto. Mas falei com ela e ela concordou comigo e eu, pronto. Tudo bem, ela assinou o papel. Só que eu entretanto. Isto portanto. Então tinha duas firmas que estalavam lá sediadas na morada. Essas duas firmas, fez primeiro um contrato com uma que durou cerca de dois anos e depois fiz outro, com outra, que durou cerca de outros dois. Sempre, sempre as mesmas coisas, e então combinei com a senhoria que pagava. Muitas vezes nem passava recibo nem nada. Era, digamos, uma espécie de confiança até que um dia, ela disse que, portanto, tinha que ... que não passava mais recibos. Não passa mais recibos, não lhe pago. A senhora também está em falta. Portanto, não lhe pago. Pronto e fiquei ... digamos, foi poucos meses, mas foi desde dois mil e seis, portanto, aqui, nem há falsificação, nem há ... nem há burla, porque tudo isto foi feito sem, digamos ... Eu para estar lá na casa, não precisei de fazer nada que fosse ...

**E – Tanto um como o outro concordou.**

**R –** Claro. Exatamente. Depois pronto. Entretanto, tínhamos aqui uma certa ... um problema com a água, não sei. Já nem sei bem, mas uma coisa de duzentos euros, uma coisa, uma água, ou de energia elétrica, ou água, que ficou por pagar na altura. E, depois, já tinha saído, quando ela mete uma ação de burla. Pronto e ... e levou-me a este ponto. De maneira que ... mas a minha mulher não tem nada com isto. Ela nem sequer sabe ler, nem sequer saber ler, porque é uma ... de segundo casamento que eu fui casado com uma. Portanto, casei-me com vinte e quatro anos, vinte e cinco com uma professora e ... e vivemos vinte anos ou vinte e qualquer coisa anos juntos e comprei ... comprei casas, terrenos, enfim.

**E – Tudo.**

**R –** Tudo, evidente. E depois quando resolvi separar-me. Enfim. Quando decido divorciar-me, para conseguir o divórcio, deixei-a ficar com tudo. Deixei-a ficar com tudo. Só tinha uma empresa, fiquei com a empresa, que é em meu nome e dela, e fiquei com a empresa e ela ficou com tudo.

**E – Portanto é primário senhor José? É primário?**

**R –** Ora primário sou. Sou agora na cadeia, mas tenho ... mas tenho, digamos algumas coisas pela ... sei lá olhe ... passei uns cheques que paguei depois. Não passei sem provisão. Sabe que isto na vida de ... das empresas acontecem muitas coisas e nós às vezes queremos ... precisamos de um material. Se vamos entregar a quem nos vai pagar não sei à quanto tempo e, às vezes, fazemos acordos com os fornecedores, de passar o cheque para determinada data, que é quando a gente pensa receber e que depois vai pagar. Isso aconteceu-me algumas vezes e foi isso.

**E – Mas nada que o levasse à prisão?**

**R –** Não. Nunca me levou à prisão, porque, quer dizer, chegava à altura e resolvia os assuntos. Simplesmente, o que eu ... o que eu ... isso contribui ... essa facilidade contribuiu de certo modo para a minha ... para, quando chego aqui, ao tribunal, com isto, o tribunal ter uma visão a respeito ... diferente daquela que devia ter.

**E – Qual a duração da sua sentença?**

**R –** Ora bem. Eu estou condenado a esta, de que estou a falar, de cinco anos e meio, mas tenho outra, de seis anos, que foi encadeado na mesma, não é? Encadearam na mesma e é ... e que é uma viatura, que eu comprei para o meu filho, e outra, para uma

*cunhada da minha mulher. Ela veio apresentar queixa que eu ... que a viatura não foi para ela. Foi para ela, porque fui que levá-la a casa dela e não há dúvida nenhuma que se tem ou se não, se despachou não sei como. O certo é que apanhei ... apanhei seis anos nessa pena. Portanto, tenho essas suas que vou fazer cúmulo agora.*

***E – Portanto já está condenado?***

***R – Já.***

***E – Com que idade iniciou o cumprimento da pena?***

***R – Setenta e seis.***

***E – Setenta e seis. Já se encontra há dois anos cá. Portanto ...***

***R – Um ano e dezanove meses. Dezoito meses.***

***E – Como é que se sentiu quando deu entrada na prisão?***

***R – Péssimo. Nem imagina. Hoje até estou melhor, porque ... porque, efetivamente, tenho ... quer dizer, nem é a cadeia, eu isso compreendo. Sei, sei ver aquilo que é normal e aquilo que não é normal e eu compreendo as normalidades que existem nas cadeias, porque ... claro que se houvesse as mesmas facilidades que há lá fora não serviriam para toda a gente, não é? No entanto ... no entanto, tinha uma impressão pior, bem pior da cadeia em si do que ela tem.***

***E – Considerava-se diferente face à idade que tinha? Entrou já com alguma idade.***

***R – Não me considerava diferente. Não. Não. Nunca. Nunca. Sabe, eu, na realidade, penso que não tenho idade. Eu ... eu sou ... considero, quer dizer, sei a idade que tenho, mas não me considero velho.***

***E – Já conhecia a realidade prisional?***

***R – Conhecia.***

***E – Do que ouvia falar?***

***R – Sim. Evidente, conhecia, mas não com este ... com esta ... Não com este conhecimento tão severo. Tão severo quer dizer, tão severo, apenas, porque é uma prisão e a mim o que me custa mais é aquilo que eu deixei por fazer e que pus os meus filhos, deixei os meus filhos à mercê de ... É a minha mulher e são os meus filhos ... duas ... tenho uma filha com dezoito anos, outra com dezanove e um rapaz com vinte e quatro anos. Portanto, esses é que me causam mais preocupações. Principalmente o bem das miúdas.***

***E – Na sua opinião, que tipo de fatores físicos ou psicológicos influenciam aqui o seu comportamento?***

*R – O meu comportamento é influenciado por ... primeiro estou convencido ... estou convencido de que ... estou agora ... perdi ... quer dizer não estou convencido já tanto, na realidade criam-me muitas dificuldades. Eu elaborei um recurso para o supremo tribunal de justiça e enviei-o diretamente através do tribunal de primeira instância, só que o recurso foi rececionado, mas passado um tempo o tribunal, o supremo tribunal de justiça mandou-me que tinha de nomear um advogado para retificar. Portanto, o pedido e algumas, algumas coisas. Arranjei uma advogada e ela mostrou muita, muita boa vontade, muita capacidade, muita diligência, mas, até agora, não me resolveu nada. E eu, neste momento, nem sei como é que a situação está, porque tenho impressão que deve estar tudo perdido ... porque não há realmente apoio jurídico para estes casos, para quem fica sem dinheiro, porque infelizmente eu estou reformado, mas estou reformado com uma parte da reforma. Portanto, estou a ver se ... se chego a um consenso com a segurança social para receber a reforma a que tenho direito, mas daí até lá, eu vou ter que passar com o que tenho e é muito difícil, porque só com muito dinheiro é que as pessoas saem de cá.*

***E – Portanto, a sua situação jurídica neste momento tem influenciado o seu comportamento aqui dentro.***

*R – Não.*

***E – Não?***

*R – Não. Eu não culpo ninguém que não tenha, que não deve, que não fez parte do meu processo. Não culpo ninguém pela minha condenação. Eu culpo sim, quer dizer, primeiro, o Ministério Público que fartou-se de dizer, de escrever mentiras sobre mim e sobre a minha família. O Tribunal que não nem deu crédito quando lá apareci sem ter sido notificado, mas apareci por saber que ... portanto a minha mulher foi notificada para ir a julgamento. Eu não fui, porque eu não estava ... estava a viver a viver noutro lado na altura. Estava a viver na aldeia e, por isso, não fui notificado. A minha mulher foi e eu fui lá com ela ao tribunal. Cheguei lá e disse ao juiz que ... pedi ao coletivo autorização para falar e disse: “Desculpe. Aqui não fui notificado do julgamento e também não tenho conhecimento de ... eu pretendia que dessem uns dias para a minha ... preparar a minha defesa e então vamos ... vou dizer aquilo que tenho para dizer”. O*

*coletivo não quis saber, continuou o julgamento e no dia a seguir, pronto, e até ao fim e depois chegou a altura, fez-se um recurso com advogados oficiosos que não dizem uma palavra. Preferia que não nomeassem advogado, eu saberia defender-me ... que para me defender ... assim admitia que alguém me defendesse, mas afinal não tive de maneira nenhuma. Pronto, nem eu acabei, nem eu nem a minha mulher. Eu não estive para a defender. Ela disse logo que não tinha nada que ver com aquilo, mas não estive lá mais tempo e, portanto, acabei por não me defender a mim e defender a ela.*

***E – Como é que se descrever antes de entrar na prisão? E atualmente?***

***R – Como é que?***

***E – Se descreve antes de entrar na prisão? E atualmente?***

*R – Eu sempre fui uma pessoa muito trabalhadora, pacata, educada com ... de bom relacionamento com toda a gente. Desde que me conheço, sempre tive um bom relacionamento com superiores e inferiores, todos me respeitavam, porque eu, com certeza, merecia o respeito deles. Fui sempre ... fui ... estive na tropa vinte e oito meses, foi lá que eu comecei a estudar, foi na tropa que eu comecei a estudar. Estive na força aérea em Monte Real, estive uma ... tive muito apoio do comandante, dos ... de todos os oficiais superiores e eu fiz lá o quinto ano do liceu, que naquele tempo conduz ao nono ano, não é? Depois vim. Ah! Queria que eu ficasse lá, mas eu entusiasmei-me com outra coisa e não! Disse que queria vir embora. Vim embora e aí a três, ou quatro meses, eu já estava empregado e então continuei a trabalhar e continuei sempre a estudar. No ano seguinte, fiz o sétimo ano no liceu D. Manuel II, no Porto. Pronto, dali inscrevi-me na Faculdade de Economia. Inscrevi-me na Faculdade de Economia, fiz uma preparação técnica, portanto, para exercer a profissão de contabilista e inscrevi-me como técnico de contas nas Finanças. Comecei a ... portanto, fui trabalhar para uma empresa como contabilista, técnico de contas no Porto. Estive aí até ... isto em mil novecentos e oitenta e dois. Em mil novecentos e oitenta e dois meteu-se ... ah ... eu fazia já ... fazia já ... contabilidade noutros aldos, noutras empresas que tinha fora. Aquela era efetiva, mas depois, ia à noite e ao sábado, domingos, não sei quantos. Ia para outros lados fazer. Portanto, trabalhos de maneira que pronto. Então fui fazer a escrita de uma fábrica de plásticos. Fiz uma sociedade com o dono da fábrica de plásticos, em que ia comercializar parte do fabrico dele. Quer dizer, eu ia fazer a comercialização e a firma era minha, cinquenta ... cinquenta, minha e dele. Comecei a*

*desenvolver o negócio e os lucros eram tantos, eram tantos que o dono da fábrica começou a passar dos carretos, porque eu conseguia ganhar mais dinheiro na minha empresa ... que era minha e dele, não era? De maneira que começou a criar problemas. Não há problema nenhum. Vamos desfazer a sociedade. Desfazemos a sociedade, não vale a pena estar ... e então fizemos um acordo. Eu ficava com a empresa, portanto ... porque eu tinha combinado fazer na empresa, tinha equipamentos que dava à fábrica para ela produzir. Quer dizer sem eles, ela não podia produzir e também não podia mandar fazer outros, porque ... porque estava, quer dizer, como é que se diz ... como é que se chama aquilo ... agora estou ... quer dizer. Agora eu não podia mandar os equipamentos. Eram aqueles que tinham, determinados produtos e tinha modelos próprios e, portanto, não podia. Ele não podia fazer outros e, digamos, e fazer concorrência. Pronto. E, então, e como fiquei com a empresa, fiquei com os modelos e eu dava-lhes para ele fabricar e o resto era tudo meu. Eu fabricava e eu pagava-lhe e depois ... pronto. Isso continuou durante dois ou três anos. Aí ele criou outra dificuldade. Criou outra dificuldade que não tinha, que não tinha máquinas disponíveis para ... para ... para fazer o equipamento, fazer os ... pronto. Não tem problema nenhum. Venham os moldes para cá, os moldes para cá, porque eu vou dá-los a outra fábrica para me fazer.*

***E – E cortava a relação que tinha com ele.***

***R –*** *Exato. Bom, e foi assim que aconteceu mesmo. Eu acabei por trazer os moldes e dei-lhos a outro lado, mas depois tive dificuldade na injeção das peças, porquê? Porque ele era ... era ... era digamos um técnico, era um técnico ... dono da empresa. Era um técnico de plásticos, mas era um indivíduo muito direitinho, quer dizer, neste aspeto de industrial, ele percebia muito bem tratar daquilo de maneira, que depois, às vezes, não é mudar de fábrica. Acontece que há modificações nos próprios equipamentos. Quer dizer, os moldes começam a precisar de equipamento, de modificações para funcionar com a ... então mudei, mudei para outra fábrica e quer dizer, das duas empresas com ... para máquinas e eu aí eu ia para a Espanha, ia para a França, ia para a Alemanha. Ia às feiras e trazia modelos, trazia catálogos e importava muitas vezes. Com um armazém na Maia de setecentos metros. Instalei as empresas e tinha um camião. Pelo menos, todos os quinze dias, um camião de França.*

***E – Vinha com equipamento?***

**R** – Vinha com equipamentos, parafusos. Portanto, materiais para venda. Era altura das casas boas, de fornecimento de materiais, de ... portanto, digamos, manutenção de instalações. Portanto, aquilo era material que dava para a metalomecânica, para a construção civil. Depois, a seguir ... depois, a seguir com essa sociedade, eram com uma funcionária superior das finanças. Estava a viver com ela. Na altura separei-me da minha mulher ... a viver com ela. As coisas começaram bem, funcionaram muito bem, mas, entretanto, apareceu esta mulher, que era mais nova e eu fui com ela ... fui com ela. Mais nova, pronto, lá da aldeia e tal ... e aí houve problemas com a sócia. Nessa altura, a sócia queria uma indemnização ... queria uma ... queria muito dinheiro pela parte dela e eu fiz uma coisa. Constituí outras duas empresas. Comecei a trabalhar com elas e deixei aquelas. Portanto ... mas depois verifiquei que aquelas deviam continuar também, porque eu era o sócio com oitenta por cento.

**E – Tinha a maioria.**

**R** – Exato. E pronto. Criei, então, outras duas e essas duas foram, por assim dizer, tirar lugar, aquelas que existiam, mas isto foi mais para deixar de estar sujeito à pressão que ela me estava a criar. Pronto. Entretanto ficou ... acabaram por ficar as quatro a funcionar, porque eu senti necessidade de que elas continuassem. Continuei a ... continuei na mesma a trabalhar. Entretanto ela desistiu.

**E – Da sociedade?**

**R** – Da fusão, e eu acabei por desistir das empresas. Desisti das empresas, não desisti, até, porque ainda tenho coisas que eu quero arrumar e a seguir ... a seguir como me juntei primeiro com esta mulher e depois, entretanto, quer dizer ela ... depois começaram a haver as filhas. Ah. Criei duas empresas com ela.

**E – Ou seja, em toda a sua vida, você esteve sempre a criar empresas!**

**R** – Sempre. Criei mais duas com ela e então aí digamos, essas duas também foram geridas por mim, até porque ela nem sequer tinha capacidade para isso. Apenas assinava aquilo que eu lhe mandava fazer. E pronto. A coisa continuou assim e foi isso. Um dia, ah! Um dia foram ... começaram a pegar comigo por causa destas coisitas de uns cheques. Por exemplo, foi uma empresa de Águeda que deu cabo de mim por um cheque de mil e duzentos euros. Não era euros era contos, duzentos contos. Naquele tempo, cinco vezes dois, dez ... eram seis mil e quinhentos euros.

**E – Portanto você a nível económico sempre teve uma vida estável.**



*R – Sim, sempre tive.*

***E – E a nível social?***

*R – A nível social ... portanto isto foi ...*

***E – Mas tinha um bom relacionamento?***

*R – Tinha sempre com todas as pessoas. Eu, onde quer que chegasse ,toda a gente queria negociar comigo, toda a gente. Chegava a qualquer sítio, todos queriam negociar comigo, porque sabiam que eu tinha capacidade. Sabiam que eu tinha ... que eu era sério, sabiam que ... Portanto, até que as minhas empresas tinham um movimento muito grande. Não ficaram a dever nada a ninguém.*

***E – Claro. E atualmente como é que se descreve? Em termos económicos, sociais, de saúde.***

*R – Atualmente, descrevo-me como alguém que pensa que falhou. Eu penso que falhei, não na minha conceção do trabalho, da conjugação de esforços. Não. Eu falhei, sobretudo, porque fui sempre muito crédulo. Acreditava muito em mim, mas também acreditava muito nos outros e fui muito enganado. E houve, portanto ... perdi muito dinheiro em muitas empresas por ter confiado demais. Empresas ... empresas que conhecia e que, por exemplo, só uma é que eu estou a ver ali mesmo. Vizinha na Maia, levou-me e apresentou-se à falência. Levou-me trinta e tal mil contos. Contos com cento e cinquenta mil euros. Ah. Eu tinha. Eu vendi-a, porque eu vendi-a tudo. Vendi-a material inox, material de aço temperado, vendi-a máquinas de soldadura, máquinas de corte, portanto, guilhotinas, vendia gás para industrial, para as empresas. Mandeí ... comprei um camiã e mandei-o equipar essencialmente para isso, para a condução de garrafas daquelas altas. Não sei se conhece.*

***E – Sim. Sim.***

*R – De gás que tinha um motorista só para isso, para andar na distribuição pelas empresas. Depois arranjei ... eu tinha uma capacidade, na altura era uma capacidade que eu tinha, nem sei como é que eu fazia tanta coisa.*

***E – E no momento, antes de vir preso, ainda gere alguma coisa? Ainda gere alguma empresa?***

*R – Estou. Estou com as empresas paradas, mas não acabadas. Elas não devem nada a ninguém. A única coisa que eu tenho, que apresentei ... elas apresentaram ... as empresas apresentaram folhas de pessoal à Segurança Social enquanto tiveram a*

*atividade e isto remonta a ... portanto mil novecentos e noventa e cinco. De mil novecentos e noventa e cinco a dois mil e cinco ... a dois mil e cinco. Portanto, essencialmente, claro que depois, aí, houve realmente a entrega de folhas de salário das empresas ... de pessoal e que eu quero regularizar essa situação, mas não está nada em débito, porque a Segurança Social cometeu a gafe de retirar as folhas e não as tem lá, mas eu tenho-as carimbadas, e ... Portanto agora estou a tratar disso com o meu advogado, para mexer nisso.*

***E – Claro. E que técnicas adotou para se adaptar a esta realidade?***

***R – Desculpe?***

***E – Que técnicas adotou para se adaptar a esta nova realidade?***

***R – Olhe, não há técnicas para isso. Há apenas a compreensão ... a compreensão das situações e há sobretudo a força de ânimo, que eu mantenho e que eu tenho em mim, de que vou conseguir libertar-me deste suplício. E que vou provar ... e que vou provar a quem me quis aqui meter, que de facto eu não sou aquele homem que eles procuram. Eu sou uma pessoa honesta, desde o meu princípio de vida. Sempre fui muito trabalhador desde criança ... desde criança. Eu, aos doze anos, o meu pai comprou, por mim e pela minha irmã, um estabelecimento, na vila de Cinfães, que era na altura do melhor que havia. Era, por assim dizer, um supermercado de hoje, embora mais pequeno, claro, e menos sofisticado, mas eu estive sempre à frente dele, porque o meu pai tratava de outras coisas e deixava-me à vontade. Deixava-me à vontade, porque confiava em mim. Portanto, criei aí um relacionamento fantástico com as pessoas. Tinha clientes, como funcionários dos tribunais, juízes, secretários, pessoas que eram minhas amigas. Eram pessoas mesmo do coração. Isto enquanto ... antes de ir para a tropa. Quando fui para a tropa ... estava ainda na tropa e o meu pai queria, estava convencido que eu voltava para lá para ...***

***E – Para a vida militar?***

***R – Não, voltava para ...***

***E – O supermercado?***

***R – Sim e, então, comprou outro. Ficou com dois. Um era para mim.***

***E – E o outro para a sua irmã.***

***R – Não. Ela estava na altura a estudar. Já havia escolas mais coise ... que ela era mais nova e, portanto, estavam-lhe a encaminhar outra coisa qualquer. Mas, em principio,***

*um era para ele ficar e o outro para mim. Só que eu disse que não, que tivesse paciência, com os dois, ou que resolvesse o problema de modo a que eu não ia lá ficar. E não fui. Tanto assim que, dois ou três meses depois, eu arranjei emprego e fui embora. Pronto. Mas tudo bem ... e as coisas rolaram bem. Não tive, de facto dificuldades. Tive sempre ... onde quer que estive criei muitos amigos, muitas boas relações. Tenho uma vida limpa.*

***E – Diga.***

***R – Tenho portanto ... não tenho, de facto, motivos para julgar que fui mau. Fui bom. Não tive, nunca me meti em crime de nenhuma espécie, de nenhuma. Os conceitos sociais eram os melhores. Lamento, lamento ter sido apanhado numa coisa que não tinha ... não havia motivo para me fazerem isto.***

***E – Nem a si, nem à sua esposa. Preocupa-se com a sua segurança neste estabelecimento prisional?***

***R – Não.***

***E – Não? E o que faz para se manter seguro?***

***R – Nada.***

***E – Nada? Existe alguma situação em que se sente seguro?***

***R – Sinto-me seguro em todo o lado.***

***E – Na sua opinião, que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, provocam o stress na prisão?***

***R – Olhe, eu sou uma pessoa que não tenho stress. Sabe porque é que não tenho stress? Ou leio ou escrevo.***

***E – Mantem-se ocupado.***

***R – Exato. Ou leio ou escrevo, ou trato disto, ou trato daquilo. Tenho sempre ... estou sempre ocupado. Só se eu não estiver psicologicamente bem, é que eu me deito em cima da cama a dormir ou a descansar.***

***E – E diga-me uma coisa, existe algum fator que possa influenciar a segurança de um recluso?***

***R – Há muitos. Muitos fatores. Primeiro, a segurança de um recluso depende muito do comportamento.***

***E – Que eles têm cá dentro?***

*R – Exatamente. E das companhias também porque, infelizmente, há muita gente de várias ... quer dizer são psicologicamente diferentes uns dos outros, não é? E há muita gente má.*

***E – O seu comportamento pode levar a que influencie a segurança, não é?***

*R – Exatamente. Mas isso é, digamos, que os guardas, de certo modo, digamos, a prisão, de certo modo, está preparada, já, para isso e tem ... sabe onde está o mal? Sabem onde estão os conflitos e vão colmatando com ações aqui e acolá. Às vezes em sítios onde não devem, mas o que importa é que a segurança seja feita, não é? Por isso, penso que não é ... as coisas podem acontecer. Caso de gravidade que já tem acontecido e acontece mas, de modo geral, não há. E, quem se portar bem, cria, realmente ... eu, por exemplo, às vezes, até fico admirado de pessoas que eu nem sequer me lembro de tê-las visto. Chama pelo meu nome, como se fosse um amigo velho. Sou amigo, mas que fosse velho amigo deles, não é?*

***E – Quem é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?***

*R – Olhe eu digo-lhe uma coisa. Não tenho visto grandes ... grandes desequilíbrios. Eu não sei se sou mais considerado ...*

***E – Velho.***

*R – Pelos mais velhos se pelos mais novos porque todos eles de um modo geral são afáveis.*

***E – Mas, diga-me uma coisa, acha que o fator idade é que define o que é novo e o que é velho? Ou, o facto de ser primário, ou reincidente é que define o que é novo e o que é velho na prisão?***

*R – Ora bem.*

***E – Ou pode haver os dois?***

*R – Há as duas vertentes. Quer dizer, um individuo, que é velho, enfim, mostra a sua idade e, portanto, toda a gente sabe que eu sou um individuo com mais idade do que eles ou do que outros, não é? A questão do respeito que se tem em relação aos mais velhos ou aos mais novos, eu penso que isso é, por exemplo, uma questão de formação e as pessoas ... eu, por exemplo, eu, para mim, não há diferença, não faz diferença. Entre uma pessoa de mais idade e uma pessoa de menor idade. Eu respeito igualmente as pessoas como elas são e, a verdade, é que tenho verificado ... de modo geral,*

*também acontece isso. Eu nunca tive, nunca ... eu posso dizer que, até agora, ... eu estou aqui ...*

***E – Há quase dois anos.***

*R – Portanto, há dezanove meses, e faço dezanove meses dias quinze ... e estou aqui este tempo e não tenho visto que haja distinções, diferenças. As únicas coisas que há é que isto aqui é um estabelecimento, no fundo, onde todas as pessoas têm necessidade, porque há muita gente que fuma, há muita gente que precisa de comer alguma coisa e há muita gente que não pode. Eu até, às vezes, admiro o sacrifício que muita gente deve fazer para aguentar. Alguns que estão cá e a vida que eles querem fazer cá ... como é que conseguem? Mas isso é uma questão de equilíbrio familiar e social que cada um vai procurando fazer à sua maneira. Às vezes, há uns que pedem isto, outros que pedem aquilo e claro as pessoas que vão, que têm possibilidade vão ajudando, vão, enfim ... fazendo, às vezes, algumas coisas por eles e enfim. De modo geral, ajudam-se uns aos outros sem ... às vezes, há aqueles que são, digamos, criam enganos para enganar as pessoas e ...*

***E – São os conflituosos.***

*R – Não. Enganam mesmo as pessoas para, por exemplos, lhes ficar com os meios que eles tenham para ir ao bar, para ter isto ou aquilo. Enfim é isso.*

***E – E diga-me outra coisa, qual é o papel desempenhado pelos mais novos e o papel desempenhados pelos reclusos mais velhos?***

*R – Bom, de um modo geral, os reclusos mais novos, a não ser aqueles que, ou não tenham aptidões, ou não queiram, há mais trabalhos para eles. São faxinas ali e acolá no ... portanto, na cantina, nas ...*

***E – Nas várias áreas.***

*R – Nos corredores, nas várias coisas e, portanto, e vão ganhando algum, que, também, os ajuda a sobreviver e a ir ao bar tomar o seu café.*

***E – E os mais velhos, qual é o papel que eles desempenham cá dentro?***

*R – Os mais velhos, alguns, há pessoas mais velhas que estão aí encostadas.*

***E – Mais debilitados.***

*R – Que estão, por exemplo, fazem umas coisas na ... na ...*

***E – Na biblioteca?***

*R – Na biblioteca, lá dentro na secretária, mas, enfim, mudar umas pastas, fazer umas coisas. Outros não. Por exemplo, não fazem nada.*

***E – Não fazem nada. Considera que a idade de um recluso é um fator relevante neste meio?***

*R – É muito.*

***E – Porquê?***

*R – Primeiro, porque acho que os mais novos, os mais novos são muito prejudicados com as prisões que há, muito pesada. É muito, é destrutivo. Vieram já por muitas dificuldades, mas quando se aproxima a ida deles embora, eles estão pior, porque não têm conhecimentos para desempenhar uma profissão. Não têm. Claro que não falo de todos. Há alguns que estão cá que têm as suas profissões, têm conhecimentos, não é? Mas a maior parte é assim, não tem conhecimentos para desempenhar uma profissão. Não sabem fazer nada. O que é que a justiça espera deles? Não é preciso dizer mais nada, não é? Porque ... mas isto está muito mal. O que deviam era ter uma escola de formação, mesmo formação profissional e social para que aquelas pessoas, aqui, se habituassem a um nível social, que lá fora iam desenvolver. Social e profissional. E, depois, ajudá-los, também, do ponto de vista financeiro, para cada um poder sair e não chegar lá fora ... e não têm casa, outros não têm, não têm emprego, não têm família.*

***E – Não têm nada.***

*R – De maneira que é impossível ter atenção a isso. Os mais velhos, de modo geral, têm uma segurança ou outra. Por exemplo, eu se aqui ... eu tenho aqui as minhas coisas para fazer aqui na Maia. Se não for, eu tenho lá em cima uma quinta com uns hectares para mim e para a minha irmã a repartir. Portanto, tenho duas casas. Tenho uma para mim e outra para ela. Portanto, não estamos ...*

***E – Não está muito mal.***

*R – Não estamos descalços, mas é complicado.*

***E – Como é que caracteriza o seu dia-a-dia na prisão? O que é que faz?***

*R – Olhe, eu faço, vou fazendo umas cartas para este, umas cartas para aquele. Conforme.*

***E – Conforme lhe pedem.***

*R – Vou vendo processos e dando alguns esclarecimentos. Portanto, daquilo que eu posso e sei. Enfim. E é assim que eu passo o tempo.*

***E – E participa em alguma atividade socioeducativa cá na prisão?***

*R – Olhe, eu andei aí numa coisa criada pela igreja e que, depois, não desisti, mas tive um percalço e tive de suspender, por razões de saúde e outras que entretanto surgiram.*

***E – Não participa em mais nada?***

*R – Não. Não.*

***E – De que modo é que a sua condição de recluso alterou a perceção que tinha acerca de si mesmo? Acha que o facto de estar preso começou ...***

*R – Se eu tivesse sido ... se eu tivesse sido mais enérgico, isto é, enérgico comigo mesmo, menos cordato com as opiniões de terceiros, teria criado mais conflitos sociais, mas teria uma vida diferente.*

***E – E antes de entrar na prisão, qual era a opinião que tinha dela? E o que mudou depois de cá estar?***

*R – Não mudou nada.*

***E – Não mudou nada?***

*R – Não. Eu sempre pensei que a prisão deveria ser aproximadamente isto. Tenho ...*

***E – Não fugia muito aquilo que lia e ao que via na televisão, não era?***

*R – Não fugia muito a?*

***E – Aquilo que via na televisão ou que lia nos jornais ou que ouvia falar de outras pessoas.***

*R – Não. Eu tenho uma visão geral da sociedade pública. Pública não digo, da função pública, digamos, e, portanto, eu não acreditava em muitas coisas que diziam. Não via, não é? Sempre me convenci que a prisão que podia ser má. Por exemplo, na questão da alimentação e isso podia ser bem melhor, não é? Mas em termos gerais tinha que ser isto. Não era, digamos, aceitável que se tivesse ... que se chegasse aqui, encontrasse um sei lá? Desculpe-me. Um cubículo, um balde para fazer as necessidades.*

***E – Como é que avalia o seu percurso dentro da prisão? Acha que é um percurso positivo, até agora? Ou negativo?***

*R – Não, tem sido ... acho que tem sido neutro. Não. Nem tenho conseguido sobressair, nem pretendendo sobressair. Também não pretendo viver. Viver, digamos, isolado podendo, realmente, mostrar aquilo que eu sempre fui. Eu sempre fui uma pessoa*

*pacata e consciente do lugar que devia ocupar. Se estou aqui por crimes, eu continuo a dizer que não tinha que estar aqui.*

**E – Quais são as principais dificuldades sentidas no seu dia-a-dia?**

**R –** *A minha dificuldade, em termos de prisão, ou em termos de vida?*

**E – Ambas as coisas.**

**R –** *Ora, em termos de prisão, praticamente, aqui, nós temos tudo de boca e da prática não temos nada.*

**E – É por isso que quer ler o regulamento?**

**R –** *(risos) e, portanto ... mas se a gente souber colocar-se no lugar dos nossos superiores, dos nossos ou das pessoas que têm a responsabilidade de nos ... de nos ...*

**E – Acompanhar.**

**R –** *Acompanhar, exatamente. Acho que, se tivermos esse comportamento, que estamos pelo caminho certo. Porque não vale de nada nós querermos impor-nos, impor o nosso querer contra a força, não vai ... não vamos a lado nenhum. Agora vamos, se nós formos capazes de saber compreender ... de saber compreender e fazer ver as nossas necessidades e os nossos direitos. Agora, conhecendo, sempre, os nossos deveres. Eu nunca ... sei que tenho um determinado direito ... eu não vou pedir esse direito a ninguém, impondo-me. Eu vou chamar a atenção para esse direito e espero que as pessoas que têm que mudar, saibam compreender a minha posição, não é?*

**E – Claro.**

**R –** *Esse é o meu lema. Aliás um pouco como ... eu sempre fui e ... eu nunca arranjei conflitos com ninguém, porque eu sabia sempre estar próximo daquilo a que eu tinha direito, mas não passando por cima das pessoas, que também tinham os direitos delas. Porque, claro, eu posso ... eu vou ser conduzido a um hospital por dois ou três guardas, dois guardas, normalmente. Eu posso saber que eles estão a proceder mal comigo em relação ao modo de atuar na rua. Mas eles também têm os seus direitos. Eles têm ... porque, digamos, a cadeia ... os regulamentos dizem que o preso tem de ir assim, tem de ir assado, mas, também, pode ir assim desta maneira e daquela e tal. Ora bem ... mas a responsabilidade é sempre de quem me conduz. Eu posso ... a pessoa que vai a conduzir pode achar que eu não sou pessoa para fugir. Eu posso fazer-lhe a demonstração de que não sou pessoa para fugir, mas essa demonstração não chega para o livrar da responsabilidade se eu fugir.*



**E – Sim, eu estou a perceber o que quer dizer.**

**R –** Não é? Portanto, é preciso haver um pouco de compreensão do que uns têm que fazer e os outros podem fazer. Podem fazer, se os deixarem, não é? Se as pessoas tiverem responsabilidade de ... a responsabilidade de cederem, não é? Se não fazem ... é por isso que os regulamentos são difíceis de interpretar, porque nós temos o direito.

**E – Mas, também, temos deveres!**

**R –** Mas também temos deveres ... mas as pessoas também têm direitos, também têm direitos de reservar o seu eu, a sua dignidade profissional e o seu interesse profissional. Quer dizer ... vão facilitar um indivíduo. Sei lá. Pode ter alguém que venha ajudá-lo, ou qualquer coisa. Tem esse direito.

**E – Considera que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades?**

**R –** Que os atendimentos ...

**E – Que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades?**

**R –** Não sei que é que quer referir-se.

**E – Os atendimentos individuais, em relação ao seu técnico, que o acompanha no pavilhão.**

**R –** Não. Não tenho. Não tenho.

**E – Não tem razões de queixa?**

**R –** Não. Não tenho. Claro, há coisas que poderiam facilitar, mas lá está, é a tal coisa. Facilitar ... se facilitar a mim, tem que facilitar a outros.

**E – Claro.**

**R –** As coisas ...

**E – Como imagina a sua vida se não tivesse sido preso?**

**R –** Eu nem quero, nem quero pensar nisso sabe? Porque isso para mim foi um desastre tão grande, tão grande, que nem imagina. Fui eu, foi a minha mulher, os meus filhos. Foi um desastre muito grande, foi uma ... mas eu ainda estou convencido que ainda vou, ainda vou conseguir resolver muitos problemas. Ah ...

**E – Diga.**

**R –** É uma questão de ... é uma questão de justiça, entrarem na compreensão daqui. Eu no fundo não merecia isto.

**E – Após a reclusão, que mudanças ocorreram em termos psicológicos, afetivos e emocionais? Quer seja em si, nos seus familiares, amigos e vizinhos.**

*R – Olhe, primeiro, foi a minha filha que foi trabalhar para Londres. Felizmente está bem, mas eu tenho muitas saudades dela, como tenho dos outros, mas, claro, foi dos que sofreu mais. E, depois, foi, porque achou que aqui sozinha não podia estar. Sozinha com a irmã não podia estar, porque não aguentava a vida de cá sem a minha ajuda. Isso é que me custou muito e custa e, quando falo com elas, acho que elas me estão sempre a omitir a dificuldade.*

***E – Para não o preocuparem, não é?***

*R – Exatamente. O que elas querem é ... o que elas perguntam: “e tu como é que estás?” E isto e aquilo. Quer dizer, é a minha maior tristeza. Apesar de saber, também, que vou perder algumas coisas do meu património, que estão a perder, estão para lá abandonadas. Tenho uma casa, na aldeia, que tinha comprado e que eu não sei como é que está. Deve estar ... já me tinham vandalizado antes que agora deve ser sei lá o quê.*

***E – Portanto, sente que foi criado algum tipo de distanciamento para com essas pessoas? Ou houve uma maior aproximação quando veio preso?***

*R – Distanciamento entre?*

***E – Entre os seus familiares, amigos.***

*R – Não. Os amigos, sabe, os amigos afastam-se, afastam-se, sempre, quando o indivíduo vai para a cadeia. Afastam-se sempre. Agora, em relação a isso, não quer dizer que deixo de ser amigo deles. Quando eu chegar, eles abraçam e não sei quantos e tal, mas a vida é muito difícil. É muito complexa. As pessoas não se querem comprometer com nada. Uns temem por isto, outros temem por aquilo, outros sabem o que se passa, outros é muito difícil. Agora os meus filhos não, esses ...*

***E – Continua. O tipo de relacionamento continua igual.***

*R – Sim, esses não. Eu acredito neles e eles acreditam em mim.*

***E – Já teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior? Já teve oportunidade de ir lá fora, por exemplo? Já teve direito a saídas jurisdicionais?***

*R – Não. Ainda não fiz isso. Ainda não pedi, porque achei que ainda não tinha chegado a altura própria.*

***E – Já teve contacto com outras pessoas do exterior?***

*R – Tenho tudo.*

***E – Tem visitas?***

*R – Tenho, mas isso é só família. É as pessoas que me vêm visitar são as minhas filhas e a minha ex-mulher.*

***E – Portanto, continuam a ser as mesmas pessoas.***

*R – Ficou sempre minha amiga, porque eu tenho ... tenho advogados que têm vindo ver e isto ... sobre assuntos que eu tenho.*

***E – Portanto, continuam a ser as mesmas pessoas que já lhe eram próximas lá fora?***

*R – Olhe, eu não tenho amigos que me tenham visitado, mas eu também não queria.*

***E – Não queria? A família em primeiro lugar.***

*R – Exatamente.*

***E – Na sua opinião, acha que este estabelecimento prisional está adaptado para acolher todas as faixas etárias?***

*R – Olhe, com a deficiência geral, económica que o país atravessa, acho que sim. Se formos a falar em termos de prisões educativas, que é o que elas deviam ser e ... não.*

***E – Que não está adaptado.***

*R – Não.*

***E – E o que mudaria no funcionamento deste estabelecimento prisional?***

*R – Primeiro, primeiro, não se ... não se concebe que haja aí escolas a funcionar sem ser em regime completo. As escolas devem funcionar nas prisões, para quem necessita delas, em regime completo e ter ... com uma formação as pessoas serem ... portanto, ter uma formação, como que lhe seja prestável lá fora. Por outro lado a ... digamos, aqueles que vão para a escola devem ser, primeiro, aqueles que têm mais tempo para estar na prisão, e que, portanto, vão ter um acompanhamento de uma formação muito mais completa do que outros que estão muito pouco tempo. Não dá para, sequer, fazer uma formação. Andam mas é a tirar tempo aos outros.*

***E – Claro.***

*R – Por outro lado, penso que devia ser, digamos mais profissional, porque isso é que é importante para criar a ... havia de ser criada uma formação técnica e formação ah ...*

***E – Educativa?***

*R – Educativa, porque as pessoas saem de cá, saem de cá sem, já falamos nisto, sem nenhuma possibilidade.*

***E – Não têm apoio.***

**R** – Não têm nenhum apoio e, depois, o que é que vão fazer? Vão fazer. Vão praticar outra vez os mesmos crimes ou outros mais sofisticados. Aqui aparece de tudo.

**E** – **Como é que vê que a sua vida no futuro?**

**R** – Olhe se, se eu conseguir sair a tempo, que é isso que eu preconizo ... que eu procuro ... ah ... aquilo que eu vou fazer é regularizar algumas situações, que estão lá fora a precisar que as regularize. É o caso da minha quinta, que é dividida por mim e pela minha irmã. É isso ... é ver como está a minha casa. A minha casa lá na aldeia. É ver se trato de criar uma empresa para as minhas filhas. O meu filho, esse, está empregado, está na SONAE, portanto, já não está, mas se for para ele, também ... Portanto e isto feito, quer dizer, criar emprego para as minhas filhas, emprego para elas não andarem aí a precisar de ... quero que elas vão completar o curso, quero que elas vão trabalhar, mas completar o curso. E depois eu fico ...

**E** – **A gozar o resto da sua vida?**

**R** – Fico, para mim estou bem. Se elas estiverem bem, estou bem. Não preciso de nada.

**E** – **Como é que gostava que fosse o seu regresso ao meio livre? Vamos imaginar que você amanhã ... como é que gostava que fosse o seu regresso? Ainda não pensou nisso?**

**R** – Não, eu não sei bem a resposta que ... porque o meu regresso é tão importante, tão importante que eu ... não tem medida, não tem medida, a minha alegria e o meu pensamento sobre isso. Não sei muito bem o que é que lhe vou responder, mas acho que isso era para mim era, digamos um renascer ... um renascer. Precisava de saber viver.

**E** – **Ainda tem sonhos por cumprir?**

**R** – Ainda tenho. Ainda tenho este, que nunca pensei que chegava a esta altura e ia para a prisão, para não poder cumprir o sonho de pôr as minhas filhas, os meus filhos, digamos com estabilidade de trabalho. Não quero mais nada.

**E** – **Portanto, é isso que vai fazer quando ...**

**R** – É isso que vou fazer. É a primeira coisa que eu vou ... a primeira coisa, não. A primeira é a questão da quinta, porque essa, também, é uma quinta boa que tem duas casas, tem uma área muito boa. Tem uma cultura de vinho e azeite muito, muito boa e vou ver se é possível fazer lá alguma coisa.

**E** – **Muito obrigada, senhor J..**

#### **Transcrição Entrevista R.I.4**

**E – Que idade tem?**

*R – Sessenta e oito.*

**E – Qual é a sua nacionalidade?**

*R – Portuguesa.*

**E – Estado civil?**

*R – Solteiro, mas, maritalmente, é como se fosse casado.*

**E – Pronto. Habilitações Literárias?**

*R – Tenho o 7.º ano. Estou a acabar, agora, o 12.º.*

**E – Qual é a sua profissão?**

*R – Antiquário.*

**E – Antiquário?**

*R – Comerciante de arte.*

**E – Ah, depois de todas as questões que lhe vou fazer, quero que seja o mais honesto possível, está bem?**

*R – Sim.*

**E – Pronto. Qual é o crime cometido?**

*R – Ah ... foi crime de burla, porque não pagava os fornecedores.*

**E – Como é que interpreta a prática do crime?**

*R – Eu interpreto a prática do crime ... do meu ponto de vista, eu nunca me passou pela cabeça cometer qualquer tipo de crime. Portanto, a situação, como foi derivada de situações que me criaram a mim. Portanto, eu tenho à volta de trezentos e tal mil euros para receber. Entretanto, abri falência, etc e o que isso originou? Originou que tivesse que recorrer a ...*

**E – A outros meios?**

*R – A outros meios, como por exemplo, agiotagem e pedir empréstimos, a pagar na ordem dos cento e tal por cento ao ano, na ordem de dez por cento ao mês. Depois, tive que começar a não pagar aos fornecedores, porque não tinha meios para isso. Comecei a vender mercadoria, que eu tinha comprado, mais barato ao que eu comprei. Comecei a ter prejuízo, portanto, isto começou a ir por aí abaixo.*

**E – Até afundar.**

*R – Até afundar, até porque, a partir de dois mil, e uma situação no comércio alterou-se muito. Portanto, aquilo que eu vendi-a milhares, eu, por exemplo, em dez anos, faturei mais de cinquenta milhões de euros. Eu, agora, nos últimos dez anos, fiz, se calhar, nem metade ou nem um terço. Portanto a situação alterou-se completamente e, portanto, eu realmente nunca pensei em realmente vir para aqui como parei, porque eu, em trinta e sete anos, de atividade, que foi a minha atividade de comerciante, eu sempre tive as melhores lojas do Porto. Aliás, sempre fui um comerciante que tenho uma carteira de clientes a nível nacional espetacular, desde pessoas como Belmiro de Azevedo, Mário Soares e por aí fora, etc. Portanto, sempre trabalhei para empresas de alta qualidade, como disse, trinta e sete anos de atividade. Nunca pensei, sequer, entrar aqui ou fazer qualquer coisa que me levasse ao crime ou com o tribunal. Portanto, procurei sempre trabalhar da melhor forma, sem haver problemas, sempre com o intuito de não usar ou burlar alguém.*

**E – Claro.**

*R – A situação criou-se, porque, realmente, derivado, derivado à situação ...*

**E – Portanto, não é reincidente?**

*R – Não. Aliás, os processos que eu estou a cumprir o que é que acontece foi uma sequência ... que a gente parou e quer dizer ... e muitos não foram para a frente, porque as pessoas acreditam em mim e, portanto, sempre trabalharam comigo e sabem que um dia vou abrir, novamente, as galerias e vou começar a trabalhar e cumprir com as pessoas, que eu posso vir a cumprir daquela forma que eu poderia vir a fazer. Não rapidamente mas lentamente. Tenho tido agora uma surpresa, o processo em que envolvia fornecedores na ordem dos seiscentos e tal mil euros. Eu vou a julgamento e, quando vou a julgamento, só devia trezentos porque vendi coisas, quadros mais baratos, vendi tudo para ... as pessoas ... inclusive, tenho um leque de coisas em loja, tenho quatrocentos e tal mil euros numa casa de créditos, de penhor para me emprestarem quase cem mil euros. Quando cheguei a julgamento eu só devia metade. A juíza, que no meu entender, foi este, a juíza viu que efetivamente andei a fazer sacrifícios para cumprir com as pessoas, absolveu-me. Absolveu-me, tudo bem e eu, entretanto, até estive na rua ... esse processo, que eu vim cumprir, estava em recurso.*

**E – Eu lembro-me de dizer qualquer coisa à doutora.**

*R – Exatamente, e o que é que acontece? Ao fim de quatro meses, este processo está em recurso, ficou na mesma e eu tive que me apresentar aqui para cumprir a pena. Mas eu tinha catorze meses, por exemplo, de preventivo do processo em que eu saí absolvido e prontos, estava tudo resolvido e eu ia absolvido e prontos. Estava tudo resolvido e eu ia abater todos os dias, aos catorze meses desse processo. A minha surpresa, o Ministério Público recorre, e de absolvido passei a condenado. Portanto, mais quatro anos. Por acaso, quando eu fui fazer um cúmulo jurídico da pena que eu fui absolvido, saí condenado e esta juíza era precisamente a mesma que me absolveu e eu, para mim, ela deu realmente o melhor que pode. Porque nos quatro anos, só, praticamente, só me afetou um ano, porque ela tirou-me três anos, na pena de quatro abateu-me três anos. Pensou ela, se calhar, que o Ministério Público recorreu ... vou dar uma ajuda à pessoa e, portanto, ficou assim. Já foi feito o cúmulo jurídico e a situação foi esta. Portanto, quer dizer, os processos, neste caso, não sou reincidente ... foi processos, uns em cima dos outros que foram surgindo, porque eu estava preso. Acabava por não cumprir. Os advogados metiam os processos no tribunal e pronto ... e nunca mais parou.*

***E – Claro. Mas também é reincidente no caso de burla, mas estar a primeira vez na prisão, segunda vez na prisão, mas esta é a primeira vez.***

*R – A cumprir pena é a primeira vez.*

***E – A cumprir pena é a primeira vez.***

*R – Exatamente.*

***E – Qual é que é a duração da sua sentença?***

*R – A duração, neste momento, está em quatro e dez. Com o cúmulo, ficou em cinco e dez e tava em quatro e dez e foi fazer o cúmulo, acrescentou mais um ano e dez mas eu, neste momento, já estou a dois terços da pena.*

***E – Encontra-se na situação de condenado ou preventivo?***

*R – Já estou condenado.*

***E – Já está condenado. E com que idade iniciou o cumprimento de pena?***

*R – Tinha, portanto, sessenta... tenho sessenta e oito, sessenta e cinco, mais ou menos.*

***E – Portanto, encontra-se há, mais ou menos, três anos.***

*R – Três anos e meio, mais ou menos.*

***E – A cumprir a pena ... Como se sentiu quando deu entrada na prisão?***

**R** – Olhe, foi um alívio por uma razão. Vou-lhe explicar, porque foi um alívio. É que contaram-me coisas terríveis. Não sei se acontece, mas umas coisas horríveis dentro das prisões. Faziam isto, faziam aquilo. Aceitavam que matavam um homem de cinco em cinco minutos. Bem. As coisas malucas ... mesmo ... e, quando cheguei, aqui, realmente, eu sabia que ia ficar privado da liberdade, mas atendendo, pronto, ao ambiente e etc. Eu respeito toda a gente, as pessoas também me respeitam, não tive nenhum problema com ninguém e portanto, só, quer dizer, considero isto realmente, sei lá, como um colégio, ou uma coisa qualquer, que realmente estamos presos mas, quer dizer, sinto que, a partir das sete horas da noite, fecham a porta e prontos. Estamos fechados e a gente faz isto ou aquilo. Faz um chá, vê televisão, etc.

**E – Portanto, faz como se estivesse lá fora.**

**R** – Só não posso sair, exatamente, e durante o dia faço, exatamente, o que faço lá fora. Portanto, visto-me para ir trabalhar, tomo banho todos os dias, às sete e meia, tomar o pequeno-almoço e tal, vejo as notícias e vou trabalhar, ali, para a biblioteca. Faço o serviço e pronto, quer dizer, no fundo, estou privado de liberdade, mas faço praticamente, não digo tudo. Não é a minha atividade, a minha atividade girava muito e hei de fazer outra vez e, portanto, faço de maneira que eu praticamente seja a fazer um trabalho seja lá fora, só não tenho a liberdade, mais nada. De resto ...

**E – E considerava-me diferente face à idade que tinha? Já tinha sessenta e cinco anos.**

**R** – Eu, por acaso ... eu tenho duas coisas que me adapto, julgo eu. Aliás, pela experiência de vida, eu adapto, com facilidade, aos ambientes e, apesar da experiência, enquadrei-me perfeitamente. Aliás, até porque já experimentei, porque já tive que fazer algumas deslocações em trânsito e fui já para dois sítios terríveis, que, se calhar, algumas pessoas chegavam lá e começavam a chorar, porque, realmente, um dos terrores, não é? Aquilo ... chamam-lhe, quase, o Vietname e eu entro e, quando começo, realmente, não me assusto. Começo logo a conviver com as pessoas, o maior relacionamento possível, o mais à vontade possível e eu sempre tive, talvez por causa ... há muitos anos que eu, desde novo fiz ... estive na universidade portuguesa. Fiz campanha de campo, fiz várias ... tive na tropa, tive na força aérea, etc. Quer dizer, há umas certas experiências, na vida, que até eu vou sozinho para o estrangeiro, nem que seja para a China, eu vou à China. Não tenho qualquer problema em ... mas chego lá e



*desenrasco-me. Não sei falar inglês mas vou para Inglaterra e até faço compras e desenrasco-me. Vou a França, etc. Portanto, e eu, mesmo sozinho, quer dizer, sou uma pessoa com algum espírito de aventureiro, mas de ...*

***E – Tem de se desenrascar.***

*R – Tenho de me desenrascar. Por exemplo, muita gente não fazia o que eu faço. Por exemplo, na minha atividade, eu tinha as lojas, mas, independente das lojas, nós não podemos abrir uma loja e estou aqui à espera que o cliente apareça. Ia fazer os meus contactos e então, o que é que comecei a fazer? Ganhei a maior parte dos clientes foi ... a primeira loja, eu tive uma loja nas Antas e, depois, abri uma loja dentro do hotel Meridiano. Tive lá dez anos. Foi lá que arranjei um dos melhores clientes, porque tinham conferências, iam lá por isto, ou por aquilo, jantares e, entretanto, fiz lá um trabalho de prospeção e olhe ... as grandes empresas, falava com o presidente. Eu falava com o dono de empresas, etc. apresentava-me. No caso, para investimento, e incitava-os a fazer investimentos na arte. Portanto, a nível de pintura, disto e daquilo. Mesmo dentro da casa, o investimento em arte não se cinge, unicamente, à pintura. Portanto, temos a loiça que eu comprei das Índias que pode custar ..., uma terrina pode custar a trinta ou quarenta, cinquenta, sessenta mil euros ou cem mil euros e, portanto isso é arte. Tudo isso é investimento em marfins, em prata, etc. tudo que seja peças antigas, antes do século XIX, século XVIII, século XVII. Tudo isso é um bom investimento. Portanto, tenho alguns clientes que investiram, alguns que compraram mais de um milhão de euros e hoje eles sabem o que é que têm dentro das portas. Quer dizer, arte valoriza. Não é como um carro, que passam anos e aquilo acabou. Não. Quadro valoriza. Peça valoriza e, portanto, eu a nível ... sempre fui uma pessoa com umas ideias, com novas iniciativas. Eu fui o primeiro a fazer exposições a nível nacional, principalmente, comecei no hotel Meridiano. A nível de exposições antigas e, depois, a partir daí, começaram a aderir. Eu criei uma associação de antiquários do Norte, isto, eu estou a falar na parte de, quando eu saí da força aérea, quando eu saí do serviço militar, a primeira coisa, a primeira atividade que eu fiz e, claro, como já tinha o meu filho, estava eu na tropa, eu, então, já não tinha hipóteses de ir estudar, não havia meios para isso. Os meus pais ... o meu pai trabalhava, era funcionário do estado, reformado. A minha mãe não, mas também é reformada. Portanto, não tinham condições de realmente me sustentar e, então, como já tinha um filho, eu vou*

*trabalhar ... e então fui ... para onde é que eu fui? Fui para as páginas amarelas. As páginas amarelas, na altura, antes eu tive na torre alta. A torre alta era uma empresa imobiliária que trabalhava com grandes investimentos. Depois da torre alta, entrei logo nas páginas amarelas. As páginas amarelas, pronto, era uma empresa muito boa e ganhei muito dinheiro. Realmente estava no auge, as páginas amarelas e eu, depois, saí, porque comecei a ter alguns problemas com renovar alguns contratos, porque apareceram aí, antes de mim uns brasileiros e os brasileiros, prontos. Esses que vieram aí, eram mesmo como se costuma dizer, para a martelada. E então, há contratos e os contratos são assim, por exemplo, no final, preenchem cem euros ou têm os escudos, cem escudos anuais. O que é que acontece? Eles colocavam os cem escudos e, então, depois obrigavam uma pessoa, cem escudos e o nome deles eram pormes.*

***E – Pormes?***

***R – Pormes.*** *E então as pessoas punham um pormes, o nome em cima e cem euros e pormes. Eu vim-me embora. Quando davam por ela, estavam, em vez do pagamento de cem escudos anual, era mensal. E porquê? Porque o pormes está tudo junto, mas é por mês, punham um til em cima e é por mês. Portanto era a vigarice, quando eu ia para renovar aquilo eu ia sempre com uma colega minha e numa serralharia, quase que eramos corridos a tiro, não é? Porque, realmente ... e então acabei por sair dali e num concurso de oitenta pessoas, eu entrei numa empresa espanhola, a Otil. A Otil nós comercializamos aquelas portas vasculantes e, também, trabalhava na mesma com torneiras com banho de ouro e prata. Estive lá também, mas eu queria sempre mais. Depois também fui para uma empresa americana Paragon e, então, entretanto, na rua Central Francos havia uma fábrica de pratas que havia ... esse meu amigo que era o filho do dono. O pai fabricava pratas para serem vendidas para todas as lojas do país, em pratas. Então a ideia dele foi criar uma linha de casquinha de prata ... é um metal que leva banho de prata e, então, faziam terrinas, faziam castiçais, etc. fez um catálogo e tinha meia dúzia de meninas a vender de porta a porta. Chamavam-lhe a Artique e ele convidou-me para fazer parte de comercial e, então, criar ... fermentar isto de maneira a que pudesse manter outra comercialização. E, então, vamos pôr aqui o símbolo americano. E, então, como é? Assim, de porta a porta, mas com outras, com outras dimensões e então consegui reunir, manter o sistema a nível nacional e eu próprio dei a volta a Portugal. Lá está a minha iniciativa, contactar, arranjar dezoito*

*distritais. E onde é que fui buscar? Fui buscar às senhoras do tupperware, elas é que foram as distritais e ficavam naquela zona, naquele distrito, a comandar as operações e cada distrital arranjou dez chefes de grupo e cada chefe de grupo, arranjou dez vendedoras. E assim, no tal, consegui setecentas vendedoras. Fiz, aqui, um jantar, na Foz, com toda a gente e, logo na primeira ... ele estava a faturar seiscentos e tal contos na altura e passamos, em dois meses, vinte e tal mil contos e por aí fora, vinte e três, vinte e seis, vinte e cinco, trinta e nunca mais parou. Ao ponto eu ganhei ... eu ganhei imenso dinheiro, ganhei imenso dinheiro e nessa altura foi quando lhe disse. A determinada altura, a minha ideia foi sempre antiguidades, porque eu já tinha esse ... desde família. Havia pessoas que estavam ligadas a antiguidades e eu gostava disso e foi quando eu saí. Saí e, a partir daí, nunca mais parei. Agora, efetivamente, eu também cometi alguns erros. Eu ganhava muito dinheiro nas antiguidades, entrei em exageros, entrei em exageros e alguns vícios. Um vício, principalmente. Eu não fumo mas um vício foi o jogo. Metia-me nos casinos no estrangeiro, em Portugal, comprei ... comecei a gastar em viagens, roupas, joias, carros topos de gama. O que é que acontece? Eu devia ter feito um pé de meia e não fiz. Pensei que aquilo que estava a passar que não ia mais parar e, porque se eu tivesse previsto isso, eu tinha parado. Tinha feito um pé-de-meia e, quando viesse a crise, eu não tinha tido estes problemas e não tinha vindo parar a uma cadeia. Como realmente não fiz, todo o dinheiro que ganhava, gastava ... até casas comprei e etc. mas, cheguei a determinada altura, tive de vender tudo, até os carros, casas e não sei que mais para fazer, face aos problemas que eu, como venho a dizer, foi derivado, também, em parte, até principalmente, aos problemas que me criaram e ... porque houve realmente um indivíduo que faliu e ficou a dever-me duzentos e tal mil euros, houve outro, que também faliu, e foram cento e tal, uma senhora que faliu, oitenta e tal. No fundo, devem ultrapassar até aos quatrocentos e tal mil euros. Ora, eu não tenho isso e, neste momento, estou em dívida para com as pessoas. Senão, não tinha vindo aqui parar à cadeia. Tinha pago às pessoas e estava o problema resolvido.*

**E – E já conhecia a realidade prisional?**

**R –** Não, porque eu não tinha ninguém que estivesse preso. Não tinha relacionamentos com ninguém que estivesse preso. Que me lembre não tive.

**E – E de ouvir falar?**

**R** – Não, por isso mesmo. O que eu ouvi-a falar ou que constava, a vida numa prisão que era dura, que era complicada. Enfim, e eu, realmente, ficava preocupado, se um dia viesse preso. Ficava, quando pensava nisso. Enfim, por alguma coisa que aconteceu, não é?

**E** – **Na sua opinião, que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, influenciam o seu comportamento aqui?**

**R** – Eu, apesar daquilo que eu tenho passado, porque o meu filho faleceu, infelizmente, com cancro há dois anos, em dois mil e catorze. Agora, no ano passado, o meu pai teve uma trombose. Eles foram obrigados a ... a minha mãe, também, tem problemas de saúde, foram internados num lar. Portanto, quer dizer isto, a família desmembrou-se um bocadinho e foram ... e foram realmente pancadas muito fortes, não é? E eu estar aqui preso e ver um filho falecer, morrer, não é fácil. E eu tenho-me aguentado sempre. Nunca recorri a medicação, nunca recorri a qualquer tipo de tratamento. Eu, portanto ... eu sempre ... nunca pensei ter esta força interior, para poder aguentar as coisas mais incríveis ou mais difíceis da vida. Mas, o facto, é que eu tenho conseguido. Tenho conseguido e tenho mantido ... tenho sempre a mesma postura. Nunca cometi qualquer asneira. Talvez, derivado à experiência que tenho na vida, não é? Mas mesmo eu, quando tinha vinte anos, nunca me vi, nunca fumei, nunca tomei qualquer tipo de droga, nem nada. Portanto, nunca me vejo a cometer assim alguma loucura, qualquer coisa, porque nunca o fiz quando era novo.

**E** – **Quanto mais agora, não é?**

**R** – Portanto, agora é muito mais difícil.

**E** – **Como é que se descreve antes de entrar na prisão e agora? Em todos os contextos na sua vida. Económico, familiar ...**

**R** – Ora económica ... é complicado, porque, realmente, se ninguém ganha não é? A minha mulher, neste caso, está em casa, tem o rendimento mínimo, eu tenho uma reforma, pronto. Já estou reformado ... dá para a ajuda mas efetivamente a situação teve que se alterar muito, mas teve que se fazer imensos cortes, porque estamos aqui, não estamos a ganhar dinheiro e só estamos a gastar. Agora, isto, na parte económica. Na parte ... na outra parte eu acho que, quando nós estamos aqui na cadeia, uma das coisas que nós sentimos mais é realmente a ligação à família, ou seja, eu, neste momento ... pronto, não tive oportunidade de acompanhar o meu filho, nos últimos

dias da vida dele, de estar perto dele, de estar junto dele e isso custou-me imenso. Não tive oportunidade, nem sequer de ir ao funeral. Só fui à igreja. Não tive oportunidade sequer de o visitar ao cemitério, não tive oportunidade de apoiar a minha mulher, porque imagino o sofrimento que ela tem, de ver um filho falecer e eu estar aqui preso. E, também, ver os meus pais, onde estão, no lar, apesar deles estarem num lar, que é excelente, já lá fui umas meias dúzias de vezes, é dos melhores lares a nível nacional e eu estou satisfeito por estarem ali e, realmente, o lar é muito bom. Apesar de ser muito caro, mas é comportado pelas reformas dos meus pais. Portanto, umas das coisas que, realmente, que me ... que me dá mais ... que me causa mais dor é, efetivamente, não estar lá fora a apoiar estas pessoas. Neste caso, apoiar a minha mulher, que ela está sozinha, ela que me trata de tudo. Enfim, tratou de tudo. Inclusive dos meus pais porque os meus pais estavam em casa. O meu pai teve uma trombose e a minha mulher é que teve de andar a tratar de tudo, para cima e para baixo, etc. Portanto, eu imagino o que ela tem passado, não é? Aqui dentro, eu penso em tudo isso. Pensar em, realmente, naquilo que eu não consigo fazer, porque não estou lá fora, mas é o que eu digo, quer dizer. Eu sei que não vou ficar aqui e, portanto, não vou ficar aqui e, em breve, espero estar lá fora o mais cedo possível, porque a idade dos meus pais, são noventa e três, já é uma idade muito avançada e eu ainda quero estar junto deles alguns anos. Os mais anos possíveis. O meu pai, neste momento, está a fazer terapia da fala, já percebe poucas coisas, fala pouco etc. e a situação dele não é muito boa e eu temo que possa um dia acontecer uma desgraça, mas enfim. Já estou preparado para isso, não é? Mas gostava de, realmente, estar lá fora, porque é isso que me está, realmente, a fazer sofrer mais. E eu não pude estar lá fora para apoiar essas pessoas. Agora, quanto ao resto, quando eu sair, volto novamente, com a maior naturalidade, à minha atividade, sem problema nenhum. Tenho os meus clientes que me recebem perfeitamente. Eu falo com eles e eles sabem onde é que eu estou, na prisão. O que me aconteceu e tenho a certeza absoluta que, quando eu sair, eles estão ali, prontos, à minha espera.

**E – Que técnicas é que adotou para se adaptar à prisão? Quais é que utiliza no seu dia-a-dia?**

**R –** Olhe eu ... a Técnica ... primeira, é não criar conflitos com ninguém, ter o máximo de educação com as pessoas, respeitá-las. Algumas, eu próprio já chamei à atenção de

*algumas faltas de respeito. Não para mim, mas, em geral, como o facto de, às vezes, estarem no refeitório e passarem à frente. Eu acho isso uma falta de respeito para com os outros. Portanto, acho que, um dos pontos principais que nós estamos aqui, tanto seja aqui na cadeia, como lá fora, tem que existir o máximo de respeito, em todo o lado. Seja no café, no restaurante, no cinema, em todo o lado, nas filas, não passar à frente, respeitar as pessoas e enfim. Isso é fundamental, porque, se realmente começarmos por aí, nós vamos chegar a uma conclusão, porque não temos atritos com as pessoas. Já começa a ser menos um problema, porque se, realmente, como alguns que eu vejo aí, acontece que têm atritos por tudo e por nada. Quer dizer, a vida deles já é um inferno, porque já passa a ser ainda pior, porque, se eles estão presos ... e alguns, acredito que sofram muito por outras razões, não é? Porque não têm aquilo que eles precisam, não têm aquilo que eles querem e isso realmente, é o maior sofrimento. Por isso é que eles, por vezes, têm de procurar aqui dentro, mas não acredito muito que eles tenham, não digo todos, mas uma grande percentagem, não acredito muito que eles tenham muitas saudades de outras coisas. No campo da família, aquilo que eu já tenho reparado, ainda aqui há uns tempos, um que foi de precária, só no segundo dia é que chegou a casa, que eu tive conhecimento. Portanto, o que é que acontece, acho que há uma parte das pessoas que eles estão aqui, por vezes, estão no meio deles, mas estão mais ou menos, porque estão juntamente com outros colegas que conviviam lá fora, na área, na atividade que eles tinham e, portanto, alguns sentem-se bem. Eu respondo por mim, eu sinto-me bem por um lado, porque não tenho esses problemas, não tenho qualquer tipo de atrito com ninguém, mas, logicamente, que anseio pela liberdade, o mais rápido possível. Isto não é vida para ninguém, toda a gente anseia por isso não é? Por isso, eu, aqui, tento realmente meter o mais calmo possível, mesmo quando o guarda, por acaso ... todos os guardas respeitam e, por acaso, quando alguma coisa acontece, algum, às vezes, ou porque está mal disposto, ou correu mal o dia, mas tento não levar isso para a frente. Ou dou meia volta, esqueço e nem sequer respondo. Não entro.*

**E – Não entra em atritos.**

**R – Não. Não entro.**

**E – Preocupa-se com a sua segurança na prisão?**

**R** – Não me preocupo muito, porque, sinceramente, não entro ... como não entro, não entro em determinados esquemas que outras pessoas entram, não é? Que é lógico que andam aí em negócios, etc. e, realmente, andam metidos em atividades que, a mim, não me diz nada. Portanto, como eu não tenho qualquer receio da segurança. Não tenho, porque eu não tenho problemas com ninguém e, portanto ninguém me pode fazer mal, porque ... podem chegar à minha beira e dar-me um soco por nada, não é?

**E – Claro.**

**R** – Portanto, não penso nisso e em termos de segurança não tive o mais pequeno problema, nem sequer tive a mais pequena, que eu me lembre não tive com ninguém.

**E – E o que faz para se manter seguro?**

**R** – Normalmente, tento evitar não entrar em determinadas discussões, ou entrar em determinadas ... se está uma confusão qualquer, não me vou lá meter no meio, não é? Logicamente, pode sobrar para mim. Portanto, tento realmente resguardar-me e evitar determinadas confusões. Não meter-me em confusões, principalmente. Se vir muita gente à frente para ir almoçar e, logicamente, vejo que aquilo está complicado, venho cá para trás, porque não estou para levar ali um apertão, ou ainda ser aleijado, não é?

**E – Quais os locais, ou situações em que se sente seguro?**

**R** – Olhe, quando estou dentro da cela, fechado.

**E – Que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, provocam o stress, aqui na prisão? E os que podem influenciar a segurança de um recluso?**

**R** – Os fatores ...

**E – Físico, psicológico ...**

**R** – Isso são, realmente, situações como ... não passa por mim, porque, como disse, há pouco, quer dizer, como realmente tenho uma vida calma e não tenho qualquer ... sei lá ... não passa por mim esse tipo de problemas.

**E – Mas, por aquilo que você vê com os seus colegas? O que é que acha que provoca mais stress?**

**R** – Ora bem, o que provoca mais stress ... que eu vejo é realmente um recluso querer algo e não ser atendido. Eu posso-lhe dar exemplos, não só de guardas, não só de guardas que às vezes chegam lá e eles, por tudo e por nada, querem implicar com eles e dizem que não, etc. e coisas que às vezes são fáceis de resolver e isso ao que leva? Leva que o indivíduo já está no estado que não é normal e ainda fica pior. Em vez de o

*guarda o acalmar, quer dizer “tenha calma, vamos ver o que se pode fazer”. Não, dizem logo que não, e só é capaz de falar uma determinada maneira que o exalta mais. Por isso é que eu digo que, no campo, por exemplo, as únicas pessoas aqui dentro que, além dos guardas, que praticamente nem podem contar ... os reclusos têm só, realmente, aqui, as pessoas que podem contar que eu acho que são as técnicas. Essas realmente é que são, talvez, enfim, as pessoas com que eles podem apoiar e ficam ... e que possam ficar mais calmos. Não vou falar em nomes de determinadas pessoas, já sabemos que isso exalta até, porque já vi algumas portas a bater e etc. portanto, é o que eu digo. Se, realmente, as técnicas, que eu ... é o caso da doutora I., a A. etc. são impecáveis e eu acho que são as pessoas fundamentais dentro desta cadeia, são as que eles podem acalmar e podem, realmente, resolver os seus problemas e enfim ... podem realmente evitar, enfim, que eles possam tomar atitudes mais desagradáveis.*

***E – Quem é que é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?***

***R – Bom. Dentro da prisão, há aqueles que, efetivamente, se intitulam os cadastrados e esses realmente pensam, porque já percorreram muitas cadeias, ou até têm muito tempo de prisão, intitulam-se mais que os outros. Mas não. Não passam de um recluso normal, como outro qualquer. O facto de estar preso, três ou quatro vezes, e outro uma, é um recluso normal. Portanto, aqui, só acho que não há estatutos. O único estatuto que eu acho que deve existir é, realmente, a questão do respeito dos mais novos e dos mais velhos e vice-versa.***

***E – Os mais novos ... em questão de idade ou está a falar na questão de reincidente na prisão?***

***R – Não. Eu estou a falar das duas coisas. Estou a falar na parte de ser reincidente. Eu acho que isso não leva a ter um estatuto de, realmente, ser mais do que aquele que entra pela primeira vez, e aquele que também ... o respeito com a idade de velho para novo, ou de novo para velho, tanto é aqui como lá fora, não é? Portanto, tem que ser respeitado. Se existir, claramente, se as pessoas souberem que estamos aqui e somos todos iguais. Estamos na prisão, somos todos reclusos, temos todos um número. Eu acho que a atitude que temos que ter aqui é aquela que temos lá fora. Aliás, até deve ser mais do que lá fora, porque lá fora o que é que acontece? Se alguém, realmente, toma uma atitude, que a mim não me agrada, eu tenho a possibilidade de me afastar ou sair para outro lado qualquer, ou até nunca mais passar ali, ou até nunca mais ir ali.***



*Aqui isto não acontece, não é? Nós estamos constantemente a, realmente, a levar com as pessoas, pois, a toda a hora. Não posso dizer: “olhe, eu quero-me ir embora, mas, que posso fazer? É, se quiser mudar de pavilhão, não é? Mas vou para outro pavilhão, posso encontrar outra situação. Agora eu quero sair da cadeia, isso já é diferente ... vou para o monte e já não vejo ninguém, não é? Aqui não posso fazer isso.*

***E – Claro. Na sua opinião qual é o papel desempenhado pelos mais velhos?***

*R – Eu acho que é o papel, aqui, acho que é ... quer dizer, para alguns não é. Aham que os mais novos devem acatar as ordens dos mais velhos e, porque eles pensam que são ... mas eu acho que para mim é igual, não é?*

***E – É igual?***

*R – Tem de ser igual.*

***E – Considera que a idade de um recluso é importante no meio prisional?***

*R – Eu acho que sim. Eu acho que sim, porque, realmente, quando são muito novos, eu acho que alguns guardas, não digo todos, mas algumas pessoas não têm o mesmo tipo de atitudes, do que quando é com uma pessoa mais de idade. Eu aceito isso, porque já vi algumas situações e falam para eles de uma determinada maneira que eu vejo que não falam com pessoas com outra idade ... mas é um facto. Nem todos os guardas, eu por acaso tenho aqui exemplos de guardas que eu acho que são impecáveis e realmente, pronto nunca pensei, mas ... e é nesta cadeia. Já estive ... já fui em trânsito para outras cadeias e há guardas que, por exemplo, em Lisboa, eu vi que, realmente, eles não dão confiança absolutamente nenhuma e são muito rígidos. São muito rígidos. Não estão com sorrisos, não estão com nada e, aqui, ainda vemos alguns guardas em convívio, com algum à vontade. Por exemplo, aqui do senhor C. que é, acho que é, a melhor maneira de um guarda levar isto do tempo que trabalha numa prisão. É o procedimento e o facto é que toda a gente respeita. Ele chega ali e diz que não, diz que sim e a pessoa sai na boa e vem a rir-se, porque ele sabe, realmente, conduzir. Eu acho, realmente, até um guarda devia ter esse tipo de atitudes. Quando eles começam a ter, realmente, a querer ser muito rígidos, eles, até para eles não é bom, porque eles estão aqui tantas horas. São bastantes com os presos e se eles levarem isto de outra maneira ... Tanto para nós é bom, porque nós não sentimos aquela pressão do guarda, não sentimos aquela pressão tão grande e sentimo-nos mais à vontade. Quando realmente começam a implicar, por isto ou por aquilo, vai para ali, vai para acolá e, quer dizer,*

*começa a existir muita pressão e isso ... ou é porque as pessoas estão num dia mau. No meu caso encaixo, mas acredito que hajam pessoas que receberam uma notícia triste ou complicada ou de família, ou até estavam a contar com uma pena e veio outra. Portanto, o estado deles, logicamente, se altera, não é? Altera-se e se vier alguém, realmente, que contribua ainda para ficar pior.*

***E – Ainda fica pior. Como é que caracteriza o seu dia-a-dia na prisão?***

*R – Como disse há pouco, tenho um dia normal de trabalho. Portanto, faço exatamente o que faço, ou portanto, não vou, como por exemplo, hoje tenho que ir comer uma jardineira. Se calhar, hoje apetecia-me ir comer um bife com batatas-fritas, já não como há bastante tempo e uns ovos estrelados mas, pronto, faço a vida dentro da prisão o melhor possível. Portanto, com a convivência, falo com as pessoas de determinados assuntos, de determinados temas, tento ... para não me lembrar das coisas tristes e uma delas é sempre ... o que me lembro mais, que é o meu filho. Quando estou sozinho, à noite, lembro-me dele e durante o dia tento, realmente, distrair-me. E outras coisas, para não me ir abaixo e esse caso do meu filho é realmente o que me fica mais abaixo e, então, eu tento, durante o dia, conviver com as pessoas, falar disto, falar daquilo e etc. Ali, tento passar o dia da melhor maneira e sem ter o mais pequeno problema.*

***E – Que tipo de atividades socioeducativas participa?***

*R – Eu, aqui, neste momento, não participo. Nem ginásio, nada. Não participo em absolutamente em nada. Ando ali nos torneios dos jogos de xadrez, fazem ... além disso leio muito e escrevo muito. Aliás até, escrevo, não só para mim como ...*

***E – Para os outros ...***

*R – Que me pedem uma ajuda para escrever umas cartas para os tribunais, para aqui e para acolá. E pronto, e passo o tempo e faço o meu trabalho na biblioteca, que também não paro. Faço ali ... tento realmente pôr a funcionar aquilo, o melhor possível.*

***E – De que modo é que a sua condição de recluso alterou a perceção acerca de si mesmo?***

*R – Ah ... eu acho que não alterou a minha maneira de ser. Eu acho que se mantém na mesma. Sempre tive lá fora a mesma atitude, porque, quando me pediam alguma coisa, sempre cumpri ... algo para fazer, ou pediam-me qualquer coisa que eu tinha e*

*que podiam dar ou emprestar e eu aqui tenho o mesmo tipo de atitude, o mesmo ... A minha prestação, a minha dedicação quando ... ainda agora, estava ali aquele moço negro, quer que se resolva uma coisa no tribunal e eu fui até o chamar que se quiser eu estou livre, se puder fazer isso ... mas eu agora vim para aqui e, olhe, tem que ser logo à tarde. Quer dizer, aquilo que eu fazia lá fora e faço aqui dentro ... daquilo que é possível enquadrar mas ... a minha maneira de ser não alterou.*

***E – Não alterou em nada?***

***R – Não alterou em nada.***

***E – Antes de entrar na prisão qual era a opinião que tinha dela?***

***R – É o que eu disse há pouco, era assustadora. Pensava que matavam uma pessoa de cinco em cinco minutos. Não era assustadora, pensava que isto realmente era terrível, que se vivia aqui muita violência e que iria ter muitos problemas. Mas não entrei ... ando no meu canto e não convivo com determinadas pessoas. Quer dizer, dou-me bem com elas, falo com elas. Não entro em... noutros assuntos mais, que não me dizem respeito e, portanto, são coisas que me ficam, completamente, a leste.***

***E – Como é que avalia o seu percurso aqui dentro?***

***R – Olhe o meu percurso aqui dentro, eu acho que, a nível de ... desde guardas, técnicas, toda a gente, professor que é responsável pela biblioteca. Eu acho que ninguém tem que dizer nada de mim, porque o meu percurso aqui dentro, eu acho que não pode ser mais exemplar. Nunca infringi nada, nunca meti nada na cela que fosse ilegal, eu nunca tive uma rusga a não ser quando foi a rusga geral mas chegaram ali, já me conhecem: “há alguma coisa de especial senhor B.? Não. Não?” Saíram pela porta fora. Porquê? Porque eles sabem os meus princípios, sabem que, efetivamente, eu nunca tive um telemóvel, nunca ... portanto, nunca fiz nada aqui dentro que me levasse a suspeitar seja do que for. Portanto, por isso é que eu procurei, realmente, fazer um percurso dentro da cadeia que me permitisse, realmente, não digo ter um estatuto, mas, pelo menos, que fosse bem visto, não é? Não sou mais do que ninguém, mas, pelo menos, aos olhos de chefes e de técnicas e de guardas e etc. eu sei que eles que me respeitam ... que eu também os respeito. Exatamente. Quando me dizem não pode ser, eu digo: “obrigado na mesma” e venho-me embora e, portanto, nunca entrei numa discussão com um guarda nem nada disso. Portanto, o meu percurso aqui dentro, mesmo a nível de trabalho, sempre procurarei, sempre trabalhei na biblioteca e***

*portanto, não tenho. Acho e tenho a certeza que não haja aqui ninguém que não possa dar alguma informação...*

**E – Negativa?**

**R –** *Negativa.*

**E – Quais são as principais dificuldades que sente no seu dia-a-dia na prisão?**

**R –** *Olhe, as dificuldades que realmente, que para mim, que foi alterado aí, que complica a mim e, se calhar, a muita gente, que eu tenho a certeza absoluta ... que foi esta situação dos telefonemas. Isto do telefone acho que é muito pouco, porque a pessoa tem que ligar, eu por exemplo, eu quero ligar para os meus pais, se quero ligar para outro sítio, para tratar de algum assunto do tribunal, ou outra coisa qualquer, não posso fazer, e facilitarem nisso. Mas realmente que me causou algum transtorno essa alteração e eu pronto, eles alteraram ... devem ter os seus motivos para o fazerem, mas acho que podiam ter coisado de outra forma. O facto de fazer uma chamada por dia, acho que é pouco. Eu não sei porquê que, se, realmente, nós temos dez números para ligar. Não sei qual o motivo porque me permite isso, pronto, são as regras. Foi isso que me afetou mais. Afetou, também, e afeta é na parte alimentar que aqui ... eu sei que estou numa cadeia, que à partida não podia desejar muito, que isto a nível alimentar fosse muito bom, mas sei que não estou em nenhum hotel, mas acho que podiam melhorar. Um dia ou dois é bom, mas depois tem três dias que é mau. E ser bem confeccionado, que às vezes não é o caso, portanto, na parte alimentar devia ser alterado. Ora quanto ao resto, a nível de instalações, não tenho razões de queixa. Às vezes há uma avaria qualquer, vêm logo prontamente substituir. Ainda há dias andaram a pintar as celas todas. Uma lâmpada se está fundida, vêm imediatamente, que é o caso que acontece. Por exemplo, sei que há celas que não têm luz, portanto, estão todas sujas, não fazem nada. Portanto, acho que nesta cadeia, a nível de instalações e de assistência não tenho razões de queixa. Vou à enfermaria, vou ao médico, por exemplo, sou bem atendido. Tive agora um problema, mas não foi por culpa deles, foi um problema que tive ... que tinha de ser marcado uma cirurgia no hospital Pedro Hispano, mas foi culpa dele. Portanto, atrasou, atrasou que agora chegou ... e era para fazer a cirurgia e cheguei lá recusei, porque poderia ter tido ... poderia ter ... fazer algum tratamento após operatório. Optei por aguardar. Portanto, não é uma coisa urgente, vou aguardar três ou quatro meses, para eu sair e fazer isso*

*lá fora. Depois, se tiver que ficar internado fico. Por isso é que recusei, mas de resto eu chego ali e preciso de alguma coisa, não tenho razão de queixa.*

**E – Considera que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades?**

**R –** *Atendimentos em que aspeto?*

**E – Em termos dos técnicos.**

**R –** *Ah, sim. Sim.*

**E – O acompanhamento que lhe é feito.**

**R –** *Sim. Sim. Isso não tenho razões de queixa. Posso dizer até que fico surpreendido, porque, por exemplo, o caso da doutora A. e da doutora I., que também já foi minha técnica, fico surpreendido, porque, realmente, com a rapidez que os assuntos são tratados ... que às vezes eu peço determinadas coisas e penso que só no dia seguinte ou só passados dois dias. Já aconteceu a doutora A. ter pedido e passado um bocado ... “olhe, aquele assunto, já está resolvido”. Acho que não tenho razão de queixa.*

**E – Não tem razões de queixa?**

**R –** *Não. Das técnicas não tenho.*

**E – Como imagina a sua vida se não tivesse sido preso?**

**R –** *Olhe, se não tivesse sido preso, neste momento, se calhar, estava ...*

**E – A viajar?**

**R –** *A viajar ... aliás, no Brasil que é ... eu tenho residência no Brasil, até tenho bilhete de identidade brasileiro, tenho passaporte do Brasil, tenho tudo. Possivelmente eu voltarei ao Brasil. O Brasil que era onde eu ia três, quatro, cinco vezes por ano e ia ... eu gosto de viajar, gosto imenso. Um local, que eu viajo muito, é para o Mónaco, até porque eu tenho lá duas grandes clientes no Mónaco. Muitas vezes a Paris, também tenho bons clientes em Paris, Londres, vou muitas vezes para fazer compras. Portanto, viajar, possivelmente. Agora ia-se passar o fim de ano, se calhar, a um lugar aonde ainda não tinha saído e, agora, com esta situação dos meus pais, se calhar, não vou viajar tanto, porque quero estar mais perto. Se fizer uma viagem, se calhar, por um ou dois dias, muito rápida, não vou ... se fosse para o Brasil, não vou em dois dias. Quando vou para o Brasil, estou lá um mês, um mês e tal ... portanto, isso neste momento, se calhar, nunca poderia acontecer. Portanto, não poderia acontecer, porque, realmente, estou muito preocupado. Se eu estiver em Paris em duas horas, eu ponho-me aqui ou nem*

isso. Se for o Brasil é complicado são dez horas. E de um dia para o outro pode acontecer qualquer coisa de repente e eu tenho que estar aqui perto.

**E – Claro. Após a reclusão, que mudanças ocorreram em termos psicológicos, afetivos e emocionais? A nível familiar, vizinhos, amigos.**

**R –** Pronto, a nível de ...

**E – E de que forma essas mudanças ocorreram?**

**R –** Ora bem, não achei que houvessem mudanças. Mesmo as pessoas amigas e clientes e etc. e, depois, até fui ter com eles e expliquei-lhes a situação e continua a ser recebido da mesma forma, falo com eles da mesma forma, eles vêm ter comigo e quando sair: “venha cá, tenho muito gosto, se precisar de alguma coisa, continuamos a fazer negócio”. A nível de amigos, têm-me vindo visitar e a nível familiar, o meu neto, etc. que me adora, portanto, alterações ... porque eles sabem, perfeitamente, que eu ... a minha maneira de ser sempre foi durante os anos todos, foi, realmente, impecável. Portanto, se eu tiver este azar, este problema, não é por causa disto que realmente as pessoas me vão virar as costas. Ou que, realmente, por causa disto que me aconteceu que ... portanto, eu não sou uma pessoa violenta, se, realmente, fosse uma pessoa violenta e que tivesse alguns problemas, era possível que as pessoas olhassem para mim de outra forma. E enfim. Até que se afastassem. Eu, por exemplo, estou-me a referir a pessoas que têm processos de violência doméstica. Uma das coisas que realmente não é muito aceite pela maioria das pessoas, logicamente, que ninguém gosta e, principalmente, quando é esses casos de violência doméstica, as pessoas ... não é que eu tenha a experiência, mas sinto ou julgo que, realmente, as pessoas aí se afastam e tenham outro tipo de atitude. Isso aí eu estou convencido disso.

**E – Sente que foi criado algum tipo de distanciamento em termos afetivos, relacionais com a sua família. Ou, pelo contrário, isso levou a uma maior aproximação? O facto de estar preso levou a uma maior aproximação da sua família?**

**R –** Não. Foi.

**E – Exatamente igual?**

**R –** Exatamente igual. As pessoas que, logicamente, se preocupam, realmente, com eu estar preso, mas etc. o mesmo carinho e a mesma atenção que tinham comigo,

*continuam a ter e a mesma preocupação, logicamente, querem que eu saía o mais rápido possível.*

**E – Já teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior? Já teve saídas?**

**R –** *Sim. Sim.*

**E – Qual foi a frequência desses contatos lá fora?**

**R –** *Eu tive saídas, mas só foi ... não foi de precária.*

**E – Ah ... ainda não foi de precária.**

**R –** *Só foi ... saídas administrativas. Exatamente, tive só os quatro meses que estive lá fora. Portanto ... quando fui absolvido eu estava à espera de um recurso e estive quatro meses lá fora em liberdade e, então, fiz a minha vida normal ... fui para França e para Espanha. Fiz ... fui fazer negócios e etc. tava o meu filho ainda em tratamento. Nunca pensei que aquilo que realmente ia dar o que deu e, portanto, o meu filho estava a fazer o tratamento no IPO, etc. e eu até acompanhava, mas as pessoas “nah está a correr bem. Graças a Deus”. Tinha sido já operado duas vezes, estamos só a fazer o tratamento e eu falei com o médico e eles disseram: “olhe isto realmente pode acontecer. Há pessoas aqui a fazer o tratamento durante anos, mas fazem uma vida normal”. Pois, só que as coisas realmente se complicaram e aí pronto ... aí é que eu, pronto, fiquei completamente desorientado e, quer dizer, quando eu vim para dentro outra vez, estava ele ainda a fazer o tratamento, mas as coisas já estavam a complicar e já estavam a evoluir muito ... e então, nessa altura, eu fiz algumas saídas administrativas para ir ao hospital, para o ir visitar e eu senti que as coisas estavam cada vez a ficarem piores e então aí é que eu comecei a entrar, como se costuma dizer, em parafuso.*

**E – De quem é que recebe mais visitas?**

**R –** *Essencialmente, é a minha mulher, não pode vir cá mais ninguém. Aliás, o meu neto vinha, mas, depois, a partir do falecimento do meu filho, do pai, a partir daí ele, pronto. Já em si sofria por me ver aqui preso. Depois, como ele vinha com o pai e nós estávamos ali na brincadeira e tal ... ele punha um bocado à vontade e ele neste momento nem vem cá.*

**E – Não vem cá?**

**R –** *Não, porque anda em acompanhamento de psicólogo ... porque, pronto.*

**E – Que idade tem?**

*R – Tem dezassete anos ... e ele foi-se muito abaixo. Foi-se muito abaixo. Não é pessoa, não é rapaz que fume, nem se droga, nem nada disso. Até pelo contrário. Ele pratica artes marciais, etc. é bom aluno, passou, nunca reprovou, é bom aluno, muito sossegado, muito caseiro, mas, com a morte do pai, ele ficou e, então, ele anda em acompanhamento. Por isso é que ... tínhamos falado em mesmo ... até com a minha nora. É melhor ele não vir cá para não ficar pior, etc. tanto é, que ele nem ao cemitério vai. O meu filho estava separado e estava a viver agora connosco e ele, até, quando vai almoçar com a minha mulher e vem a minha nora ... Ainda há dias foram almoçar e ele até evita subir, para não entrar em casa e ver as coisas do pai. Não quer ir lá acima para ver as coisas do pai, etc. e, portanto, e vão almoçar fora. Portanto, essencialmente, e a minha mulher veio agora aqui no Natal no almoço e ... mas vem ela só. Até, às vezes, vêm alguns amigos. Ainda há dias estive aí um amigo meu. Há sempre dois ou três amigos que vêm aí visitar-me.*

***E – Na sua opinião esta prisão está adaptada para acolher todas as faixas etárias?***

*R – Eu acho que sim.*

***E – Acha que sim?***

*R – Acho que sim.*

***E – O que é que mudaria no funcionamento desta prisão?***

*R – Eu, sinceramente, quer dizer, a nível de prisão eu ... quer dizer, não conheço outras. Não sei isso realmente. Já ouvi falar que, realmente, as prisões que, enfim ... têm outras condições, que ... o caso de Paços de Ferreira que têm, enfim ... a chover dentro das celas, etc. Eu acho, eu isso, afim e ao cabo, não é muito importante e ao fim e ao cabo eu também chego a tomar banho todos os dias, mas outras condições. Nesta condição não sei ... não consigo fazer em termos de comparação. Não conheço cadeias no estrangeiro, não sei como elas são, mas eu acho que neste momento eu acho que nós temos ... para uma cadeia, nós temos as condições. Exceto como digo, acho que no campo da alimentação podiam mudar. Realmente, se preocuparem em fazer algumas melhorias. Isso é o que eu sinto.*

***E – Como vê a sua vida no futuro?***

*R – A minha vida, no futuro, infelizmente, não vai ser igual há que era, em termos de família, não é? Mas em termos de atividade sei que, também, não vai ser a mesma coisa que era há uns tempos atrás, porque o mercado está diferente. Mas vou tentar*



*fazer a vida normal que fazia. É lógico que, realmente, noutros moldes, já não posso fazer, realmente, aquilo que fazia de muitos exageros, não posso entrar em exageros. Não posso ter a vida um bocado luxuosa que tinha e que é uma das coisas que me afeta, até, inclusive, quando eu leio. Até, inclusive, os relatórios que eu vejo, quando vêm do tribunal vem sempre a falar a mesma coisa. Sempre a falar da mesma coisa que é o caso dali, diz ... isso é até um dos pontos que me chateia bastante, porque, realmente, eu julgo que até é uma das coisas que me prejudica em parte. Não sei a decisão, a opinião das pessoas, sei lá?! Os juízes ... porque sempre a falar no mesmo tipo de coisas. Por exemplo, o caso que tenho aqui. Aqui, este cúmulo jurídico é sempre, em todas as situações. Portanto, em que mantem o tipo ...*

**E – O mesmo discurso?**

*R – O mesmo discurso e que, pronto, eu sei que, realmente ... por exemplo, no caso ... isto é aquele acórdão de cinco anos e dez meses e ... Ah! Uma das coisas aqui que eu até escrevi para a juíza. Veja bem se tem algum cabimento: “neste contexto e considerando os factos atrás mencionados, bem como a personalidade revelada pelo arguido, fortemente” ... veja bem que eu até escrevi para a juíza. “Fortemente condicionada pelo consumo de drogas”.*

**E – Isso não é real.**

*R – Entretanto, está adequada à pena ... eu escrevi para a juíza a dizer que nunca me droguei, não fiz anda. Por amor de Deus. Aonde é que eles foram buscar isto? E, então, uma das coisas que estão sempre a focar, é na parte da ...*

**E – Da vida que tinha antes, não é?**

*R – Que fazia, etc. por exemplo: “nesta fase da vida, que o senhor atingiu um nível de vida financeiro elevado, situação que inverteu de forma agravada, mantendo o estilo de vida que protagonizou”. Não é verdade. “Desde que frequentou casinos em territórios estrangeiros, como em viagem, na aquisição de automóveis, sem lidar, ponderar convenientemente os riscos da perda de capital para garantir a sua liquidez da sua atividade ... que vinha a acontecer mais tarde”.*

**E – Não é bem isso ...**

*R – Não é bem isto, quer dizer. Realmente, isso é o que às vezes me chateia que escrevem este tipo de coisas ... que pronto.*

***E – Se calhar não deram a devida atenção àquilo que você disse e acabaram por interpretar de outra forma.***

*R – E que dizer ... isto leva aos juízes fazerem, já, uma análise totalmente diferente. E, quer dizer, não corresponde à realidade.*

***E – Como é que gostava o seu regresso ao meio livre?***

*R – Como é que eu gostava ... primeiro gostava que fosse rápido, não é? E eu quer dizer eu não conto como alguns que não têm condições, que não têm casa ... só preciso de chegar lá fora e não digo nos primeiros dias, não. Vou ficar em casa a ajeitar as coisas e etc. organizar tudo direitinho e, depois, passado uns dias, logicamente, saio. Vou visitar os meus pais, etc. e tento realmente dar ... aliviar um bocado a cabeça, satisfazer um bocadinho a barriga. Tenho aí alguns objetivos e umas listas, comer um arrozinho de cabidela etc. e por aí fora e, depois, então, organizar a minha vida, a parte comercial, que é fundamental, que é para, depois, começar a pôr as coisas em ordem. E prontos, e sobretudo, visitar constantemente os meus pais, estar perto deles ... e eles têm esta vontade, de enfim. O facto de estar aqui preso, tenho de estar perto deles. Apesar de eu os ter visitado umas certas vezes, mas penso que chego lá fora e não tenho qualquer problema de, um dia para o outro, voltar à atividade normal.*

***E – Portanto, ainda tem sonhos por cumprir?***

*R – Tenho. Tenho sonhos por cumprir e julgo que os vou realizar. Um deles, pronto ... a minha atividade ... atividade que eu vou sempre manter e há dois sonhos que eu sempre desejei e que já há muito eu não fazia e eu quero abrir um restaurante. É, esse restaurante, praticamente, só para virar mais para clientes e amigos, um restaurante na zona da Foz. Tinha outra ideia, também, porque eu tenho um contacto de um amigo meu que está em Itália e já me tinha falado que, quando eu quisesse, para ir lá, porque ele está ... ele é diretor de uma empresa de café e máquinas de café, etc. e ele tinha-me falado que essa marca não está em Portugal e, então, falou que, quando eu quisesse para ir lá e tal ... para trocarmos impressões, para lançar essa marca de café em Portugal. E portanto, independente da minha atividade, eu ainda tenho ... penso ... tenho sessenta e oito, mais vinte anos pela frente. Se tiver saúde, ainda posso fazer muita coisa. Portanto, eu estou a pensar fazer muita coisa. Portanto, eu estou a pensar fazer outras coisas, tenho várias ideias, mas porque eu sei que a minha atividade ... a minha atividade ... eu tenho muito tempo livre o que por exemplo, eu posso começar a*

*comprar um quadro, surgir um bom negócio e eu comprar. Ligo para o cliente e, essa semana, está resolvida ou o mês. Se quiser, meto-me num avião, vou para Londres, compro meia dúzia de peças que, realmente, sei que clientes gostam. Eu chego aqui, falo com os clientes e vendo-as. Portanto, no outro tempo eu posso gerir de uma maneira que me possa meter noutra atividade qualquer. Portanto, eu julgo que nunca tive problemas em me desenrascar. Não só na minha atividade, como meter-me noutra coisa qualquer e a minha ideia do restaurante, não é só por mim, mas uma pessoa que quer, realmente, uma parceria comigo e, porque ele tem experiência em restaurante. E pronto. Se calhar, um dia, é o que vai acontecer. Portanto, é isso que vai acontecer.*

***E – Pronto. Obrigada.***

## **Transcrição Entrevista R.I.5**

**E – Qual é a sua idade?**

**R –** Setenta.

**E – Nacionalidade?**

**R –** A portuguesa.

**E – Estado civil?**

**R –** Divorciado.

**E – Habilitações Literárias?**

**R –** 9º ano.

**E – Qual era a sua profissão?**

**R –** Eu ... eu trabalhava numa ... em escolas de condução.

**E – Em escolas de condução? Era instrutor?**

**R –** Sim.

**E – Qual foi o crime cometido?**

**R –** Quer se dizer, eu tou aqui, nem cometi crime nenhum.

**E – Então está cá porquê?**

**R –** Atão isto ... eu era empresário de escolas de condução. Tinha vários carros, carrinhas. Depois ... depois, há um certo período, que um filho meu me pediu as carrinhas, que eu precisava delas. Desisti de fazer o transporte ao pessoal ... e eu emprestei-lhas para ele fazer os transportes dele, que ... numa firma de ... numa firma de construção civil. Empréstei ... depois o que é que ele faz? Viagens daqui para a França, com o carro, e são viagens de milhares de quilómetros, ele parte tudo. O que é que lhe vem na cabeça? Ele partiu-a, fala com os gandulas dele e arranja outra, não é? Toca a pegar nas matrículas da minha, e pega nela e anda. Depois, passado dois anos, ele diz-me assim para mim: olha, eu, também, agora vou acabar com isto e as carrinhas ... vai lá ficar tudo em casa. Eu já não vivia lá. Vivia a oitenta quilómetros de lá. Pois, está bem. O que é que eu havia de fazer? Tá bem. Foram dar com as carrinhas roubadas no armazém. Não eram as minhas e por isso é que ... e por isso é que estou aqui. Fui acusado por roubo.

**E – Foi acusado por roubo? Portanto como é que interpreta isso?**

**R –** Que estou mal preso.

**E – Acha que não devia estar aqui?**

**R –** Pois. Acho que não devia estar aqui, porque eu não fiz mal nenhum a ninguém.

**E – Está aqui por uma coisa que não fez.**

**R –** Estou aqui por uma coisa que não fiz.

**E – Não é reincidente?**

**R –** Não.

**E – Qual é que é a duração da sua sentença?**

**R –** É de sete anos.

**E – É de sete anos? Portanto, já está condenado?**

**R –** Já.

**E – Com que idade iniciou o cumprimento da pena?**

**R –** Foi em setembro de dois mil e catorze.

**E – Está cá há um ano e qualquer coisa.**

**R –** Há um ano e tal, sim.

**E – Portanto, e quando deu entrada aqui na prisão, como se sentiu?**

**R –** Olhe, não me senti nada bem. Não me senti nada bem. Nem me sinto bem.

**E – E considerava-se diferente face à idade que tinha?**

**R –** Diga?

**E – Se se considerava diferente face à idade que tinha? Entrou aqui já com sessenta e oito anos, não foi?**

**R –** Sim.

**E – Achou que isso o influenciou de algum modo?**

**R –** O meu estado físico influenciou. E psíquico. Psíquico mais ou menos ... psicologicamente.

**E – Aproxime-se um pouco mais do gravador.**

**R –** Ah sim.

**E – E já conhecia a realidade prisional?**

**R –** Não, nunca tive preso.

**E – Mas daquilo que ouvia falar.**

**R –** Ouvia falar que se estava preso. Lá sabia o que era isto.

**E – Não sabia o que era isto?**

**R –** Não.

**E – E, na sua opinião, que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, influenciam o seu comportamento? Aqui na prisão.**

**R –** Eu sou obrigado a ver isto com normalidade, embora não sinta bem. Esse visual assim, mas ... mas não vejo isto assim muito bem.

**E – Como se descreve antes de entrar na prisão? E atualmente?**

**R –** Diga.

**E – Como se descreve antes de entrar na prisão e atualmente? A nível de saúde, acha que alterou alguma coisa?**

**R –** Ui! Alterou muito.

**E – Ficou mais fragilizado?**

**R –** Tou muito fragilizado. Muito.

**E – Em termos económicos, alterou alguma coisa?**

**R –** Em termos económicos não.

**E – E em termos sociais? O relacionamento com outras pessoas.**

**R –** Eu não falo com elas. Deve ter alterado.

**E – Que técnicas é que adotou para se adaptar a esta realidade?**

**R –** Ah. As técnicas foi o que pensava e agia ... pensava agia. Agora, assim, uma técnica específica não sei.

**E – Faz alguma coisa para que o seu dia-a-dia corra bem? Por exemplo, você está no seu pavilhão D, um pavilhão mais pacato, não é? Você faz alguma coisa para que o seu dia corra bem? Por exemplo, não conversar com os reclusos mais problemáticos, fazer as suas tarefas sem pedir nada a ninguém. Por exemplo.**

**R –** Ah. Eu faço isso tudo assim. Não quero misturas.

**E – Não quer misturas?**

**R –** Não.

**E – Já agora preocupa-se com a sua segurança na prisão?**

**R –** Não tou muito preocupado. Eu sou uma pessoa ... eu sempre fui uma pessoa sem medo.

**E – E o que faz para se manter seguro?**

**R –** Oh pá, eu confio em mim. Se for preciso, mesmo com a idade que tenho ...

**E – Dá uns tabefes a alguém?**

**R –** E vai mesmo à parede e racha a cabeça.

**E – Portanto, quais são os locais ou situações em que se sente mais seguros aqui na prisão?**

**R –** É geralmente igual.

**E – A sua cela por exemplo?**

**R –** Ah?

**E – No pavilhão onde está sente-se mais seguro?**

**R –** No pavilhão? É a mesma coisa. Cá fora ou dentro é igual. Eu sei enfrentar e sei ... e sei ver as pessoas ... e, se algum começa a levantar muito, eu também. Eu digo: “tu perdes a bolinha ou já sabes como é que é. Estás a pensar o quê? Achas ... e bem te enganas que eu com a idade que tenho ...”

**E – Tem setenta anos mas ainda é capaz de ...**

**R –** Pensas que isto é assim? Portanto, eu, quando eles caminham ... e até pus tudo na linha. Ali na fila para ir comer, eles é só cachaços, isto e aquilo na brincadeira.

**E – Passam uns à frente dos outros.**

**R –** É. Uma vez deram-me assim ... tash ... e eu: “quem foi o filho da puta, que chegue aqui ... que chegue aqui, eu fodo-lhe já o nariz”. A partir daí nunca ninguém me fez nada disso. E foi logo ... e tem praí um ano. E assim me inseri, e se for preciso também, olhe. Chega-se a um ponto que, quando for preciso, também tenho de cair.

**E – E, na sua opinião, que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, influenciam o stress na prisão?**

**R –** Ah? Opá, eu tenho os intestinos ... tá tudo ...

**E – Tudo avariado?**

**R –** Pois. Tá tudo avariado, por causa destas comidas. Psicológicos ... psicológicos, é assim um bocado confuso a ver isto. Este pessoal todo não tem jeito nenhum. Isto não tem assunto, conversas com todo o pessoal. Não tem não. Não tem assunto.

**E – E que tipo de fatores podem influenciar a segurança de um recluso?**

**R –** Eu sei lá. Se o recluso não tiver cuidado em se meter em coisas que não deve, se meter em dívidas. Os gajos estão sempre mortinhos por arranjar problemas. Isso, então, sempre mortinhos por arranjar problemas. Por exemplo, se não me meter em problemas, se não maltratar ninguém, mas, também, não permito ser maltratado. Mas aquilo ... a gente “bam bam” para a minha beira. Epá eu vi ... eu perdoo ... eu não reajo logo assim à primeira, porque eu: “opá, mas tu o que é que queres, ah? Eu não se é

*isso que tu queres? Se é isso que tu queres é já". Apanhava um mosquito no nariz que ele ia ... caía logo no chão. Podia matá-lo. Fazendo assim com a palma da mão, assim ... a pessoa pode perder o juízo e pode morrer num instante.*

***E – Na sua opinião quem é que é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?***

*R – Cinquenta anos já são pessoas que não têm jeito nenhum. Olha-se para eles sujos. Nota-se que há gajos que até cheiram mal ... ao gato podre. Jesus. Deus me livre.*

***E – Portanto na sua opinião qual é que é o papel desempenhado pelos mais novos e o papel desempenhado pelos mais velhos?***

*R – Eles, aqui, isto é tudo relativo. Cada um tem as suas tarefas que tem de desempenhar e pronto, cada um tem que fazer a sua cama e por aí. Vestir-se, pronto, meter a sua roupa a lavar para vestir.*

***E – E considera que a idade de um recluso é relevante neste meio?***

*R – Sabe, um recluso com a idade que eu tenho, não tem a resistência que tem um ... fisicamente, não tem a resistência. Não tem a mesma resistência, como se tivesse quarenta ou cinquenta anos, ou sessenta.*

***E – A idade, portanto, pode influenciar o comportamento cá na prisão? Imaginemos que você vinha para cá e era mais novo. Se calhar reagia mais aquilo que vi-a e aquilo que sentia.***

*R – Não. Não reagia.*

***E – Era igual?***

*R – Era igual.*

***E – Como é que caracteriza o seu dia-a-dia na prisão? O que é que faz cá dentro?***

*R – Venho para a escola.*

***E – Está a tirar um curso?***

*R – Estou. 12.º ano.*

***E – 12.º ano?***

*R – Estou. Acho que acaba este ano.*

***E – Quando é que começou?***

*R – Comecei em Setembro mas já vou no 2.º ano.*

***E – Ah, já está no 2.º ano.***

*R – No 2.º ano, dois anos.*



**E – Deve acabar em Junho.**

**R – Mas não sei se posso, ou não. Sei lá.**

**E – Tem corrido bem?**

**R – Tem. Eu tenho feito as coisas. Sim tudo mais ou menos ... tenho.**

**E – Então vai passar. Além da escola faz mais alguma coisa?**

**R – Não. O que é que eu vou fazer mais?**

**E – Vai à biblioteca?**

**R – Vou. Vou.**

**E – Desporto?**

**R – Não. Não faço desporto.**

**E – Está inserido em algum programa?**

**R – De?**

**E – Algum projeto desenvolvido pela equipa técnica?**

**R – Não.**

**E – Não? Portanto, só vai à escola. De que modo é que a sua condição de recluso alterou a perceção que você tinha acerca de si mesmo? Alterou alguma coisa ... o você ter vindo para aqui?**

**R – Uma pessoa aqui, não parece, mas fala. Fala com este, fala com aquele. Um sabe uma coisa, outro sabe outra, isto parece que andamos ... até dá uma tontura.**

**E – Você tinha ... ora portanto ...**

**R – Tem que se aproveitar o bom.**

**E – Tem que se aproveitar o bom?**

**R – Não é o fraco de uma pessoa, pois sim, diga.**

**E – Mas por exemplo você lá fora tinha uma ideia daquilo que você era, daquilo que você sentia. Cá dentro mudou alguma coisa?**

**R – Eu ... tenho projetos. Tenho projetos na vida.**

**E – Antes de entrar na prisão qual era a opinião que tinha dela?**

**R – Da prisão?**

**E – Sim.**

**R – Eu ouvia dizer, sempre, que isto não prestava.**

**E – Que não prestava?**

**R – Pela minha opinião, era essa.**

**E – E qual é a opinião que você tem agora?**

**R – É a mesma coisa.**

**E – A prisão não presta?**

**R – É isto que não presta para nada. Não ensina nada a ninguém.**

**E – Não ensina nada a ninguém? E como avalia o seu percurso dentro da prisão?**

**Acha que já é positivo? Alterou alguma coisa em si?**

**R – Não vai alterar nada, porque as minhas ideias e os meus projetos já os tinha.**

**E – Mas o percurso que tem vindo a fazer até agora é positivo?**

**R – Diga?**

**E – O percurso que tem vindo a fazer é positivo?**

**R – É.**

**E – Quais são as principais dificuldades, que você sente no seu dia-a-dia?**

**R – Dificuldades ... nós devíamos de ter uma medicina melhor. Anda aqui com os dentes**

**...**

**E – A dentista?**

**R – Não pode tratar dos dentes, nem nada. Daqui a pouco estraga-me a boca toda.**

**E – Pois, agora a sala da dentista está em obras. Acho que há uns problemazitos.**

**R – Pois, mas nós não temos culpa disso. Não podemos andar assim. Isto é muito fraco.**

**Isto, não deviam brincar com a saúde das pessoas.**

**E – Só se queixa da dentista? É a única dificuldade que tem tido até agora? A consulta na dentista que não tem conseguido?**

**R – Pois, queria era os dentes arrançados.**

**E – E não consegue?**

**R – Não. Agora, se for de precária, vou tentar arranjá-los.**

**E – Ir ao dentista?**

**R – Sim.**

**E – Considera que os atendimentos individuais, os que tem tido com a sua técnica, têm em conta as suas necessidades?**

**R – Sim. Por acaso até não tenho nada que dizer.**

**E – Não tem nada que dizer?**

**R – Não.**

**E – Como imagina a sua vida, se não tivesse sido preso?**

**R – Estava muito melhor. Estava no meu lar, pois, a ganhar dinheiro. Eu ganhava sempre dinheiro.**

**E – Ainda tem as escolas de condução?**

**R – Não. Vendi. Vendi.**

**E – Após estar preso, que mudanças psicológicas, afetivas e emocionais ocorreram?**

**Nos seus familiares ...**

**R – Passei a gostar mais dos meus filhos.**

**E – Passou a gostar mais dos seus filhos?**

**R – Isto é emoções.**

**E – É mais forte cá dentro, não é? Sente que foi criado algum distanciamento, em termos afetivos, com a sua família ou pelo contrário, houve uma maior aproximação?**

**R – Houve uma maior aproximação (emocionado).**

**E – Não precisa ficar assim Senhor D..**

**R – Não faz mal.**

**E – Também tem que exteriorizar o que sente, não é?**

**R – Pois.**

**E – Já teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior?**

**R – Não.**

**E – Já foi a uma saída jurisdicional?**

**R – Não.**

**E – E o que representa, para si, o contacto com pessoas do exterior?**

**R – Uma coisa normal. Uma pessoa estava habituada a ter contacto com pessoas todos os dias.**

**E – E agora está restrito.**

**R – É. Agora estou restrito.**

**E – De quem recebe mais visitas? Tem visitas?**

**R – Tenho dos meus filhos, amigos e da minha companheira.**

**E – Portanto, continuam a ser as mesmas pessoas que lhe eram próximas lá fora? Antes de vir preso.**

**R – Sim.**

***E – E, na sua opinião, acha que esta prisão está adaptada para acolher todas as faixas etárias?***

***R – Eu acho que não. Isto não tem jeito nenhum.***

***E – Porquê?***

***R – Porque isto aqui ... lá no pavilhão D, aquilo é muito frio. É um túnel de congelação.***

***E – Isso é geral.***

***R – A pessoa ali ...***

***E – Tem de estar bem agasalhada.***

***R – Bem agasalhada ou então com pneumonias. Sou muito apegado a isso. Tanto tá vivo como tá morto aqui.***

***E – Acha que devia haver mais condições para ...***

***R – Era. Devia haver mais condições para as pessoas que estão doentes. Não misturar uns com os outros cheios de doenças.***

***E – E o que mudaria no funcionamento desta prisão? Se tivesse o poder de mudar alguma coisa, o que mudava?***

***R – Eu punha as casas de banho a funcionar como deve de ser. Era uma das coisas.***

***E – Elas funcionam dentro dos pavilhões?***

***R – Não tem. Não tem. Está tudo avariado.***

***E – Está numa camarata ou numa cela?***

***R – Numa camarata.***

***E – E dentro tem uma casa de banho?***

***R – Está tudo ... está ... não funciona.***

***E – Quantas pessoas estão lá dentro?***

***R – Dezasseis.***

***E – Dezasseis pessoas. Acha que isso devia ser mais seleccionado? Dezasseis pessoas, numa camarata, acha que é muito?***

***R – Eu acho que é. Dez já chegavam ... que fosse doze. Eles começam a zangar-se, uns com os outros. Aquilo é um problema do caralho.***

***E – Como vê a sua vida no futuro? Continua a ter apoio?***

***R – Sim.***

***E – Como gostava que fosse o seu regresso ao meio livre?***

***R – O meu regresso, o quê?***

**E – Ao meio livre. Imaginemos que você ia embora. Como imagina?**

*R – Imagino-me bem e a correr bem. Não sou problemático, por isso vai correr bem.*

**E – Teria alguém que o viesse buscar?**

*R – Aqui?*

**E – Sim.**

*R – Alguém me vem buscar de certeza, mas, também, se não vier, eu sei ir embora.*

**E – Ainda tem sonhos por cumprir?**

*R – Sim.*

**E – Quais são senhor D.?**

*R – Olhe, eu tenho um evento que é este: eu tenho ... quero montar um centro de exames de condução e, depois, vou fazer um edifício. Vou fazer um hotel com restaurante, danceteria, armazenzinhos e ... e ... que mais? Esquece-me. Uma quê? Como se chama aquilo? Aquilo que fica muito grande, com mil e quinhentos metros, seis pisos. Estou a pensar fazer seis pisos com mil e quinhentos metros cada um ... para um lar de idosos também.*

**E – Um lar de idosos? Você já tem o projeto desenhado?**

*R – Não tenho nada desenhado. Está desenhado na minha mente. Estou ... tenho terreno, já, e é isso.*

**E – E é só colocar em prática. Se você não tivesse apoio familiar, se não tivesse uma vida económica estável, acha que a sua reinserção na sociedade ia ser mais difícil?**

*R – Eu sei-me vencer. Eu tinha vinte e quatro anos e já comprei uma escola de condução, por isso. Eu tinha vinte e quatro anos.*

**E – Era muito novo.**

*R – Era muito novo e paguei aquilo ... setecentos e cinquenta contos. Naquela altura era muito dinheiro. Se fosse agora, se eu tinha vinte e cinco ... há quantos anos foi? Cinquenta anos.*

**E – Menos um bocadinho, quarenta e cinco.**

*R – Quarenta e cinco. Pois, sempre trabalhei com isso e depois comprei outra escola. Eu tinha muito movimento, tinha vinte e três empregados e aquilo estava tudo direitinho. Tudo direito. Pronto. Mas nem sempre corre tudo direito. E pronto o estado não deixa. Se vê que uma pessoa tem um tostãozinho no bolso, tiram-nos. Mas eu agora não vou*

*nessa. Não, porque eu agora já ganhei juízo. Eu agora este ... estes trabalhos, vamos lá ver se eu vou conseguir. Isto é para mais de um milhão de contos. É para mais.*

***E – E você tem esse dinheiro?***

***R – Não tenho todo mas ... vai-se aproximando. Eu portanto, não sei o que ia dizer.***

***E – O dinheiro que você necessita para investir.***

***R – O trabalho ... eu já tive que fazer as contas e eu tenho quase mil contos. Basta ter o trabalho e já está. É!***

***E – E o importante é ser feliz.***

***R – É.***

***E – E ter os seus sempre consigo. Pronto senhor D. quer dizer mais alguma coisa?***

***R – Não, tá tudo.***

***E – Está tudo? Obrigada.***

## **Transcrição Entrevista R.I. 6**

***E – Qual é a sua idade?***

***R – Sessenta e oito.***

***E – Nacionalidade?***

***R – Português.***

***E – Estado civil?***

***R – Divorciado.***

***E – Habilitações Literárias?***

***R – O 10.º ano.***

***E – Qual era a sua profissão?***

***R – Pintor de construção civil.***

***E – Qual foi o crime cometido?***

***R – Violência Doméstica.***

***E – Como é que interpreta a prática desse crime?***

***R – Interpreto de uma maneira ... como reajo? Para mim foi o dizer que já basta, porque foi quarenta anos a sofrer com a minha esposa e, portanto, foi o desgaste que acabou aqui.***

***E – Mas posso lhe perguntar se você agrediu fisicamente?***

***R – Agredi, sim senhora.***

***E – É reincidente?***

***R – Nada.***

***E – Qual é a duração da sua sentença?***

***R – Seis anos.***

***E – Portanto, está na situação de condenado ou preventivo?***

***R – Estou condenado.***

***E – Está condenado. Com que idade iniciou o cumprimento da sua pena?***

***R – Aos sessenta e três.***

***E – Agora tem sessenta e oito, já se encontra há cinco anos.***

***R – Sim.***

***E – Como se sentiu, quando deu entrada na prisão?***

***R – Frustrado.***

**E – Porquê?**

**R –** Porque eu podia ter evitado isso. Se tivesse pedido o divórcio, como eu pedi agora, demorei muito tempo a pedir.

**E – Sentiu-se frustrado, aqui na prisão. Considerava-se diferente face à idade que tinha?**

**R –** Diga?

**E – Se se considerava diferente face à idade que tinha. Entrou aqui com sessenta e tal anos.**

**R –** Quer dizer, eu nunca pensei calhar uma coisa destas, para mim. Foi um pesadelo, que isto não era a minha intenção de chegar aqui. Era viver sempre feliz e isto, agora, para mim, passou a ser um pesadelo. Sair do paraíso e vir parar no inferno.

**E – E já conhecia a realidade prisional?**

**R –** Não.

**E – Na sua opinião, que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, influenciam o seu comportamento na prisão?**

**R –** A mim, passa-me tudo ao lado. Aqui, passa-me tudo ao lado, porque já tive no clima da guerra. Portanto, é muito pior que isto.

**E – É muito pior?**

**R –** A abstenção ao que se passa, porque, o resto, passa-me tudo ao lado.

**E – Como é que se descreve, antes de entrar na prisão e atualmente? Em todas as áreas da sua vida, económica, social, saúde.**

**R –** Bem. A mim pouco me afetou. A liberdade é bastante relativa do que temos lá fora. O que mudou economicamente é igual, tenho a reforma, continua igual.

**E – Continua a receber?**

**R –** E o futuro, olhe ... isto, que estou aqui a passar. É ser feliz.

**E – E a nível de saúde?**

**R –** Não. Na saúde, graças a Deus, até tenho medo de morrer saudável.

**E – Que técnicas adotou para se adaptar a realidade prisional?**

**R –** Isto é as palavras anteriores, porque isto para mim é livre. O que é bom fica e o resto passa-me ao lado. Sou alheio ao que passa ao lado, porque isto, nas cadeias ... porque se a gente se meter vai arranjar problemas. Claro que eu sou defensor dos fracos e dos oprimidos, mas, por vezes, temos que abstrair, porque isto é grupos. Aqui é



grupinhos. Aqui, toda a gente se conhece, portanto, é melhor a gente é pegar e melhorá-los e metade vai.

**E – Preocupa-se com a sua segurança nesta prisão?**

**R –** Não, é pouca segurança. Aqui a segurança não é nenhuma. Se não olharmos por nós ninguém olha e portanto, o seguro é ver se estamos quietos e abster-nos do que se passa ao nosso lado.

**E – E o que faz para se manter seguro? É exatamente isso que disse, não é?**

**R –** Evidentemente, é alhear-nos ao que passa ao nosso redor.

**E – E quais os locais ou situações em que se sente seguro?**

**R –** Eu sinto-me seguro em todo o lugar, porque é assim, eu sempre fui pacifista e, quer dizer, e sou fácil de angariar amigos. Vêm todos ter comigo. Portanto, se a gente conviver com todos e, se a gente não se meter com ninguém, é fácil de levar isto. Agora, claro, muitos procuram ... procuram os problemas ... que vêm ter com a gente para aliar-se a eles.

**E – Na sua perspectiva, que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, provocam o stress na prisão?**

**R –** Bem isso do stress, para mim, o stress, muitos já vêm de fora. O stress já vem com a pessoa e, depois, aqui vai-se alimentando, tomando aquilo que não devem tomar, meterem-se em problemas que não se devem meter e isso vai acumulando. Após dia-a-dia o problema vai se acumulando e depois vem o resto, o stress vem à tona.

**E – Portanto se eu vier com conflitos lá de fora e tiver pessoas cá, que entraram nessas confusões, piora, provoca o stress e pode influenciar a segurança de um recluso, não é?**

**R –** É.

**E – Quem é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?**

**R –** Aqui não há velhos e não há novos. Aqui não há velhos e não há novos. Se a gente se der ao respeito eles olham para nós com respeito. Aqui não há velhos e não há novos. Aqui é tudo pela mesma medida, calcando. Se der ao respeito. Não, aqui não há.

**E – Portanto, você não acha que os reclusos mais novos têm um papel diferente do que os reclusos mais velhos?**

**R –** Os novos é a irreverência da juventude que está sempre ao de cima. Portanto, os velhos fogem das confusões que os novos criam.

**E – Portanto, você acha que a idade de um recluso, o ser novo ou ser velho, é relevante neste meio?**

**R –** Acho que, só se for para transmitir conhecimentos a outros. Já é o caso da cadeia.

**E – Como é que caracteriza o seu dia-a-dia na prisão?**

**R –** Oh, o meu dia-a-dia é, sabe como é, isto é monótono, porque, se eu ando a aproveitar a escola ... a escola, porque o facto de estar preso, o facto de estar preso e fechado dentro de quatro paredes vêm mil e uma coisa à cabeça.

**E – E o seu dia é monótono?**

**R –** E a gente vive, como é que eu posso de explicar ... do que viveu, são vazios que não fazem bem à saúde.

**E – Portanto, você foi para a escola como refúgio?**

**R –** Sim. Exatamente.

**E – Portanto, além da escola, que tipo ... outras atividades é que você participa?**

**R –** Quer dizer, eu, além da escola ... era ... fazia ginásio, mas ...

**E – Agora está em obras.**

**R –** Fazia ginásio, mas é que o ginásio não é para todos.

**E – O ginásio não é para todos?**

**R –** Não, porque isto ... porque é grupinhos. Eu como sou velho, há um grupo de indivíduos mais novos ... aquilo é tudo para eles e os outros... Portanto, é esquecer o ginásio.

**E – E além disso? Biblioteca?**

**R –** Leio, leio, leio livritos. Tenho livros. Estive a ler. Como é que se chama o J. C., como ... O Alquimista. Leio livros, mas também, como ando na escola. Não tenho.

**E – De que modo é que a sua condição de recluso alterou a percepção que tinha acerca de si mesmo?**

**R –** Não alterou nada.

**E – Não alterou nada?**

**R –** Não, porque eu não estou ... arrependido, estou pela maneira que podia ter evitado a coisa, mas continuo a ser o mesmo. Tenho muito gosto e coiso ... de ser como sou e continuarei a ser como sou e o que isto, para mim, é ser feliz e fazer feliz os outros. Portanto, o resto é tudo alheio.

**E – E, antes de entrar na prisão, qual era a opinião que tinha dela? E o que mudou depois de cá estar?**

**R –** O caso da prisão, é para quem faz asneiras. Portanto é ... só está aqui quem ... para pagar o que fez. E o que há na prisão, há uma certa limitações, uns têm tudo outros não têm nada.

**E – Você tinha uma ideia quando estava lá fora, como já teve a experiência da guerra. Na vida militar, tinha uma percepção do que era a prisão.**

**R –** A prisão, pensava que era mais humana, mais humanista de resto ... o ... as prisões, isto lá fora também tinha.

**E – Pensava que era mais humanista? O que é então?**

**R –** Era mais humana, tinha mais ... mais regalias, mais ... porque isto aqui, o ser humano aqui passa ... é quase abaixo de cão. O resto é abaixo do ser humano.

**E – Como é que avalia o seu percurso dentro da prisão?**

**R –** O meu percurso é, como eu digo, é tentar passar o dia ... passar o dia melhor ... o dia.

**E – Estes cinco anos, que você está a cumprir, foram sempre levados positivamente?**

**R –** Sempre da melhor maneira.

**E – Quais são as principais dificuldades sentidas no seu dia-a-dia?**

**R –** Dificuldade é ... é, aqui as dificuldades é a alimentação, porque não é devidamente confeccionada. A higiene, também, fica muito, muito aquém daquilo que estava habituado e portanto, sentimos que temos que nos convencer que estamos numa prisão. Não estamos no paraíso. Está bem que em casa podíamos escolher, aqui temos que comer aquilo que nos dão.

**E – Claro. Considera que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades?**

**R –** Não, isto acho que não nos favorece em nada.

**E – Portanto, acha que os atendimentos são feitos corretamente?**

**R –** Daquilo que a gente precisa. Daquilo que a gente tem direito.

**E – Dê-me exemplos.**

**R –** A falta ... a falta de higiene dos coisos ... temos ... temos muita falta de ...

**E – Eu estou a falar a nível de atendimentos individuais, de si para com os técnicos, para com os guardas, um atendimento com o diretor. Acha que ...**

*R – A gente tem sempre ... com guardas e técnicos é isto que vejo. As pessoas acomodam-se e fecham a porta. Portanto, temos que nos resguardar. Os guardas, temos de respeitar ... eles respeitam-nos. mas também temos aí muitos guardas que são frustrados. A frustração deles, porque, se calhar, estão aqui, porque são obrigados. Não foi isto que escolheram e técnicos também acomodam-se. Portanto, a gente pode esperar pouco deles.*

***E – Como é que imagina a sua vida se não fosse preso?***

*R – Era muito melhor. Era muito melhor. Era melhor, porque tava em casa. Eu sempre trabalhei e agora estava a ... estava reformado. O trabalho já era secundário. Era para gozar a vida. Agora, depois disto ...*

***E – E, após a reclusão, que mudanças ocorreram em termos psicológicos, afetivos e emocionais?***

*R – A mim, afetivos, pus uma pedra sobre o assunto em relação à família que estava ligado.*

***E – Cortou as relações com a sua família?***

*R – Só com a minha esposa e com a minha filha.*

***E – Você tem uma filha? Mas as relações foram cortadas?***

*R – Foram, logo. Não digo que mais tarde, a minha filha ... sou pai ... reconciliar, mas ... com essa senhora não.*

***E – Já pôs termo a esse relacionamento?***

*R – Já.*

***E – Portanto, houve algum distanciamento para com essas pessoas?***

*R – Sim, foi.*

***E – Não houve nenhuma aproximação pelo facto de ter vindo preso por parte de alguém?***

*R – Não. Por parte dessas duas pessoas não. Basta a minha família, mas parte das duas pessoas.*

***E – Já teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior?***

*R – Já. Já fui lá fora.*

***E – Qual foi a frequência desses contatos? Quantas vezes é que foi lá fora?***

*R – Fui uma vez, isto, agora, vou no dia vinte e três que até eu ...*

***E – Está à espera que seja autorizado.***

**R – Estou à espera de ir embora.**

**E – Está à espera de ir embora. E o que representa, para si, o contato com outras pessoas do exterior?**

**R –** Prontos, quer dizer, para mim, é um céu aberto. Quer dizer, eu vou diferente e com perspectivas melhores para o futuro. É a convivência, aquele ... aquele ... aquele calor humano, que tanto precisa e que aqui não existe, e olhar em frente.

**E – Portanto recebe visitas?**

**R –** Recebo sim.

**E – De quem?**

**R –** De umas irmãs minhas e cunhadas.

**E – Continuam a ser as mesmas pessoas que eram próximas lá fora?**

**R –** Sim.

**E – Na sua opinião, acha que este estabelecimento prisional está adaptado para acolher todas as faixas etárias?**

**R –** Isto, eu não posso ... eu sou suspeito, porque isto, nem faixas etárias, isto não tem condições mínimas, isto não tem condições nenhuma, mas olhe é o que temos.

**E – E o que mudaria no funcionamento deste estabelecimento prisional?**

**R –** Humanizá-las mais.

**E – Como? Não percebi.**

**R –** Humanizá-las mais. Agora, mais apoios tanto como médicos, como alimentar, aconchegos, quer dizer, mais nas coisas para as condições que onde a gente vive, também não tem.

**E – A nível de cela adaptada.**

**R –** Na cela ... adaptar.

**E – A cadeia também está sobrelotada.**

**R –** Sobrelotada exatamente.

**E – A cadeia está preparada para seiscentos, não é? Como vê a sua vida no futuro?**

**R –** No futuro, acho que vamos tentar chegar o mais longe possível.

**E – E reconciliar-se com a sua filha?**

**R –** Exato.

**E – Portanto, como gostava que fosse o seu regresso ao meio livre?**

*R – Ah, não, não vou querer festa, não vou querer uma banda de música à minha espera, mas vou tentar ser feliz com a população com quem estava inserido, que me acolha de braços abertos.*

*E – Tem para onde ir?*

*R – Tenho sim.*

*E – Ainda tem sonhos por cumprir? Algum objetivo na vida?*

*R – Neste momento é ser feliz ... é ser feliz e viver o dia-a-dia com saúde e à beira dos meus familiares.*

*E – Pronto, obrigada senhor A..*

## **Transcrição Entrevista R.A.1**

***E – Diga-me a sua idade.***

*R – Quarenta e seis.*

***E – Nacionalidade?***

*R – França.*

***E – Estado Civil?***

*R – Solteiro.*

***E – Habilitações literárias?***

*R – 9º. Estou a fazer o 10º.*

***E – Qual era a sua profissão?***

*R – Industria hoteleira.*

***E – Qual foi o crime cometido?***

*R – Ah, Tráfico de Menor Gravidade*

***E – Só?***

*R – Sim.*

***E – Como interpreta a prática do crime cometido?***

*R – Mal.*

***E – Porquê?***

*R – Porque eu devia ter pensado melhor antes de me ter metido nesses atos ilícitos.*

***E – E porque se meteu?***

*R – Oh ... porque andava nos consumos, consumia e foi o que me levou a esses meios. Também estava desempregado ... foi também por parte da necessidade ... ter dinheiro.*

***E – Portanto, é reincidente?***

*R – Não. Ah, já tive ... já tive pena suspensa por posse de pouca ... pouca quantidade.*

***E – Qual é a duração da sua sentença?***

*R – Seis anos e oito meses*

***E – Portanto está na situação de condenado.***

*R – Sim.*

***E – Com que idade iniciou o cumprimento da pena?***

*R – Vinte e um, do onze, de dois mil e onze.*

***E – Isso equivale a quantos anos?***

*R – Isso dá cinco anos. Vou agora para o quinto ano.*

***E – Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?***

*R – Já há quatro anos e três meses ... quatro anos e dois meses.*

***E – E como se sentiu quando deu entrada na prisão?***

*R – Muito mal. Arrependido.*

***E – Explique-se.***

*R – Porque, com o tempo, depois de tar a cumprir a pena do qual eu fui julgado, tenho refletido muito, que não vale a pena cometer crime.*

***E – E considerava-se diferente face à idade que tinha?***

*R – Um bocado.*

***E – Porquê?***

*R – Porque não tinha necessidade de cometer os crimes que eu cometi e, não tinha necessidade de andar metido no mundo do crime. Tenho apoio familiar e nunca me faltaram com nada e trabalhei. Também trabalhei sempre e tive sempre apoio familiar. Com tudo e não havia necessidade de eu cometer esses crimes. Não tive juízo.*

***E – E já conhecia a realidade prisional?***

*R – Já. Já. Por conversas de outros reclusos que já tiveram presos. Já tinham uma ideia do que era a realidade prisioneira.*

***E – E na sua opinião que tipo de fatores físicos, psicológicos, influenciam o seu comportamento na prisão?***

*R – Psicológico, hum ... o que é que me influencia? Como é que eu hei de explicar. Isso não mata mas mói.*

***E – Mas que tipo de fatores?***

*R – Sei lá. Psicologicamente uma pessoa está privada da liberdade não tem a liberdade. Sei que quando chegar lá fora que a lib ... que a realidade é outra.*

***E – E a nível físico o que é que influencia?***

*R – Oh, nada!*

***E – Faz exatamente aquilo que fazia lá fora? Em questões físicas?***

*R – Sim. Sim. Só que, claro que não faço o que fazia lá fora. Estou privado de muita coisa.*

***E – Como é que se descreve antes de entrar na prisão e atualmente?***



*R – Atualmente sinto-me ... oh, saúde prontos. Como é que eu hei de dizer. Eu tenho o problema que tenho do H.I.V., está estável, já há muitos anos. Tenho mantido sempre a mesma coisa. Como é que hei de explicar. Procuro ter uma alimentação ...*

***E – É vigiado?***

*R – Sim. Sim. Sim. Ser vigiado e não me meto em drogas e em nada. Deixei as drogas. Tenho refletido muito e ...*

***E – Em termos económicos e sociais?***

*R – Económicos e sociais. Oh ... como é que eu hei de explicar isso.*

***E – Como era antes de ir para a prisão e agora?***

*R – Oh. Antes. Prontos. Como eu sou solteiro e não tenho filhos, nem nada. Tinha uma vida. Só que agora penso de maneira diferente. Claro, já que também a idade vai passando, uma pessoa vai refletindo na vida. Sinto-me com mais capacidade e com outros projetos mais ... com uma convicção, mais de que quero levar uma vida digna e tou muito arrependido daquilo que eu fiz.*

***E – Por exemplo, a nível económico você lá fora tinha ... estava desempregado mas tinha outros meios de amealhar dinheiros, não é?***

*R – Sim. Os meus pais ajudaram-me, ajudaram-me sempre. Tive sempre ajuda. É o que eu disse há bocado. Tive sempre, sempre. Ainda hoje, tive sempre apoio. Tanto que é que, eu quando sair daqui, vou logo começar a trabalhar ... que eu tenho familiares que têm restaurantes. Tenho uma carta de trabalho, mal ... é só eu sair hoje. Saio tipo agora e de tarde vou logo trabalhar. Tenho logo trabalho.*

***E – E que técnicas adotou para se adaptar à nova realidade da sua vida?***

*R – Estudar, trabalhar e lutar para sair daqui o mais rápido possível.*

***E – Portanto é isso que você pensa todos os dias?***

*R – Claro.*

***E – E preocupa-se com a sua segurança na prisão?***

*R – Segurança como?*

***E – Segurança nos termos normais, de se sentir seguro?***

*R – Sim. Sim. Sim claro que me preocupo.*

***E – No pavilhão ...***

*R – Não tenho conflitos. Toda a gente gosta de mim. A minha segurança tá tranquila. Não tenho ...*

**E – Está salvaguardada.**

**R – É. Está salvaguardada.**

**E – O que você faz para se manter seguro?**

**R – Trabalho, estudo. Tenho um bom relacionamento com os reclusos, com a chefia. Tenho ... tenho tudo para ser ... para ter uma vida normal, ao nível de segurança.**

**E – Aqui dentro da prisão quais são os locais ou situações em que você se sente seguro?**

**R – Oh ... em qualquer lado.**

**E – Normalmente ... haverá uma situação em que você ... pronto. É melhor não ir para ali porque não se sente muito seguro.**

**R – Ah. Sim. Sim. Procuro não me juntar com certas ... com certo tipo de reclusos, que levam uma vida um bocado à margem da realidade que é ... o que é um recluso limpo ... correto. Não me misturo com aqueles indivíduos mais ...**

**E – Mais problemáticos.**

**R – Mais problemáticos, pois, exato.**

**E – Na sua perspetiva que tipo de fatores físicos ou psicológicos provocam o stress na prisão?**

**R – Stress? É certos reclusos que às vezes são complicados de levar com eles. É um bocado chato. Uma pessoa explica-lhes, uma, duas, três, quatro vezes e não entendem e uma pessoa tem de continuar a explicar a mesma coisa. É complicado.**

**E – E é só isso?**

**R – É ... o resto.**

**E – Os outros reclusos podem provocar o stress na prisão?**

**R – E porque de resto tenho uma vida estável, não tenho...**

**E – Acompanhamento. Prontos. O facto de ter que pedir uma licença de saída jurisdicional.**

**R – Ah ... sim. Sim.**

**E – O não conseguir falar ao telefone para casa.**

**R – Ligo sempre para casa.**

**E – Quando não liga fica preocupado?**

**R – Fico preocupado pela minha mãe e pelo meu pai, que são muito doentes. E eu ... é o que me deixa também, às vezes, triste. Tenho a minha mãe muito mal e tou à ... tenho**

*lutado para me ver livre de ... daqui da prisão para ir em liberdade para tomar conta deles. Que sou eu que vou tomar conta deles. Lá fora, era eu que tomava conta deles.*

***E – Portanto, todas estas coisas que você disse podem influenciar a segurança de um recluso?***

*R – Oh, acho que sim. Logicamente. Principalmente.*

***E – Explique-se um bocadinho mais. Por favor.***

*R – Principalmente é complicado. Uma pessoa saber que tem um ou dois familiares doentes e não poder dar aquele apoio e poder ajudá-los, é complicado. Depois, aqui é muito restrito. Uma pessoa ter comunicação com eles. A partir ... logo a partir do começo, uma pessoa só tem cinco minutos para ligar. Uma pessoa nunca sabe se tão bem, se não tão. As visitas que eu tenho, também, são escassas, também só tenho ao domingo, do meu pai. Antes, ou muito, ou pouco ainda tinha visitas. Agora nem visitas tenho, dos meus pais, que não podem vir ver.*

***E – Quem é que é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?***

*R – É um recluso que acaba de entrar e um recluso que já está aqui há bastantes anos.*

***E – Portanto, o número de vezes que está preso é que considera um recluso novo.***

*R – É um recluso novo é o que está preso pela primeira vez.*

***E – Primário.***

*R – Primário. E o reincidente já é considerado um recluso mais velho. Muito .... Claro.*

***E – Na sua opinião qual é o papel desempenhado pelos reclusos mais novos e pelos reclusos mais velhos? Acha que há uma diferenciação por ser reincidente e por ser primário?***

*R – Há claro. É diferente. Um recluso reincidente já sabe como é as normas de uma cadeia. Já sabe. Já tá mais informado do que um recluso primário. Porque ele entra e tá a aprender, tá a saber como é as normas. É totalmente diferente. Claro que considero que um recluso reincidente já tem mais sabedoria.*

***E – Já tem mais poder dentro da prisão do que um recluso primário?***

*R – Às vezes sim. Claro que sim.*

***E – E considera que a idade de um recluso é relevante?***

*R – É.*

***E – Neste meio ....***

*R – É relevante, isso só se for um recluso com 18, 20 anos em comparação a um recluso com a minha, 46. Isso é diferente.*

*E – É diferente porquê?*

*R – Porque já temos mais idade. Já temos mais experiência. Já sabemos, pensamos já mais um bocado em relação ao mais novo. O mais novo é diferente. Não tem uma coisa a ver com a outra. É diferente, já tem mais experiência.*

*E – E como é que ...*

*R – E principalmente experiência de vida.*

*E – Sim, às vezes um novo tem mais experiência no crime do que ...*

*R – Exato, também.*

*E – Depende, não é?*

*R – Também existe esse lado.*

*E – E como é o seu dia-a-dia na prisão?*

*R – O meu dia-a-dia ... até nem me posso queixar muito. Levo um dia-a-dia ... é trabalhar. É, como já disse, tenho uma vida estável cá dentro. Tá tudo bem comigo. Sou bem acarinhado pelas chefias, por todos. Toda a gente gosta de mim. Faço por isso também.*

*E – Claro. Quais são as atividades socioeducativas que você participa?*

*R – Tenho a escola, tenho o desporto, tenho a leitura da biblioteca e é só, porque também o trabalho, a mim, prende-me muito.*

*E – E qual é a frequência que por exemplo vai à biblioteca ... que vai ao desporto?*

*R – Vou ler os jornais e é os jornais, as revistas.*

*E – De que modo a sua condição de recluso alterou a percepção que tinha acerca de si mesmo?*

*R – O modo como?*

*E – De que modo é que a sua condição alterou a percepção que tinha de si mesmo? Você tinha uma ideia de si quando estava lá fora ... sem estar privado de liberdade. E agora vê-se privado dela ... está na reclusão não é?*

*R – Claro. Vejo-me... como é que hei de dizer a essa pergunta.*

*E – O facto de estar preso alterou o modo como você se vi-a?*

*R – Claro que alterou. Os anos vão passando não é? As pessoas também. Eu, pelo menos, sinto-me diferente, penso diferente. Vejo a vida do dia-a-dia totalmente*

*diferente. Tenho outros projetos e, é como eu já disse há bocado, tenho refletido muito, e sinto-me muito arrependido daquilo que já fiz, que hoje ... se fosse hoje, não cometia. Tou muito arrependido.*

***E – E antes de entrar na prisão qual era a sua opinião acerca dela?***

***R – Muito má.***

***E – Porquê?***

***R – Porque é complicado tar preso. Falar com reclusos.***

***E – Imagine que você não estava preso. Ouvi-a falar que a prisão era isto, a prisão era aquilo. Você sempre ouviu dizer no seu meio ....***

***R – Claro. Mas não. Pensava que nunca havia de ser preso. Vejo uma coisa muito má.***

***E – E o que mudou depois de estar na condição de recluso?***

***R – Mudou. Claro que tenho de cumprir o que foi estipulado para cumprir a pena. Cumprir a pena, o mais correto possível, para ir embora, o mais rápido possível, e para nunca mais cometer crime e nunca mais voltar.***

***E – Por exemplo, eu vou dar o meu exemplo. Eu não tinha mesmo conhecimento de como era a realidade prisional. Só daquilo que li-a nos livros. Quando cheguei cá pela primeira vez eu questionei-me: é isto a prisão? Que bonita! E depois, nós temos a ideia que os reclusos estão vestidos todos de iguais. Sabemos que eles têm um número, não é? E pensamos que eles cá dentro quase não fazem nada da vida e quando chegamos cá, aquilo que vemos é: tem oficinas, tem a escola onde podem aprender, as medidas para ir ao exterior.***

***R – Claro.***

***E – Você sabia essas condições todas?***

***R – Sabia. Sabia. Sabia.***

***E – Como avalia o seu percurso dentro da prisão?***

***R – Boa. Um bom percurso. Foi exemplar, o meu percurso, porque eu não ando metido em coi ... em nada ilícito, nem nada. Não cometo cri ... não cometo crimes. Não. Não tenho problemas. Não sou problemático. Não tenho problemas é. Não fujo às regras ... mesmo.***

***E – E quais as principais ...***

***R – Nem quero.***

***E – E quais as principais dificuldades que você sente no seu dia-a-dia?***

*R – As dificuldades? É eu poder estudar mais, mas não posso, porque também optei por trabalhar porque preciso. Tenho poucas visitas e sinto-me obrigado a trabalhar mais do que estudar. Gostava de estudar mais para completar o resto da escolaridade, para eu me submeter a estudar e completar o décimo. Só que agora ...*

***E – Considera que os atendimentos individuais tem em conta as necessidades, as suas necessidades?***

*R – Nem sempre.*

***E – Explique-se.***

*R – Nem sempre, porque, por exemplo, tenho saídas para o hospital e, ainda há pouco, várias vezes, quando é greves, ou falta de carrinhas. Por exemplo: consultas para o hospital, já tive uma e não houve saída nesse dia. Já tive que vir outra vez para trás e, até hoje, ainda não me chamaram. Isso já não é a primeira vez que isso me acontece, tão sempre a adiar as minhas consultas, que é uma coisa que não devia ser, porque eu tenho de ter consultas e tenho de ser vigiado regularmente. Isso parece que não, também afeta muito o meu sistema de saúde.*

***E – E em relação ao seu técnico?***

*R – Não tenho queixas. Não tenho problemas.*

***E – Sempre que tem um problema é resolvido.***

*R – Sim. Sim. Até hoje, nunca tive problemas com as técnicas. Problemas, por exemplo, de saúde, por exemplo, o dentista, que é uma coisa que aqui é difícil. Uma pessoa espera uma consulta quase um ano, doze meses, por uma consulta. Começa-me a limpar dois dentes, avariou a máquina. Até hoje nunca mais me chamou, e ando aqui com uma dor num dente, numa gengiva. Não me chamam, e agora nem consigo, nem para a consulta.*

***E – Agora também estão em obras lá em baixo.***

*R – Pois, mas é que eu também tenho várias consultas e não me chamam.*

***E – Como é que imagina a sua vida, se não tivesse sido preso?***

*R – Ah. Uma vida boa. Uma vida estável.*

***E – E o que é que você estaria a fazer agora?***

*R – A trabalhar ... é porque eu sempre trabalhei. Porque eu, aliás eu, quando fui intercetado pela policia, e me apanharam a placa. A placa nem era diretamente para o consumo. Tanto é, que eu na altura ... aquilo era ... eu em vez de comprar todos os dias*

*cinco euros de haxixe, comprava a placa e já ficava para o mês todo. Prontos. Não andava aí nos sítios para comprar. Só que claro, às vezes tinha um colega que fumava, desenrascava, e isso é considerado tráfico. Por isso é que a minha pena foi de menor gravidade.*

***E – E após a reclusão, quando está preso, que mudanças ocorreram na sua vida em termos psicológicos, afetivos e emocionais?***

*R – Ah ... psicológico afeta sempre. Após estar preso? Claro. Também sinto que, às vezes, a minha cabeça, não é ... não é a mesma coisa que estar em liberdade. É diferente. Penso que não, mas como muito, a minha cabeça, aqui dentro. Se uma pessoa não tem uma força psicológica enorme para não se deixar ir abaixo.*

***E – Em termos afetivos?***

*R – Afetivos como?*

***E – Família, amigos, vizinhos.***

*R – Ah isso até ... está tudo bem.*

***E – Houve alguma mudança?***

*R – Não. Não. Não. A não ser, exceto os meus pais. Por isso é que me deixa o psicológico um bocado triste, mas eu sei que tenho de ser forte para ultrapassar esses pormenores.*

***E – E sente que foi criado algum tipo de distanciamento em termos afetivos?***

*R – Não.*

***E – Com a sua família?***

*R – Não. Não. Não.*

***E – Por exemplo, no cumprimento da sua pena, levou a uma maior aproximação?***

*R – Sim. Sim. Sim. Sou acarinhado pela família. Completamente. Estão sempre preocupados comigo e tão mais afetos a mim agora, do que antes de vir preso.*

***E – Portanto, você já teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior?***

*R – Já.*

***E – Qual foi a frequência desses contatos?***

*R – Foi boa.*

***E – Quantas vezes é que você já foi lá fora?***

*R – Fui uma.*

***E – Só foi uma?***

*R – Só fui uma, que foi agora em outubro, quando tive precárias.*

***E – E o que representa, para si, o contato com pessoas do exterior?***

*R – Oh representa muito. É a saudade que tinha de estar com eles, dos amigos, os verdadeiros amigos. E com a família. Claro que sinto-me mais muito alegre. Psicologicamente, muito mais. Como é que eu hei de explicar. A dar-me mais força para cumprir o resto que me falta para lutar.*

***E – Está quase.***

*R – Mesmo.*

***E – De quem recebe mais visitas?***

*R – É do meu irmão. Do meu irmão, da minha cunhada e do meu pai.*

***E – E continuam a ser as mesmas pessoas que lhe eram próximas?***

*R – Sim. Sim.*

***E – Na sua opinião esta prisão está adaptada para acolher todas as faixas etárias?***

*R – Acho que não.*

***E – Porquê?***

*R – Porque há sistemas que na cadeia deviam ser melhorizadas.*

***E – E o que mudaria no funcionamento desta prisão?***

*R – Certos doentes. O tratamento de como são tratados devia ... havia de haver melhorias em certos aspetos na cadeia.*

***E – E noutros aspetos, sem ser em termos de saúde? O que mudaria no funcionamento deste estabelecimento prisional? De certeza que há alguma coisa que você acha que está mal e que você mudava.***

*R – Claro.*

***E – E o quê por exemplo?***

*R – Haviam de não ser misturados. Os reclusos deviam ... certos reclusos que não haviam de estar misturados com outros reclusos, que às vezes até obriga-os a levar a terem uma vida, cá dentro na cadeia, que se for preciso lá fora não levavam. Porque é pela influência. Claro.*

***E – Por isso é que nós às vezes dizemos a prisão é como se fosse uma escola do crime. Também ...***

*R – Também. Também. Se uma pessoa não tem força emocional ou psicológica e prontos. Procurar não se misturar com certas pessoas. Certos reclusos. É complicado.*



**E – Além disso o que você mudaria mais.**

**R – Certos comportamentos.**

**E – Quer que lhe dê exemplos? A cantina.**

**R – A cantina, a comida. Principalmente a comida havia de ser muito mais ... melhor confeccionada pela comida deixa-me um bocado a desejar.**

**E – Como vê a sua vida no futuro?**

**R – A minha vida no futuro é trabalhar. Constituir uma família e continuar a lutar a levar ruma vida estável, como já antes levava, e fugir sempre ao mundo do crime, que me já vi envolvido.**

**E – Como gostava que fosse o seu regresso ao meio livre? Imagine que você amanhã assina ...**

**R – A liberdade.**

**E – A liberdade. Como é que espera que fosse a sua saída?**

**R – A minha saída, espero, o que eu penso é ... cuidar dos meus pais, ajudar os meus familiares direitos, com quem eu vivo, e dar bons exemplos e trabalhar. Como já disse, constituir família e tentar levar uma vida digna.**

**E – Quando sair daqui vai sozinho ou vem alguém busca-lo?**

**R – É o meu pai que me vem buscar. O meu pai ou o meu irmão. São as únicas pessoas. Eu não quero nada com amigos.**

**E – Ainda tem sonhos por cumprir?**

**R – Sim, principalmente constituir família. Constituir uma família, que é o meu maior sonho. Só que antes não pensei nisso, porque não tinha possibilidades para ter uma namorada, casar e ter um ... filhos, para depois tar a dar trabalho. Não ter possibilidades para os criar e essas coisas. E não me sentia psicologicamente, não me sentia bem psicologicamente. Sabia que não tava na altura de ...**

**E – Não era a altura certa!**

**R – Não era a altura certa mesmo. Agora sim. Agora já penso seriamente.**

**E – Em encontrar a sua “pardaleca”.**

**R – Exatamente.**

**E – Prontos, Senhor C. muito obrigada!**

## **Transcrição Entrevista R.A.2**

**E – A sua idade?**

*R – A minha idade? Vinte e três anos.*

**E – Nacionalidade?**

*R – Portuguesa.*

**E – Estado Civil?**

*R – Solteiro.*

**E – Habilitações Literárias?**

*R – 12.º ano de escolaridade.*

**E – Profissão?**

*R – Estudante.*

**E – Qual foi o crime cometido?**

*R – Ofensas à integridade física ... foi ...*

**E – diga.**

*R – Foi uma rixa no piolho, centro do Porto, já meios bêbedos. Eu e um grupo de amigos. Não foi de propósito, aconteceu! Envolvemo-nos numa rixa, um dos meus amigos tirou uma faca e esfaqueou um jovem em pleno piolho.*

**E – E como interpreta?**

*R – Claro, não concordo, mas já era uma picardia antiga, cenas de grupo digamos assim e correu mal para o nosso lado.*

**E – É reincidente?**

*R – Não, é a primeira vez que vou preso.*

**E – Qual é a duração da sua sentença?**

*R – Levei seis anos. Já estou aqui há três. Se Deus quiser este ano vou embora, dois mil e dezasseis.*

**E – Portanto, já se encontra na situação de condenado.**

*R – Certo. Certo.*

**E – Com que idade iniciou o cumprimento da pena?**

*R – ah ... 20 anos.*

**E – Portanto, já se encontra há 3 anos a cumprir.**

*R – Sim. Sim.*

**E – Como se sentiu quando deu entrada na prisão?**

**R –** Não caí em mim, na primeira semana. Primeiro dia foi estranho, nunca pensei que viesse preso, até porque não fiz nada. Só tava no grupo. Pensei que ia custar mais. Lembro-me como se fosse hoje, o dia em que entrei. Entrei uma sexta-feira à noite, dia 14 de dezembro de 2012. Entrei na prisão, não tava em mim, “hey tou preso!”. Só um mês depois é que senti mesmo (...) “nah estou preso”. No dia, ainda com vinte anos, um puto, ya, mas não posso dizer que senti alguma coisa. Fiquei triste, só.

**E – Considerava-se diferente face à idade que tinha?**

**R –** Diferente dos reclusos? Da maior parte claro. Isto não é para mim. Ainda me considero diferente. Claro que me considero diferente.

**E – E já conhecia a realidade prisional?**

**R –** Não, só ouvia falar, mas pensava que era como nos filmes, essas séries “Prison Break”. Não sei quê (...) pensava que tinham de comer papa, não é que a comida seja muito diferente, mas tinha outra noção. Agora, que estou aqui, a realidade mudou.

**E – E, na sua opinião, que tipo de fatores físicos ou psicológicos influenciam o seu comportamento?**

**R –** Ah ... a maneira como eu me comporto aqui?

**E – Sim.**

**R –** O facto de ter um grande apoio. Ter a família a dizer que está sempre comigo, os amigos. Acho que se não tivesse, apesar de eu ser forte mentalmente, mas acho que se não tivesse, a minha conduta não era a melhor aqui dentro.

**E – Como se descreve antes de entrar na prisão? E atualmente?**

**R –** Antes de entrar na prisão era um jovem, um puro jovem português que ... a vida era noite, a vida era curtição. Se calhar posso dizer que não tinha objetivos, apesar de estar na escola, de ter tirado o 12.º ano em desporto e querer seguir a faculdade, mas não tava assim com grandes objetivos. Entrei. Considero que estou mais maduro, eu e os meus, mais concentrado, mais preparado para a realidade que vou enfrentar, que eu sei que para mim não vai ser fácil, mas ao mesmo tempo vai ser fácil, porque se uma pessoa não tentar não consegue e, por um lado foi bom ter entrado, porque eu acho que estava um bocado à toa.

**E – Que técnicas adotou para se adaptar a esta nova realidade?**

*R – ah ... como é que eu hei de dizer (...) eu costumo dizer que a maneira mais fácil de encarar a cana, de enfrentar a pena, é estar ocupado, não se meter em problemas e evitar consumos. Por acaso não tenho vícios e ocupo isto a ler, ouço muita música, vejo muitos filmes para ficar ligado à realidade, novidades musicais. Gosto de ver filmes para, também, ficar culto. Leio bastante. Ocupo o meu tempo. Bem, jogo à bola, às vezes vou ao ginásio e não sinto tanto isto. Não sinto tanto.*

***E – Preocupa-se com a sua segurança aqui na prisão?***

*R – Em termos de ... outros reclusos?*

***E – Com toda a gente?***

*R – Segurança? Seguros nós estamos, existem os guardas, mas ...*

***E – Na realidade o que acontece?***

*R – Mas qual é a segurança?*

***E – A sua segurança.***

*R – Não, eu sinto-me seguro. Também já tou aqui há algum tempo, conheço a maior parte das pessoas. Também não sou flor que se cheire ... sou calmo é verdade, mas não deixo que ninguém me pise.*

***E – E o que fez para se manter seguro?***

*R – Desvio-me! Nem me misturo. Dou-me bem com toda a gente, com o mais idoso, com um ex-consumidor, com o maior traficante da cidade. Dou-me bem com toda a gente, mas apenas não me misturo muito. Tá tudo? Tá tudo. Se tiver que ter uma conversa tenho ... que, também, não é muita gente aqui na prisão que sabe ter uma conversa. E é por aí.*

***E – Existe algum lugar ou alguma situação que se sente seguro?***

*R – Mais seguro, a cela.*

***E – A cela. E na sua opinião que tipo de fatores físicos ou psicológicos provocam o stress na prisão?***

*R – Injustiças, certas atividades de guardas. Certas falhas do sistema, que eu também não colaboro com o sistema e, sempre que puder contornar o sistema, vou contornar. E é por aí.*

***E – E quais são os fatores que podem influenciar a segurança de um recluso?***

*R – Que podem influenciar a segurança? Que podem influenciar ... Não dá para ser mais específico na pergunta.*

***E – Você aqui dentro sente-se seguro, não é? Mas se se comportar de determinada maneira ... isso vai ...***

***R – Se me meter com quem não devo, por exemplo?***

***E – Sim.***

***R – É como eu digo, que, se me meto em esquemas, em caminhos apertados, toda a gente (...) não é segredo para ninguém ... toda a gente sabe. A cadeia ... estão aqui a maior escumalha da sociedade, à parte, alguns inocentes que eu acredito, outros até já são os ditos bandidos e claro que não dá para se misturar com certas pessoas ou até evitar certos caminhos. Não é. A ilusão de “ah, vou andar com aquele, porque é grande ou ... andar com aquele, porque tem um bocado de respeito” e depois há qualquer falha e ele não tá lá para lhe apoiar e é ... é o que já aconteceu muitas vezes. É por aí.***

***E – Quem é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?***

***R – O velho? É o que tem mais idade na prisão. É o que tá cá há mais tempo ou cumpriu mais cana. Às vezes não é quem tem mais idade, porque imagine, pode entrar um ... pode entrar um homem de sessenta anos e só estar cá para cumprir dois meses de multa e pode tar cá um miúdo, um jovem de vinte e cinco, que desde os dezoito está preso. Esse sim é velho na prisão.***

***E – Ou seja, a idade não é um fator que determina ... E na sua opinião qual é o papel desempenhado pelos mais novos e o papel desempenhado pelos mais velhos?***

***R – Na minha opinião, eu que sou considerado novo e que entrei novo ... aqui os mais novos, quando não têm estabilidade, que é a palavra certa, desviam-se um bocado e ficam na ilusão de ganza e até de querer roubar e “eu é que sou” ... e depois, passado algum tempo, a cana começa a pesar e aí acalmam. Os mais velhos, na minha opinião, os cotinhas como nós os chamamos ou cotas, não querem confusões, porque já não têm idade para isso. A própria vida já nem lhes dá pra isso, porque já não basta estarem presos, o stress, a família lá fora, quem tem ... e já nem têm idade para essas brincadeiras. Eu acho que nós, novos aqui, são menos educados, acho que é a palavra certa.***

***E – Considera que a idade de um recluso é relevante neste meio?***

***R – Sim, porque ... dois fatores: eu se entrar, não é o meu caso ... uma pessoa, quando entra jovem, não conhece nada, entrou tapadinho. Aqui, a escola do crime, quando sair sai com habilitações criminais, sai graduado, sai com mestrado, já é doutor. Um idoso***

*ou um mais velho, quando sai ou pode desviar-se deste caminho, não quer vir para aqui outra vez e ver os filhos a crescer pelas visitas. Porque senão, não é? E não se metem em brincadeiras não ... é mais fácil para um jovem cair outra vez de cana do que um mais velho. Isso eu já vi, porque eu já vi pessoas nestes três anos ... pessoas a entrar e a sair e ... como já vi mais velhos a sair e a entrar ... é mais fácil ser uma pessoa com menos de trinta anos a cair aqui.*

***E – Como caracteriza o seu dia-a-dia?***

*R – É como eu disse, não vou mentir. O primeiro mês custou, o primeiro mês ... daí para a frente soube ... olho para trás. Não. Senti.*

***E – E o que é que você tem feito, para além de ver filmes?***

*R – Eu entretenho-me. Convivo ... se calhar não sei ... não me ...*

***E – Não se restringe ...***

*R – Não me ... abstraio-me de muita coisa. Se calhar distraio-me com várias coisas. Não sinto: “tô preso!” Ah! Sim, sei onde tô, mas nunca me senti inserido na prisão. Isto é umas férias para mim.*

***E – E que tipo de atividades socioeducativas é que participa aqui dentro?***

*R – Não sei se é socioeducativo, mas tenho um projeto musical da qual faço parte, do estabelecimento prisional. Tenho a atividade da música com a PELE e acho que é só.*

***E – Participa no campeonato de futebol que ...***

*R – Ah sim. Sim, estou no torneio. Entretenho-me bastante, posso dizer ... olho para trás, foram três anos, sim, é verdade. Entrei com vinte, a fazer vinte e um ... olho para trás ... não posso. Se calhar, é derivado ao apoio, ao grande apoio que eu tenho. Mãe, minhas irmãs, família toda, primo, prima, tio, avó ... porque, se não tivesse esse apoio, podia tar noutra situação ou podia não ser a mesma pessoa que sou agora, porque a cadeia muda as pessoas. Mas no geral, não me posso queixar. Obrigado família, é só isso.*

***E – De que modo é que a sua condição de recluso alterou a percepção que tinha acerca de si mesmo?***

*R – Aqui temos muito tempo para pensar e refleti bastante sobre o que eu queria para a vida, refleti bastante sobre ... sobre o que eu era ... o que eu sou, o que serei daqui a tempos. Claro que não dá para ver o futuro, mas ... faço as contas.*

***E – Antes de entrar na prisão qual era a opinião que tinha dela?***

**R** – Hey a prisão deve ser ... uma palavra. Miséria.

**E** – **E o que mudou depois de cá estar?**

**R** – Não, vi sim, não é mau. Mas nem tudo é mau, porque há biblioteca. Uma pessoa que queira ler, queira se tornar culta, queira fugir do meio criminal, consegue-se não se misturar. Se se desviar, mas se continuar no meio, não posso mentir, já vi muita coisa, não sabia metade. Não conhecia nem tinha noção e que o mundo era isto, tipo. Muito crime. É uma escola do crime.

**E** – **Como é que avalia o seu percurso aqui dentro?**

**R** – Entrei. Aos seis meses tive logo um castigo. Uma grande confusão que tive no pavilhão A, porrada ... como eu disse era um puto vinte, vinte e um anos mas nunca ... sou atrevido, também. Educado, respeitoso, mas atrevido. Não posso deixar que ninguém me calque. Tentaram-me tirar a pinta. “Ah é calminho e deu a maior confusão que deu nos últimos três anos”, foi comigo e fui para regime. Fui para regime, comi vinte dias quase. Foi o único castigo que eu tive.

**E** – **Quais são as principais dificuldades sentidas aqui dentro?**

**R** – Dificuldades? Dificuldades ...

**E** – **No seu dia-a-dia.**

**R** – Dificuldade mas que tipo?

**E** – **Dê-me exemplos. Que esteja a pensar.**

**R** – Mas em que aspeto?

**E** – **No seu dia-a-dia, telefonemas ...**

**R** – Ah, pronto, pronto. É verdade. O facto de só podermos ter chamadas de cinco minutos. Ah ligo para quem? Quero ligar para a minha avó não dá. Ligo para a minha mãe. Se ligar para a minha irmã não posso ligar para outro. Se ligar para a minha mãe tem de estar com a minha irmã para poder falar com ela. Ou senão existem outras maneiras, mas ninguém vai ... há que evitar essas maneiras que existem para poder contactar a família lá fora.

**E** – **Essas maneiras desviantes?**

**R** – Sim ... que é, toda a gente sabe, o uso indevido de Tele ... móveis. Ya.

**E** – **Considera que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades?**

**R** – Os atendimentos individuais?

**E** – **Com os técnicos.**

*R – Eu posso dizer que sim. Não tenho razão de queixa da minha técnica e até me tem ajudado bastante. Apesar de não ir muito lá, mas para o que preciso tem sido ...*

***E – É sempre correspondido.***

*R – Sim. Sim.*

***E – Como é que imagina a sua vida se não tivesse sido preso?***

*R – É como eu disse ou eu tinha ... ou aparecia um anjo e mudava radicalmente ou ... não é que tivesse uma vida muito “hardcore”, mas era um miúdo de vinte anos.*

***E – Estava a gozar a vida.***

*R – Boa vida. Não é que não vá gozar, porque eu tenho um longo percurso pela frente e me irei divertir, mas só que o tempo não volta para trás. Por isso é pensar para o futuro com cabeça e curto sim, mas sem limitações, mas ao mesmo tempo limitado e concentrado é o mais importante. E se não tivesse sido preso ... não sei ... poderia estar morto, porque há essas rivalidades ... como pela qual a razão que eu vim preso, poderia estar morto. Poderia estar na faculdade ... é um facto, mas se calhar foi bom, não tanto tempo eu ter caído ... ter tido outra perspetiva da vida.*

***E – Após a reclusão que mudanças ocorreram em termos psicológicos, afetivos e emocionais, quer seja em si ou nos seus familiares?***

*R – Senti ... senti. Eu senti-me no início mais vulnerável, do género de não poder fazer, ou fazer só com palavras, mas só com palavras não chegam tentar acalmar, confrontar a família. Dizer “oh não, eu tou bem”, porque, se eles me virem, vem eu sei que tão bem, ou o contrário é recíproco. Eu fico melhor. O que eu posso dizer à minha irmã mais nova de sete anos não se apercebe ... sabe que o mano tá num sitio mau, tá num sitio mau, mas ainda não se apercebe que é a prisão e se Deus quiser, se eu sair daqui este ano ... que vou sair. Mais tarde eu explico-lhe, mas se eu sair este ano ela nem se vai aperceber muito.*

***E – Sente que foi criado algum tipo de distanciamento para com essas pessoas?***

*R – Não, até posso dizer.*

***E – Aproximou.***

*R – Aproximei-me muito mais da família toda. Primas que eram só primas que nos encontrávamos numas festas, filha da tia tal ... muito mais próximo e a família ... eu é que estou em pior situação. Todos os meus primos estudam. Eu tenho uma família grande ... primos estão na faculdade, todos estão bem. Eu sou o único ... até a minha*



*irmã tá na faculdade ... a minha irmã de vinte e um ... eu sou o único que está na pior situação na minha família, dos mais jovens.*

***E – Teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior?***

*R – Do exterior? Como ...*

***E – Lá de fora da prisão ... do meio ...***

*R – Em termos ...*

***E – Se já foi lá fora.***

*R – Não nunca, nunca fui. Nunca fui.*

***E – Recebe sempre visitas?***

*R – Nunca me falharam, tenho a minha lista cheia. Os cartões cheios.*

***E – O que representa para si o contacto com essas pessoas?***

*R – Dá-me a dita estabilidade. Já fico bem. Sinto-me bem a ver como é que as pessoas estão. Ao mesmo tempo, triste na hora da partida, mas já tou tão habituado ... é naquela. Já falta pouco.*

***E – De quem recebe mais visitas?***

*R – Mãe ... a minha mãe.*

***E – Portanto continuam a ser as mesmas pessoas que lhe eram próximas?***

*R – Sim. Sim.*

***E – E na sua opinião acha que este estabelecimento prisional está adaptado para acolher todas as faixas etárias?***

*R – Sim, eles têm forma de proteger até os mais velhos, no pavilhão D, que é um pavilhão muito mais calmo, mas é educado. Se é assim que posso dizer e sim ... e sim para todo o tipo de pessoas ... têm condições ... enfermaria, têm. Têm.*

***E – E o que mudaria no funcionamento deste Estabelecimento Prisional?***

*R – Eu mudaria algumas coisas ... como recluso, claro que o meu ponto de vista é diferente. Podia mudar a situação das chamadas. Mais tempo. Voltar aos cartões, porque quando era cartões eles ganhavam mais, porque tinham uma espécie de contrato com a PT. O cartão custava cinco euros ... um cartão, assim azul, custava cinco euros, vinham sete. Lucro para a cadeia, lucro para a PT, “Portugal Telecom”. O que mudava mais? Mudava a empresa da alimentação. Apesar de ... hey não é como nos filmes americanos, podia ser melhor, podiam cozinhar com mais amor um bocadinho. O tempo em que os reclusos cozinham, eu não apanhei esse tempo. No tempo em*

*que os reclusos cozinhavam, diziam que era melhor. O que eu podia mudar mais? Mudava, sem dúvida, mudava sem dúvida o horário que o pavilhão, pelo menos o que o meu pavilhão C, tem para as atividades como bola, ginásio. Podiam ter outro horário. Por mim mudava-se tudo. Sim, só os mais básicos, porque estamos presos. Não estamos num hotel, não podemos querer luxos.*

***E – Como vê a sua vida no futuro?***

***R –*** Não ... um futuro brilhante. Sou otimista. Sou uma pessoa otimista. Um futuro brilhante, mas é como eu disse. Eu não me sinto ... eu sei que tou preso, mas não me sinto inserido no meio prisional. Eu tou sempre a rir. As pessoas ... “ah sorri muito. Será que está ganzado?” Ah não, não tenho consumos. Apenas já sou assim de mim próprio e é como eu disse, se calhar a estabilidade que eu tenho, que é muito, faz de mim quem sou. E é por aí. E no futuro que ... isto eu sei que é a lutar com esforço, dedicação, um futuro brilhante, só. Mais uma pessoa que teve presa e que conseguiu ter um rumo lindo na vida.

***E – Como é que gostava que fosse o seu regresso ao meio livre?***

***R –*** Nah, a adaptação até pode ser complicada, mas complicado ... ah, estranho ... rua ... posso estar deslumbrado ... hey muita coisa mudou. São três anos. Pah, muita coisa mudou. Faziam obras, abriam um café novo, loja ... isto acredito que esteja muito diferente. As pessoas como me vão receber? Vão receber bem. No fundo eu fui preso. Não sou inocente, estive presente, mas não fiz nada. Não esfaqueei para levar seis anos. A pessoa que esfaqueou levou nove. Ok. O meu co-réu. Mas não tinha que ... foi muita cana ... podiam ter dado pena suspensa mas ... foi muita cana.

***E – Ainda tem sonhos por cumprir?***

***R –*** Tenho cem, um, zero, zero objetivos.

***E – Quer enumerá-los?***

***R –*** Sim ... vou ... em termos de viagens ... cada pessoa tem o seu sonho ... uns conseguem outros não. Eu vejo isto pela minha irmã mais nova, a do meio a que está na faculdade que já viajou com vinte e um anos. Sim, também temos o apoio da minha mãe. Viaja à toa. Quero viajar para alguns países. Conhecer alguns países como a Holanda, Austrália, China, Ásia, Brasil futuramente. O que eu quero? Quero levar a minha irmã mais nova à Disneyland. Vou levar para o ano, dois mil e dezassete a Paris.

*Quero-me formar. Tenho alguns sonhinhos ... tenho alguns sonhos. Não digo que cumpra todos mas ...*

***E – Alguns serão.***

***R – Sem dúvida. Sem dúvida.***

***E – Obrigada!***

### **Transcrição Entrevista R.A.3**

**E – Qual é a sua idade?**

**R –** A minha?

**E – Idade.**

**R –** Idade? É Vinte e oito.

**E – Nacionalidade?**

**R –** Portugal

**E – Estado Civil?**

**R –** Ah ... junto.

**E – Portanto vive em União de Facto?**

**R –** Sim.

**E – Habilitações Literárias?**

**R –** Literárias? Tenho o 6.º ano.

**E – Tem o 6.º ano. Qual era a sua profissão?**

**R –** Cesteiro.

**E – Como?**

**R –** Cesteiro ... fazer cestas.

**E – Ah ... fazer cestos. Qual foi o crime cometido?**

**R –** Cometido, foi roubo de ferro, sucatas e negócios escuros de ... negócios de sucata.

**E – De sucata? E como interpreta a prática do crime?**

**R –** Para mim ... porque a vida lá fora está má e o governo não ajuda aquelas pessoas que precisa mais ... prontos e tenho uma casa que é da Segurança Social, pago renda, pago água, a luz e as coisas e depois a alimentação, e não chegava o rendimento mínimo ... não chegava para essas coisas. Prontos!

**E – E nunca conseguiu encontrar um emprego que ...**

**R –** Não ... tava lá fora. Tinha o 4.ºano. E eu entrei aqui e concluí o 6.ºano. Prontos e agora ... já tenho uma carta de trabalho de um amigo ... prontos, e disse que quando sair daqui que arranja esse trabalho, que é num bar a servir às mesas. Prontos e é isso.

**E – É reincidente?**

**R –** Não, sou primário.

**E – É primário?! Qual a duração da sua sentença?**

*R – São dez anos e dois meses em várias penas.*

*E – Em várias penas. Portanto está condenado?*

*R – Dez anos e dois meses.*

*E – Com que idade iniciou o cumprimento da pena?*

*R – Que idade? Praí com ... penso com vinte e cinco, vinte e seis anos.*

*E – Ou seja, está aqui ...*

*R – Quatro anos e três meses.*

*E – Portanto, já se encontra a cumprir há quatro anos e três meses! Quando entrou, aqui na prisão, como se sentiu?*

*R – Senti-me um peixe fora de água ... como se diz em português.*

*E – Porquê?*

*R – Porque é uma coisa ... isto é uma escola de crimes e aqui é uma coisa que aprende-se muita coisa aqui dentro. Aqui dentro ... isto não é para ninguém, isto é só pós cães. É só para os cães, é! Eu quando entrei aqui, eu encostei-me logo ... eu não sabia bem onde me virar, porque era ... pedófilos, era crimes de sangue, de matar pessoas e eu não sou dessas coisas. Era roubos para manter a minha casa, só, mais nada.*

*E – Considerava-se diferente face à idade que tinha?*

*R – Sim, claro que sim.*

*E – Era novo ...*

*R – Era novo, sou primário. Prontos, e era isso.*

*E – Era um peixe fora d'água.*

*R – Era isso, como se diz em português, era um peixe fora d'água.*

*E – E já conhecia a realidade prisional?*

*R – Não. Quando vim ... quando entrei aqui na cadeia ... eu encarei-me com aquelas portas todas e não sabia qual era a minha porta. Era! Quando entrei, eu assustei-me. Aonde é que eu tou? Eu estou noutro mundo!*

*E – Foi diretamente para o pavilhão B?*

*R – Fui sim senhora.*

*E – E já agora nunca tentou mudar para outro pavilhão?*

*R – Não, porque agora eu tenho trabalho no pavilhão em faxina. Prontos!*

*E – Não teve necessidade!*

*R – Não.*

**E – Na sua opinião, que tipo de fatores físicos ou psicológicos influenciam o seu comportamento?**

**R –** É a minha força, a minha família, lá fora. Tenho visitas regularmente, todas as semanas tenho visita. Prontos, e aqui dentro não se aprende nada, senhora doutora. Aqui não se aprende mesmo nada. É isso.

**E – Como se descreve antes de entrar na prisão e atualmente? A nível económico, social ...**

**R –** Não sei explicar isso, senhora doutora.

**E – Como era você antes de entrar na prisão?**

**R –** Como é que era? Era uma pessoa normal .. normal. Quando entrei aqui, uma pessoa que venha com problemas ... aqui dentro é muito maior.

**E – Quando você entrou aqui, houve algum corte com os seus amigos?**

**R –** Não. Não. Não.

**E – E o seu relacionamento é o mesmo?**

**R –** É a mesma coisa. Alguns têm medo, não é? De vir à cadeia, porque isto é uma associação desconhecida. Alguns amigos, acontece assim, abandonam o amigo.

**E – Que técnicas, adotou para se adaptar a esta realidade?**

**R –** É o ritmo. É ir ao refeitório comer ... vir para dentro, treinar um bocadinho para rotina. Às nove e meia é fechado. Quem tem ginásio, vai para o ginásio, vem e prontos. É assim a rotina.

**E – Portanto foi isso que adotou para ...**

**R –** Sim. Adotei para rotinas. Exatamente.

**E – Preocupa-se com a sua segurança?**

**R –** Claro que sim.

**E – Porquê?**

**R –** Porquê? Porque eu tenho família lá fora à minha espera e aqui dentro é assim. Uma pessoa que tem que optar por se esconder mais de outros crimes e não estar com aquelas pessoas que cometem muitos crimes. Mesmo cá dentro cometem muitos crimes ... aqui dentro, mesmo. Se é preciso dar uma facada a uma pessoa dá uma facada mesmo ... prontos e eles quando ... refugio-me mais dessas coisas.

**E – Portanto, o que é que faz para se manter seguro? É refugiar-se?**

*R – É refugiar-me dentro da cela, é às vezes ... é aqui ... às vezes queriam ser mesmo avisados ... e é com essas pessoas que eu consigo estar, mais nada.*

*E – Portanto, quais são os locais ou as situações que se sente seguro?*

*R – Dentro da cela.*

*E – Só?*

*R – E com os guardas ... aproximar-me mais dos guardas, mais nada.*

*E – Portanto, acha que se tiver uma relação de confiança, uma relação mais próxima com os guardas, está mais seguro?*

*R – Tou mais seguro ... tou sim senhora!*

*E – Na sua opinião, que fatores, físicos ou psicológicos, influenciam ou provocam o stress na prisão?*

*R – Aqui, é estar sozinho, numa cela. Estar muito tempo dentro da cela e ... sempre a tomar qualquer coisa para a cabeça ... e estar muito tempo na solidão ... Aqui é a solidão.*

*E – E quais os fatores que podem influenciar a segurança de um recluso?*

*R – Influenciar, é os amigos doutora. É estar na conversa, estar sempre na conversa, estar um bocado na cela.*

*E – Quais os que podem influenciar a segurança de um recluso?*

*R – Influencia, é os guardas senhora doutora aqui dentro, só, mais nada.*

*E – Se por exemplo eu tiver uma má relação com um guarda, posso não estar seguro ... ele pode-me fazer alguma coisa? Isso acontece?*

*R – Acontece.*

*E – Mas já foi alvo?*

*R – Não, ainda não, porque eu respeito muitos os guardas aqui ... é sim senhora.*

*E – Quem é que é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?*

*R – Senhora doutora aqui tudo é igual.*

*E – Igual? Acha, por exemplo, o facto de ser primário e ser reincidente, também pode ter influência no ser novo e no ser velho? A questão da idade?*

*R – Não! É igual senhora doutora. É tudo igual.*

*E – Na sua opinião, qual é o papel desempenhado pelos reclusos mais novos e pelos reclusos mais velhos?*

*R – Senhora doutora, um recluso mais velho tem mais rotina que os mais novos ... o mais novo tem aquela capacidade de jogar bola e o mais velho já não. Precisa de ajuda, limpar a cela e essas coisas. Só, mais nada.*

***E – E considera que a idade de um recluso é relevante neste meio?***

*R – É sim senhora. Pesa mais.*

***E – Pesa mais?***

*R – É. Uma pessoa com vinte e quatro/vinte e cinco anos, aqui dentro, é, como diz o português, aqui brincam agora. Uma pessoa de idade já não é assim. Não tem tanta capacidade como nós.*

***E – Como caracteriza o seu dia-a-dia?***

*R – Diga, diga?!*

***E – Como é que caracteriza o seu dia-a-dia?***

*R – Senhora doutora, eu, dentro dos possíveis, passo o meu dia-a-dia a praticar desporto e essas coisas.*

***E – Imaginemos que hoje não tinha esta entrevista o que tinha planeado para este dia?***

*R – Era ir treinar um bocado para o ginásio. Temos ginásio às dez horas e, às onze menos um quarto, temos que ir ao almoço, senão não temos direito.*

***E – E depois passa o resto do dia na cela?***

*R – É. Tenho a “playstation” e começo, ali, a jogar.*

***E – Portanto, tem outros meios para passar o tempo na cela. E que tipo de atividades socioeducativas participa?***

*R – Participo é nos jogos de futebol, ginásio a coisa de apanhar peso ... é um recorde de peso e ... a rotina.*

***E – E também está inserido no plano das contingências?***

*R – Sim, senhora.*

***E – De que modo é que a condição de recluso alterou a percepção que tinha acerca de si mesmo?***

*R – Não alterou assim muita coisa, não. Tá muito bem.*

***E – A ideia que você tinha de si quando não era recluso é a mesma ideia que tem agora?***



**R** – Não, já não. Claro que não. Porque é assim ... uma pessoa lá fora faz um crime e não pensa no dia-a-dia, porque é assim, vamos a tribunal, é uma pena suspensa e não é nada. Mas agora não, senhora doutora. Quando eu sair daqui, onde ponho o pé é sempre a desconfiar, porque uma pessoa vem ali “oh S. queres isto?”, “Não, não quero nada isto”. Isto tem que ter fatura, ou isto, porque tamos a cometer um crime. Porque eu não quero vir para aqui outra vez, para dentro, doutora.

**E** – **Antes de entrar na prisão, qual era a opinião que tinha dela?**

**R** – Muita coisa. Muita coisa má. Só tinha muita coisa má e eu esperava que são pessoas que cometem muitos crimes e eu só tinha isso na cabeça e venho para uma escola de crimes. Não venho aqui aprender nada.

**E** – **E o que mudou depois de estar preso?**

**R** – oh senhora doutora, mudou muita coisa, porque eu penso na vida de lá de fora e aquela que eu fazia lá fora, não se fazia e eu digo assim “eu estou a pensar sair lá fora e arranjar um trabalho” e é isso que eu tou em mente, senhora doutora.

**E** – **Como é que avalia o seu percurso dentro da prisão?**

**R** – O meu percurso eu avalio muito bem, senhora doutora. Está muito bem.

**E** – **Quais são as principais dificuldades sentidas no seu dia-a-dia?**

**R** – No meu dia-a-dia é pensar a cana que eu tenho ...

**E** – **A pena de prisão?**

**R** – A pena de prisão que tenho para cumprir. Eu espero ir mais cedo para casa.

**E** – **Não vai conseguir atenuar essa pena?**

**R** – Não ... está tudo mesmo ... tudo definido. Está em três penas.

**E** – **Considera que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades?**

**R** – Têm. Está tudo bem.

**E** – **Não tem razões de queixa ...**

**R** – Nada, nada.

**E** – **O que pede é sempre ... realizado.**

**R** – Sim. Sim.

**E** – **Como é que imagina a sua vida se não tivesse sido preso?**

**R** – A minha vida é ... oh senhora doutora. Se eu ... com os crimes que eu estava a cometer lá fora, ou era morto, ou eu estava no hospital ... porque eu entrei cá dentro e estava a pensar na vida de lá de fora. A vida que eu fazia. Prontos, e eu acho bem que

*o tribunal faça assim ... a condenar uma pessoa a vir cá para dentro para abrir mais os olhos. É como se diz em português, não é?*

***E – É um abre olhos?***

***R – É.***

***E – E se não tivesse sido preso, estaria a continuar a cometer os mesmos crimes? Ou acharia que iria haver um momento ... não ... não vou continuar.***

***R – Senhora doutora ... acho que não, porque não havia ninguém que dizia “S. chega!”***  
*Porque eu estava sempre a continuar, porque eu tinha o quarto ano, não conseguia arranjar trabalho em qualquer sítio. Prontos, e agora tenho essa proposta de trabalho e quando sair daqui já tenho uma mente de para ir para o trabalho.*

***E – Após a reclusão, após o facto de estar preso, que mudanças ocorreram em termos psicológicos, afetivos e emocionais?***

***R – Emocionais.*** *Eu tenho muita emoção, senhora doutora, e eu, quando vejo, eu telefono para casa ... a minha mulher está em baixo, porque eu não estou à beira dela. Prontos, e é nessas coisas que eu me emociono muito. Prontos, em muita coisa eu fico bem-disposto. Está tudo bem. Aqui, dentro da cadeia, estou-me a portar bem. Prontos.*

***E – Sente que foi criado algum distanciamento? Por parte dos seus familiares, vizinhos ou amigos?***

***R – Senhora doutora ...***

***E – Ou o cumprimento da sua pena levou a uma aproximação?***

***R – É ... é sim senhora.***

***E – Levou a uma maior aproximação?***

***R – Regularmente, a minha família está sempre aí, todas as semanas. Prontos. Alguns têm os seus trabalhos lá fora e mesmo assim eu falo às vezes por telefone. E “tá tudo bem?”, “Oh S., tens de ter força, porque a pena já está há quatro anos e três meses e falta pouco para o meio da pena ... aos dois terços podes estar lá fora, porque és primário”. É isso.***

***E – Já teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior?***

***R – Já, senhora doutora. Aqui, as professoras daqui são do exterior e tem as comunicações.***

***E – Já foi lá fora?***

***R – Ainda não, senhora doutora.***

**E – Ainda não teve oportunidade?**

**R – Não.**

**E – O que representa para si o contato com essas pessoas?**

**R –** Oh doutora, isto é ... aqui dentro temos essas pessoas, que é mesmo escola do crime, e comunicar com uma pessoa lá de fora é muito melhor e é uma coisa boa, que é ... ela traz coisa boas para nós.

**E – Traz informações que vocês cá não têm acesso.**

**R –** Exatamente. Exatamente.

**E – Portanto, de quem recibes mais visitas? Da sua família, amigos vêm visitá-lo ... tem visitas regulares?**

**R –** Sim. Sim. E da minha esposa ... da minha companheira.

**E – Portanto, vive em união de facto e tem algum filho dessa união?**

**R – Não.**

**E – Na sua opinião acha que esta prisão está adaptada para acolher todas as faixas etárias?**

**R –** Não, senhora doutora.

**E – Porquê?**

**R –** Porque isto está muito ... é uma cela de dois metros para duas pessoas, às vezes mete três, quatro. Uma pessoa às vezes sente-se mal. São pessoas que vêm de fora ... uma pessoa não conhece ... tem que levar com elas dentro da cela.

**E – Não têm privacidade!**

**R –** Não, senhora doutora.

**E – E o que mudaria no funcionamento desta prisão?**

**R –** O que mudaria, senhora doutora? Quase tudo, senhora doutora ... porque aqui ...

**E – Dê-me exemplos concretos.**

**R –** Aqui temos o diretor que não dá exemplo de ... estão aqui pessoas que não têm apoio familiar, não têm apoio de nada e nem trabalho têm e estão ali e lá dentro à espera que uma pessoa lhe dê alguma coisa. Estão aqui dentro ... eles não ... morriam cá dentro. Porque o diretor dão trabalho àquelas pessoas ... eles têm que ver ... eles vão ao computador e sabem tudo, que têm contas bancárias, têm tudo e não precisam de trabalho. Há pessoas aqui dentro que morrem à fome ... morrem mesmo, senhora doutora.

**E – E o que mudaria mais?**

**R –** Era a cela, que temos aqui muitos reclusos em sobrelotação? Muita sobrelotação aqui, senhora doutora. E é isso.

**E – E como vê a sua vida no futuro?**

**R –** Senhora doutora, eu penso melhorar a minha vida ... senhora doutora ... lá de fora.

**E – Em termos de trabalho, tem um carta de trabalho ...**

**R –** Já sim senhora.

**E – Portanto, tem perspectivas de trabalho?**

**R –** Já, sim senhora.

**E – A nível afetivo, vai continuar com a sua esposa ... ter filhos?**

**R –** Claro, claro.

**E – Vai casar?**

**R –** Não, tou junto ... Assim, na união de facto. Não, não é preciso.

**E – Já não é dessas modernices. Como é que gostava que fosse o seu regresso ao meio livre?**

**R –** Eu penso estar bem de vida ... estar bem lá fora. O meu trabalhinho sempre dia-a-dia. Pronto é isso, senhora doutora.

**E – E quando sair espera ter a sua esposa ...**

**R –** À minha espera, claro que sim.

**E – Ainda tem sonhos por cumprir?**

**R –** Tenho sonhos, senhora doutora ... é ter um filho com a minha mulher.

**E – E mais algum sonho/objetivo por cumprir?**

**R –** Tenho ... tenho. Arranjar um trabalho em condições para sustentar a minha casa, senhora doutora, e não faltar nada no dia-a-dia, mais nada.

#### **Transcrição Entrevista R.A.4**

***E – Diga-me a sua idade.***

*R – Trinta e sete.*

***E – Eu vou-lhe pedir que fale um bocadinho alto.***

*R – Trinte e sete.*

***E – Nacionalidade?***

*R – Português.*

***E – Estado civil.***

*R – Casado.*

***E – Habilitações literárias?***

*R – Quarta classe.*

***E – Profissão?***

*R – Porteiro.*

***E – Qual foi o crime cometido?***

*R – Ah ... condução ilegal.*

***E – E como interpreta a prática do crime?***

*R – Um erro de minha parte, mas que ... que ... não se deve de fazer ... conduzir sem carta não se deve de fazer.*

***E – É reincidente?***

*R – Sim.*

***E – Qual é que é a duração da sua sentença?***

*R – Duração como assim? O total da pena?*

***E – O total da pena.***

*R – Olhe, isto é instinto, porque eu vim para aqui com uma pena e apareceram-me três ... Mas ...*

***E – Mas você já sabe quanto é que vai ficar a cumprir?***

*R – Sim, se Deus me ajudar, quero ver se vou no fim desta pena ... em agosto. Mas poderei ir embora, nunca se sabe.*

***E – Já se encontra na situação de condenado ou preventivo?***

*R – Condenado.*

***E – Condenado. Com que idade iniciou o cumprimento da pena?***

*R – Com trinta e cinco, trinta e seis, não sei ...*

***E – Portanto, há quanto tempo se encontra a cumprir?***

*R – Há vinte e um meses. Falta oito dias para vinte e um meses.*

***E – E como se sentiu quando deu entrada na prisão?***

*R – Muito complicado, porque eu não sabia o que era isto.*

***E – E considerava-se diferente face à idade que tinha?***

*R – Diferente, como assim?*

***E – Entrou aqui com trinta e cinco anos. Nós vemos aqui uma população muito diversificada em termos de faixa etária. Achou que isso ...***

*R – Eu. É complicado eu tar a falar nisso, porquê? Porque eu acho ... eu tive oportunidade, lá fora, para tar lá fora, eu não as aproveitei. Só que infelizmente, meteram-me cá dentro e, quando eu entrei aqui dentro, foi um bocado complicado, porque é um mundo diferente do que o meu. Apesar do meu trabalho ser malandro, mas é complicado. A gente não sabe o que é isto. Não é? A gente não sabe o que é a cadeia. Não sabe. Não sabe. E a gente tamos ali a lidar com todo o tipo de gente ao ponto de traficantes, homens ... tentativa de homicídio. Para uma pessoa que veio para aqui só cumprir uma pena de uma carta de condução. Chegar aqui e levar com essa gente toda, foi muito complicado.*

***E – Portanto, ainda não conhecia a realidade prisional?***

*R – Quer dizer ... tinha uma noção. Amigos e tive fins de semana a cumprir, mas fins de semana para prisão afetiva, é totalmente diferente.*

***E – Na sua opinião, que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, influenciam o seu comportamento na prisão?***

*R – Em tudo. A cadeia é a coisa pior que pode acontecer a um ser humano.*

***E – E, em termos concretos, o que pode influenciar? Neste momento, o que é que influencia o seu comportamento?***

*R – Um exemplo de uma pessoa ser mais stressada, porque a cadeia não dá mais oportunidades aos reclusos, stressante.*

***E – Que tipo de oportunidades?***

*R – Precárias ... porque eu não matei, eu não roubei.*

***E – Mas sabe que existe uma lei geral, que se denomina, quando é que se pode pedir ou não ...***

***R – Sim. E, mesmo assim, eu já meti cinco precárias e nunca me deram e todas ... todas desfavoráveis. Não a favor. Porque não me conhecem, para saber quem eu sou e quem não sou.***

***E – Claro. E como se descreve antes de entrar na prisão e atualmente? Em todas as áreas da sua vida.***

***R – Mais maduro com a própria vida. Se me perguntar a mim, se eu quero regressar aqui ... nem eu nem ninguém, acho eu. Mas, com trinta e sete anos, acho que tenho de ter cabeça suficiente para pensar que isto não é vida para mim e eu tenho mulher, eu tenho um filho. Filho que não é meu filho. Fui eu que o criei, desde um ano, e é como tal. Exatamente, como tal, é como meu filho, fui eu que o criei. As primeiras palavras que ele disse foi “pai” ... foi a mim, não foi a mais ninguém, por isso é complicado. É complicado deixar uma família lá fora.***

***E – E que técnicas adotou para se adaptar a esta realidade?***

***R – Como? Como?***

***E – Que técnicas é que adotou para se adaptar a esta realidade?***

***R – Dar-me bem com toda a gente e, quando chegar ao ponto de eu ver que as pessoas tão muito agressivas, porque a gente sabe que as pessoas são agressivas. Porque isto é uma cadeia, não é um jardim infantil, tentar-me afastar, tentar-me meter dentro da cela para as confusões não se virarem para mim, porque não é o meu mundo.***

***E – Preocupa-se com a segurança?***

***R – Muito.***

***E – E a sua, principalmente.***

***R – Muito.***

***E – E o que faz para se manter seguro?***

***R – Cela. Sempre dentro da minha cela.***

***E – Até, porque vocês, no vosso pavilhão, não têm muitas liberdades, como se fosse ... é mais rígido.***

***R – Exato. Exato.***

***E – Portanto, o lugar que se sente mais seguro é dentro da sua cela?***

***R – Dentro da minha cela.***

**E – Existe mais algum lugar que você acha?**

**R –** Dentro do pavilhão não existe. A gente está sempre dentro do pavilhão.

**E – E, na sua opinião, que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, provocam o stress na prisão?**

**R –** Ansiedade. Ansiedade mata psicologicamente um homem, porque a gente quer ... a ansiedade de estar à espera que venha um perdão, ou tar á espera. Ah ... exatamente, ou, por exemplo, tar sempre à espera que a doutora me chame para fazer relatórios. Aí sim. Vai deixar marcas. Isto vai deixar marcas, vai.

**E – Quais são os fatores que podem influenciar a segurança de um recluso?**

**R –** Eu não posso tar a me pronunciar sobre isso, porque eu, graças a Deus, tenho uma esposa que me ajuda em tudo e eu não vou tar a dizer assim ... qual é a segurança ... para já não é nada comigo. Mas, como não é nada comigo, eu não quero saber das outras pessoas, percebe? De minha parte, graças a Deus, eu não me meto em confusões. Tou seguro, graças a Deus. Por isso, não vou por aí.

**E – Quem é que ... quem é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?**

**R –** Novo? Velho? No sentido da idade?

**E – Diga-me você.**

**R –** Portanto se for da idade respeitam-me ... porque eu sou um rapaz novo de trinta e sete anos ... toda a gente me respeita, mesmo rapazada. Esta rapazada nova, toda a gente me respeita, por isso não tenho ... não vou ... não tenho que ... não tenho, como é que hei de explicar. Não tenho ... não tenho explicação para dar a isso sobre ... a minha segurança.

**E – Mas em relação a quem é novo e quem é velho, só é considerado face à faixa etária?**

**R –** A idade? Sim as pessoas respeitam-me sobre isso ... sim.

**E – E, na sua opinião, qual o papel desempenhado pelos reclusos mais novos e pelos reclusos mais velhos?**

**R –** É o respeito. É o respeito. A gente, a partir do momento que entra numa cadeia, se as pessoas já estão aqui, normalmente estão aqui primeiro que nós. É o respeito que a gente tem de ter pelas pessoas.

**E – E considera que a idade de um recluso é importante neste meio?**

**R –** Como?



**E – Se considera que a idade de um recluso é importante neste meio?**

**R – Sim.**

**E – Porquê?**

**R –** Porque já vai ... os de fora, respeitar sempre os mais velhos ... tanto que ... ou estando primeiro num sitio, sendo mais velho em idade ... para mim a educação. Se me respeitam, eu tenho de respeitar. Sendo mais velho, sendo mais novo, tenho de respeitar, e vai nesse jogo assim na minha maneira de estar, na minha maneira de pensar.

**E – Como é que caracteriza o seu dia-a-dia na prisão?**

**R –** Um bocado saturante. Nada para fazer ... não há nada ... saturante.

**E – Não há nada para fazer como assim?**

**R –** Nada para fazer. Tou com sorte, que tou a participar ...

**E – Participar no programa das contingências.**

**R –** Exatamente. Tou com sorte sobre isso, mas não há nada. A gente pede alguma coisa ... dentro da cadeia eles não nos dão nada.

**E – Portanto, você não participa noutra tipo de atividades socioeducativas? A não ser o das contingências ....**

**R –** Pedi trabalho ... não me dão trabalho.

**E – Tem de insistir um bocadinho mais ... ou mais do que insiste.**

**R –** Não é. É impossível.

**E – De que modo a sua condição de recluso alterou a percepção que tinha acerca de si mesmo? Acha que alterou alguma coisa? Quando ...Você lá fora era o senhor B. ...**

**R –** Continuo a ser o senhor B. na mesma. Não. As pessoas perante mim ... nem mesmo lá fora. Já, dentro da cadeia, sou igual, porque eu tenho uma maneira de estar na vida diferente que alguns têm. Alguns têm exatamente igual à minha, mas isso cada um é quem é ... mas a minha postura é exercer o respeito pelos outros para terem respeito por mim. Sobre eu já estar preso, ao sair em liberdade, eu vou ser exatamente a mesma pessoa. Não vou errar os erros que eu cometi. Claro que não vou cometer os mesmos erros. Claro que não. Mas vou tentar, tentar ser o melhor possível, porque já sei o que é uma cadeia.

**E – Como avalia o seu percurso dentro da prisão? Positivo?**

**R –** Positivo no que sentido?

**E – Como é que avalia ... é uma experiência que não vai voltar a repetir?**

**R –** Nunca ... Nunca.

**E – Vai fazer o máximo possível ...**

**R –** Nós não podemos dizer nunca, mas as minhas ideias. Eu tenho umas ideias muito fixas. Dentro das minhas ideias, dentro da minha maneira de ser, do mesmo crime, eu não volto de certeza absoluta. Isso é ponto assente. Ponto final. Acabou!

**E – Você veio por condução ilegal, por não ter ...**

**R –** Por não ter carta de condução.

**E – Condução sem habilitação legal. Quais são as principais dificuldades sentidas na prisão?**

**R –** Mais apoios. Apoios jurídicos.

**E – Que não tem?**

**R –** Que não tenho.

**E – Considera que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades?**

**R –** Como? Como? Não percebi.

**E – Considera que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades?**

**R –** Ah ... apoios como assim?

**E – Se os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades. Por exemplo quando pede um atendimento à sua técnica ... neste caso pede impedimento laboral ...**

**R –** Não dá para passar à frente dessa? Tenho que responder mesmo? Eu acho que os técnicos deviam dar mais apoio ao recluso ... em todo o sentido. Mais apoio ao recluso. Não é só chamar. “Olá estás bom? Então como estás? Tudo bem?” Em tudo, por isso é que são técnicas.

**E – Fale-me no seu caso em concreto.**

**R –** No meu caso concreto?

**E – Porque está a dizer isso?**

**R –** Porque ... estou aqui há vinte e um meses e eu, se fui chamado à doutora para tratar de assuntos judiciais ... fui chamado duas vezes. Ah, tá bem que as técnicas têm muito trabalho. Mas devia de haver mais apoio técnico, perante o recluso. Devia-se de preocupar, como eu hei de explicar, devia preocupar mais os técnicos e por isso é que têm essas funções. Preocupar mais com os reclusos. Chegar ao ponto de fazer

*assim ... ir á secretaria e dizer assim: “Os meus reclusos. Olhe, tenho cem reclusos e estes são reclusos, vou fazer por isso para tentar arranjar a liberdade dele”.*

***E – Mas, por exemplo, as técnicas de cá têm cerca de duzentos.***

***R –*** Eu tou a dar só um exemplo. Devia de haver mais apoio técnico ao recluso, porque há aí muito recluso na cadeia que não tem nada e, simplesmente não tem nada. E eu sou um exemplo disso. Todos os entrados que têm, eu sou o próprio, eu ... compro o sabonete, papel higiénico e gilete. Eu dou do meu dinheiro para o recluso que é entrado.

***E – Como imagina a sua vida, se não tivesse sido preso?***

***R –*** Trabalhar normal.

***E – Como porteiro, não é?***

***R –*** A minha vida normal, porque eu já não cometo um crime desde dois mil e doze.

***E – Foi quando ...***

***R –*** Foi a última vez que eu cometi um crime. Já tinha o meu destino. Endireitar-me devidamente, porque achei que era a idade ... a altura ideal. Portanto, é agora que eu vou tirar a carta. Só que, simplesmente, meteram-me aqui dentro.

***E – Após a reclusão, que mudanças ocorreram em termos psicológicos, afetivos e emocionais? Quer nos seus familiares, vizinhos e amigos.***

***R –*** Já me estragou. Já me chateeí muitas vezes, já.

***E – Houve muitas mudanças?***

***R –*** Sim. Sim. Sim. Por muito que a gente confia na nossa esposa, a gente confie, temos sempre aquela desconfiança, porque estamos presos. E depois, com o azar que temos, o recluso tem tanto azar, que temos cinco minutos para ligar para casa ... ah, não tamos. Quer dizer-se, queríamos ter apoio da família, a nível de telefone, porque só uma chamada. Tudo bem que “Olá tá tudo?” Mas, se fosse mais vezes, a gente já se sentia à vontade, não é? Pah, não liguei agora, ligo daqui a meia hora, ligo daqui a uma hora. Só o ouvir, já estava tudo bem.

***E – Portanto, sente que foi criado algum tipo de distanciamento quando começou a cumprir a pena?***

***R –*** Não. Não houve distanciamento.

***E – Houve uma maior aproximação?***

*R – Distanciamento da cadeia, porque a cadeia não nos deixa fazer as coisas. Agora perante eu e a minha esposa, não houve distanciamento, continua tudo na mesma.*

***E – Já teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior?***

*R – Como assim?*

***E – A nível de visitas, por exemplo?***

*R – Nunca.*

***E – Neste caso nunca foi lá fora, não é? E o que representa, para si, o contato com as pessoas do exterior?***

*R – Muito importante, com o meu filho e com a minha mulher. Era a coisa mais sagrada que me podia acontecer agora.*

***E – Sair daqui e eles estarem ali fora?***

*R – Sim, claro que sim.*

***E – De quem recebe mais visitas?***

*R – Da minha esposa e do meu filho.*

***E – Portanto, continuam a ser as mesmas pessoas que já lhe eram próximas?***

*R – Sempre. Vêm amigos, vêm sempre pessoas, mas eu não troco os amigos pela minha esposa e pelo meu filho. Isso, pode estar aí os melhores amigos da minha vida, mas a minha esposa e o meu filho é que tenho que ver.*

***E – Na sua opinião este estabelecimento prisional está adaptado para acolher todas as faixas etárias?***

*R – Eu acho que não.*

***E – Porquê?***

*R – Porque se deviam separar um bocado as pessoas. É tudo junto.*

***E – Está tudo misturado.***

*R – Tudo junto é ... como é.*

***E – Tudo junto e fé em Deus?***

*R – Tudo junto e fé em Deus.*

***E – E o que mudaria no funcionamento desta prisão?***

*R – Eu?*

***E – Sim.***

*R – Não mudaria nada, porque ...*

***E – Se tivesse um poder.***

*R – Não posso pensar nisso. Não subo um patamar muito alto, porque não me dão hipóteses para isso. Não tenho ideia sobre isso.*

***E – Como vê a sua vida no futuro?***

*R – Olhe, a primeira coisa que vou fazer. Vou-lhe contar uma coisa a si ... que é a primeira vez. A primeira coisa que eu vou fazer no primeiro dia da minha liberdade. Vou sair daqui e tar com a minha família, que é o essencial. Sair de manhã ou sair de tarde ou à noite, vou tar com a família, é lógico. No outro dia vou tirar a minha carta de condução.*

***E – Vai-se inscrever.***

*R – Não tenho hipótese. Vai ser a primeira etapa da minha vida. E o trabalho. O trabalho, porque esse está garantido, esse está a cem por cento. Mas nem penso no trabalho. A primeira coisa que vou fazer, tirar a minha carta de condução e depois de tirar a minha carta de condução é lógico, tenho que me inscrever. Não é logo no primeiro dia. Tirar a carta de condução é a primeira coisa. E vou dar uma etapa. Vou dar, como é que eu hei de explicar, dar ...*

***E – Um período de tempo.***

*R – Um período de tempo para tirar a minha carta de condução.*

***E – Como já sabe conduzir, é mais rápido. Já sabe as regras de trânsito é mais fácil.***

*R – É lógico que sim. Falar é fácil, mas a gente lá começa a tremer todo e erra em tudo. Eu já experimentei uma vez e sei o que é isso.*

***E – Mas não pode conduzir sem carta.***

*R – Eu já tive em três escolas. Uma foi desmazelo, outra ...*

***E – A idade?***

*R – Não. Não. Andei por andar e a terceira fiz tudo direitinho, até fui a exame.*

***E – Você não tinha amor ao dinheiro. Mais valia ter tido amor ao dinheiro, você, assim, não estava cá.***

*R – Exatamente.*

***E – Como gostava que fosse o seu regresso ao meio livre?***

*R – Como é que eu gostava que fosse o meu dia?*

***E – Sim.***

*R – Estar com os meus ... isso é a coisa acho que qualquer recluso...*

***E – Imagine que ia embora, hoje, às seis horas, alguém o vinha buscar?***

*R – Na hora. Só tinha que pedir para ligar ali na secretaria e isso era na hora. As pessoas que eu quisesse. Se quisesse ter cinquenta pessoas, tinha cinquenta pessoas. Neste momento tenho apoio para isso.*

***E – Ainda tem sonhos por cumprir quando sair da prisão?***

*R – Se tenho penas para cumprir?*

***E – Sonhos.***

*R – Ah, sonhos. Tenho, tenho. A minha família, que estes dois anos, quase dois anos de sofrimento. Compensá-los com tudo o bom na vida e ... sofreram dois anos e, se vou pô-los dez anos bem na vida, vou pôr, mas com o meu trabalho, porque eu nunca roubei. Graças a Deus.*

***E – Vou-lhe fazer uma pergunta que não está aqui no meu guião. Acha que a idade de um recluso pode influenciar a reinserção social. Vamos imaginar que sai daqui um recluso com cinquenta e tal anos. Acha que a reinserção social seria mais difícil?***

*R – Na minha maneira de ver eu ... acho que sim.*

***E – Imagine que não tinha emprego neste momento, já tem trinta e sete anos. Acha que a sua reinserção ia ser mais difícil?***

*R – Se não tivesse trabalho. Claro que sim.*

***E – Pronto. Agradeço-lhe. Obrigada.***

## **Transcrição Entrevista R.A.5**

***E – A sua idade?***

***R – Vinte e cinco.***

***E – Nacionalidade?***

***R – Portuguesa.***

***E – Estado Civil?***

***R – Solteiro.***

***E – Habilitações Literárias?***

***R – 9.º ano.***

***E – Profissão?***

***R – Empresário.***

***E – Qual foi o crime cometido?***

***R – Ah ... burla, roubo, furto. Alguns crimes.***

***E – Vários?***

***R – Claro.***

***E – Como interpreta a prática dos vários crimes cometidos?***

***R – Agora, oh na altura, não é? Precisava. Senão, não me metia nele, mas era mais pela adrenalina.***

***E – A adrenalina?***

***R – Claro. Isso foi o que eu disse em tribunal, que precisava.***

***E – Era fixe e tal ... É reincidente?***

***R – Não.***

***E – Qual a duração da sentença?***

***R – Sete e oito.***

***E – Prontos, já se encontra na situação de condenado?***

***R – Mmh ... mmh.***

***E – Com que idade iniciou o cumprimento da pena?***

***R – Mmh ... vinte e dois.***

***E – Há quanto tempo se encontra a cumprir?***

***R – Quatro, quase, três e meio praí.***

***E – Como é que se sentiu quando deu entrada na prisão?***

**R – Oh senti-me mal, não é? Como todos, mas é só os primeiros dias.**

**E – Os primeiros dias?**

**R – É claro.**

**E – Conseguiu adaptar-se bem? Considerava-se diferente face à idade que tinha? Veio para cá muito jovem.**

**R – Não. Tem já aí muitos jovens.**

**E – Mas não se considerava diferente?**

**R – Não. Diferente em que aspeto?**

**E – Era novo ...**

**R – Era novo yah. Os primeiros dias, claro, sentes-te outra pessoa.**

**E – Ficou logo privado de liberdade ... estava lá fora ...**

**R – Não acreditava. Ao primeiro, não. Tive uma semanita “hey tou aqui?” Normal**

**E – Já conhecia a realidade prisional?**

**R – Não. Mais ou menos.**

**E – Do que ouvia falar, só!**

**R – É.**

**E – E na sua opinião que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, influenciam o seu comportamento aqui dentro? O facto de estar privado de liberdade, o facto de estar sempre numa cela, não sair daqui ...**

**R – O que tem?**

**E – Influencia o seu comportamento cá dentro?**

**R – Não.**

**E – É tudo normal. Como se descreve antes de entrar na prisão e atualmente? Em termos económicos, sociais.**

**R – Tou igual.**

**E – Exatamente igual?**

**R – Tou. Mesmo.**

**E – Que técnicas adotou para se adaptar à nova realidade da sua vida?**

**R – Reintegrando-me ... aí.**

**E – No meio?**

**R – Claro, aí na selva.**

**E – Na selva? Porquê que diz que é a selva?**



*R – Porque é a selva. Há coisas que não se dizem. Claro.*

*E – E quais são as que utiliza no dia-a-dia para se adaptar?*

*R – Pronto, tenho que dizer a verdade?*

*E – Diga.*

*R – Não. Não posso dizer. Esquece. Tu és maluca.*

*E – O facto de ir para a biblioteca ...*

*R – Ah ... a biblioteca. Venho para o curso da música ... ah ... mais? Desporto. Há vários tipo de coisas para passar o tempo.*

*E – Preocupa-se com a sua segurança aqui dentro?*

*R – Não.*

*E – O que é que faz para se manter seguro?*

*R – Aqui estamos seguros.*

*E – Estão seguros? O que é que faz para se manter seguro?*

*R – Tanta coisa.*

*E – Diga-me alguma coisa.*

*R – Sei lá. Ando atento.*

*E – Atento? Atento a quê?*

*R – Nos outros.*

*E – Aos reclusos? Aos guardas? Aos técnicos?*

*R – Guardas, não tens que ter medo. Reclusos é que tens que ter. Não tens que ter medo, não é? Eu não tenho, mas há quem tenha.*

*E – Que locais ou situações é que se sente seguro?*

*R – Todos.*

*E – Todos?*

*R – Todos. Em qualquer lugar mesmo.*

*E – Aproxime-se do gravador, se faz favor. Na sua ótica, que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, provocam o stress na prisão?*

*R – Ah ... é ser fechado, não é? Custa às sete horas, mas, também, são aqueles dez minutos.*

*E – É só isso? O facto de estar fechado?*

*R – Claro é a única coisa. É estar privado de liberdade. De resto, tasse na cadeia, não é? Não vou estar aqui a fazer-me de coitadinho, não é?*

**E – E que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, podem influenciar a segurança de um recluso?**

**R – Que podem assegurar?**

**E – Que podem influenciar a segurança de um recluso.**

**R – Sei lá.**

**E – Daquilo que vê? Pode não estar diretamente ligado consigo.**

**R – Mas quê? Para pô-lo em perigo ou isso?**

**E – Sim.**

**R – Sei lá. Tanta coisa. Uma dívida, por exemplo.**

**E – Uma dívida ...**

**R – Sei lá. Mais coisas. Sei lá? Tanta coisa.**

**E – Quem é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?**

**R – Velho é os cotas.**

**E – Os mais de sessenta e cinco. O facto de ser reincidente não, não determina que é velho na prisão. Por exemplo.**

**R – Que é tipo cadastrala. Não, não tem nada a ver.**

**E – Não tem nada a ver?**

**R – Velho é velho. Novo é novo. Agora ...**

**E – Tem a ver com a idade só?**

**R – Claro. Se é cadastrala, ou não cadastrala. Cadastrala é o gajo que já teve preso várias vezes, ou mais do que uma vez. Não é reincidente como vocês ... vocês dizem reincidente. Aqui diz-se cadastrala, que já tá à mais que uma condenação. Já teve, já foi ... os primários, que são como eu.**

**E – E, na sua opinião, qual o papel desempenhado pelos reclusos novos e o papel desempenhado pelos reclusos mais velhos?**

**R – Oh, não há papeis aqui.**

**E – Não há?**

**R – Não. Aqui, precisas dele, ele ajuda-te.**

**E – Sendo mais velho, ou sendo mais novo.**

**R – Seja com quem for e é uma questão de respeito.**

**E – Respeito?**

**R – É. Aqui ganha-se o respeito.**

**E – E como é que se ganha o respeito aqui dentro?**

*R – Oh, ganha-se, não é? Não deixando ninguém calcar, por exemplo.*

**E – Considera que a idade de um recluso é relevante no meio prisional?**

*R – Não.*

**E – É irrelevante?**

*R – Isso quer dizer ... eu trato igual um velhote como um novo. Somos todos homens. Ainda mais o velhote, porque tem mais maturidade, já tem de ter mais juízo. Não é?*

**E – Claro. Como é que caracteriza o seu dia-a-dia na prisão? O que faz cá dentro?**

*R – Mmh ... tanta coisa. Vou à biblioteca, vou lavar a roupa, tanta coisa ... durmo.*

**E – É as atividades do dia-a-dia.**

*R – É. Jogo bilhar, ping-pong.*

**E – Joga bilhar?! Quais as atividades socioeducativas em que participa?**

*R – Na música. Tenho ali um projeto na música, também.*

**E – Quer falar um bocadinho sobre ele?**

*R – Estamos ainda a começar.*

**E – Mas qual é o propósito desse projeto?**

*R – Ah ... é para ... tipo, pa ficarmos a banda na cadeia.*

**E – Para não existir, só que existe.**

*R – Já não existe.*

**E – Já não existe?**

*R – Não. Agora veio outra geração. Antes era tipo baile, agora é o hip-hop.*

**E – Ah, ok. Não sabia. O vocalista já foi embora não já?**

*R – Já, foi tudo.*

**E – De que modo é que a sua condição de recluso alterou a perceção acerca de si mesmo? Alterou alguma coisa?**

*R – Não alterou.*

**E – Continua igual aquilo que pensava de si, as ideias que tinha?**

*R – Oh, claro que uma pessoa muda um bocado o pensamento, não é? Não vou com o mesmo pensamento que tava, não é?*

**E – Que pensamento é que tinha antes de vir?**

*R – Oh, sei lá. Nada me acontecia. Sempre levei uma vida descomunal.*

**E – Na adrenalina. Sempre?**

*R – Desde criança.*

***E – Nunca pensou nas consequências?***

*R – Desde miúdo mesmo. Desde os treze anos.*

***E – Nunca pensou nas consequências?***

*R – Agora sei que não volto aqui. Tenho a certeza.*

***E – Tem a certeza?***

*R – Claro que tenho.*

***E – Antes de entrar na prisão, qual era a opinião que tinha dela?***

*R – Oh, sei lá.*

***E – Ouvia falar na prisão ...***

*R – Opá, não tinha medo.*

***E – Não tinha medo?***

*R – Então, se andava no crime sabia que podia vir preso. Por acaso não tinha medo nenhum. Nunca tive.*

***E – E qual é a opinião agora?***

*R – É igual.*

***E – É igual?***

*R – Eu não tenho medo. Então, se não tinha, achas que agora tenho? Depois do que aconteceu aqui e de saber o que sei, conhecer o que conheço e ...*

***E – E o que conhece?***

*R – Tudo.*

***E – Como avalia o seu percurso dentro da prisão?***

*R – Normal.*

***E – É positivo? Tem castigos?***

*R – Quatro castigos.*

***E – Recentes, ou foi quando entrou?***

*R – Não. Quando entrei.*

***E – Quais as principais dificuldades sentidas no seu dia-a-dia? Tem alguma dificuldade?***

*R – Não falar com a família. É a única mesmo. Para ficar gravado mesmo.*

***E – Considera que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades?***

*R – Os atendimentos individuais, como?*

**E – Com o seu técnico?**

**R –** Claro que, se eu vou lá, é porque preciso de ajuda.

**E – Portanto, é sempre correspondido?**

**R –** Claro. Não. A minha técnica é cinco estrelas. Não é por ser coise, melhor delas todas.

**E – Como é que imagina a sua vida se não tivesse sido preso?**

**R –** Oh, estava bem. Tava mesmo.

**E – Continuava a praticar o que praticava?**

**R –** Bem ... vim preso. Faltava meio ano para não fazer mais nada.

**E – Portanto estava bem economicamente.**

**R –** Tava. Isso tou bem. Mas tava melhor. Acredita.

**E – Após a reclusão, que mudanças ocorreram, em termos psicológicos, afetivos e emocionais?**

**R –** Psicológico foi ...

**E – Tanto em si como nos seus familiares, amigos.**

**R –** Claro que custa sempre não é? Virem para aí. Depois perdi a minha avó mal entrei e até tou bem. Podia tar maluco, não é? O meu irmão, há pouco tempo. Novo, tinha vinte e nove anos. Só que eu é “groove”, nada me deita abaixo.

**E – E nos seus amigos, acha que houve?**

**R –** Oh, isso perdi todos. Esquece. Não há amigos. Também, não me dava com muita gente. Tipo, não me dava com muita gente. Tipo, não me dava, que eu sou viajante mesmo.

**E – Tinha conhecidos. Só não tinha amigos.**

**R –** Tinha tipo de passagem, tá tudo. Amigos.

**E – Portanto foi criado algum tipo de distanciamento para com essas pessoas, para com a família?**

**R –** Sim. Nem deixei vir ver. Nada. Zero.

**E – Houve alguma aproximação?**

**R –** Com a família? Ya, houve.

**E – Houve uma maior aproximação?**

**R –** Tipo, uma tia minha que nem me vi-a nem nada, começou a vir aí. Eu deixei ver. Pode morrer a velha, não é? É verdade.

**E – Já teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior?**

**R –** Sempre. Vinte e quatro horas.

**E – Qual a frequência desses contatos?**

**R –** Vinte e quatro horas. É sempre que eu preciso.

**E – E já foi lá fora?**

**R –** Já, à rua, de precária não. Já fui muitas vezes à rua.

**E – Saídas administrativas?**

**R –** Sim.

**E – E o que representa, para si, o contacto com outras pessoas do exterior?**

**R –** Bem, não é? Para não estar sempre a ver as mesmas caras, que os daqui já conheces todos. Por isso é que quando vem alguém novo ... é normal, não é? Se for mulher ... ui até se matam.

**E – De quem recebe mais visitas?**

**R –** É familiares diretos. Mãe, pai, irmãos.

**E – Continuam a ser as mesmas pessoas que já lhe eram próximas?**

**R –** Claro.

**E – Na sua opinião, acha que este estabelecimento prisional está adaptado para acolher todas as faixas etárias?**

**R –** Não.

**E – Porquê?**

**R –** Porque isto é uma cadeia de preventivos.

**E – E está sobrelotada e ...**

**R –** Está sobrelotada e é um perigo, esta cadeia. Tu aqui nunca mais saís para a rua. Esquece.

**E – Mas não está adaptada em termos físicos ou em termos de funcionamento?**

**R –** Tudo.

**E – Acha que, por exemplo, a camada mais idosa deveria ...**

**R –** Os idosos nem deveriam estar aqui. Deviam pô-los num anexo em santa cruz.

**E – Isto não está adaptado para ...**

**R –** Não. Isto é uma cadeia de preventivos. Quem anda aí não anda para ficar, como é que eu hei de te dizer ... não anda atrás de precárias. Só no meu pavilhão.

**E – O que é que mudaria no funcionamento deste estabelecimento prisional?**

*R – Sei lá. Tanta coisa.*

*E – Tanta coisa, o quê?*

*R – Matava os chibos.*

*E – Os chibos? Estamos a falar no funcionamento.*

*R – É igual. Eles estão a cooperar com o sistema.*

*E – E mais?*

*R – Tanta coisa. Sei lá!*

*E – A empresa da cantina, por exemplo.*

*R – Isso, por exemplo, a comida ... eish, esquece, eu não vou ao refeitório. Zero.*

*E – A comida é intragável. Tenho ouvido falar que o reforço não é empacotado conforme as normas. Portanto era só isso que mudava no funcionamento da prisão?*

*R – A cantina. A chefia. É tudo corruptos.*

*E – Como vê a sua vida no futuro? O que pensa fazer quando sair daqui?*

*R – Trabalhar. Ser uma pessoa honesta. Lutar pela vida. Reintegrar-me na sociedade.*

*E – Acha que a sua reintegração vai ser difícil?*

*R – Um bocado. Ser sincero, um bocado.*

*E – Porquê?*

*R – Porque acho que nunca me vou reintegrar na sociedade.*

*E – Vai viver sempre à margem?*

*R – Sempre. Desta vez caí na margem, agora, nesta, não vou cair.*

*E – Como gostava que fosse o seu regresso ao meio livre?*

*R – Oh, sei lá, como gostava. Gostava que fosse, agora como? Podia ser de qualquer maneira.*

*E – Desde que vá em liberdade ... ainda tem sonhos por cumprir quando sair da prisão?*

*R – Alguns. São muitos. Não te vou estar a dizer.*

*E – Enumere um, aquele que você tem mesmo vontade de cumprir.*

*R – Cumprir, agora mesmo, gostava de ver o mar.*

*E – O mar. E um sonho a curto prazo?*

*R – A curto prazo, sei lá. A liberdade mesmo.*

*E – É o que espera alcançar. Tem mais alguma coisa que me queira dizer?*

*R – O que é dizem os seus olhos?*

*E – Alguma coisa dentro da prisão, que esteja a acontecer neste momento, que queira partilhar? Que não vai ao encontro das suas expetativas, das suas perspectivas?*

*R – Não.*



## **Transcrição Entrevista R.A.6**

**E – Qual é a sua idade?**

*R – Hum ... quarenta e dois.*

**E – Nacionalidade?**

*R – Português.*

**E – Estado civil?**

*R – Solteiro.*

**E – Habilitações Literárias?**

*R – 12.º incompleto.*

**E – Incompleto porquê?**

*R – Ainda não acabei.*

**E – Está a ...**

*R – Estou a ver se acabo agora aqui.*

**E – Profissão?**

*R – Gestor de imóveis.*

**E – Qual foi o crime cometido?**

*R – Isso é complicado, oh doutora. Eu não cometi o crime que estou aqui acusado.*

**E – Qual foi?**

*R – Foi roubo.*

**E – De quê?**

*R – De um telemóvel ... brincadeira.*

**E – Quer explicar?**

*R – Doutora, fui acusado. Fui chamado à Judiciária para prestar declarações ... as declarações que eu prestei não lhes interessaram, no âmbito de uma ourivesaria. Como não presta as declarações que eles queriam, imputaram-me este crime.*

**E – Como interpreta isso?**

*R – A gente quando está parado, há certas e determinadas vidas ... temos um passado, não é? Se calhar tinha esse passado por ajustar.*

**E – É reincidente?**

*R – Por roubo não. Vim preso uma vez por tráfico.*

*R – Já veio por tráfico. Qual é a duração da sua sentença?*

*R – Quatro anos e oito meses.*

***E – Já está na situação de condenado?***

*R – Tou.*

***E – Com que idade iniciou o cumprimento de pena?***

*R – Ora ... quarenta e um.*

***E – Quarenta e um. Há quanto tempo se encontra a cumprir?***

*R – Doutora, dezoito meses.*

***E – Há dezoito meses. O que sentiu, quando deu entrada na prisão?***

*R – Na realidade chorei.*

***E – Chorou?***

*R – Chorei. Desta vez chorei. Da primeira vez não.*

***E – Já sabia para o que vinha.***

*R – Já sabia para o que vinha. E foi a situação, da maneira como ela foi ... foi mesmo arrancar um bocado. Eu tava mesmo parado, com todos os tipos de crime. Estava a trabalhar no bar da minha família e eu tava a olhar pelo meu filho, pelos meus filhos e isto foi um reverso da medalha.*

***E – Considerava-se diferente face á idade que tinha? Entrou cá com quarenta e um anos ...***

*R – Não estou a perceber doutora.*

***E – Entrou na prisão com quarenta e um anos ... Acha que com essa idade ...***

*R – Já não é idade para estar aqui, já não era idade.*

***E – Já conhecia a realidade prisional?***

*R – Já.*

***E – Na sua opinião, que tipo de fatores, físicos ou psicológicos, influenciam o seu comportamento aqui na prisão?***

*R – Ora bem, tento fazer o máximo desporto possível, para o corpo relaxar e a mente. E estar o mais saudável possível.*

***E – Como se descreve, antes de entrar na prisão? E atualmente? Em todos os aspetos da sua vida, sociais, económicos ...***

*R – Agora sinto que não posso prestar apoio à família e é um vazio que se cria e o tempo não volta para trás. Tou a perder mais uma vez a companhia dos meus entes*

*queridos e tento manter o mais forte possível, que é para não descambar e não tornar o problema ainda pior.*

***E – Que técnicas adotou para se adaptar a esta realidade?***

*R – Pensar o menos possível, abstrair-me do mundo lá de fora, o máximo que possa, e fazer o máximo de desporto.*

***E – É o que faz atualmente?***

*R – É.*

***E – E preocupa-se com a sua segurança aqui na prisão?***

*R – Não penso.*

***E – Não pensa?***

*R – Não. De uma forma, ou de outra, se a gente não se meter por atalhos não se mete em trabalhos, não é?*

***E – O que faz para se manter seguro?***

*R – Respeito para ser respeitado.*

***E – Quais os locais, ou situações, em que se sente seguro?***

*R – Eu sinto-me sempre seguro, não é?*

***E – Em qualquer sítio da prisão?***

*R – Sim. Sim. Hoje em dia, eu penso que não há aquela insegurança, como ...*

***E – Como havia há uns anos atrás?***

*R – Sim. Sim.*

***E – Também se respeita, é respeitado.***

*R – É doutora é por aí.*

***E – Que tipo de fatores físicos ou psicológicos provocam o stress na prisão?***

*R – Ora ... fatores físicos. Estar sempre fechado é stressante. Psicológicos, o excesso de medicamento que eu penso que ...*

***E – Pode provocar ... e que fatores podem influenciar a segurança de um recluso?***

*R – Meter-se em dívidas, meter-se em drogas, principalmente essas.*

***E – Quem é considerado novo e quem é considerado velho na prisão?***

*R – Novo é aqueles que entram pela primeira vez.*

***E – E velhos, os reincidentes?***

*R – É por aí doutora.*

***E – E qual o papel desempenhado pelos mais novos e pelos mais velhos?***

*R – Acho que agora não há papéis assim. Penso que os mais novos têm mais hipóteses. São vistos de outra maneira e têm acesso a mais precárias e condicionais. Penso que os mais novos têm acesso a isso.*

*E – E os reincidentes pelo facto de terem um passado ... acha que ...*

*R – O meio da pena pelo menos já ... só saem aos dois terços, aos cinco sextos ... é por aí.*

*E – Considera que a idade de um recluso é relevante neste meio?*

*R – É doutora.*

*E – Porquê?*

*R – Porque os mais jovens estão com o sangue na guelra não é? Têm muito para dar. Os mais velhos já se adaptam melhor, mas é aquela ... quase reforma.*

*E – Acomodam-se não é?*

*R – É ... acomodam-se.*

*E – Como caracteriza o seu dia-a-dia na prisão?*

*R – É uma rotina doutora.*

*E – E o que faz?*

*R – Jogo futebol, de segunda a sexta, e vou ao telefone ... é só isso.*

*E – Dentro da cela tem algum aparelho?*

*R – Jogo damas, mais nada doutora.*

*E – E que outro tipo de atividades você participa?*

*R – As que aparecem.*

*E – Por exemplo, agora está na Contingência, não é?*

*R – É.*

*E – Costuma ir à biblioteca?*

*R – Às vezes ... é mais o desporto.*

*E – De que modo, a sua condição de recluso, alterou a percepção que você tinha acerca de si mesmo?*

*R – Condição de recluso. Percepção de mim mesmo? Não estou a perceber essa, doutora.*

*E – Você, antes de cometer o crime, era uma determinada pessoa. Quando começou a cometer crimes ... veio preso ... recluso. Acha que alterou alguma coisa em si?*

**R** – Alterou. Alterou doutora e bastante. Na vida familiar descambou. É que, quando vim preso da primeira vez, já tinha três filhos, acabei por a família se separar. Na vida dos meus filhos notou-se, porque o aproveitamento escolar foi ... não foi o mesmo e sinto-me como impotente para reverter a situação.

**E** – **Antes de entrar na prisão, qual era a opinião que tinha dela?**

**R** – A opinião que tinha, é que podia acontecer a todos. Não é? Pensei que fosse mais pesado daquilo que é.

**E** – **E o que mudou depois de estar cá dentro?**

**R** – O que é que mudou? Mais uma vez a família. A gente abstrai-se dela. Não podemos intervir direto e .... É isso.

**E** – **Como avalia o seu percurso cá dentro?**

**R** – Fiz um bom percurso da primeira vez. Fiz o 12.º incompleto. Sou uma pessoa regular, tento não me meter em problemas.

**E** – **Portanto, avalia como positivo. Quais são as principais dificuldades sentidas no seu dia-a-dia? Seja sincero.**

**R** – Olhe, falta de uma mulher. Nota-se e ... é falta de vida, doutora ... a gente aqui parece um zombie. Isto é aquela rotina, não é?

**E** – **Sai da cela, vai para ali ... sai da cela, vai para acolá ...**

**R** – É aquele espaço restrito.

**E** – **A privação da liberdade.**

**R** – É doutora.

**E** – **Considera que os atendimentos individuais têm em conta as suas necessidades?**

**R** – Às vezes. Nota-se que, hoje em dia, há um esforço por tentar mais qualquer coisa. Se calhar, há uns anos não era assim ... não havia tanta liberdade, tanta abertura do meio prisional. Agora acho que é por aí.

**E** – **Sempre que você solicita atendimento é atendido?**

**R** – Sou. Sou.

**E** – **Tudo aquilo que pede ... dentro dos possíveis.**

**R** – Dentro dos meus direitos, acho que sim.

**E** – **Como é que imagina a sua vida, se não tivesse sido preso?**

**R** – Ah ... tinha sido uma vida completamente diferente ... se calhar, tinha subido mais do que o que subi. Estaria numa posição desafogada.

***E – Após a reclusão, que mudanças ocorreram em termos afetivos, psicológicos e emocionais, quer seja nos seus familiares, amigos, vizinhos?***

***R – Ao nível de amigos, as pessoas já ficaram um pouco de pé atrás. A nível familiar, foi como lhe disse, doutora ... separei-me e a nível psicológico há mazelas, que não revertem sempre aquela revolta.***

***E – E essas mudanças ocorreram assim no imediato ou foram acontecendo?***

***R – Foram graduais.***

***E – Foram graduais? E sente que houve um distanciamento para com essas pessoas?***

***R – Foi doutora. Bastante.***

***E – Não houve nenhuma aproximação entre algum grupo?***

***R – Não.***

***E – Já teve oportunidade de contactar com pessoas do exterior?***

***R – Só com a família.***

***E – Só com a família. Qual a frequência desses contatos? Dentro das visitas?***

***R – Dentro das visitas, é! E o telefone.***

***E – E o telefone. E o que representa para si o contato com essas pessoas?***

***R – É muito importante doutora, porque é naquele espaço que a gente, não é? Tenta estabelecer aquilo que perdeu e são os momentos mais importantes até a nível prisional, são esses.***

***E – De quem recebe mais visitas?***

***R – Do meu filho e ... agora do meu pai, do meu primo, a minha avó. Sempre que possível.***

***E – Continuam a ser as mesmas pessoas que lhe eram próximas lá fora?***

***R – É. São as mesmas, doutora.***

***E – Na sua opinião, acha que este estabelecimento prisional está adaptado para acolher todas as faixas etárias?***

***R – Até há aí pessoas de bastante idade. Acho que sim doutora.***

***E – Acha que está adaptado?***

***R – Sim.***

***E – E o que mudaria no funcionamento?***

***R – Se calhar, cumpria a lei ... no quarto da pena, dar precárias. As liberdades condicionais, darem a quem tem condições para isso ... era por aí.***

***E – E se você tivesse um poder de mudar alguma coisa que está mal, o que é que mudaria?***

***R – Isso mesmo, doutora. Fazia cumprir a lei.***

***E – Fazia cumprir a lei? Como vê a sua vida no futuro?***

***R – Mais uma vez, a recomeçar do zero, ou do zero nunca recomeço, porque tenho alguma coisa por onde recomeçar, não é? Mas, mais uma vez, é recomeçar e deitar tudo para trás das costas e esquecer o mal bocado que passei.***

***E – Como gostava que fosse o seu regresso ao meio livre?***

***R – No meio familiar.***

***E – Ainda tem sonhos por cumprir?***

***R – Tenho, doutora.***

***E – E quais são?***

***R – Gostava de ter um bar mesmo meu, só meu.***

***E – Portanto, isso ainda é um objetivo que pretende cumprir.***

***R – É. Eu tenho, mas está fechado, e tenciono reabri-lo e pôr aquilo a trabalhar.***

***E – Uma última pergunta. Acha que a idade de um recluso. O facto de ser ... imaginemos. Você não tinha mesmo perspetivas de trabalho lá fora. Acha que a sua idade seria uma condicionante na sua reinserção?***

***R – Já é um bocado tarde. Nunca é tarde não é? Quarenta e três já é uma idade avançada para recomeçar alguma coisa, mas nunca é tarde.***

***E – Nunca é tarde. Há sempre uma esperança.***

***R – Há sempre uma esperança.***

***E – Obrigada.***

## **ANEXO III – Análise de Conteúdo**



Categorias	Subcategorias	Unidades de Análise	Unidades de Contexto
Conceção de Maturidade Prisional	Definições de Maturidade	Idade Cronológica Idade de experiência prisional	<p>- <b>R.A.</b> - <i>Velho é os cotas. (...) Velho é Velho. Novo é Novo.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>Um homem, depois dos cinquenta anos já começam a chamar velho e cota (...).</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>(...) um indivíduo, que é velho, enfim, mostra a sua idade (...).</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>Novo é aqueles que entram pela primeira vez.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>Novo na prisão é aquele que entra aqui de novo. (...) Pode ser um indivíduo com oitenta anos, esse é novo. Agora um indivíduo velho é aquele que infelizmente é o meu caso. Derivado à idade, é o tempo que já tenho disto.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>[Novo] É um recluso que acaba de entrar e um recluso [velho] que já está aqui há bastantes anos. (...) O reincidente já é considerado um recluso mais velho.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>Senhora doutora aqui tudo é igual.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>Aqui não há velhos e não há novos. Aqui não há velhos e não há novos.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>(...) há aqueles que, efetivamente, se intitulam os cadastradas e esses realmente pensam, porque já percorreram muitas cadeias, ou até têm muito tempo de prisão, intitulam-se mais que os outros. Mas não. Não passam de um recluso normal (...). O facto de estar preso, três ou quatro vezes, e outro uma, é um recluso normal.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>O velho? É o que tem mais idade na prisão. É o que tá cá há mais tempo ou cumpriu mais cana. Às vezes não é quem tem mais idade, porque imagine, pode entrar um ... pode entrar um homem de sessenta anos e só</i></p>

			<p><i>estar cá para cumprir dois meses de multa e pode tar cá um miúdo, um jovem de vinte e cinco, que desde os dezoito está preso. Esse sim é velho na prisão.</i></p> <p><i>- R.A. - Se é cadastrola, ou não cadastrola. Cadastrola é o gajo que já teve preso várias vezes, ou mais do que uma vez. (...) Aqui diz-se cadastrola, que já tá há mais que uma condenação (...) os primários, que são como eu.</i></p>
	Expetativas quanto ao papel exercido pelos reclusos mais novos e mais velhos	<p>Conhecimento das normas institucionais</p> <p>Continuidade da prática do crime</p> <p>Oportunidades de trabalho</p> <p>Estatuto/Poder</p> <p>Inexistência de papéis</p>	<p><i>- R.A. - Um recluso reincidente já sabe como é as normas de uma cadeia. Já sabe. Já tá mais informado do que um recluso primário.</i></p> <p><i>- R.A. - (...) aqui os mais novos (...) desviam-se um bocado e ficam na ilusão de ganza e até de querer roubar (...).</i></p> <p><i>- R.A. - (...) Penso que os mais novos têm mais hipóteses. São vistos de outra maneira e têm acesso a mais precárias e condicionais.</i></p> <p><i>- R.I. - Acham que os mais novos devem acatar as ordens dos mais velhos (...).</i></p> <p><i>- R.I. - Os novos é a irreverência da juventude que está sempre ao de cima. Portanto, os velhos fogem das confusões que os novos criam.</i></p> <p><i>- R.I. - Aqui não há papel nenhum a desempenhar. Os mais novos coitados. Novos na idade, outros novos aqui, pensam que isto é uma brincadeira. Depois os mais velhos por muito que o indivíduo, alguns deles também mais velhos são responsáveis, podiam-se dar ao respeito e não se dão. Portanto, praticamente, nada os distingue.</i></p> <p><i>R.I.- Não! É igual senhora doutora. É tudo igual.</i></p>
	Relação entre os reclusos mais novos e os mais velhos	<p>Respeito</p> <p>Interajuda</p> <p>Transmissão de conhecimentos</p>	<p><i>- R.A. - (...) respeitar sempre os mais velhos ... tanto que ... ou estando primeiro num sítio, sendo mais velho em idade (...) Se me respeitam, eu tenho de respeitar. Sendo mais velho, sendo mais novo (...).</i></p>

			<p>- <b>R.I.</b> - (...) estou a falar na parte de ser reincidente. Eu acho que isso não leva a ter um estatuto de, realmente, ser mais do que aquele que entra pela primeira vez, e aquele que também ... o respeito com a idade de velho para novo, ou de novo para velho, tanto é aqui como lá fora, não é?</p> <p>- <b>R.A.</b> - (...) aqui precisas dele, ele ajuda-te. (...) seja com quem for e é uma questão de respeito.</p> <p>- <b>R.A.</b> - (...) os mais novos respeitam os mais velhos.</p> <p>- <b>R.I.</b> - (...) Nas cadeias eles respeitam os mais velhos. Há muitas aqui ... pessoas de idade até aos sessenta, sessenta e um, sessenta e cinco que são deficientes, por exemplo ... ou porque não têm uma perna, andam de muleta e os mais novos ajudam. No próprio refeitório levam a comida e tal, e por aí fora (...).</p> <p>- <b>R.I.</b> - Acho que, só se for para transmitir conhecimentos a outros.</p>
	O valor da idade cronológica do recluso no meio prisional	<p>A idade cronológica como fonte e acumulação de experiências</p> <p>Probabilidade do recluso novo ser conflituoso</p> <p>Resistência física</p> <p>Diferença no comportamento para com os reclusos novos e velhos</p> <p>Facilidade na adaptação ao meio prisional</p> <p>Reclusos mais velhos não fazem</p>	<p>- <b>R.I.</b> - (...) Já temos mais idade. Já temos mais experiência. Já sabemos, pensamos já mais um bocado em relação ao mais novo. O mais novo é diferente. Não tem uma coisa a ver com a outra. É diferente, já tem mais experiência.</p> <p>- <b>R.I.</b> - (...) o mais velho, a idade ainda pesa um bocado. Agora o mais novo, o mais novo não. Andam aí todos à porrada, uns com os outros e tudo.</p> <p>- <b>R.I.</b> - Sabe, um recluso com a idade que eu tenho, não tem a resistência que tem um ... fisicamente, não tem a resistência. Não tem a mesma resistência, como se tivesse quarenta ou cinquenta anos, ou sessenta.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Uma pessoa com vinte e quatro, vinte e cinco anos, aqui dentro, é,</p>

		parte do sistema prisional	<p><i>como diz o português, aqui brincam agora, uma pessoa de idade já não é assim. Não tem tanta capacidade como nós.</i></p> <p><i>- R.I. - (...) quando são mais novos, eu acho que alguns guardas, não digo todos, mas algumas pessoas não têm o mesmo tipo de atitudes, do que quando é com uma pessoa mais de idade.</i></p> <p><i>- R.I. - Porque os mais jovens estão com o sangue na guelra, não é? Têm muito para dar. Os mais velhos já se adaptam melhor, mas é aquela ... quase reforma.</i></p> <p><i>- R.A. - (...) uma pessoa, quando entra, não conhece nada, entrou tapadinho.</i></p> <p><i>- NT - No decurso da conversa, a adjunta interrompe, dizendo “os reclusos mais velhos não são pessoas do sistema. Não têm o ritmo do cadastrala que está sempre a fazer petições”. Neste sentido, pelo que entendi os reclusos mais idosos não deviam ser inseridos neste meio e, por essa razão, apresentam dificuldades em manifestar-se quando têm algum problema.</i></p>
<b>Processo de adaptação do recluso adulto e idoso à instituição prisional</b>	Os sentimentos perante a reclusão	<p>Arrependimento do crime cometido</p> <p>Estranheza ao local</p> <p>Normalidade</p> <p>Alívio</p>	<p><i>- R.A.- Muito mal. Arrependido.</i></p> <p><i>- R.I - Não, porque eu não estou ... arrependido estou pela maneira que podia ter evitado a coisa (...).</i></p> <p><i>- R.A. - Muito complicado, porque eu não sabia o que era isto.</i></p> <p><i>- R.A. - Na realidade chorei. (...) Chorei. Desta vez chorei. Da primeira vez não.</i></p> <p><i>- R.I. – Frustrado.</i></p> <p><i>- R.A. - oh, senti-me mal, não é? Como todos, mas é só os primeiros dias.</i></p>

			<p>- <b>R.I.</b> - Não senti nada de especial. Entrei normalmente.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Senti-me um peixe fora de água ... como se diz em português.</p> <p>- Olhe, foi um alívio (...) Quando entrei, eu assustei-me. Aonde é que eu tou? Eu estou noutra mundo!</p> <p>- <b>R.I.</b> - Olhe, não me senti nada bem. Não me senti nada bem. Nem me sinto bem.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Não caí em mim, na primeira semana. Primeiro dia foi estranho, nunca pensei que viesse preso, até porque não fiz nada. Não acreditava. Ao primeiro, não. Tive uma semanita “hey tou aqui?”. (...) Não sinto. Tou preso! Ah! Sim, sei onde tou, mas nunca me senti inserido na prisão. Isto é umas férias para mim.</p> <p>- <b>R.I.</b> - (...) foi um trauma terrível.</p> <p>- <b>R.I.</b> - Péssimo. Nem imagina (...).</p>
	Conhecimento da realidade prisional	<p>Familiaridade com o contexto</p> <p>Desconhecimento da realidade prisional</p> <p>Ouvir falar</p>	<p>- <b>R.I.</b> - Sim. Evidente. Conhecia, mas não com este ... com esta ... Não com este conhecimento tão severo.</p> <p>- <b>R.I.</b> - Já ... Já conhecia. Já conhecia porque há muitos anos ... há quarenta e cinco anos eu não tinha carta, na altura, e fui condenado. Fui preso por guiar sem carta.</p> <p>- <b>R.I.</b> - Na primeira vez não. [Mas agora] Conheço perfeitamente.</p> <p>- <b>R.I.</b> - Não, nunca tive preso.</p> <p>- <b>R.I.</b> - Não, porque eu não tinha ninguém que estivesse preso. Não tinha relacionamentos com ninguém que estivesse preso. Que me lembre não tive. (...) O que eu ouvi-a falar ou que constava, a vida numa prisão que era dura,</p>

			<p><i>que era complicada. Enfim, e eu, realmente, ficava preocupado, se um dia viesse preso. Ficava, quando pensava nisso.</i></p> <p><i>- R.I. – Não.</i></p> <p><i>- R.A.- Já sabia para o que vinha. E foi a situação, da maneira como ela foi ... foi mesmo arrancar um bocado. Eu tava mesmo parado, com todos os tipos de crime.</i></p> <p><i>- R.A. - Não [conhecia]. Quando vim ... quando entrei aqui na cadeia ... eu encarei-me com aquelas portas e não sabia qual era a minha porta. Era! Quando entrei, eu assustei-me. Aonde é que eu tou? Eu estou noutro mundo!</i></p> <p><i>- R.A. - Não [conhecia], só ouvia falar, mas pensava que era como nos filmes, essas séries “Prison Breake”. Não sei quê (...) pensava que tinham de comer papa, não é que a comida seja muito diferente, mas tinha outra noção. Agora, que estou aqui, a realidade mudou.</i></p> <p><i>- R.A. - O que eu ouvi-a falar ou que constava, a vida numa prisão que era dura, que era complicada.</i></p> <p><i>- R.A. - Quer dizer ... tinha uma noção. Amigos e tive fins de semana a cumprir, mas fins de semana para prisão afetiva, é totalmente diferente.</i></p> <p><i>- R.A. - Já. Já. Por conversas de outros reclusos que já tiveram reclusos. Já tinham uma ideia do que era a realidade prisioneira.</i></p>
	Fatores que influenciam o comportamento adaptativo de um recluso adulto e de um recluso idoso	<p>O stress</p> <p>O fortalecimento/enfraquecimento da retaguarda familiar</p> <p>A privação de liberdade</p>	<p><i>- R.A. - Um exemplo de uma pessoa ser mais stressada, porque a cadeia não dá mais oportunidades aos reclusos, stressante.</i></p> <p><i>- R.A. - O facto de ter um grande apoio. Ter a família a dizer que está sempre comigo, os amigos. Acho que se não tivesse, apesar de eu ser forte</i></p>

		<p>O espaço diminuto da cela</p> <p><i>mentalmente, mas acho que se não tivesse, a minha conduta não era a melhor aqui dentro.</i></p> <p><i>- R.A. - (...) olho para trás, foram três anos, sim, é verdade. Entrei com vinte, a fazer vinte e um ... olho para trás ... não posso. Se calhar, é derivado ao apoio, ao grande apoio que eu tenho. Mãe, minhas irmãs, família toda, primo, prima, tio, avó ... porque, se não tivesse esse apoio, podia tar noutra situação ou podia não ser a mesma pessoa que sou agora, porque a cadeia muda as pessoas.</i></p> <p><i>- R.A. - É a minha força, a minha família lá fora. Tenho visitas regularmente, todas as semanas tenho visita.</i></p> <p><i>- R.A. - Aproximei-me muito mais da família toda. Primas que eram só primas que nos encontrávamos numas festas, filha da tia tal ... muito mais próximo e a família ... eu é que estou em pior situação. Todos os meus primos estudam. Eu tenho uma família grande ... primos estão na faculdade, todos estão bem. Eu sou o único ... até a minha irmã tá na faculdade ...</i></p> <p><i>- R.A.- Sim. Sim. Sim. Sou acarinhado pela família. Completamente. Estão sempre preocupados comigo e tão mais afetos a mim agora, do que antes de vir preso.</i></p> <p><i>- R.A. - Com a família? Ya, houve. (...) Tipo, uma tia minha que nem me vi-a nem nada, começou a vir aí. Eu deixei ver. Pode morrer a velha, não é? É verdade.</i></p> <p><i>- R.A. - Ao nível de amigos, as pessoas já ficaram um pouco de pé atrás. A nível familiar foi como lhe disse, doutora ... separei-me e a nível psicológico</i></p>
--	--	--

			<p><i>há mazelas, que não revertem sempre aquela revolta.</i></p> <p><i>- R.I. - A mim, afetivos, pus uma pedra sobre o assunto em relação à família que estava ligado.</i></p> <p><i>- R.I. - Olhe a minha mãe prontos. A primeira vez que entrei aqui era um ferrinho, digamos assim. Depois, de quem recebo mais visitas, é da minha filha. Mas só vem cá quando eu quero, porque eu convivo com ela. A minha ex-mulher vinha sempre visitar-me, veio sempre até vir preso e ela disse e com razão. Já chega de ir visitar-me a Custódias.</i></p> <p><i>- R.I. - Os amigos, sabe, os amigos afastam-se, afastam-se, sempre, quando o indivíduo vai para a cadeia. Afastam-se sempre. Agora, em relação a isso, não quer dizer que deixo de ser amigo deles. Quando eu chegar, eles abraçam e não sei quantos e tal, mas a vida é muito difícil. É muito complexa. As pessoas não se querem comprometer com nada.</i></p> <p><i>- NT – Um recluso entrou no gabinete preocupado, pois a sua relação com a namorada encontra-se em ‘standby’. “Estou preso e já tenho os meus problemas, agora aturar os problemas dos outros e não conseguir fazer nada? Isso não dá para mim”.</i></p> <p><i>- R.A. - Psicologicamente uma pessoa está privada de liberdade não tem a liberdade. Sei que quando chegar lá fora que a lib ... que a realidade é outra.</i></p> <p><i>- R.I. - Influencia de certa forma, influencia, porque uma pessoa está privada de liberdade e eu gosto de espaço ... e uma pessoa está restrita àquela área. Uma área diminuta.</i></p> <p><i>- R.I. - Não me influencia nada. Estou perfeitamente normal ... ando sempre</i></p>
--	--	--	---



			<p>calmo. Não.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Aproximei-me muito mais da família toda. Primas que eram só primas que nos encontrávamos numas festas, filha da tia tal ... muito mais próximo e a família ... eu é que estou em pior situação. Todos os meus primos estudam. Eu tenho uma família grande ... primos estão na faculdade, todos estão bem. Eu sou o único ... até a minha irmã tá na faculdade ...</p> <p>- <b>R.A.</b>- Sim. Sim. Sim. Sou acarinhado pela família. Completamente. Estão sempre preocupados comigo e tão mais afetos a mim agora, do que antes de vir preso.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Com a família? Ya, houve. (...) Tipo, uma tia minha que nem me vi-a nem nada, começou a vir aí. Eu deixei ver. Pode morrer a velha, não é? É verdade.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Regularmente, a minha família está sempre aí, todas as semanas.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Nunca me falharam, tenho a minha lista cheia. Os cartões cheios.</p> <p>- <b>R.A.</b> -Dentro das visitas, é! E o telefone.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Tenho, mas isso é só família. É as pessoas que me vêm visitar são as minhas filhas e a minha ex-mulher.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Sempre. Vêm amigos, vêm sempre pessoas, mas eu não troco os amigos pela minha esposa e pelo meu filho. Isso, pode estar aí os melhores amigos da minha vida, mas a minha esposa e o meu filho é que tenho que ver.</p> <p>- <b>R.I.</b> -A nível de amigos, têm-me vindo visitar e a nível familiar, o meu neto, etc. que me adora (...) Aliás, o meu neto vinha, mas, depois, a partir do</p>
--	--	--	--

			<p>falecimento do meu filho, do pai, a partir daí ele, pronto.</p> <p>- <b>R.I.</b> - Só com a minha mãe. Só por telefone. Visita ... ah ... visita, eu pedi-lhe para ela não vir cá mais.</p> <p>- <b>R.I.</b> Tenho [visitas] dos meus filhos, amigos e da minha companheira.</p>
	<p>Transformações na perceção do eu</p>	<p>Impotência na ajuda familiar Criação de objetivos de vida Crescimento pessoal</p>	<p>- <b>R.A.</b> - Agora sinto que não posso prestar apoio à família e é um vazio que se cria e o tempo não volta para trás. Tou a perder mais uma vez a companhia dos meus entes queridos e tento manter o mais forte possível, que é para não descambar e não tornar o problema pior.</p> <p>- <b>R.I.</b> - Como disse à menina, estava a dizer há bocado, era eu sozinho. O sustento da família. Felizmente, não faltava nada. Depois disso, claro, uma pessoa fica limitada de muita coisa, não é?</p> <p>- <b>R.A.</b> - Antes de entrar na prisão era um jovem, um puro jovem português que ... a vida era noite, a vida era curtidão. Se calhar posso dizer que não tinha objetivos, apesar de estar na escola, de ter tirado o 12.º ano em desporto e querer seguir a faculdade, mas não tava assim com grandes objetivos. Entrei. Considero que estou mais maduro, eu e os meus, mais concentrado, mais preparado para a realidade que vou enfrentar, que eu sei que para mim não vai ser fácil, mas ao mesmo tempo vai ser fácil, porque se uma pessoa não tentar não consegue e, por um lado foi bom ter entrado, porque eu acho que estava um bocado à toa.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Mais maduro com a própria vida. Se me perguntar a mim, se eu quero regressar aqui ... nem eu nem ninguém, acho eu.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Oh. Antes. Prontos. Como eu sou solteiro e não tenho filhos, nem</p>

		<p>nada. Tinha uma vida. Só que agora penso de maneira diferente. Claro, já que também a idade vai passando, uma pessoa vai refletindo na vida. Sinto-me com mais capacidade e com outros projetos mais ... com uma convicção, mais de que quero levar uma vida digna e tou muito arrependido daquilo que eu fiz.</p> <p>- <b>R.I.</b> - Ora económica ... é complicado, porque, realmente, se ninguém ganha não é? (...) na outra parte eu acho que, quando nós estamos aqui na cadeia, uma das coisas que nós sentimos mais é realmente a ligação à família, ou seja, eu, neste momento ... pronto, não tive oportunidade de acompanhar o meu filho, nos últimos dias da vida dele, de estar perto dele, de estar junto dele e isso custou-me imenso. Não tive oportunidade, nem sequer de ir ao funeral. Só fui à igreja. Não tive oportunidade sequer de o visitar ao cemitério, não tive oportunidade de apoiar a minha mulher, porque imagino o sofrimento que ela tem, de ver um filho falecer e eu estar aqui preso.</p> <p>- <b>R.I.</b> - Claro que alterou. Os anos vão passando, não é? As pessoas também. Eu, pelo menos, sinto-me diferente, penso diferente. Vejo o dia-a-dia totalmente diferente. (...) e sinto-me muito arrependido daquilo que já fiz (...).</p> <p>- <b>R.A.</b> - (...) ao sair em liberdade, eu vou ser exatamente a mesma pessoa. Não vou errar os erros que eu cometi. Claro que não vou cometer os mesmos erros.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Alterou doutora e bastante. Na vida familiar descambou. (...) Na vida dos meus filhos notou-se, porque o aproveitamento escolar ... não foi o mesmo e sinto-me como impotente para reverter a situação.</p>
--	--	--

	Comportamentos adaptativos dos reclusos adultos e dos reclusos idosos	<p>Aquisição de comportamentos ilegais</p> <p>Fuga aos conflitos</p> <p>Não Pensar</p> <p>Criação de rotinas</p> <p>Fuga aos consumos de substâncias estupefacientes</p> <p>Criação de laços com os reclusos</p> <p>Foco nas atividades laborais e educativas</p>	<p>- <b>R.A.</b> - <i>Aqui, a escola do crime, quando sair sai com habilitações criminais, sai graduado, sai com mestrado, já é doutor.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>Os mais velhos, na minha opinião, os cotinhas como nós os chamamos ou cotas, não querem confusões, porque já não têm idade para isso.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>Reintegrando-me aí (...) na selva.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>Pensar o menos possível, abstrair-me do mundo lá de fora, o máximo que possa, e fazer o máximo de desporto.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>É o ritmo. É ir ao refeitório comer ... vir para dentro, treinar um bocadinho para rotina. Às nove e meia é fechado. Quem tem ginásio, vai para o ginásio vem e prontos. É assim a rotina.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>ah ... como é que eu hei de dizer (...) eu costumo dizer que a maneira mais fácil de encarar a cana, de enfrentar a pena, é estar ocupado, não se meter em problemas e evitar consumos.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>Dar-me bem com toda a gente e, quando chegar ao ponto de eu ver que as pessoas tão muito agressivas, porque a gente sabe que as pessoas são agressivas. Porque isto é uma cadeia, não é um jardim infantil, tentar-me afastar, tentar-me meter dentro da cela para as confusões não se virarem para mim, porque não é o meu mundo.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>A técnica que eu tenho é esta. Eu, pela experiência que eu tenho disto, só a idade e, fundamentalmente, a experiência que eu tenho da cadeia, obriga-me a que eu saiba escolher as pessoas com quem eu deva falar. Não é com qualquer um. Saiba escolher, saiba contactar, porque a amizade, a gente escolhe-as, não as conquista. A gente escolhe os amigos, não se conquista</i></p>
--	---	---	---

			<p><i>através disto ou daquilo. Portanto eu escolho aquelas pessoas que, efetivamente, eu veja com quem possa dialogar, ter uma conversa. Não é falar. Falar, fala-se com qualquer um. Ora conversar não, conversar.</i></p> <p><i>- R.I. - Não quero misturas.</i></p> <p><i>- R.I. - (...) é não criar conflitos com ninguém, ter o máximo de educação com as pessoas, respeitá-las.</i></p> <p><i>- R.I. - Estudar, trabalhar e lutar para sair daqui o mais rápido possível.</i></p> <p><i>- R.I. - Há apenas a compreensão ... a compreensão das situações e há sobretudo a força de ânimo (...).</i></p>
	Dificuldades sentidas pelos reclusos adultos e reclusos idosos	<p>Ausência de uma figura feminina</p> <p>Restrição de espaço</p> <p>Utilização do telefone</p> <p>Fraco apoio jurídico</p> <p>Condição financeira (valorização do trabalho em prol do aumento da escolaridade)</p> <p>A pena de prisão a cumprir</p> <p>Remuneração do trabalho prisional</p> <p>Alimentação proporcionada pelo refeitório</p> <p>Serviço médico prestado pela equipa técnica de saúde</p>	<p><i>- R.A. - Olhe, falta de uma mulher. Nota-se e ... é falta de vida, doutora ... a gente aqui parece um zombie.</i></p> <p><i>- É aquele espaço restrito.</i></p> <p><i>- R.I. - Ora em termos de prisão, praticamente, aqui, nós temos tudo de boca e da prática não temos nada.</i></p> <p><i>- R.A. - O facto de só podermos ter chamadas de cinco minutos. Ah ligo para quem? Quero ligar para a minha avó não dá. Ligo para a minha mãe. Se ligar para a minha irmã não posso ligar para outro. Se ligar para a minha mãe tem de estar com a minha irmã para poder falar com ela.</i></p> <p><i>- R.I. - (...) esta situação dos telefonemas. Isto do telefone acho que é muito pouco, porque a pessoa tem que ligar, eu por exemplo, eu quero ligar para os meus pais, se quero ligar para outro sítio, para tratar de algum assunto do tribunal, ou outra coisa qualquer, não posso fazer, e facilitarem nisso.</i></p>

			<p>- <b>R.A.</b> - Uma pessoa saber que tem um ou dois familiares doentes e não poder dar aquele apoio e poder ajudá-los, é complicado. Depois, aqui é muito restrito. Uma pessoa ter comunicação com eles. A partir ... logo a partir do começo, uma pessoa só tem cinco minutos para ligar. Uma pessoa nunca sabe se tão bem, se não tão.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Mais apoios. Apoios jurídicos.</p> <p>- <b>R.A.</b> - É eu poder estudar mais, mas não posso, porque também optei por trabalhar porque preciso. Tenho poucas visitas e sinto-me obrigado a trabalhar mais do que estudar. Gostava de estudar mais para completar o resto da escolaridade, para eu me submeter a estudar e completar o décimo. Só que agora ...</p> <p>- <b>R.I.</b> - A dificuldade aqui é que ganho muito pouco. É, eu precisava de ganhar mais alguma coisa porque há uma parte do dinheiro que fica de lado. (...) E esse dinheiro não vai chegar, porque sou reformado depois de estar lá fora, não é?! (...) Portanto, quanto mais dinheiro eu tivesse aqui na reserva, melhor para mim. Eu chego lá fora e é começar do zero outra vez.</p> <p>- <b>R.A.</b> - No meu dia-a-dia é pensar a cana que eu tenho ...</p> <p>- <b>R.I.</b> - Dificuldade é ... é, aqui as dificuldades é a alimentação, porque não é devidamente confeccionada. A higiene, também, fica muito, muito aquém daquilo que estava habituado (...) Está bem que em casa podíamos escolher, aqui temos que comer aquilo que nos dão. (...) é na parte alimentar que aqui ... eu sei que estou numa cadeia, que à partida não podia desejar muito, que isto a nível alimentar fosse muito bom, mas sei que não estou em nenhum</p>
--	--	--	---

			<p><i>hotel, mas acho que podiam melhorar.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> – <i>Dificuldades ... nós devíamos de ter uma medicina melhor. Anda aqui com os dentes ...</i></p> <p>- <b>NT</b> - <i>Além do referido, é notória a insatisfação que apresenta para com a higienização nos pavilhões e a comida confeccionada no refeitório, “você vai até ao refeitório, vê a ementa e em sete dias só um é que é carne, os outros seis é peixe. Já aconteceu aparecer baratas na comida”.</i></p>
	Fatores que provocam o stress dos reclusos (adultos e idosos) em contexto prisional	<p>A espera do atendimento do T.S.R.</p> <p>As características pessoais e os comportamentos incorretos dos reclusos</p> <p>A privação de liberdade</p> <p>A rutura da ligação com a família</p> <p>A solidão</p> <p>A relação do recluso com o guarda prisional</p> <p>Os negócios ilícitos</p>	<p>- <b>R.A.</b> - <i>Ansiedade. Ansiedade mata psicologicamente um homem, porque a gente quer ... a ansiedade de estar à espera que venha um perdão, ou tar à espera. Ah ... exatamente, ou, por exemplo, tar sempre à espera que a doutora me chame para fazer relatórios.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>Ora bem, o que provoca mais stress ... que eu vejo é realmente um recluso querer algo e não ser atendido. Eu posso-lhe dar exemplos, não só de guardas, não só de guardas que às vezes chegam lá e eles, por tudo e por nada, querem implicar com eles e dizem que não, etc. e coisas que às vezes são fáceis de resolver e isso ao que leva? Leva que o indivíduo já está no estado que não é normal e ainda fica pior.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>Injustiças, certas atividades de guardas. Certas falhas do sistema e, sempre que puder contornar o sistema, vou contornar.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>É certos reclusos que às vezes são complicados de levar com eles. É um bocado chato. Uma pessoa explica-lhes, uma, duas, três, quatro vezes e</i></p>

			<p>não entendem e uma pessoa tem de continuar a explicar a mesma coisa. É complicado.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Ora ... fatores físicos. Estar sempre fechado é stressante. Psicológicos, o excesso de medicamento que eu penso que ...</p> <p>- <b>R.A.</b> - Ah ... é ser fechado, não é? Custa às sete horas, mas, também, são aqueles dez minutos. (...) É estar privado de liberdade.</p> <p>- <b>R.I.</b> - (...) há pessoas que têm uma vida familiar lá fora, faz com que eles psicologicamente aqui sejam afetados. Os casados ou que namoram sentem-se afetados, porque é muito diferente saberem que não estão com a esposa, com a namorada, com os filhos e tudo, afeta-os psicologicamente.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Aqui, é estar sozinho, numa cela. Estar muito tempo dentro da cela e ... sempre a tomar qualquer coisa para a cabeça ... e estar muito tempo na solidão. Aqui é a solidão.</p> <p>- <b>R.A.</b> - (...) é os guardas senhora doutora aqui dentro, só mais nada.</p> <p><b>E</b> – Se por exemplo eu tiver uma má relação com um guarda, posso não estar seguro ... ele pode-me fazer alguma coisa? Isso acontece?</p> <p><b>R.A.</b> – Acontece.</p> <p>- <b>NT</b> - Quando cheguei ao pavilhão comuniquei ao guarda de serviço que pretendia chamar um dos reclusos do pavilhão e o guarda atendeu o meu pedido, pediu ao faxina do pavilhão para chamar o recluso que estava dentro da cela. Enquanto esperava, o serviço de enfermagem estava a dar a medicação aos reclusos daquele pavilhão e, entretanto, surge um recluso a correr porque estava atrasado. O guarda dirige-se ao recluso dizendo-lhe:</p>
--	--	--	--



			<p><i>“Você anda a falhar, ninguém tem de esperar por si. Este mês já falhou três vezes. Se não se endireitar, no mês de Fevereiro quem lhe endireita sou eu!”</i></p> <p><i>Aqui verificou-se o poder exercido da autoridade, neste caso, do guarda para com o recluso. Consta que os guardas, por vezes, utilizam o seu poder para agredir fisicamente os reclusos e colocá-los na ‘ordem’. Com o que presenciei enquanto esperava pelo recluso, pareceu-me que o discurso do guarda previa uma agressão física se o recluso não se comportar daqui em diante.</i></p> <p><i>- R.A. - Mesmo cá dentro cometem muitos crimes ... aqui dentro, mesmo. Se é preciso dar uma facada a uma pessoa dá uma facada mesmo ... prontos e eles quando .... Refugio-me mais dessas coisas.</i></p> <p><i>- R.A. - De uma forma, ou de outra, se a gente não se meter por atalhos não se mete em trabalhos, não é? (...) Meter-se em dívidas, meter-se em drogas, principalmente essas.</i></p> <p><i>- R.I. - O indivíduo anda aí, como a gente diz, com a roda no ar ... está sujeito a muita coisa.</i></p>
<b>O Percurso Prisional de um recluso adulto e de um recluso idoso</b>	O dia-a-dia de um recluso adulto e de um recluso idoso	<p>Participação nas atividades socioculturais, educativas e laborais</p> <p>Participação no Programa “Construir um Plano de Prevenção e de Contingência”</p> <p>Convívio com os restantes reclusos</p>	<p><i>- R.A. - (...) ocupo isto a ler, ouço muita música, vejo muitos filmes para ficar ligado à realidade, novidades musicais. Gosto de ver filmes para, também, ficar culto. Leio bastante. Ocupo o meu tempo. Bem, jogo à bola, às vezes vou ao ginásio (...).</i></p> <p><i>- R.A. - Jogo futebol, de segunda a sexta, e vou ao telefone ... só isso. (...) Jogo damas mais nada doutora.</i></p> <p><i>E – E que outro tipo de atividades você participa?</i></p>

		<p>Monotonia diária</p> <p>Auxílio nos procedimentos jurídicos</p>	<p><b>R.A.</b> – <i>As que aparecem.</i></p> <p><b>E</b> – <i>por exemplo, agora está na Contingência, não é?</i></p> <p><b>R.A.</b> – <i>É.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>Senhora doutora, eu dentro dos possíveis, passo o meu dia-a-dia a praticar desporto e essas coisas. (...) Tenho a playstation e começo, ali, a jogar. (...) Participo é nos jogos de futebol, ginásio a coisa de apanhar peso ... é um recorde de peso e ... a rotina.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>Eu entretenho-me. Convivo. (...) Não sei se é socioeducativo, mas tenho um projeto musical da qual faço parte, do estabelecimento prisional. Tenho a atividade da música com a PELE e acho que é só. (...) Ah, sim, estou no torneio [de futebol].</i></p> <p>- <b>R.A.</b> <i>Um bocado saturante. Nada para fazer ... não há nada ... saturante.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>Nada para fazer. Tou com sorte, que tou a participar ...</i></p> <p><b>E</b> – <i>Participar no programa das Contingências.</i></p> <p><b>R.A</b> – <i>Exatamente. Tou com sorte sobre isso, mas não há nada. A gente pede alguma coisa ... dentro da cadeia eles não nos dão nada. (...) Pedir trabalho ... não me dão trabalho.</i></p> <p>- <b>R.A.</b> - <i>O meu dia-a-dia ... até nem me posso queixar muito. Levo um dia-a-dia .. é trabalhar. (...) Tenho a escola, tenho o desporto, tenho a leitura da biblioteca e é só, porque também o trabalho, a mim, prende-me muito.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>O meu dia-a-dia é muito semelhante àquele que eu tinha lá fora. O meu dia-a-dia é sempre com sentido de ir trabalhar.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>O meu dia-a-dia é, sabe como é, isto é monótono, porque, se eu ando a</i></p>
--	--	--	--

			<p><i>aproveitar a escola, ... a escola (...). Leio, leio, leio livritos. Tenho livros.</i></p> <p><i>- R.I.- (...) tenho um dia normal de trabalho. (...) faço a vida dentro da prisão o melhor possível. Portanto, com a convivência, falo com as pessoas de determinados assuntos, de determinados temas (...). Ando ali nos torneios dos jogos de xadrez, fazem ... além disso leio muito e escrevo muito. Aliás, até escrevo, não só para mim (...) Que me pedem uma ajuda para escrever umas cartas para os tribunais, para aqui e para acolá. E pronto, e passo o tempo e faço o meu trabalho na biblioteca (...).</i></p> <p><i>- R.I. - Venho para a escola.</i></p> <p><i>- R.I. - (...) vou à biblioteca. Faço desporto. Vou à biblioteca quando a situação laboral permite e ... trabalho na cozinha. Quando as situações ... ando no torneio até. Futebol de salão ...</i></p> <p><i>- R.I. - Olhe, eu faço, vou fazendo umas cartas para este, umas cartas para aquele. Conforme. (...) Vou vendo processos e dando alguns esclarecimentos. Portanto, daquilo que eu posso e sei. Enfim. E é assim que eu passo o tempo.</i></p>
	Perceção da prisão antes da reclusão	<p>Imagem negativa da prisão</p> <p>A prisão como um local de punição</p>	<p><i>- R.A. - Muito má.</i></p> <p><i>- R.A. - Hey ... a prisão deve ser ... uma palavra. Miséria.</i></p> <p><i>- R.A. - Muita coisa. Muita coisa má. Só tinha muita coisa má e eu esperava que são pessoas que cometem muitos crimes e eu só tinha isso na cabeça e venho para uma escola de crimes. Não venho para aqui aprender nada.</i></p> <p><i>- R.A. - A opinião que tinha, é que podia acontecer a todos. Não é? Pensei que fosse mais pesado daquilo que é.</i></p> <p><i>- R.A. – Pensava que nunca havia de ser preso. Muita coisa má.</i></p>

			<p>- <b>R.A.</b> - <i>Oh, sei lá. (...) Opá, não tinha medo.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>O caso da prisão é para quem faz asneiras. Portanto é ... só está aqui quem ... para pagar o que fez.</i></p> <p>- <b>R.I</b> (...) <i>era assustadora. Pensava que matavam uma pessoa de cinco em cinco minutos. Não era assustadora, pensava que isto realmente era terrível, que se vivia aqui muita violência e que iria ter muitos problemas.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>Eu ouvia dizer, sempre, que isto não prestava.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>Eu sempre pensei que a prisão deveria ser aproximadamente isto.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>Claro que a droga. Claro que, como tinha e como tenho agora, e, como tinha na altura, é a mesma coisa. O crime tem de ser punido.</i></p>
	Perceção da prisão durante a reclusão	<p>Escola do crime</p> <p>Semelhanças com um parque infantil e com um asilo de Terceira Idade</p> <p>Limitações nos direitos dos reclusos</p> <p>Imagem negativa do funcionamento da prisão</p> <p>A sobrelotação</p>	<p>- <b>R.A.</b> - <i>Não, vi sim, não é mau. Mas nem tudo é mau, porque há biblioteca. Uma pessoa que queira ler, queira se tornar culta, queira fugir do meio criminal, consegue-se não se misturar. Se se desviar, mas se continuar no meio, não posso mentir, já vi muita coisa, não sabia metade. Não conhecia nem tinha noção de que o mundo era isto. Muito crime. É uma escola do crime.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>Ah! Mudou muito como já lhe disse. Estive preso há quarenta e cinco anos ... mudou em tudo. Não tem nada a ver. Porque no meu tempo era mesmo prisão e agora com toda a sinceridade, aqui a Cadeia de Custóias, para mim tem dias aí que parece um parque infantil. É. Um parque infantil. E há ali um pavilhão que eu chamo-lhe o asilo do terço porque é só idosos.</i></p> <p>- <b>R.I.</b> - <i>Sempre me convenci que a prisão que podia ser má. Por exemplo, na questão da alimentação e isso podia ser bem melhor, não é? Mas em termos</i></p>

			<p>gerais tinha que ser isto.</p> <p>- <b>R.I.</b> - (...) o que há na prisão, há certas limitações, uns têm tudo outros não têm nada. (...) isto aqui, o ser humano aqui passa, é quase abaixo de cão. O resto é abaixo do ser humano.</p> <p>- <b>R.I.</b> - É isto que não presta para nada. Não ensina nada a ninguém.</p> <p>- <b>R.I.</b> - (...) os reclusos são o alimento do povo e o povo tem os seus tentáculos. Portanto, os reclusos são o alimento porquê? Porque isto já é uma obrigatoriedade das cadeias, estarem sobrelotadas, as cadeias estarem cheias.</p>
	Perceção do percurso	<p>Os castigos</p> <p>Um percurso isento de reparos</p>	<p>- <b>R.A.</b> - Entrei. Aos seis meses tive logo um castigo.</p> <p>- <b>R.A.</b> - É positivo ... é.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Fiz um bom percurso da primeira vez. Fiz o 12.º incompleto. Sou uma pessoa regular, tento não me meter em problemas.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Boa. Um bom percurso. Foi exemplar, o meu percurso (...) não. Não tenho problemas. Não sou problemático. Não tenho problemas é. Não fujo às regras ... mesmo.</p> <p>- O meu percurso eu avalio bem, senhora doutora. Está muito bem.</p> <p>- <b>R.I.</b> - Eu acho que ninguém tem que dizer nada de mim, porque o meu percurso aqui dentro, eu acho que não pode ser mais exemplar. Nunca infringi nada, nunca meti nada na cela que fosse ilegal (...) Portanto, por isso é que eu procurei, realmente, fazer um percurso dentro da cadeia que me permitisse, realmente, não digo ter um estatuto, mas pelo menos, que fosse bem visto, não é?</p>

			<p>- <b>R.I.</b> - É positivo. Não. Não. Tive uma repreensão com um indivíduo que tentou fugir (...).</p> <p>- <b>R.I.</b> - Não, tem sido ... acho que tem sido neutro.</p>
<b>A Reinserção Social do recluso adulto e do recluso idoso</b>	Expetativas futuras de reinserção na sociedade dos reclusos adultos e reclusos idosos	<p>Inexistência de reinserção social</p> <p>Recomeçar do zero</p> <p>Dificuldade na adaptação ao meio livre</p> <p>A criação de rótulos</p>	<p>- <b>R.I.</b> - (...) a perceção que eu tenho disto é que não há reinserção social nenhuma e como não há reinserção as pessoas são postas em liberdade. São atiradas às feras e pá portaste-te mal, vens cá para dentro.</p> <p>- <b>E</b> – Acha que a sua reintegração vai ser difícil?</p> <p><b>R.A.</b> – Um bocado. Ser sincero, um bocado.</p> <p><b>E</b> – Porquê?</p> <p><b>R.A.</b> – Porque acho que nunca me vou reintegrar na sociedade.</p> <p>- <b>R.A.</b> - Mais uma vez, a recomeçar do zero, ou do zero nunca recomeço, porque tenho alguma coisa para recomeçar, não é? Mas, mais uma vez, é recomeçar e deitar tudo para trás das costas e esquecer o mal bocado que passei.</p> <p>- <b>R.A.</b> - (...) a adaptação até pode ser complicada, mas complicado ... ah, estranho ... rua ... posso estar deslumbrado ... hey muita coisa mudou. São três anos. Pah, muita coisa mudou. Faziam obras, abriam um café novo, loja ... isto acredito que esteja muito diferente.</p> <p>- <b>NT</b> – O recluso J referiu que “no exterior fecham-se muitas portas” e que sofrem exclusão por parte da sociedade por serem ex-reclusos.</p> <p>- <b>NT</b> – Ao longo do diálogo estabelecido em torno da temática da contingência, um dos reclusos comentou o facto da reinserção social, da</p>

			<p>reincidência e da estigmatização. “Quando sairmos daqui somos esquecidos na sociedade. Temos de voltar para o crime. Lá fora somos rotulados”. No decurso do cumprimento de pena de prisão, os reclusos são acompanhados por um técnico da D.G.R.S.P. e após a sua liberdade são encaminhados para uma técnica do Instituto de Segurança Social da sua área de residência. Este recluso considera que este acompanhamento não é eficaz, pois quando saem não têm um trabalho e uma casa. Por vezes, os reclusos interpretam erradamente o acompanhamento que lhes é ativado pois, não é somente da responsabilidade desse técnico encontrar um emprego e proporcionar melhores condições de vida após o retorno à sociedade. Quando o recluso partilhou este pensamento, outro recluso ripostou, “nós estamos mal habituados, não temos que pedir esmolas! Quem nos rotula somos nós!”.</p> <p>- <b>NT</b> - Durante a realização da dinâmica foi visível o descontentamento dos participantes em relação à questão da reinserção social. Para uns “a reinserção é uma fachada, muitos saem daqui e não têm apoio”, para outros “o mal é que vamos pelo caminho mais fácil e às vezes não é o trabalho, o que não falta é trabalho, as pessoas querem é emprego”, “eu quando saí em 2009 passado uma semana estava a trabalhar”. Além disso foi comentado por um recluso que “toda a gente vive direta ou indiretamente do crime” e por essa razão a reinserção é difícil por não escolherem o melhor caminho a seguir.</p>
	Sonhos e objetivos	<p>Construir uma família</p> <p>Criação do próprio emprego</p>	<p>- <b>R.A.</b> - Sim, principalmente constituir família. Constituir uma família, que é o meu maior sonho. Só que antes não pensei nisso, porque não tinha</p>

		<p>Viajar</p> <p>Obter uma formação superior</p> <p>Ser Feliz</p> <p>Promessas religiosas</p> <p>Garantir a estabilidade profissional dos filhos</p>	<p><i>possibilidades para ter uma namorada, casar e ter um ... filhos, para depois tar a dar trabalho.</i></p> <p><i>- R.A. - Gostava de ter um bar mesmo meu, só meu. (...) É. Eu tenho, mas está fechado, e tenciono reabri-lo e pôr aquilo a trabalhar.</i></p> <p><i>- R.A. - Tenho sonhos, senhora doutora ... é ter um filho com a minha mulher. (...) Arranjar um trabalho em condições para sustentar a minha casa, senhora doutora, e não faltar nada no dia-a-dia, mais nada.</i></p> <p><i>- R.A. - Quero viajar para alguns países. Conhecer alguns países como a Holanda, Austrália, China, Ásia, Brasil futuramente. O que eu quero? Quero levar a minha irmã mais nova à Disneyland. Vou levar para o ano, 2017 a Paris. Quero-me formar. Tenho alguns sobrinhos ... tenho alguns sonos. Não digo que cumpra todos mas ...</i></p> <p><i>- R.A. - Olhe digo-lhe com toda a sinceridade. Apesar de ser quem sou, tenho a idade que tenho, o meu objetivo é chegar lá fora e trabalhar outra vez, arranjar trabalho.</i></p> <p><i>- R.I. - (...) quero montar um centro de exames de condução e, depois, vou fazer um edifício. Vou fazer um hotel com restaurante, danceteria, armazenzinhos e ... e ... que mais? Esquece-me uma quê? Como se chama aquilo? Aquilo que fica muito grande, com mil e quinhentos metros, seis pisos. Estou a pensar fazer seis pisos com mil e quinhentos metros cada um ... para um lar de idosos também.</i></p> <p><i>- R.I. - Tenho. Tenho sonhos por cumprir e julgo eu os vou realizar. Um deles, pronto ... a minha atividade ... atividade que eu vou sempre manter e há dois</i></p>
--	--	--	---



			<p>sonhos que eu sempre desejei e que já há muito eu não fazia e eu quero abrir um restaurante (...) na zona da Foz. Tinha outra ideia, também, porque eu tenho um contacto de um amigo meu que está em Itália (...) ele é diretor de uma empresa de café (...) e ele tinha-me falado que essa marca não está em Portugal e, então, falou que, quando eu quisesse para ir lá e tal ... para trocarmos impressões para lançar essa marca de café em Portugal.</p> <p>- <b>R.I.</b> - Neste momento é ser feliz ... é ser feliz e viver o dia-a-dia com saúde e à beira dos meus familiares.</p> <p>- <b>R.I.</b> - (...) tenho um sonho por cumprir que ainda não cumpri ainda. (...) Tenho que ir a Fátima a pé que não fui. É uma promessa que eu tenho.</p> <p>- Ainda tenho. Ainda tenho este, que nunca pensei que chegava a esta altura e ia para a prisão, para não poder cumprir o sonho de pôr as minhas filhas, os meus filhos, digamos com estabilidade de trabalho. Não quero mais nada.</p> <p>- <b>R.I.</b> - (...) é a questão da quinta, porque essa, também, é uma quinta boa que tem duas casas, tem uma área muito boa. Tem uma cultura de vinho e azeite muito, muito boa e vou ver se é possível fazer lá alguma coisa.</p>
	A idade cronológica como condicionante da reinserção	Dificuldades na obtenção de emprego	<p>- <b>R.A.</b> - Já é um bocado tarde. Nunca é tarde, não é? Quarenta e três já é uma idade avançada para recomeçar alguma coisa, mas nunca é tarde.</p> <p>- <b>E</b> – imagine que não tinha emprego neste momento, já tem trinta e sete anos. Acha que a sua reinserção ia ser mais difícil?</p> <p><b>R.A.</b> – Se não tivesse trabalho. Claro que sim.</p>
<b>O Tratamento Penitenciário</b>	Os atendimentos	(In) satisfação para com o atendimento	<p>- <b>R.A.</b> - Não dá para passar à frente dessa? Tenho que responder mesmo? Eu acho que os técnicos deviam dar mais apoio ao recluso ... em todo o sentido.</p>

<p><b>direcionado aos reclusos adultos e reclusos idosos</b></p>		<p>Inexistência de um atendimento diferenciado entre faixas etárias</p> <p>Desvalorização da participação no projeto ECOAR na realização de avaliações</p>	<p><i>Mas apoio ao recluso. Não é só chamar, “Olá, estás bom? Então como estás? Tudo bem? Em tudo, por isso é que são técnicas. (...) Porque ... estou aqui há vinte e um meses e eu, se fui chamado à doutora para tratar de assuntos judiciais ... fui chamado duas vezes. (...) Preocupar mais com os reclusos. Chegar ao ponto de fazer assim ... ir à secretaria e dizer assim: os meus reclusos. Olhe, tenho cem reclusos e estes são reclusos, vou fazer por isso para tentar arranjar a liberdade dele.</i></p> <p><i>- R.A. - Eu acho que ... como lhe disse devia haver mais contacto com os reclusos, fazer-lhes sentir mais a vida, explicar-lhes e tudo.</i></p> <p><i>- R.I.- Posso dizer até que fico surpreendido, porque, por exemplo, o caso da doutora A. e da doutora I., que também já foi minha técnica, fico surpreendido, porque realmente, com a rapidez que os assuntos são tratados ... que às vezes eu peço determinadas coisas e penso que só no dia seguinte ou só passados dois dias. Já aconteceu a doutora A. ter pedido e passado um bocado ... olhe, aquele assunto, já está resolvido.</i></p> <p><i>- NT - (...) em conjunto com a orientadora interna o regular atendimento aos reclusos foi realizado. Sendo, apenas, o terceiro dia de estágio através dos discursos dos reclusos do pavilhão C verifica-se uma insatisfação quanto ao trabalho desenvolvido por um elemento da equipa técnica, referindo falta de profissionalismos e desinteresse nos seus casos.</i></p> <p><i>- NT - Uma outra situação no atendimento aconteceu. Um recluso de outra técnica solicitou que fosse atendido pela minha orientadora, pois a sua técnica não estava a conseguir estabelecer contacto telefónico com o pai do</i></p>
--	--	--	---

			<p><i>recluso. Na sua opinião não estava a conseguir porque não estava com muita vontade de trabalhar. Várias situações semelhantes têm ocorrido, os reclusos acompanhados pela técnica em questão sentem-se mal acompanhados e, muitas vezes, revelam que pretendem mudar de técnica, pois estão saturados da sua falta de empenho.</i></p> <p><i>- NT - Da conversa com a orientadora compreendi que não existe um trabalho diferenciado entre a população reclusa adulta e a considerada idosa. No entanto, devido às condições físicas do recluso idoso e a atividade no E.P. Porto é no Pavilhão D que passam o seu tempo. Quando a sua condição de saúde está debilitada o recluso é transferido para a Enfermaria.</i></p> <p><i>- NT - Após a pausa do almoço iniciamos a distribuição dos inquéritos aos reclusos que não estiveram presentes na sessão com o doutor Américo Mendes da Universidade Católica sobre o projeto ECOAR. Apenas conseguimos distribuir os inquéritos aos reclusos do pavilhão A e, no preenchimento do mesmo, um dos reclusos comentou que não podia colocar um guarda e um técnico no mesmo patamar de avaliação, pois ambos têm posições diferentes na participação no projeto. Outro recluso, também, comenta connosco a desvalorização sentida por parte da técnica que o acompanha, quando nas avaliações não coloca que participou neste projeto. O certificado que recebeu não tem um valor de verdade no seu percurso prisional e o recluso sente que foi esquecido pelo sistema, “sinto que fomos esquecidos”.</i></p>
	Relação entre recluso e	Distanciamento entre o recluso e	<i>- NT – O facto de estarem privados de liberdade e não passarem o Natal com</i>

	equipa técnica	equipa técnica	<i>os seus familiares traz tristeza ao grupo e isso verificou-se. Todos disseram uma mensagem de Natal ao grupo e no final da sessão eu sugeri um abraço de grupo. Pela minha passagem neste estabelecimento prisional observo que não existe muito contacto físico entre técnico e recluso, apenas o aperto de mão para manifestar o dito distanciamento. Por vezes, estes reclusos necessitam de um abraço ou de uma palavra mais calorosa, pois apesar de terem cometido um crime, também são seres humanos (...).</i>
	O Programa “Construir um Plano de Prevenção e de Contingência”	Um recurso na prevenção da reincidência e da recaída após a liberdade Investimento na construção do Plano de Prevenção e de Contingência	<p>- <b>NT</b> – Depois de todos estarem sentados, foi referido que este programa tinha como objetivo ajudá-los a “Construir um Plano de Prevenção e de Contingência” para no momento em que estarão no exterior, em liberdade, os ajudará a não cometer os mesmos erros e auxiliá-los na melhor opção.</p> <p>- <b>NT</b> – É importante referir que alguns reclusos não trouxeram para a sessão a tabela e apenas um recluso preencheu-a totalmente. Verificou-se a preocupação no investimento das competências escolares pois este recluso mencionou que pretende tirar uma licenciatura na área do turismo e, nos últimos tempos tem participado em vários workshops desenvolvidos no estabelecimento prisional. Além do referido, era suposto iniciarem o preenchimento da tabela com “o que pode correr mal” e ao interagirem uns com os outros remetiam o seu discurso para a condenação. No entanto, já se verifica uma mudança no pensamento do recluso que preencheu totalmente a tabela. Este recluso está a estruturar a sua vida futura em prol do seu bem-estar, do bem-estar do filho e na concretização de objetivos que delineou para o futuro.</p>

